

FERNANDA SANTANA

ISABELA DELEZZOTT

VICTORIA GOMES

NATÁLIA DIAS



país DO ANO





The title is rendered in a mix of elegant script and serif fonts. 'país' is in a flowing script with a blue-to-purple gradient. 'ANO' is in a tall, thin serif font with a red-to-purple gradient. 'DO' is in a smaller, blue serif font. The entire title is framed by decorative blue lines and small heart icons.

país ANO DO

FERNANDA SANTANA
ISABELA DELEZZOTT

VICTORIA GOMES
NATÁLIA DIAS

**Copyright © 2020 Fernanda Santana, Isabela Delezzott, Natália Dias e
Victoria Gomes**

Capa: Ellen Scofield (E.S Designer)

Revisão: Natália Dias e Victoria Gomes

Diagramação digital: Isabela Delezzott

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

PAIS DO ANO

1ª Edição – Agosto de 2020

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito das autoras.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

[AGRADECIMENTOS](#)

[ANTÔNIO](#)

[SINOPSE](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[EPÍLOGO](#)

[HUGO](#)

SINOPSE

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

EPÍLOGO

BERNARDO

SINOPSE

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[EPÍLOGO](#)

[LUCAS](#)

[SINOPSE](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[EPÍLOGO](#)

[SOBRE AS AUTORAS](#)

Agradecimentos

Em meio ao caos que 2020 se tornou, a antologia Pais do Ano nasceu da vontade de trazer uma lufada de amor incondicional na forma de histórias apaixonantes. Nós nos juntamos em um projeto que traz quatro novelas protagonizadas por pais capazes de fazer qualquer um suspirar; em comum, cada um deles nos mostra o poder de segundas chances, recomeços e conexões para a vida inteira.

Nesse livro, vocês vão encontrar Antônio, Hugo, Bernardo e Lucas. Alguns enredos doces e fofos, outros mais chorosos e dramáticos; todos com uma dose deliciosa de erotismo e transbordando amor. Prepare-se para ter seu coração completamente arrebatado assim como nós tivemos os nossos enquanto escrevíamos.

Desde já, agradecemos pela companhia e por ter aberto este livro! Não se esqueça de nos procurar nas redes sociais para contar o que achou ao fim da leitura. Nossas redes sociais estão no fim do livro, junto com a listinha dos nossos outros livros. Ah, e se puder, deixe sua avaliação na Amazon/Skoob, indique para as amigas e nos ajude a espalhar esse amor em forma de livro por aí!

Obrigada, e boa leitura.

país
DO ANO

Isabela Delezzott

ANTÔNIO

Sinopse

Quando sua filha adoece, Antônio vê seu mundo ruir. O design gráfico cria Ana Júlia sozinho e não estava preparado para ser confrontado com o passado logo no momento mais turbulento da sua vida. Mas o destino resolveu colocar Lívia de novo no seu caminho.

A pediatra não imaginava que o pai da sua paciente seria logo o homem que destroçou seu coração uma década atrás: seu primeiro namorado. Antônio nunca esqueceu o seu primeiro amor e seus sentimentos retornam com força em meio à situação conturbada que os dois passam a dividir.

Agora, ele precisa não só do seu perdão, mas de uma segunda chance para amá-la como ela merece.

LÍVIA

Quando o garçom coloca o *chopp* na mesa, chego a salivar. A grande caneca esbranquiçada mostra o quanto a bebida está gelada, exatamente como desejo que esteja para aliviar a garganta seca e aplacar o calor absurdo do verão carioca. Quase posso ouvir os acordes de *Aleluia* ecoarem como plano de fundo deste momento memorável. Ouço a risada do meu irmão, mas sou incapaz de desviar a atenção da cerveja.

— Há quanto tempo você não sai para beber, relaxar e se divertir?

— Não faço ideia. — Por fim, ergo o rosto para ele. — Você tem noção de que hoje é, de fato, o meu primeiro dia de férias em três anos, Luís Fernando?

— É justamente por saber disso que estou me perguntando por que decidiu passar a sua primeira sexta-feira de folga com o seu *irmão*. Que triste, Lívía — debocha e toma um gole da própria bebida.

— Qual é o problema? Você é uma boa companhia quando não está sendo um idiota. Além disso, não pense que foi a minha primeira opção.

Luciana quase não consegue sustentar o peso do barrigão, e Andréia e Paola estão de plantão hoje. Só me restou você.

— *Outch!* — Exagerado, leva a mão ao peito em um gesto dramático. Reviro os olhos. — Da próxima vez, te deixo sozinha.

— Eu não queria mencionar para não ser indelicada, mas não parecia que o bonitão super-requisitado tinha planos para hoje, considerando que aceitou prontamente o meu convite de última hora. Pelo visto, sua vida social está tão triste quanto a minha. — Sorrio da sua careta e, como a adulta que sou, mostro a língua para ele.

O barzinho que escolhi, localizado na Barra da Tijuca, está lotado, com o barulho das conversas e da música ao vivo se misturando. Por estarmos na parte externa, o vento torna o clima agradável, amenizando os efeitos dos quase quarenta graus que bateu à tarde.

Pego a caneca para experimentar o *chopp*, porém, antes de dar o primeiro gole, o meu celular começa a tocar. Olho de relance para a tela, com a bebida a meio caminho da boca, e me sobressalto ao ver o nome de Rodolfo. Apoio a caneca com um baque na mesa de madeira e agarro o aparelho.

— Quem é? — pergunta Luís Fernando, alheio ao meu desespero.

— O diretor do hospital! — respondo com os olhos arregalados. — Por que ele está me ligando na minha primeira noite de folga?

— Não atenda. Nada de bom pode vir disso — assegura, ajeitando-se confortavelmente na cadeira.

— Como não vou atender, Luís Fernando? É o meu chefe. — Afoita,

levanto-me e começo a me afastar.

— Você vai se arrepender disso, pirralha!

Ignoro o meu irmão e paro a alguns metros de distância, onde o barulho não é tão alto. Respiro fundo duas vezes antes de aceitar a ligação.

— Alô.

— *Lívia?*

— Oi, Rodolfo. Aconteceu alguma coisa?

— *Sei que você está de férias e, acredite, não estaria entrando em contato se tivesse outras opções, mas surgiu um imprevisto.*

Fecho os olhos e encosto a cabeça na parede atrás de mim, adivinhando o que virá a seguir. A voz de Luís Fernando alertando-me para ignorar a chamada volta para me assombrar e, por um instante, desejo poder voltar no tempo para seguir o conselho.

— O que houve? — Obrigó-me a perguntar, mesmo sem querer saber a resposta.

— *A doutora Luciana sentiu um desconforto no início da tarde, que foi piorando ao longo do dia e, após uma bateria de exames, a recomendação médica é repouso absoluto pelo resto da gestação.*

A notícia me faz entrar em alerta. Luciana é a minha colega de trabalho e melhor amiga. Está grávida de seis meses e, até então, tudo vinha ocorrendo bem, tanto que ela vivia brincando que trabalharia até o dia do parto.

— Onde ela está, Rodolfo? Em casa ou no hospital? Não fiquei sabendo de nada. É grave?

— *Houve descolamento parcial da placenta, mas já foi atendida, examinada e liberada para repousar em casa.*

A informação não me tranquiliza por completo. Sei como um descolamento de placenta no último trimestre da gravidez pode ser delicado, levando, inclusive, a um parto prematuro.

— *O imprevisto acabou bagunçando as coisas* — continua ele, com o cansaço aparente na voz. — *A maior parte dos pacientes dela foi transferida para outros pediatras, mas três deles requerem um acompanhamento mais intensivo, que não coincide com as agendas lotadas dos nossos profissionais. Existe a possibilidade de você adiar suas férias em algumas semanas para assumir esses pacientes?*

Diante da situação, entrar de férias é o que menos importa no momento. Se fosse ao contrário, tenho certeza de que a Lu faria o mesmo por mim, portanto, aceito sem pensar duas vezes.

— Claro, Rodolfo. Conte comigo.

— *Ótimo. Amanhã, no primeiro horário, a Brenda vai te passar os detalhes necessários. Obrigado, Livia.*

Depois de desligar, fico parada por uns instantes com as mãos trêmulas e suadas. Procuo o contato de Luciana, mas a ligação cai direto na caixa postal. Tento o número de Ricardo, que chama até cair. Volto para a mesa, onde Nando me espera com a expressão curiosa. Ao ver meu rosto, o dele ganha contornos de preocupação.

— O que foi?

— A Luciana teve um descolamento de placenta e vai precisar ficar o resto da gravidez em repouso. O diretor do hospital me ligou pessoalmente para pedir que eu assumo três pacientes dela.

— Ela e o bebê estão bem?

— Parece que sim, mas ela e o marido não atendem o celular. — Pego a bolsa pendurada no encosto da cadeira. — Preciso de notícias e estar no hospital amanhã bem cedo. Desculpa sair de repente e te deixar sozinho, mas não tenho mais cabeça para beber.

— Não esquento. Quer que eu te leve? Depois volto para buscar meu carro.

— Não precisa, Nando. Termina o seu *chopp* com calma. Mando uma mensagem quando chegar em casa.

O meu apartamento fica a poucos minutos de carro, escolhido estrategicamente pela localização próxima ao hospital. O aluguel alto compensa não precisar enfrentar o trânsito caótico todos os dias para ir e voltar do trabalho.

— Lívia — ele chama quando dou o primeiro passo para sair. Giro para encará-lo. — Me prometa que vai tirar suas férias e descansar depois disso. Você precisa sair um pouco daquele hospital.

Há uma seriedade no rosto do meu irmão que poucas vezes vi. Sei que venho me negligenciando há um bom tempo, trabalhando mais do que é saudável, mas não faço por escolha própria. Entre juntar dinheiro para pagar o empréstimo estudantil do curso de medicina, bancar as minhas despesas e

ajudar os nossos pais, não sobra muito tempo para diversão. Luís Fernando lavou as mãos para as irresponsabilidades financeiras de papai, entretanto, ao contrário dele, ainda não cheguei nesse ponto.

— Prometo — murmuro antes de ir embora.



Termino de vestir o jaleco enquanto Brenda, enfermeira da ala pediátrica, me passa as informações gerais sobre os três pacientes que vou acompanhar pelas próximas semanas.

— Por último, Ana Júlia Magalhães, nove anos, diagnosticada com hepatite aguda fulminante. Como os tratamentos não obtiveram êxito, passará pelo transplante, marcado para daqui a três dias. A tia vai ser a doadora.

Aceito os prontuários que ela estende para mim, dando uma rápida checada na papelada antes de conhecê-los pessoalmente.

— Qual hepatologista está acompanhando esse caso?

— Doutor Danilo Brandão.

Aceno, satisfeita. Ele é um profissional competente, um dos melhores da área, e fico tranquila em saber que trabalharemos juntos no caso da garotinha. Dentre as três crianças, o caso dela é o mais delicado, porque um transplante — como qualquer cirurgia — tem seus riscos. Uma troca de pediatra tão em cima da hora de um procedimento delicado não é a melhor opção, pois tanto ela quanto a família devem ter criado um vínculo de confiança com Luciana, mas darei o meu melhor para substituí-la à altura.

— Ok, obrigada, Brenda. Vamos começar a ronda com a Ana Júlia.

Bato na porta do quarto 286 duas vezes antes de entrar. A menina desvia a atenção do desenho animado a que assistia na televisão, com os olhos castanhos cheios de curiosidade. Deitada na cama, parece pequena para a idade e é estranho que esteja sozinha. Abro um sorriso e me aproximo com cautela.

— Bom dia. Você é a Ana Júlia, não é?

Acena, intercalando o olhar entre mim e Brenda. Seu rosto está um pouco amarelado, um dos possíveis sintomas da hepatite, mas nada que seja alarmante.

— É um prazer te conhecer, Ana Júlia — digo, estendendo a mão para ela, que retribui com timidez. — Meu nome é Lívia. A partir de agora vamos passar um tempinho juntas, tudo bem?

— Cadê a tia Lu? — pergunta, e percebo a desconfiança na voz infantil.

— Bem, como você sabe, a Lu está carregando um bebê e, às vezes, a barriga fica muito pesada e a mãe fica exausta. Por isso, ela vai precisar descansar até o neném nascer. Nós duas somos amigas e ela me pediu para cuidar de você enquanto se recupera. Pode ser?

Outra vez, ela assente, mas ainda há um pouco de reserva na maneira como me encara, o que é absolutamente natural nestas circunstâncias.

— Onde está o seu pai, Jú? — pergunta Brenda.

— Foi comprar café lá embaixo.

— Enquanto ele não volta, vou te examinar rapidinho, ok? — aviso,

ajeitando o estetoscópio nos ouvidos. — Levanta um pouco o tronco — oriento. — Isso, assim mesmo. Respira bem fundo e solta o ar devagar.

O funcionamento dos pulmões, bem como os batimentos cardíacos, está normal. Satisfeita, libero-a para voltar a se recostar no travesseiro. O olhar especulativo que me dirige não passa despercebido.

— Acho que já te vi em algum lugar, tia Lívía — diz, surpreendendo-me.

— Sério? Engraçado que você também me lembra muito uma pessoa, mas não sei quem é. — Aproveitando a distração, aperto levemente sua barriga, e ela faz uma careca. — Dói?

— Um pouco. Antes doía mais.

— Essa dor logo vai passar, não se preocupe. — Vejo de relance um porta-retratos em cima da mesa lateral. Nele, há uma foto de um grupo asiático e decido usá-la para prolongar a distração enquanto termino o exame. — Quem são aqueles rapazes bonitos?

Os olhos dela seguem para onde aponto com a cabeça e o sorriso que abre parece iluminar todo o ambiente.

— É o BTS, a minha banda favorita! Eles são coreanos e têm o maior e melhor fã-clube do mundo. Você nunca ouviu K-Pop, tia?

Termino de aferir a temperatura dela que, para o meu alívio, também está normal. No geral, o estado dela é satisfatório.

— Ah, já ouvi falar sobre o gênero, mas nunca escutei nenhuma música.

A menina me encara como se eu tivesse acabado de cometer um crime hediondo. Ao meu lado, Brenda começa a rir.

— Você *tá* ferrada — sussurra no meu ouvido.

Encaro-a sem entender nada, até que Ana Júlia desembesta a falar:

— Nossa, como pode? Eles são lindos, fofos e maravilhosos! Amo todos, mas o meu favorito é o V. Pedi ao meu pai *pra* fazer uma tatuagem em homenagem a eles, mas ele disse que nem pensar. Também pedi *pra* gente passar as férias na Coréia do Sul e ele não quis nem ouvir. Um dia vou crescer e fazer as duas coisas sozinha. Se você quiser, tia Lívía, eu mostro um vídeo da minha música preferida, tenho certeza de que vai gostar e entrar para o ARMY.

— O que é ARMY? — pergunto, prendendo o riso, achando-a adorável.

— Significa exército em inglês, sabe? Porque nós somos o exército que protege e ajuda os sete a conseguirem todos os prêmios.

Brenda continua rindo, e estou prestes a dizer como estou impressionada e encantada com a inteligência da menina quando a porta é aberta atrás de nós. Os olhos de Ana Júlia correm para algum ponto às minhas costas.

— Pai, o bebê da tia Lu *deixou ela* cansada demais, então a tia Lívía vai ser a minha médica agora. Me empresta o seu celular *pra* eu mostrar a ela um vídeo do BTS? Ela não conhece a banda, acredita?

Sorrindo, viro-me para cumprimentar o recém-chegado e todo o sangue parece fugir do meu rosto. Ainda que dez anos tenham se passado, eu

o reconheceria em qualquer lugar. Minhas pernas amolecem, e as mãos começam a suar. Prendo a respiração, enxergando o mesmo choque estampado no rosto dele.

Parece uma brincadeira de mau gosto do destino, mas o pai de Ana Júlia é alguém que eu costumava conhecer demais.

Antônio.

Meu primeiro namorado. Meu amor da adolescência. O responsável por me ensinar o que é estar apaixonada e como é ter o coração despedaçado por aquele em quem mais se confia.

Dois

ANTÔNIO

O copo de café por pouco não escapa da minha mão. O coração retumba acelerado no peito, enquanto encaro os olhos que não via há uma década. Lívia perdeu os traços adolescentes e ficou ainda mais linda do que eu me lembrava. Os cabelos castanhos, presos em um rabo de cavalo, evidenciam os traços do rosto delicado. As íris verdes transbordam a mesma surpresa que provavelmente está escancarada nas minhas.

Ana Júlia continua falando sem parar, mas sou incapaz de compreender uma palavra. O quarto de hospital parece deixar de existir e é como se eu estivesse de volta ao passado, ao moleque de quinze anos que se apaixonou à primeira vista pela aluna nova e a namorou por quase três anos. Vê-la agora como a médica que sempre sonhou em ser me causa uma mistura de orgulho e melancolia.

— Pai, tá me ouvindo? — A voz da minha filha me puxa de volta à realidade.

Pigarreio, dando-me conta de que estive parado como um imbecil

pelos últimos segundos. Lívia corta o nosso contato visual e se concentra nos papéis que segura. O leve tremor em suas mãos me diz que está tão abalada quanto eu. Brenda, uma das enfermeiras, intercala o olhar entre nós dois com interesse, parecendo notar o clima estranho.

— Estou ouvindo, sim, Juju — respondo, fecho a porta e me aproximo da cama, do lado oposto ao que Lívia está.

Ela recupera o controle antes de mim, ergue o rosto e mantém uma expressão neutra quando nossos olhares se encontram novamente.

— Por ordem médica, a doutora Luciana ficará de repouso até o parto. Alguns pacientes dela serão acompanhados por mim, inclusive a Ana Júlia. Sei que uma mudança de última hora nunca é bem-vinda, mas farei o que estiver ao meu alcance para deixá-los confortáveis.

Aceno com a cabeça e preciso limpar a garganta uma segunda vez para perguntar:

— Tudo bem com ela e a criança?

— Sim. — Checa o relógio de pulso. — Preciso continuar a ronda. Se houver qualquer dúvida, não hesite em perguntar. — Sem esperar resposta, vira-se para Ana Júlia. — Tenho que ir, mocinha, mas vou querer mesmo ouvir os seus coreanos favoritos da próxima vez, pode ser?

Minha filha sorri abertamente, com um ânimo que eu não via há algum tempo, desde que adoeceu. Observo a interação entre as duas com um bolo crescente na garganta.

— Vou fazer uma *playlist* com as minhas músicas favoritas *pra* te mostrar, tia Lívia — promete.

— Combinado.

Depois de levantar a mão para um cumprimento, que é prontamente atendido, Livia escreve algo no prontuário e mal me cumprimenta antes de sair do quarto.

Luto contra o desejo de ir atrás dela e prolongar o momento, certificar-me de que o reencontro foi real. Há tanta coisa que quero dizer, mas sei que não é o momento. Eu nem saberia como começar, por isso, caminho até a poltrona, sento-me e coloco o copo de café na pequena mesa de apoio.

— Tudo bem, princesa? Está sentindo alguma coisa?

— Tô bem. Gostei da tia Livia.

— Gostou?

— Aham, ela é legal. Vou *fazer ela* ficar viciada no BTS — garante, determinada, e eu rio.

— Não acha que a Livia é grandinha demais para ser fã de k-pop?

— Ai, pai! — Revira os olhos. — Não tem idade certa *pra* gostar dos *Idols*!

Meu sorriso aumenta e sei que não tenho a menor chance de ganhar esta discussão, então nem tento. É bom vê-la com energia, falando sobre os ídolos que tanto ama.

— Mas sabe de uma coisa engraçada, pai?

— Hum?

— Acho que conheço a tia Livia de algum lugar.

A frase me chama atenção. Encaro-a, surpreso, sabendo que não é possível. Lívia foi embora de Teresópolis antes de ela nascer e nunca mais visitou a cidade.

— Você deve ter visto alguém parecida com ela, Jú — digo, tomando um gole do café.

— É, pode ser. — Volta a prestar atenção no desenho animado.

Meus pensamentos estão bagunçados, vagando entre a coincidência de Lívia ser a substituta da pediatra da minha filha e a preocupação paralisante com a aproximação da cirurgia de Ana Júlia.

Passei pelo verdadeiro inferno nas últimas semanas, vendo a minha menina, sempre tão saudável, ser derrubada em poucos dias por uma doença que ninguém conseguia diagnosticar com precisão. Só depois de trazê-la para o Rio, tivemos o parecer: hepatite aguda fulminante. Quando a palavra “transplante” saiu da boca do médico, entrei em pânico.

Você nunca está pronto para ver um filho passar por isso. Há nove anos, essa menina é a minha vida inteira. Só a possibilidade de que algo aconteça a ela me tira o chão. Felizmente, Sandra — minha irmã — tem compatibilidade sanguínea com Ana Júlia e, após passar por uma bateria de exames, foi liberada para doar uma parte do fígado para ela.

A situação ainda me apavora. Tantas coisas podem acontecer em uma cirurgia, na mesa cirúrgica e fora dela, durante o pós-operatório, mas tenho aprendido que preciso lutar uma batalha de cada vez para não enlouquecer.

Ter o rosto familiar de Lívia ao nosso lado me conforta.

— Quando a vovó e a tia Sandra vão voltar?

— Amanhã. O vovô vai trazê-las antes do almoço.

Sem desviar os olhos da televisão, Júlia acena.



Ana Júlia adormeceu no meio da manhã, mesmo tendo acordado há pouco tempo. A sonolência é um dos efeitos colaterais dos remédios que vem ingerindo. Aproveito o silêncio para trabalhar no site e na logomarca que preciso entregar ao cliente na semana que vem, único projeto que não consegui adiar. Quero terminá-lo o quanto antes para me dedicar exclusivamente à recuperação da minha filha, entretanto, de cinco em cinco minutos me pego desconcentrado, pensando em Lívia, desenterrando lembranças do nosso passado, como o dia em que nos conhecemos.

Ando apressado pelo corredor da escola, xingando-me mentalmente por ter esquecido de colocar a porra do despertador para tocar. Tenho prova de matemática no primeiro horário. O professor é o maior carrasco para atrasos e já ultrapassei os quinze minutos de tolerância. Não será nenhuma surpresa se o filho da puta não me deixar entrar.

Viro à esquerda, entrando no último pavilhão do prédio, onde ficam as salas do ensino médio, e meus passos vacilam quando vejo uma garota alguns metros à frente. Ela caminha devagar, dividindo a atenção entre o papel que segura e as inúmeras portas. Meu olhar é atraído para sua bunda, que preenche a calça jeans muito bem. A blusa simples do uniforme parece feita para ser usada por ela, e tenho a impressão de que, se erguer os braços, o tecido deixará uma parte da barriga à mostra. Os cabelos castanhos caem

em ondas até a cintura fina.

Eu nunca a vi por aqui e conheço todos os alunos pelo menos de vista.

— Ótimo, Livia! Chegar atrasada no seu primeiro dia de aula é maravilhoso. Parabéns! — Bufo, frustrada. — Esta escola também parece mais um labirinto. Qual a necessidade de construir tantos corredores, pelo amor de Deus?

A conversa unilateral me faz rir. Ela se sobressalta, percebendo que não está sozinha, e se vira. Perco o fôlego. Se seu corpo é bonito, o rosto é algo inexplicável. É a menina mais linda que já vi, sem dúvidas. Os olhos grandes, de um verde intenso, encaram-me por longos segundos.

— Posso te ajudar? — ofereço depois de me certificar de que está constrangida demais para quebrar o gelo.

— Sabe onde fica a sala do primeiro ano A? Aqui diz que é a 45, mas os números nas portas estão apagados e, para falar a verdade, estou meio perdida.

Meu sorriso cresce ao descobrir que estudaremos juntos.

— Tenho duas notícias para te dar, uma boa e uma ruim. Quer qual primeiro?

Sinto vontade de gargalhar com o olhar desconfiado que me lança.

— Então? A boa ou ruim? — insisto.

— A ruim. É melhor receber logo a pedrada e depois ser confortada com a boa.

— Gosto da maneira como pensa — declaro. — A ruim é que a sua primeira experiência aqui vai ser com Juarez, o professor mais mal-humorado do colégio. Pior ainda, em um dia de prova.

Seus ombros despencam com a notícia. Em seguida, solta um suspiro audível.

— Vamos, se anime. Talvez um rosto novo faça o humor do homem melhorar. É por aqui. — Começo a andar, tendo certeza de que me seguirá. — A penúltima porta. A propósito, meu nome é Antônio.

— Lívia.

— É um prazer te conhecer, Lívia.

A alguns passos do nosso destino, ouço a pergunta:

— Ei, qual era a notícia boa?

Aproximo-me um pouco para sussurrar:

— Você vai ter o prazer de estudar comigo.

A amizade não demorou a virar namoro. A linda garota de quinze anos conquistou o coração do bagunceiro da turma. Ficamos juntos por dois anos e oito meses, período mais feliz da minha vida. Quanto mais a conhecia, mais me apaixonava por sua personalidade irreverente, senso de humor, pela forma de dizer que me amava com os olhos e por cada vez que sorria para mim.

O término traumático destoava absolutamente do relacionamento

bonito que tivemos, e deixou marcas profundas em nós dois. E não tenho ninguém além de mim para culpar.

Suspiro e fecho o *notebook*, sem condição nenhuma de trabalhar. Passo a mão no rosto, o bolo na garganta atormentando-me.

Pergunto-me se depois de dez anos Livia será capaz de me perdoar.



LÍVIA

— Mentira!

A incredulidade de Luciana me ofenderia se eu não estivesse me sentindo da mesma forma desde o meu encontro com Antônio pela manhã. Perfeitamente acomodada em sua cama confortável, com as costas apoiadas em uma pilha de travesseiros, minha melhor amiga está seguindo à risca o repouso solicitado pela obstetra. Seu semblante parece saudável e ela está sem dores, o que é excelente.

— Quantas vezes vai repetir a palavra “mentira” até acreditar no que estou dizendo? — indago, exasperada.

— Você tem que concordar que é muita coincidência, Lívia! O Antônio da Ana Júlia é o *seu* Antônio. Meu Deus, que mundo pequeno! — exclama, sem parar de comer as castanhas assadas como se fossem um manjar dos deuses. Nesse ritmo, não sei como não se engasga.

— Em primeiro lugar, há tempos ele não é mais o *meu* Antônio. Segundo, como é possível que a gente não tenha se cruzado antes? O hospital

é grande, mas a ala pediátrica não é nenhum labirinto. Pelo menos eu não teria sido pega totalmente desprevenida. — Jogo-me ao seu lado, caindo de cara no colchão macio.

— Ultimamente, você tem pegado somente plantões noturnos e os acompanhantes não costumam ficar zanzando pelos corredores do hospital pela madrugada.

— Por um minuto ou mais, fiquei sem reação, parecendo uma idiota — resmungo, com a voz abafada na colcha. — Ele percebeu, tenho certeza que sim! Tinha dois dias que eu não lavava o cabelo e não tive tempo nem de passar uma base na cara antes de sair de casa.

Ouçó a risada de Luciana e levanto o rosto para fulminá-la com o olhar.

— O que é tão engraçado?

— O fato de que, mesmo depois de uma década, você ainda se importa com a opinião dele a seu respeito.

Viro de barriga para cima e encaro o teto, bufando de desgosto.

— E quem, em sã consciência, quer estar desarrumada ao reencontrar o ex-namorado por quem foi sacaneada na adolescência? No mínimo, eu deveria estar parecendo uma modelo da *Victoria Secret's*.

— Lívia, me poupe! Você parece a porra de uma modelo até quando acaba de acordar, o que é muito irritante e injusto com o resto da população feminina — reclama, atirando uma castanha em mim. — Agora estou irritada por reparar a sua beleza quando estou parecendo um balão de ar. Pior! Um balão que nem pode voar porque está preso na cama pelos próximos dois

meses!

— Que exagerada! Está carente, bebê? O Ricardo não está comparecendo e cumprindo o papel de marido? Se for o caso, me ofereço para quebrar as duas pernas dele.

— Ricardo é um anjo por estar me aguentando sem surtar, amiga. Nem eu estou me suportando. Tem noção de como vai ser difícil ficar sem fazer nada por tanto tempo?

É impossível não me apiedar dela, principalmente se levar em consideração que Luciana é a pessoa mais ativa que conheço. A mulher parece ligada no 220 Volts.

— É tudo pelo bem do nosso neném. — Eu me aproximo para beijar a barriga dilatada.

Logo que me afasto, a mão dela corre para o ventre, alisando o filho, e sei que, por ele, a Lu fará qualquer sacrifício.

— Mas não vamos perder tempo falando sobre mim — declara, enfiando mais um punhado de castanhas na boca. — O que vai fazer em relação ao Antônio?

— Como assim o que vou fazer? Não vou fazer nada. Só fingir costume, seguir o baile e fazer o meu trabalho da melhor forma possível, como sempre faço.

— E você acha mesmo que isso é possível? Que em algum momento o assunto não virá à tona? — Arqueia uma sobrancelha, encarando-me com desdém. — Isso que eu chamo de otimismo.

— Não há necessidade de falarmos sobre. Qual o intuito? Faz tantos anos, já não importa mais. Discutimos o que tínhamos para discutir na época. Nada de bom vem de reabrir feridas cicatrizadas. E você é testemunha de como a minha demorou a cicatrizar, como levei tempo para confiar em outro homem. Ele tem a mulher dele, e eu estou muito bem, obrigada.

Luciana está prestes a enfiar mais castanhas na boca, mas a mão para na metade do caminho e ela me olha com o cenho franzido.

— Mulher? Ele é casado?

— Ué, você não sabe? — inquiri, mais confusa do que ela. — Nunca se encontrou com a mãe da Ana Júlia?

— Amiga, vamos voltar algumas casas. — Gesticula com os braços. — Desde que o caso da Juju chegou para mim, nunca vi a mãe dela. Os únicos visitantes, além do pai, são os avós paternos e a irmã de Antônio, a doadora.

Sento-me em um único movimento, a cabeça trabalhando a mil para montar o quebra-cabeça. A última notícia que tive dos dois foi que estavam morando na casa dos pais de Antônio. Não acredito que a Cíntia tenha morrido, senão a notícia teria chegado aos meus ouvidos de uma forma ou de outra, pois as pessoas amam compartilhar desgraça. Então por que a mulher não está com a filha em um momento tão delicado?

— Que estranho — murmuro. — Mesmo que eles tenham se separado, ela deveria estar acompanhando a situação de perto.

— Para falar a verdade, achei que ela estivesse morta, porque nunca sequer foi mencionada. Nem pela Júlia.

— Está aí um mistério — comento mais para mim mesma do que para ela, mas é claro que Luciana não perde a oportunidade de me cutucar.

— Um mistério que você está louca para solucionar, não é? Um que tem o corpo atlético, cabelos pretos e lindos olhos castanhos.

— Corpo atlético? Nem reparei. — Finjo estudar as unhas. — E os olhos dele nem são tudo isso. Castanhos normais, como os de milhares de pessoas. Não sei por que todo esse exagero.

As palavras soam falsas aos meus próprios ouvidos, mas me recuso a dar o braço a torcer e confessar que o nosso reencontro mexeu comigo mais do que achei que fosse possível. O tempo foi muito generoso com Antônio. Muito mesmo.

Droga!

A gargalhada de Luciana, ecoando por todo o quarto, me mostra que ela não engoliu a mentira. Também foi ingenuidade minha achar que poderia enganá-la, pois a mulher me conhece muito bem.

— Ah, me engana que eu gosto — desdenha, enxugando os olhos. — Você morde a cutícula do polegar e balança a perna sem parar quando mente.

Imediatamente, paro de fazer as duas coisas, irritada por ser tão óbvia. Em vez de seguir a discussão que não tenho a menor chance de ganhar, decido ir por outro caminho.

— Ana Júlia é uma fofa, encantadora e esperta. Fico morrendo de dó, tão pequena e já passando por algo assim. Amanhã vou me encontrar com o doutor Danilo bem cedo para conversar sobre o caso dela.

— A Juju é um amor — concorda, esticando as pernas à sua frente. — Impossível não se apaixonar por ela. O pai a trouxe para cá na hora certa, porque se o diagnóstico tivesse demorado mais...

Ela não completa a frase, mas não precisa, pois nós duas sabemos o que aconteceria.

Entramos em uma conversa técnica sobre a menina. Luciana compartilha detalhadamente as informações que possui enquanto discutimos as possibilidades. A cirurgia será feita pelo doutor Danilo e sua equipe, mas toda criança precisa de um pediatra para acompanhar o processo, uma vez que somos preparados na especialização para lidar com elas e as famílias. As coisas são diferentes e mais delicadas do que com adultos.

Só me dou conta de como é tarde quando Ricardo chega do trabalho e vem de imediato checar a esposa antes de seguir para o banho. O relacionamento dos dois é lindo de se ver. Conheceram-se na faculdade, nós duas cursando medicina e ele engenharia civil; começaram a namorar e casaram-se há quatro anos. Um dia, quando a minha vida estiver menos bagunçada, desejo encontrar alguém com quem possa me envolver desse jeito.

Enrolo por lá mais alguns minutos, chantageada por Luciana para massagear seus pés, porém, quando o relógio marca oito da noite, estou pronta para ir embora.

— Ainda é cedo — reclama ela. — Que tal continuar massageando os pés da sua amiga supergrávida? Seu afilhado está gostando muito.

— Sua cara nem arde, né? Usando uma criança que nem nasceu para conseguir as coisas. — Tiro suas pernas do meu colo e levanto-me. — Peça a

Ricardão para ficar no meu lugar. Ele pode te dar muito mais do que uma simples massagem — provoco e abaixo quando uma almofada voa em minha direção. — Para que essa violência?

— Você sabe muito bem que Ricardo tem as mãos de ogro e não sabe massagear sem me deixar toda roxa.

— Ué, até pouco tempo atrás a senhora gostava muito.

— Só quando quero um sexo violento! — Escapo de outra almofadada e chego à porta do quarto rindo. — Vá, pode ir! Sei que está louca para encontrar um certo pai amanhã. Aposto que nem vai dormir de ansiedade, sonhando com aquele pedaço de mau caminho.

— Devolva agora a massagem que te dei! Você não a merece.

Ela me ignora completamente e pede com uma voz adocicada:

— Antes de ir embora, pega água para mim, Lili.

— Lili é o caralho! Nem vem me bajular. E não vou pegar nada, não sou seu marido — resmungo, mas, ao invés de seguir para a saída do apartamento, vejo-me indo à cozinha. Luciana é ridícula, porém é a minha melhor amiga e carrega o meu afilhado precioso no ventre.



Respiro fundo antes de bater na porta. Agora que sei o que me espera do outro lado, não serei pega de surpresa como ontem. No entanto, ver Antônio sentado na poltrona ao lado da cama da filha, velando seu sono, causa certo impacto em mim. Meus sentimentos estão uma bagunça, passado e presente entrelaçando-se em um espiral de confusão. Obrigo-me a deixar a

parte racional sobrepujar a emocional e a vestir a capa da profissional competente que sempre me orgulhei de ser.

— Bom dia — cumprimento com a voz baixa enquanto me aproximo.
— Como ela passou a noite?

— Bom dia. Bem, acordou algumas vezes, mas logo voltou a dormir.

— Ótimo. Como ela está dormindo, volto mais tarde para examiná-la — digo, abaixando o rosto para ele. — Acabei de conversar com o doutor Danilo, hoje ele também virá vê-la. Se ainda tiver qualquer dúvida a respeito da cirurgia, este é o momento de tirá-las.

Acena e volta a olhar a filha. Não perco a contração do seu maxilar ou o leve tremor nos lábios. Fui treinada para ser perceptiva, para saber quando o nervosismo está tomando conta de alguém, e no que diz respeito a Antônio, algumas lembranças estão frescas mesmo depois de todo esse tempo. Reconheço o seu medo de imediato e isso me fazer querer consolá-lo.

— Ela está em boas mãos, sabe? O doutor Danilo é um dos melhores hepatologistas do país. A sua equipe é igualmente capacitada. No que diz respeito ao tratamento, a Ana Júlia terá o melhor, posso garantir.

Quando ele me encara, a fragilidade está explícita em cada traço do rosto masculino. Mas são os olhos perdidos, cheios de lágrimas, que ameaçam romper minha convicção.

— Todos os marcadores são favoráveis a ela — continuo, incapaz de calar a boca. — A idade, a saúde, a rapidez com que o doador compatível foi encontrado. Tenha fé. Confie na nossa equipe e na sua filha.

Ele limpa o rosto discretamente, a ponta do nariz vermelha pelo

esforço em conter o choro. Caímos em um silêncio esquisito. Mordo o lábio inferior e troco o peso de uma perna para a outra. Não sei como agir, mas sinto que não há muito mais que eu possa fazer neste momento sem tornar as coisas ainda mais estranhas, por isso decido recuar.

— Bem, preciso ver outros pacientes, mas volto depois para checá-la. Se precisar de alguma coisa...

— Tia Livia?

A voz sonolenta me interrompe. Ana Júlia esfrega os olhos e abre um sorriso um tanto desanimado para mim. Tenho a impressão de que está mais abatida hoje.

— Olha só quem acordou! A Bela Adormecida — brinco, tentando amenizar o clima pesado. — Eu estava saindo, mas já que a senhorita despertou, preciso te examinar, está bem?

Ignoro Antônio pelos próximos minutos, o foco cem por cento na garotinha, que, pouco a pouco, anima-se mais ao me engabelar em uma conversa sobre seus ídolos coreanos. Assim que termino o exame de rotina, ela declara:

— Agora você vai assistir o BTS, né, tia?

Como negar qualquer pedido quando ela faz essa carinha de cachorro abandonado para mim? Sorrio e brinco com uma mecha do seu cabelo escuro como o do pai. Inclino-me um pouco sobre a cama para enxergar a tela do celular, onde assistimos três clipes seguidos da banda. Ela me conta, toda empolgada, o nome de cada integrante e me coloca a par sobre o mundo do k-pop. As músicas são legais e os rapazes dançam muito bem.

— E aí, o que achou, tia? — pergunta, procurando por mais vídeos para me mostrar.

— Muito legal! Será que tem lugar nesse fã-clube para alguém da minha idade?

— Claro! — Ri, embevecida. — Quantos anos você tem?

— Vinte e oito.

— Nossa, meu pai também!

Só então me recordo da presença do homem a poucos metros de nós. Antônio nos encara com uma expressão indecifrável, o copo de café em uma mão, aparentemente recuperado do momento de fragilidade de minutos atrás.

— Pai! Eu lembrei! — brada Ana Júlia de repente.

— Lembrou do quê? — investiga ele, enquanto me preparo para me despedir, desta vez, de verdade.

— De onde já vi a tia Lívia! — A resposta me põe em alerta. Olho-a, curiosa. — Foi nas fotos que *tão* na caixa escondida no seu guarda-roupa!

Antônio se engasga com a bebida. Uma parte do líquido escuro respinga na camisa branca e a outra vai direto para o chão. Ele tosse sem parar.

— Não tem nenhuma caixa no meu guarda-roupa — garante assim que se recupera.

— Tem, sim! É uma caixa de sapato que fica embaixo de todas as outras. Tem várias fotos e cartas de amor dentro dela. Eu vi a tia Lívia lá,

abraçada com você. Tenho certeza de que é ela, só que mais nova.

O rosto de Antônio, vermelho pelo acesso de tosse, torna-se escarlate. O desespero está tão evidente em sua feição que é impossível não ter vontade de rir. Mordo o interior da bochecha para me impedir de gargalhar, pois a situação já é constrangedora o bastante.

— Andou mexendo nas minhas coisas, mocinha? Leu as cartas também?

— Claro que não, pai! — rebate em um tom exasperado. — Sei que é falta de educação abrir correspondências dos outros.

— Então como sabe que são cartas de amor?

— Porque tem vários corações desenhados nos envelopes.

Sigo o embate entre os dois com uma mistura de diversão, por ver um homem de quase trinta anos derrotado pelos argumentos de uma garotinha de nove, e estranheza, em saber que ele guarda nossas fotos e as cartas que escrevi ao longo do namoro. Sei que são minhas porque me lembro de desenhar cada coração mencionado por Ana Júlia.

— É você nas fotos, não é, tia Lívia?

Abro a boca, mas não sei o que responder. Busco Antônio com o olhar, deixando claro que a decisão de contar ou não é dele, afinal, a filha é sua. O rápido momento de silêncio é interrompido por batidas na porta. Brenda aparece em seguida para avisar que a mãe de um paciente quer me ver.

Salvos pelo gongo! Foi por pouco.

Sem perder tempo, despeço-me antes de ser encurralada outra vez. Ao deixar o quarto, um sorriso divertido brinca em meus lábios.

Quatro

ANTÔNIO

— É muita, muita coincidência mesmo! — declara Sandra, parecendo ter dificuldades para processar o que acabei de dizer. — Tantos hospitais no Rio de Janeiro e a Juju ser internada onde a Livia, sua primeira namorada que você não via há dez anos, trabalha. É o destino. Queria ser uma mosquinha para ver sua reação quando vocês se encontraram.

Descanso o copo na mesa de madeira e cruzo os braços, encarando-a. A cafeteria do hospital está relativamente vazia para o horário. Sandra chegou depois do almoço junto com os nossos pais, que estão paparicando a neta, o que nos permitiu dar uma rápida saída para conversar. Dona Ester ficaria no Rio para ajudar no pós-operatória da filha e neta, mas o meu velho precisa voltar a Teresópolis logo após o transplante, porque alguém tem que tomar conta da loja de conveniência da família.

— Vocês conversaram? — indaga, mexendo o cappuccino com a colher.

— Ela é a pediatra da minha filha, então seria meio estranho não

conversarmos.

— Você entendeu o que eu quis dizer, cabeça. — Revira os olhos. — Foi estranho? Qual foi a reação dela?

— No primeiro momento, a Livia ficou tão surpresa quanto eu. Passado o susto, tem sido educada e agido de forma profissional. — Deslizo o dedo pelo maxilar, sobre a barba curta que começa a despontar. — E, sim, foi estranho ficar frente a frente com ela depois de tantos anos. Sei que mudamos muito em uma década, mas, ao mesmo tempo, é como se não tivesse passado nem um dia do nosso último encontro e eu ainda conhecesse a pessoa diante de mim.

— Sabe, você nunca a esqueceu — diz de forma categórica, lançando-me um olhar cheio de significado. — Isso normalmente acontece com histórias que são interrompidas sem um ponto final.

Balanço a cabeça, e um riso sem humor escapa sem que eu possa controlar.

— Talvez não se lembre, mas a nossa história teve um ponto final e definitivo. O pior possível, graças a mim.

— Eu tinha catorze anos, Antônio, não quatro. Lembro perfeitamente — garante, exigindo a minha atenção com o tom de voz. — Vocês eram o casal mais meloso e apaixonado do mundo, você fez merda, os dois se machucaram, ela foi embora da cidade e você teve que lidar com as consequências dos seus atos. No entanto, meu caro, o rompimento não foi por falta de amor, e é isso que quero dizer quando afirmo que não houve um ponto final.

As palavras incomodam, remexem em uma ferida adormecida, que

passou a doer menos com o tempo, mas que de vez em quando ainda me atormenta. O rosto dela, coberto de lágrimas, sofrimento e decepção, persegue-me até hoje. É algo que nunca vou me esquecer.

Sinto o ardor no peito, a sensação de sufocamento que tanto experimentei nos meses que se seguiram à nossa separação e preciso respirar fundo para me controlar. Esfrego a mão no peito em uma tentativa de afastar o incômodo. Não é o momento de me importar com meus próprios sentimentos. Em menos de vinte e quatro horas, a minha filha e irmã passarão por cirurgias delicadas. É neste fato que preciso me concentrar.

— De toda forma, só estou te contando para você não fazer um escândalo desnecessário quando a encontrar.

— Isso é uma injustiça! — protesta. — Não faço escândalos, sou uma pessoa discreta.

Meu riso, desta vez, é alto e verdadeiro.

— Claro, superdiscreta. Seu cabelo com cinco cores diferentes é a prova cabal dessa descrição.

Ela leva a mão aos fios, atualmente tingidos com uma mistura de rosa, azul, verde, roxo e vermelho, e me mostra a língua.

— Acho melhor controlar seu sarcasmo comigo, ou posso chamar a Lívia de cunhadinha.

Aperto os olhos em sua direção.

— Não ouse.

— Não me desafie.

Nós nos encaramos por longos segundos, fingindo uma seriedade que logo é quebrada por nossas risadas. Sinto-me mais leve com sua presença, com as nossas provocações, que não terminaram ao atingirmos a idade adulta. Apesar dos quatro anos que nos separam, Sandra e eu crescemos próximos. Nunca poderei retribuir ou agradecer o suficiente pelo que ela está prestes a fazer por minha filha.

Paro de rir quando o medo volta a me dominar. É um pavor de que algo dê errado e eu perca uma das duas. De repente, a simples tarefa de levar ar aos pulmões parece impossível, as mãos suam e sinto o gosto amargo da bile na língua.

Sandra, é evidente, percebe a mudança e também fica séria. Inclina-se para frente para alcançar minha mão e a aperta com firmeza.

— Vai dar tudo certo.

Sou eu quem deveria estar consolando-a, não o contrário. Retribuo o aperto e tento sorrir.

— Você sabe o quanto sou grato pelo que está fazendo por ela, não sabe?

— Para com isso. Amo a Jujuba como se fosse minha filha. Ou já se esqueceu que ajudei a criá-la?

— Nunca. Sem a mãe, o pai e você, eu não teria conseguido — afirmo, querendo dizer cada palavra.

Jamais conseguirei esquecer o desespero que foi, aos dezoito anos, ter um bebê para criar sozinho. Abandonar todos os meus planos não foi a parte mais difícil, e sim o receio de fazer tudo errado, ser um péssimo pai do qual

minha filha sentiria vergonha. Só fui capaz de enfrentar a situação sem enlouquecer graças ao apoio incondicional da minha família.

— Vai dar tudo certo — repete, dando tapinhas na minha mão. — Não pense demais, Antônio, só acredite em mim.



No início da tarde, Sandra e eu seguimos para o apartamento que aluguei. Quero passar as primeiras semanas pós-cirurgia próximo à equipe médica, para o caso de uma necessidade. Aproveito que meus pais ficaram com a Júlia no hospital para adiantar os projetos nos quais estou trabalhando, enquanto Sandra se prepara para ser internada à noite.

O caminho de volta ao hospital é cheio de silêncio e tensão. Sei que preciso me manter firme para passar segurança a elas, afinal, não sou eu que serei cortado na porra de uma mesa cirúrgica, mas desejo que fosse. Daria tudo para trocar de lugar com as duas, correr todos os riscos e sentir todas as dores.

As horas seguintes passam como um borrão. Fico com a Juju, minha mãe com Sandra e meu pai vai passar a noite no apartamento, pois só é permitido um acompanhante por paciente. Como prometido, doutor Danilo aparece, junto a Lívia, para uma última avaliação. Eles reforçam as orientações, explicam mais uma vez como funcionará o procedimento e perguntam se temos alguma dúvida. Ambos demostram um otimismo que eu gostaria de compartilhar, mas, quando nos deixam a sós e o olhar da minha filha encontra o meu, tudo que quero fazer é chorar.

— Será que vai doer quando abrirem a minha barriga?

Engulo meu descontrole para dar a atenção que ela precisa. Arrasto a poltrona para mais perto da cama, de onde posso segurar sua pequena mão.

— Não, princesa. Lembra do que o médico disse? Você vai tomar um remédio e dormir. Quando acordar, vai ter um fígado novinho funcionando.

— Ainda bem, papai — diz, depois de bocejar. — *Tô* com saudade de casa e dos meus amigos da escola. É chato ficar doente.

Inclino-me para beijar sua testa e, ao me afastar, vejo os olhos sonolentos tão parecidos com os meus procurarem conforto em mim. Basta poucos minutos de cafuné e conversa para fazê-la adormecer.

Enfio a mão no bolso da calça quando sinto o celular vibrar e o desgosto é absoluto ao ver o nome da tela. Recuso a chamada, negando-me a ter um diálogo com Cíntia, por mais breve que seja, apenas para aplacar qualquer culpa ou consciência moral que ela esteja sentindo. Eu não esperava muita coisa da mulher, mas não aparecer mesmo sabendo que a filha está prestes a passar por uma cirurgia delicada foi demais até para ela.

Foda-se! Júlia nunca precisou dela, agora não será diferente.

Pensar em Cíntia me enfurece e traz à tona o meu lado mais sombrio. Nunca pude entender o que leva alguém a abandonar um filho e se esquecer da existência dele, mas foi precisamente isso que ela fez. Uma ligação por mês para saber como está a menina é o máximo de contato que manteve nos últimos anos, e nunca pediu para falar com a Júlia. Minha paciência se esgotou há tempos. Sua ausência aqui foi a gota d'água.

Olhar para o rosto lindo e inocente de Juju desperta todo tipo de lembranças. Desde o momento em que me dei conta de que era responsável por outro ser humano, passando pelas primeiras vezes — a primeira risada, o

primeiro engatinhar, o primeiro *papa*, o primeiro passo —, até o tempo voar, transformando-a em uma criança inteligente, amorosa e muito madura para a idade.

As paredes do quarto parecem se fechar ao meu redor, ameaçando me sufocar. A garganta fecha, os olhos ardem, o peito dói e sei que estou prestes a perder o controle. Preciso de dez minutos para tomar um ar e me recompor, porque não vou correr o risco de fraquejar na frente dela.

Ajeito o lençol sobre seu corpo, deposito outro beijo na testa e saio em silêncio para não a acordar. Pego o elevador para o térreo e caminho apressado até a saída. Respiro fundo ao ser recebido pelo clima ameno da noite. À esquerda do prédio, em uma parte menos iluminada, há um banco de madeira, e é para lá que me dirijo. As lágrimas escapam assim que me sento. Não luto contra nem tento impedi-las, apenas me permito um momento de fraqueza neste canto escuro escondido, longe de todos.

Embora os ombros tremam, nenhum som escapa da minha boca. Choro em silêncio, lidando com a dor do meu jeito, consciente da minha impotência.

Não sei por quanto tempo fico aqui, nem mesmo noto o momento em que paro de chorar. O pranto ajuda a aliviar a pressão no peito, e sinto-me mais leve, mais forte. É hora voltar ao quarto, por isso limpo a bagunça no rosto, mas o som de passos aproximando-se me alertam. Lívia caminha de forma apressada em minha direção, uma das mãos enfiadas na bolsa de ombro, tateando cegamente à procura de algo, enquanto a outra mexe no celular.

— Não acredito que você vai me deixar na mão logo agora! — resmunga, exasperada. — Pagar tão caro na porcaria de um celular para a

bateria não durar um dia é um desaforo! E aquele vendedor idiota disse que era a melhor bateria do mercado. Mentiroso!

Eu tinha a intenção de permanecer em silêncio para não ser notado, o que não seria difícil, já que ela estava de cabeça baixa, com a atenção focada no celular, mas descobrir que Livia ainda fala sozinha quando está irritada me arranca um riso. Certas coisas nunca mudam.

Ela ofega baixo, para de andar e finalmente ergue o rosto, não escondendo a surpresa em me ver. Com uma mão estendida sobre o peito, diz:

— Deus do céu, que susto! O que está fazendo aí, escondido no escuro?

— Tomando um ar — falo, torcendo para que não perceba a rouquidão na minha voz provocada pelo choro.

A princípio, Livia não diz nada, parecendo me analisar com cuidado. Pelo menos boa parte do meu rosto está oculta pela baixa iluminação.

Depois do que parece ser uma eternidade, ouço sua voz cheia de cautela:

— Tudo bem?

Aceno.

— Desculpe ter te assustado. Quando vi você falando sozinha, lembrei do dia que nos conhecemos. Acho que tive um *déjà vu*.

— Ou um erro na *Matrix*. — Rio outra vez, surpreso, mas pegando a referência. — Ah, desculpa, foi mais forte do que eu. Acabei de terminar

Dark e ainda não me desliguei da história.

— O que você achou?

— Hein?

— Do final da série.

Percebo que a surpreendi ao vê-la abrir e fechar a boca algumas vezes. Meu sorriso aumenta com o rumo improvável da conversa.

— Você assistiu? — pergunta, prendendo o cabelo em um coque para domar os fios que o vento joga em seu rosto.

— Com certeza — afirmo.

— Olha, minha rotina é a maior loucura, não tenho tempo de assistir série, sabe? Faz anos que não acompanho nenhuma, mas fui um dia na casa da Luciana e o marido dela estava assistindo *Dark*. Quando dei por mim, estava sentada no sofá ao lado dele, tentando entender que porra era aquela, enquanto o Ricardo, todo empolgado por ter alguém para conversar sobre a história, tentava me explicar. Fiquei viciada. Dali em diante, eu corria para o celular em qualquer horinha vaga que aparecia. Maratonei em uma semana. Não recomendo, quase perdi o juízo.

É a sentença mais longa — não relacionada a assuntos médicos — que dirigiu a mim desde que nos reencontramos. Pergunto-me se ela se deu conta disto. Eu, que há alguns minutos chorava, agora não paro de sorrir feito um idiota.

— Pense pelo lado positivo — digo, buscando os olhos verdes dos quais senti uma saudade filha da puta. — Você não precisou esperar anos

para saber o final. Acompanhei a série desde a primeira temporada e posso garantir que foi uma tortura.

Ela concorda, retira a mão da bolsa e cruza os braços.

— Deus me livre! Acho que enlouqueceria.

— Você ainda não me disse o que achou do final.

— Ah, sim. Sendo honesta, precisei pesquisar no *Youtube* para entender algumas coisas, porque minha cabeça explodiu.

Gargalho, jogando a cabeça para trás. Surpreendo-me com o céu estrelado acima de nós; a imensidão negra, salpicada de pontos brilhantes, forma um bonito cenário. Ignorando a minha reação, Livia continua:

— Mas, sem dúvidas, é uma das melhores histórias que assisti. Os escritores conseguiram inovar um tema tão batido como a viagem no tempo.

— Concordo. E digo como um viciado no assunto.

— Ah, me lembro bem de como você me forçava a assistir todos os filmes do gênero e... — Ela se cala na metade da frase, dando-se conta do quão perto esteve de cruzar a linha pessoal.

As lembranças não ditas pesam o clima. Sei que compartilhamos as mesmas recordações, das tardes e noites de filmes, às vezes na minha casa, em que estávamos mais preocupados em nos beijar e tocar do que prestar atenção à televisão. Eu me sentia um sortudo por ter conquistado o coração da garota mais linda de todas. Só pensava no que faria para mantê-la ao meu lado para sempre.

Livia limpa a garganta, umedece os lábios e foge do meu olhar. Toda

a sua postura defensiva mostra o desconforto que sente. Entristece-me saber que lembrar dos nossos momentos lhe causa esse tipo de reação, mas a compreendo e por isso tomo a iniciativa de mudar o assunto.

— Está saindo agora?

Ela me encara novamente.

— Sim. Acabei ficando até mais tarde para resolver umas pendências.

— Tomba a cabeça para o lado. — Sei que é mais fácil falar do que fazer, mas, se possível, não se torture tanto. As possibilidades estão a favor da Ana Júlia.

— Sei. Estou bem — minto, esfregando as mãos na calça jeans.

— Você sempre foi um péssimo mentiroso, Antônio — declara, surpreendendo-me. — Ainda reconheço a sua voz de choro. Nos vemos amanhã. Tente dormir um pouco.

Sem reação, permaneço sentado, vendo-a se afastar sem me dar a chance de responder.

Cinco

ANTÔNIO

As últimas horas foram torturantes, uma mistura de medo e impotência. Ver Ana Júlia e Sandra serem levadas para a sala de cirurgia foi a coisa mais difícil que já fiz na vida. O tempo parece se arrastar, punitivo.

Junto a mim, na sala de espera, meus pais estão um pouco mais calmos. Minha mãe segura o terço entre os dedos, apegada à própria fé, enquanto meu pai, de braços cruzados, encara o chão. Ansioso demais para ficar parado, levanto-me e caminho em círculos pelo cômodo. Sinto o suor escorrer pela testa, embora o ar-condicionado cumpra seu papel.

A única coisa que mantém minha sanidade é saber que Lívia está lá dentro. O sorriso encorajador que me deu quando seguiu a equipe que levou as duas me impediu de fazer uma cena.

Porra, que sensação horrível!

O doutor Danilo explicou que as cirurgias acontecerão simultaneamente. Primeiro, vão retirar parte do fígado de Sandra e, caso tudo esteja bem com o órgão, iniciarão o procedimento da Júlia. O processo pode

levar até doze horas e não sei se vou aguentar toda esta tensão por um período tão longo.

— Ficar andando de um lado para outro não vai resolver nada, meu filho — diz dona Ester, encarando-me. — Tenha fé em Deus. Vai dar tudo certo.

— Estou nervoso, mãe. Sinto que vou explodir. — Confiro o relógio de pulso. — A cirurgia da Sandra já deveria ter acabado.

Assim que fecho a boca, vejo Brenda aproximar-se apressada. Eu a encontro no meio do caminho, com os batimentos cardíacos acelerados e as mãos pingando suor. Limpo-as na calça, tentando interpretar a expressão da mulher.

— Livia pediu para avisar que a cirurgia da Sandra terminou e foi tudo bem, conforme esperado. Em poucos minutos, começará a da Ana Júlia.

Respiro fundo, grato a Livia pela consideração. Ela sabe que estou uma pilha e como é importante para mim ter notícias do que está acontecendo. Ainda teremos um longo caminho pela frente, mas a primeira fase ter sido bem-sucedida renova a esperança. Repasso a informação aos meus pais, que ficam visivelmente aliviados.

Outra maratona de espera se inicia. Viro vários copos de café, mal sentindo o gosto da bebida. Minha mãe tenta puxar assunto, mas não tenho cabeça para conversar. Seu João entende o momento de introspecção e pede à esposa para me deixar quieto.

Já passa das dez horas de espera quando a porta para a qual estive olhando fixamente se abre e Livia e Danilo aparecem. Levanto-me em um pulo, seguido por meus pais, e praticamente voou na direção deles.

— E então, como foi? — pergunto, sem perceber a força com a qual seguro o copo de isopor até ouvir o barulho do material sendo quebrado.

É o hepatologista que responde:

— O procedimento foi bem-sucedido. Como expliquei anteriormente, a Ana Júlia passará as próximas quarenta e oito horas na UTI, sendo monitorada o tempo todo. Os primeiros dias são cruciais para sabermos como o corpo dela reagirá. O maior risco é que seu organismo rejeite o órgão e para isso já entramos com os imunossupressores. Estamos confiantes.

O alívio me percorre tão forte que meus olhos umedecem e a garganta arde como o inferno. Meus pais comemoram ao meu lado, abraçando-me. Entretanto, fico paralisado, sem reação.

Lívia sorri para mim e começa a se afastar com o doutor Danilo, mas antes que vá longe, segura-a pelo pulso. Ela gira o corpo, surpresa, os olhos verdes abertos demais. Lentamente, abaixa o rosto, fixando a atenção no ponto onde a toco. Será que também está sentindo toda essa energia diferente causada por um simples encontro de peles? Quando volta a me encarar, tenho certeza que sim.

— Obrigado — digo baixo.

Engole em seco, pisca duas vezes e acena, sem fazer menção de cortar o contato.

— Posso vê-las? — peço.

— Só por cinco minutos, e de longe. Não podemos correr o risco de haver infecções.

Assinto e solto-a a contragosto. Lívía parece querer dizer algo, mas desiste, despede-se e some pela porta vai e vem.

Minha mãe me abraça novamente e, desta vez, consigo retribuir o gesto, enquanto meu pai dá tapas no meu ombro.

— Eu disse que Deus atenderia as nossas preces — declara ela, sorrindo. — Logo, logo as nossas meninas estarão em casa, sã e salvas.

— Amém, mãe.

— Sabe que ainda estou surpresa de encontrar a Lívía depois de tanto tempo? Não mudou nada, continua com o mesmo rostinho de princesa. Fico feliz em ver que realizou o sonho de ser médica e que trabalha em um hospital tão bom. — Quando não digo nada, ela prossegue: — Achei que o namoro de vocês ia dar em casamento. Formavam um casal tão bonito.

Sigo em silêncio, sabendo que se eu não tivesse fodido com tudo, havia uma grande possibilidade de termos terminado, de fato, no altar em alguns anos.

A culpa me corrói, seguida pelo arrependimento. Um pesar que aumenta a cada vez que a vejo.



Ana Júlia saiu da UTI dois dias depois. A recuperação dela e de Sandra deixou os médicos satisfeitos. Minha irmã recebeu alta uma semana depois da cirurgia, sem qualquer complicação; Juju precisou ficar um pouco mais, como o previsto. O pós-operatório foi difícil, doloroso. Ela reclamou de dores e enjoos, mas aguentou firme, minha pequena guerreira. O seu sistema

imunológico não rejeitou o novo fígado e hoje, doze dias após o transplante, por fim receberá alta.

— Nós vamos *pra* casa, pai?

Fecho a mochila com seus itens pessoais antes de virar para olhá-la, sentada na cama, cheia de ansiedade.

— Ainda não, princesa. Ficaremos mais uns dias aqui no Rio.

— Mas a vovó disse que ela e a tia Sandra vão embora amanhã. Por que não podemos ir também? — O rosto infantil não esconde os traços de contrariedade.

— A cirurgia da sua tia foi menos complicada do que a sua — explico com paciência. — Por isso, quero estar perto do hospital para o caso de você precisar ser examinada pelos médicos. Sei que está com saudades de casa, mas aguarde só um pouco mais, certo? Vai passar rápido.

Ela não fica feliz com a decisão, porém, não rebate. Aproximo-me para deixar um beijo demorado em sua testa. Dou a volta na cama para prender o cabelo escuro em um rabo de cavalo aprimorado com os anos de prática.

— Estou orgulhoso, Jujuba. Você foi muito corajosa e se comportou bem melhor que o pai. — Ajeito o elástico quando finalizo o penteado.

— É porque as mulheres são mais evoluídas, pai.

Rindo, puxo de leve o rabo de cavalo, arrancando um sorrisinho dela.

— Quem te disse isso?

— A tia Sandra falou que é cientificamente comprovado — esclarece, tirando o cabelo do meu alcance.

— Claro que foi ela — resmungo.

A conversa é interrompida por batidas na porta. Lívia entra primeiro, abrindo um sorriso genuíno ao avistar a Júlia, e é seguida pelo doutor Danilo. O homem de meia-idade me cumprimenta com um aperto de mão e foca a atenção na sua paciente, segurando um papel.

— Como essa mocinha linda está se sentindo?

— Bem. Minha barriga não dói mais.

— Que notícia boa! Isso quer dizer que fizemos o nosso trabalho direito e, olha, você foi uma paciente exemplar. — Estende a mão para um *high five*. Orgulhosa com o elogio, ela não demora a bater a mão na dele. — Por isso, não vai mais precisar ficar no hospital.

— Ainda bem! Vocês são legais, mas ficar doente é ruim.

A declaração faz a sala explodir em gargalhadas. Minha filha não sabe o que é sutileza, característica que, às vezes, coloca-me em situações constrangedoras, como quando falou à Lívia sobre as fotos e cartas que guardo até hoje.

— Concordo — declara o médico, ainda rindo. — E para que não precise voltar para cá, continue sendo obediente. Você vai precisar tomar um remédio, em doses cada vez menores, para sempre, combinado? Ele vai garantir que seu novo fígado funcione direitinho. Não pode esquecer.

— Eu prometo — declara, parecendo mais velha do que seus nove

anos.

Ele troca algumas palavras comigo, e agradeço-o mais uma vez antes que se despeça com um aperto de mão. Quando a porta é fechada, minha atenção recai na conversa feminina acontecendo a alguns metros.

— Este é da tia Lu. — Lívia tira um embrulho médio de dentro da sacola e o estende para Júlia. — Ela me pergunta sobre você todos os dias e ficou muito feliz com a sua recuperação.

A menina aceita o presente com empolgação e não demora a abri-lo. Estico o pescoço para ver o conteúdo, uma caixa colorida, com um espelho em forma de coração na tampa e o nome dela pintado na lateral.

— Que lindinha! Dá *pra* guardar as minhas tiaras. Diz *pra* tia Lu que eu amei e que tô com saudades dela e do bebê.

Lívia sorri, e sinto o peito esquentar. Ao contrário do que minha mãe afirmou, ela mudou sim. Para melhor. Agora está ainda mais linda do que na adolescência, mais mulher e segura de si, exercendo a profissão que escolheu aos seis anos de idade com a competência e dedicação que sempre demonstrou ter.

Algo mudou na nossa interação nos últimos dias. Embora continue reservada, sorriu para mim com mais frequência e conversamos brevemente sobre outros assuntos que não envolviam a cirurgia da Júlia. Assuntos banais, sem importância, mas nesses preciosos momentos, quase senti como se tivéssemos voltado ao tempo em que passávamos horas falando sobre tudo e nada, emendando um tópico no outro.

— E este aqui é o meu. — Retira um segundo embrulho da sacola. É um pouco menor que o anterior, com um formato retangular. — Espero que

goste.

— Ah, não acredito! — exclama ao desembulhar o objeto. — Olha, pai, é um Funko Pop do V! — Vira a caixa, com a parte da frente transparente, em minha direção.

Vejo um pequeno boneco cabeçudo com olhos enormes e cabelo amarelo. De tanto ouvi-la falar sobre os integrantes da banda coreana, sei imediatamente que se trata de um deles, o seu cantor favorito.

— Muito obrigada, tia Livia! — Com um sorriso enorme no rosto, ela a abraça pela cintura. — Eu amei, de verdade! Vou guardar no meu quarto com muito carinho.

— Fico feliz que tenha gostado. Você merece, por ter sido uma paciente exemplar. — Em um movimento íntimo, toca a ponta do nariz da menina com o indicador.

A conexão entre as duas, que foi forte desde o princípio, se fortaleceu nos últimos dias. Livia leva jeito com crianças, ouve com interesse o que elas falam e responde como se o assunto fosse o mais impressionante do mundo. O carinho dela por Júlia é genuíno, e vice-versa.

— Você está indo para casa, mas ainda precisa se cuidar, ok? Não esquece de fazer tudo conforme o tio Danilo explicou para logo ficar cem por cento recuperada e poder ir ao show do BTS.

Elas riem, cúmplices, e eu cruzo os braços quando a pontada no peito se torna mais aguda. Não é uma despedida definitiva, porque Júlia precisará fazer exames duas vezes por semana inicialmente, mas a ideia do afastamento incomoda.

Lívia anda até mim, com as mãos enfiadas nos bolsos do jaleco.

— Você recebeu o guia com todos os cuidados que devem ser tomados em casa?

— Sim, já o li inteiro. Três vezes. — Aponto com a cabeça para a mochila infantil na poltrona.

— Ótimo. Há qualquer dúvida?

Nego com a cabeça. Ela olha para trás, certificando-se de que Júlia encontra-se entretida com os presentes, e abaixa o tom de voz para dizer:

— Ela vem respondendo muito bem ao transplante, mas é importante seguir as orientações à risca para que tudo continue assim.

Aceno com seriedade. Sei que os primeiros seis meses são cruciais, período em que ocorre a maior porcentagem de morte entre os transplantados. Sei também que a minha filha precisará de remédios e acompanhamento médico para o resto da vida, mas tenho aprendido a comemorar pequenas vitórias ao longo do caminho.

— Ficaremos no Rio por mais três semanas. Quero estar perto para qualquer emergência — revelo, usando o mesmo timbre.

— Excelente decisão.

Ela desvia o olhar quando a conversa morre.

— Preciso te agradecer, Lívia. — A frase captura seu interesse e traz os olhos verdes de volta aos meus. — O seu profissionalismo e sensibilidade fizeram toda a diferença, tanto para a Júlia quanto para mim. Eu sempre soube que você seria uma médica extraordinária.

O elogio a deixa sem graça. Ela remexe os pés, troca o peso de uma perna para a outra, e tenho a impressão de que as mãos nos bolsos do jaleco estão fechadas em punho.

— Não há de que — responde, por fim. — A sua filha é um amor, Antônio. Parabéns por criá-la tão bem.

— Não sei se tenho muito mérito nisso, porque não preciso fazer quase nada. Às vezes, parece que ela é a minha mãe. Hoje veio com a conversa de que as mulheres são mais evoluídas que os homens. Não tenho dúvidas disso.

O riso dela me contagia e faz meu peito esquentar um pouco mais. Quando concentra a atenção em mim outra vez, percebo, pela forma como sua testa enrugua e a boca recai, que Lívia deseja perguntar alguma coisa, mas não o faz. Todas as nossas conversas não profissionais foram rápidas e limitadas. Ela não questionou, por exemplo, o motivo de a mãe da Júlia não ter aparecido, embora eu tenha certeza de que isso a intriga.

— Bom, então é isso. — Hesitante, estende a mão para mim. — Se precisar de alguma coisa, não deixe de nos procurar.

Olho sua mão por uns instantes antes de apertá-la. A pele fria e úmida me diz que não está tão tranquila como tenta transparecer. Prolongo o contato o máximo que posso, reticente em soltá-la.

— Obrigado.

Lívia pigarreia, esconde a mão outra vez no bolso e, depois de se despedir de Júlia, sai apressada.

O processo da alta é simples e rápido. Após acomodar Júlia no banco

traseiro, ocupo o do motorista e, enquanto saio do estacionamento do hospital, ouço a indagação:

— Pai, você e a tia Lívia já namoraram?

Encaro-a através do espelho retrovisor, sem entender a pergunta aleatória. Achei que ela tivesse esquecido sobre as fotos e cartas, pois não voltou a tocar no assunto. Até agora. Decido ser honesto.

— Sim, Juju, nós namoramos quando éramos mais novos, antes de você nascer.

— Vocês terminaram porque você conheceu a minha mãe?

Por um momento, não sei o que responder. Ela parou de perguntar sobre a mãe há tempos, desde que ouviu acidentalmente uma conversa entre os meus pais depois de Cíntia desmarcar um encontro com a filha pela quinta vez consecutiva, uma em cada ano, com desculpas esfarrapadas. Tentamos explicar, da melhor forma possível, que o problema não era ela, e sim os muitos compromissos da mãe. Uma mentira para preservar os sentimentos de uma criança que ainda não compreendia as falhas humanas.

— Foi mais complicado do que isso, Jú. Coisa de adulto, nada com que precise se preocupar. — Escolho as palavras com cuidado, sentindo que estou em um terreno desconhecido.

Ela parece aceitar a explicação. No entanto, minutos depois, declara:

— Eu gosto da tia Lívia. Ia ser legal se você e ela namorassem de novo.

Dou risada, desejando que a vida fosse tão simples como na cabeça de

uma criança em toda a sua ingenuidade.



Minha mãe, Júlia, Sandra e eu jantamos juntos. A comida leve, feita por dona Ester, está uma delícia. Em seguida, todas foram se deitar. No dia seguinte, as duas voltariam a Teresópolis, enquanto Juju e eu permaneceremos aqui por mais tempo.

O apartamento tem dois quartos pequenos, com uma cama de casal em cada. Minha mãe e irmã dividem um, e Júlia está no outro, sozinha. Preferi dormir no sofá, porque tenho um sono agitado e não quero me arriscar a machucá-la. Os sinais de cansaço estão em todo meu corpo, no entanto, o sono não vem. A televisão exibe um filme no volume mínimo, embora eu não preste atenção a ele.

As últimas semanas foram uma montanha-russa de sentimentos. Mesmo agora, com a primeira fase da luta vencida, não consigo relaxar.

O celular vibra ao meu lado e um suspiro de frustração escapa. Tenho ignorado todas as ligações de Cíntia repetidamente, sem saco para lidar com as merdas dela. Enviei duas mensagens, uma depois da cirurgia da Júlia e outra ontem, avisando sobre a alta. É o máximo de consideração que consigo ter, diante das suas atitudes egoístas, mas a mulher não desiste. As chamadas mensais devem ser a maneira que encontrou para aplacar sua consciência — ou a falta dela.

— O que foi?

— *Por que não atende os meus telefonemas, Antônio?* — O tom acusatório me irrita.

— Caso não se lembre, tenho uma filha de nove anos recém-operada para cuidar. Diga logo o que quer.

— *Como ela está?* — A pergunta é feita quase em um sussurro após alguns segundos de silêncio. — *Você não me deu mais notícias.*

— Avisei tudo que você precisava saber através das mensagens. Ana Júlia teve alta e agora vai se recuperar em casa.

— *Mas ela já está fora de perigo ou ainda pode, você sabe, ter alguma complicação?*

— Esse é o tipo de dúvida que qualquer um encontra na internet, Cíntia, basta se dar ao trabalho de pesquisar.

— *Dá para parar de me atacar?* — Sua voz se eleva, e ouço um suspiro do outro lado da linha. Quando volta a falar, percebo que recuperou o controle. — *Não quero brigar.*

— Então pare de fingir que se importa, porra! — Também me exalto e recrimino-me por me deixar afetar. — Se houvesse qualquer interesse verdadeiro da sua parte, você teria pegado o primeiro avião assim que soube sobre a doença dela.

— *Não é tão simples. Eu precisaria de uma justificativa para sair do país assim, de repente. O Paul sabe que não tenho família no Brasil e estranharia se eu dissesse que precisava retornar depois de quase dez anos.*

Solto um riso de escárnio e sento-me, passando os dedos no cabelo. Essa mulher é inacreditável!

— Ah, claro — digo, sarcástico. — Seu marido não pode descobrir a

mãe de merda que você é, a pessoa de merda com quem se casou.

A linha fica em completo silêncio. Somente a minha respiração irregular é ouvida.

— *Olha, vou desligar porque dá para ver que não é uma boa hora para você e realmente não quero começar uma briga. Se não for pedir muito, me mantenha informada e diga a ela que...*

— Está brincando, né? — interrompo-a, incrédulo. — Quer que eu diga a uma criança, que nunca conheceu a mãe em nove anos, que a figura fantasmagórica mandou um recado? Não sei se você não tem noção nenhuma ou se é só mau-caráter mesmo. — Aperto a ponta do nariz, perdendo o controle outra vez. — Fui inocente em acreditar que, numa situação com risco de morte, você sairia da sua vida de faz-de-conta e priorizaria a Júlia pela primeira vez. Me sinto triste por minha filha ter uma pessoa assim como mãe. Não volte a me ligar, Cíntia. Quando for necessário, informarei sobre a recuperação dela.

Desligo sem esperar resposta. Agora que o mais grave passou e não estou tão entorpecido pelo medo, noto como a atitude de Cíntia me enfurece. Que porra de mãe fica sabendo que a filha tem uma doença potencialmente fatal, que mata cinquenta por cento dos pacientes, que precisa de um transplante com urgência e não se oferece nem mesmo para fazer o exame e descobrir se é compatível para doar?

Não costumo desejar mal às pessoas, mas quero mais é que ela se foda!

Um movimento à direita me chama atenção. No pequeno corredor que dá para os quartos e banheiro, vejo Ana Júlia de pé, encarando-me com o

rosto sonolento. Torço para que não tenha escutado a conversa.

— Ei, princesa, está fazendo o que acordada?

— Tô com sede. — Coça os olhos e boceja.

Vou à cozinha, separada da sala por um balcão estreito, encho metade do copo com água do filtro e o entrego a ela, que bebe todo o conteúdo. Caminhamos juntos de volta ao quarto, onde a luz do abajur impede que o cômodo esteja na total escuridão. Júlia se deita, ajeito a coberta sobre ela e dou-lhe um beijo na testa.

— Boa noite, Juju.

— Pai...

— Hum?

— A professora disse que as famílias nem sempre são formadas de um pai e uma mãe. Às vezes, são dois pais, duas mães, só um pai, só uma mãe e até mesmo outra pessoa, que não é pai nem mãe, que cria a criança. Não me importo mais que não tenho mãe. Sou feliz porque tenho você, a vovó, o vovô e a tia Sandra. Não precisa ficar triste.

A garganta fecha, o peito pesa e aperta quando os olhos vulneráveis e fortes ao mesmo tempo me encaram com uma seriedade que não pode ser normal para os seus nove anos. Aliso seu cabelo, sem saber o que dizer depois de um discurso tão brutalmente honesto.

— Quem é o adulto aqui, menina? — brinco, sentando-me na borda da cama. — Você tem certeza de que só tem nove anos?

Ela sorri e abraça o cachorro de pelúcia.

— Acho que a tia Sandra tem razão. Nós, mulheres, somos mais evoluídas.

Acabo sorrindo, com o coração cheio de amor por essa garotinha.

— Fica aqui até eu dormir? — pede.

— Fico.

Puxo o lençol para me deitar ao seu lado. Ana Júlia apoia a cabeça no meu braço e aproveito para cheirar seu cabelo.

— Te amo, papai.

— Também te amo, princesa.

Aliso os fios castanho-escuros com carinho, querendo protegê-la de todas as dores do mundo.

A minha Jujuba é o ser humano mais doce e especial. Cíntia não faz ideia do que está perdendo ao escolher não fazer parte da vida dela.



LÍVIA

— Prometa que não vai esquecer! — imploro pelo que parece ser a décima vez.

Luís Fernando revira os olhos, impaciente, e me encara como se eu fosse um inseto irritante.

— Porra, já falei que não vou deixar suas plantas morrerem.

Não sei se posso confiar na pessoa que conseguiu a proeza de deixar um cacto morrer, mas com Luciana de repouso absoluto, não tenho opções. Olho para as várias plantinhas espalhadas pelo meu apartamento, torcendo para que todas sobrevivam à minha ausência. Estou oficialmente de férias e amanhã viajo para um hotel-fazenda no interior, onde passarei quinze maravilhosos e relaxantes dias.

— Que horas você pega a estrada? — pergunta, abrindo a geladeira para acabar com a minha comida sem nenhuma cerimônia, como sempre faz quando me visita.

Intimidade é uma merda.

— Quero sair bem cedo para não pegar trânsito. — Confiro se todos os documentos estão na carteira e guardo-a na bolsa. — Vou deixar o celular ligado, mas só ligue se for caso de vida ou morte. Sou capaz de desonrar todos os meus votos de formatura e cometer um assassinato se alguém estragar meu descanso.

Estranho não receber uma resposta sarcástica, como de costume, e, ao girar o corpo, vejo a atenção dele concentrada em um papel em cima do balcão da cozinha de estilo americano. Sei exatamente o que está fazendo sua testa franzir tanto, assim como o que virá a seguir, por isso corro até lá e arranco o recibo do seu alcance, mas é tarde demais. Os olhos acusatórios de Luís Fernando não escondem o seu desgosto.

— Te dei permissão para xeretar as minhas coisas?

— Você continua fazendo isso? — inquire, ignorando a pergunta. — Até quando, Livia?

— O que eu faço com o meu dinheiro não é da sua conta — rebato, na defensiva, afastando-me dele.

— É da minha conta quando vejo a minha irmã se matar de trabalhar para sustentar a irresponsabilidade daquele homem.

Respiro fundo, escondendo o extrato bancário na gaveta da estante. Viro-me para olhá-lo de perto e reconheço a cólera que emana dele quando falamos sobre o nosso pai.

— Pelo amor de Deus, Luís Fernando, você está sendo injusto comigo. Não pago os empréstimos dele porque acho legal e sim por saber que

a falta de dinheiro afeta a minha mãe também. Não quero vê-la passando necessidade por atitudes do marido.

Nando passa as mãos pelo cabelo, exasperado. Percebo o quanto está se controlando para não estourar e dizer coisas das quais irá se arrepender um minuto depois.

— Porra, Lívia! Esse não é o jeito certo de resolver a situação. Se cada vez que ele se atolar na merda, você o resgatar, o cara nunca vai aprender o que é enfrentar as consequências do que faz e, de quebra, vai passar o resto da vida miserável dele te explorando.

Conto até dez mentalmente, em busca de calma. Sinto-me exausta de ter a mesma discussão todas as vezes que o assunto vem à tona entre nós. Sei que ele está certo, mas não consigo ser tão racional quanto o meu irmão.

Meu pai é bancário; minha mãe, dona de casa. O trabalho no banco privado fazia com que ele fosse transferido com certa frequência e nós, é claro, íamos junto. As muitas mudanças de cidade não permitiam que Luís Fernando e eu mantivéssemos amizades por muito tempo. Seu Otávio sempre gostou de apostas, do jogo do bicho, mesmo sabendo da ilegalidade da atividade, mas até então as coisas tinham um limite. Tudo piorou quando eu tinha cinco anos e o Nando dez, época em que o vício se tornou descontrolado. Quanto mais perdia dinheiro, mais apostava para tentar recuperar o prejuízo e, como funcionário de banco, foi fácil conseguir empréstimos. O resultado, é claro, foi uma gigante bola de neve.

O salário dele passou a ficar tão comprometido que as contas não fechavam. A luz e a água de casa foram cortadas algumas vezes, passamos meses comendo ovo no lugar da carne, as cartas de cobranças se acumulavam dia após dia. Luís Fernando foi o primeiro entre nós dois a perceber o que

acontecida e começou a questionar as atitudes do pai. A relação deles se deteriorou com o tempo, a ponto de a última briga quase terminar em agressão física. Meu irmão não consegue perdoar Otávio por preferir o vício à família, nem Rita por ser uma esposa submissa, que não confrontou o marido pelos filhos, então cortou contato com ambos.

Entendo a mágoa do Nando, entendo de verdade. Tenho traumas adquiridos na infância que me afetam até hoje, mas não consigo vê-los — principalmente minha mãe — passando necessidades e ficar de braços cruzados.

— Nando, avisei a ele que é a última vez. Acabei de pagar meu empréstimo estudantil, preciso juntar dinheiro para comprar a minha casa própria. Também sei que preciso diminuir o ritmo de trabalho. Não vamos brigar por isso, por favor.

É evidente que ele não fica feliz em desistir da discussão, mas acena.

— Espero que assim seja, Livia — ameaça, contrariado. — Ou essa conversa não vai acabar por aqui. Não é justo que gaste a porra do seu salário todo com aquele cara.

Sempre fomos muito próximos. Nando assumiu o papel de protetor desde cedo, quando se deu conta de que não podíamos contar com nossos pais. Saiu de casa ao atingir a maioridade para cursar faculdade de arquitetura aqui no Rio. Anos depois, fui morar com ele e dividimos o apartamento até a minha formatura. Sou muito grata a tudo que meu irmão fez por mim, mas o cidadão consegue ser um pé no saco quando quer.

Meu celular apita, indicando o recebimento de uma mensagem. Aproveito a deixa para escapar de Luís Fernando. Abaixo para pegá-lo no

sofá, confusa ao ver que era um áudio de poucos segundos, enviado de um número desconhecido. Desconfiada, clico na foto de perfil e tomo um susto ao ver Antônio e Ana Júlia sorrindo para mim. Lembro-me de que ela pediu um cartão de visita meu quando alguns caíram no meu bolso em uma das consultas, mas sei que a menina não tem celular porque reclamou várias vezes sobre isso, então o número só pode ser de Antônio.

Preocupada, clico para reproduzir a mensagem e levo o aparelho ao ouvido, sem saber se posso ouvir o conteúdo na frente do abelhudo do meu irmão.

— *Tia Livia, é a Ana Júlia. Será que você pode vir aqui, no apartamento que eu e o meu pai estamos? Por favor, é importante. Vou mandar uma foto do endereço. Beijos, tô te esperando.*

Logo embaixo, apareceu a imagem de parte de uma conta de luz com um endereço. É perto do hospital, logo, perto daqui de casa também. Sentindo a preocupação aumentar, digito uma mensagem.

“Aconteceu alguma coisa?”

A pergunta é visualizada, mas não respondida. Mando outra mensagem, que não chega nem a ser entregue, pois só aparece um tracinho na lateral.

— Quem é? — pergunta Luís Fernando, notando minha agitação. — Não vai me dizer que é alguém pedindo que adie suas férias outra vez.

— Não, é uma paciente que passou por um transplante de fígado — esclareço, catando as coisas que preciso para sair. — Não deu detalhes, mas pediu para me ver agora.

— Ela está no hospital?

— Não, no apartamento que o pai alugou, aqui perto. — Agarro a bolsa de mão e corro até o quarto para pegar os sapatos.

— Uma criança quer que a encontre em um ambiente, que não o hospital, quase sete da noite, e você simplesmente vai, sem maiores explicações?

— Nandinho, meu amor, será que você pode, por favor, não ser um chato só por alguns minutos? Já tive a minha cota da sua chatice diária, obrigada. — Alcanço a chave do carro em cima da estante ao mesmo tempo em que calço o par de sapatilhas. — Além disso, não é qualquer paciente. Ela é filha de Antônio.

As palavras mal saem e me arrependo. Os olhos dele, idênticos aos meus, semicerram.

— Filha de quem? Acho que não ouvi direito. Escutei que a menina é filha de Antônio.

— É.

A resposta monossilábica o deixa ainda mais desconfiado.

— Que Antônio? Me diga que não é quem estou pensando.

— Bem, o único Antônio que conhecemos a ponto de eu usá-lo como referência para algo é exatamente quem você está pensando, então não se mostre tão chocado.

— Não me mostrar chocado? Mas que porra é essa? Desde quando voltou a ter contato com aquele otário?

Pois é, por um momento, esqueci que meu irmão odeia Antônio. Fui morar com ele logo depois do término definitivo do namoro, estava com o coração partido e sofrendo feito uma condenada, então o Nando acompanhou de perto o quanto fiquei mal. O homem prefere ver o próprio demônio ao meu ex.

Diante da atual situação, só há uma coisa a ser feita: uma fuga estratégica. Corro para a porta, como se o próprio Lúcifer — não o personagem da série de televisão, porque dele eu correria para cima — estivesse me perseguindo, ignorando sem nenhuma vergonha que sou uma mulher de vinte e oito anos, independente e dona do meu próprio nariz.

— Não se esquece de molhar minhas plantinhas, por favor! A cópia da chave está no balcão! Tranca a porta quando sair! Tchau, Nandinho do meu coração. Te amo!

— Lívia! — Ouço-o gritar, mas sigo em disparada para as escadas, caso contrário, ele me alcançaria no elevador. — Assim fica difícil te defender, caralho! Será que você não pode agir como um ser humano normal, que guarda mágoa das pessoas? Vou matar todas as suas plantas! Ah, essa menina vai me enlouquecer.



ANTÔNIO

Fico surpreso quando o porteiro interfona para avisar que Livia está lá embaixo. Autorizo a subida dela, receoso sobre o significado da visita inesperada. Deixo o liquidificador de lado, lavo as mãos e vou esperá-la na porta. Não demora para as portas do elevador se abrirem e ela surgir, parecendo ansiosa. Demoro um pouco para absorver sua beleza, quase me esqueço das preocupações.

— Antônio, aconteceu alguma coisa? — pergunta, aproximando-se.

A confusão cresce. Pisco duas vezes, tentando entender se perdi algo.

— Ia te fazer a mesma pergunta. Fiquei surpreso quando soube que estava aqui.

Ela faz uma careta, aparentemente mais confusa do que eu.

— Você não estava me esperando?

— Não que a sua presença não seja bem-vinda, acredite, ela é, mas não esperava te ver.

Ela morde a boca, e o movimento atrai a minha atenção de imediato. Então abre a bolsa e pega o celular.

— Acabei de receber uma mensagem da Ana Júlia, pedindo para me ver. Fiquei preocupada e vim o mais rápido que pude. Esse é o seu número, não é?

Desconfiado, pego o aparelho para conferir.

— Sim, é. Posso ouvir?

— Claro.

Estarrecido nem começa a descrever como me sinto ao escutar o áudio. Reconheço a voz da minha filha, mas a mensagem não faz o menor sentido.

— Não sei o que dizer, Livia — confesso, devolvendo-lhe o celular.
— Ana Júlia pediu para usar o meu celular para acessar o *Youtube Kids*, porque o *tablet* tinha descarregado. Como ela conseguiu o seu número?

— Ela viu meus cartões de visita e pediu para ficar com um. Então...
Está tudo bem, né?

— Acredito que sim. Entra. — Afasto-me para o lado. — Vou descobrir o que está acontecendo.

Mesmo visivelmente reticente, aceita o convite. Fecho a porta e sigo-a até a sala.

— Quer alguma coisa?

— Um pouco de água, por favor.

Encho o copo, entrego a ela e deixo a garrafa no balcão, caso queira mais.

— A Júlia está no quarto — aviso. — Vou chamá-la. Fique à vontade.

Faz sinal de positivo com polegar, partindo para o segundo copo.

Abro a última porta do corredor entre constrangido e preocupado. Com a persiana fechada, a única iluminação é — como sempre — o abajur, porque ela detesta dormir no escuro. No meio da cama de casal, encontro-a adormecida, abraçada ao inseparável cachorro de pelúcia. Vejo meu celular próximo ao travesseiro e o alcanço. Uma rápida inspeção é suficiente para atestar a veracidade das mensagens enviadas à Lívia.

Encosto a palma da mão em sua testa, mas a temperatura está normal. Geralmente a Júlia não costuma dormir tão rápido — em vinte minutos, levando em consideração o horário que contatou Lívia, só que não posso esquecer dos remédios que está tomando e os seus efeitos colaterais, por isso, decido não a acordar.

Por que pediu Lívia para vir ao apartamento com urgência, dando a entender que havia algo errado?

De repente, lembro-me da conversa que tivemos no carro, no dia que recebeu alta, uma semana atrás. Ana Júlia confessou que gostaria que Lívia e eu voltássemos a namorar. Sorrio, incrédulo por minha própria filha estar bancando o cupido para o meu lado. Embora, no fundo, eu aprecie bastante a companhia que me aguarda lá fora, não posso deixar esse tipo de coisa passar em branco. Mentiras não são toleradas — ou incentivadas — na nossa casa.

— Aqui está a prova do crime — digo, retornando à sala. Lívia permanece de pé, encostada no balcão. — A meliante está bem, dormindo o

sono dos anjos depois de criar toda essa confusão. Me desculpe por isso.

— Ela está mesmo bem, Antônio? Tem certeza de que não me chamou por estar sentindo algo? Você conferiu a temperatura corporal?

A preocupação genuína que percebo em sua voz me deixa ainda mais envergonhado pela atitude de Júlia. Coço a cabeça, sem graça, mas não vejo alternativa a não ser falar a verdade.

— Tenho quase certeza de que tudo não passou de uma molecagem. Ela voltou a me perguntar sobre as fotos, se fomos namorados e, quando confirmei, deixou claro que aprova um novo namoro entre nós. Acho que fez isso tentando nos aproximar. Vou repreendê-la assim que acordar e fazer com que se desculpe com você.

Lívia disfarça rápido, mas não perco o espanto que cobre suas feições por um segundo.

— Bem, me sinto aliviada em saber que não é nada grave. — Pigarreia outra vez, cruzando os braços. — Então, vou indo.

— Já que veio até aqui, por que não janta comigo? Estou fazendo panquecas.

O desejo de prolongar o tempo em sua companhia me impulsiona a fazer o convite sem pensar duas vezes. Seu rosto mostra toda a confusão interna que sente, e sei que está prestes a negar.

— Modéstia à parte, minhas panquecas são muito boas. E eu me sentiria melhor se aceitasse, assim compenso um pouco o comportamento da Júlia.

— Ok.

De volta à cozinha, jogo um filete de azeite na frigideira e coloco-a sobre o fogão ligado.

— Posso ajudar?

Sorrio para ela.

— Não precisa. Eu pediria para você arrumar a mesa, mas, como pode ver, não temos uma. — Aponto para o cômodo pequeno, sem espaço para a menor das mesas.

— A maioria dos apartamentos desta região são minúsculos — comenta, apoiando os braços no balcão, no lado oposto ao que estou. — Moro aqui perto, pago caríssimo em lugar que mais parece um ovo. A única coisa que compensa é a proximidade com o hospital, quase não perco tempo do trânsito.

— O trânsito aqui é realmente um caos.

As panquecas não demoram a ficar prontas. Sirvo-as com suco natural de laranja que fiz mais cedo e dou a volta para me sentar na banqueta desocupada. Incentivada por mim, Lívia dá a primeira garfada e solta um som de regozijo.

— Está uma delícia.

— É a comida favorita da Júlia. Me pediu para fazer e dormiu antes de comer. — Corto a massa, apreciando compartilhar uma refeição com ela.

— Antônio, posso te fazer uma pergunta pessoal? Não precisa se sentir obrigado a responder.

Imagino qual seja a pergunta, e estou até surpreso por ela ter demorado tanto a externá-la.

— Manda.

— A mãe da Ana Júlia... O que houve com ela?

Bingo!

Termino de mastigar e tomo um gole do suco antes de responder.

— Aconteceu que um dia ela decidiu que não estava preparada para ser mãe, arrumou as coisas, foi embora da cidade e deixou um bebê de seis meses comigo — revelo, sem floreios, chocando a mulher diante de mim, que abre e fecha a boca sem parar. — Conheceu um britânico pouco tempo depois, se casou com ele e se mudou para a Inglaterra. Nunca contou ao marido que tem uma filha nem voltou para ver Ana Júlia em todos esses anos, nem mesmo ao saber que ela passaria por um transplante.

— Sinto muito. Não sei o que dizer. Não devia ter tocado no assunto.

— Não tem problema. A verdade não é bonita, mas nem tudo na vida é.

— Deve ter sido um período difícil. Terminar um relacionamento e cuidar de um bebê sozinho.

Há mais do que uma simples suposição na frase. Pela primeira vez, desde o nosso reencontro, Lívia está abrindo uma brecha para o passado e não tenho a intenção de deixá-la passar.

— Foi assustador, sim, me ver responsável por uma criança aos dezoito anos, mas não fiz nada sozinho. Recebi a ajuda da minha família, que

me deu suporte desde o início. Quanto ao término, ele não aconteceu porque nunca houve um relacionamento amoroso entre nós.

Vejo a descrença estampada em seu rosto. Abaixa o rosto e brinca com a comida enquanto fala:

— A última notícia que ouvi sobre vocês, antes de ir embora, foi que estavam morando juntos.

Repouso os talheres no prato, o interesse em comer esquecido, mas não respondo até seus olhos encontrarem os meus novamente. Preciso que ela me veja de perto, talvez assim possa enxergar verdade no que digo.

— A relação da Cíntia com a mãe, que já não era boa, piorou depois da gravidez. Meu pai fez questão que tivesse um lugar tranquilo para ficar durante a gravidez e a convidou para passar o tempo que precisasse lá em casa. Ela dividiu o quarto com a Sandra enquanto um novo era construído para a acomodar. Eu sempre tive a intenção de assumir as minhas responsabilidades de pai, mas nunca quis um relacionamento com ela. Você era a única que eu amava.

O silêncio que sucede a minha declaração é sepulcral. A luta interna de Livia está explícita em sua expressão, na testa franzida, no nariz enrugado, nos lábios levemente repuxados para baixo. Em cada detalhe que catalogo com a avidez de quem não quer esquecer.

— Posso ver que ainda não confia em mim, mas não tenho motivos para mentir depois de tanto tempo. Tudo que te falei na época era verdade, Livia. Espero que um dia você acredite na minha sinceridade. — Respiro fundo, observando-a de perto. — Se pudesse voltar no tempo, eu não retornaria àquela noite.

A declaração faz com que me olhe em choque. Posso ver as engrenagens da cabecinha linda indo por todas as direções erradas, então me apresso em esclarecer o que quis dizer:

— Não pelo motivo que está pensando. Aquela noite foi consequência do que vinha acontecendo antes. Por isso, Livia, eu voltaria ao ponto em que as coisas começaram a mudar entre a gente e faria o possível para consertar. Eu só precisaria saber que ponto é esse, porque, por mais que me esforce, não consigo encontrar a origem dos nossos problemas.

— Não acho que tenha uma origem exata — diz, também deixando a comida de lado. — Começamos a namorar muito jovens, passamos pela transição da adolescência para o início da vida adulta, onde tudo é muito confuso, dentro de um relacionamento. Eu estava um pouco perdida, tentando me descobrir e projetar um futuro que era bastante incerto. Quando você passou no vestibular em São Paulo, a insegurança começou a me comer viva. Criei os piores cenários possíveis na minha cabeça. Em todos eles você se cansaria de mim depois de um tempo namorando à distância, principalmente por nunca termos... Você sabe, transado.

— Isso nunca foi um problema para mim. Fui sincero quando disse que esperaria o seu tempo. Você se sentiu pressionada de alguma forma?

— Não. — Apressa-se em negar, enfatizando a negativa com um balançar de cabeça. — Como falei, eu estava muito insegura, Antônio, e nem sempre nossas frustrações têm a ver com outras pessoas. O problema era a quantidade de inseguranças e frustrações que carregava por querer muito dar o próximo passo no nosso namoro e não conseguir. Então começamos a discutir por qualquer coisa.

Lembro-me perfeitamente de não entender como uma relação que

sempre foi tranquila, cheia de companheirismo e amizade, se transformou, de uma hora para outra, em um campo minado. Qualquer comentário passou a ser motivo de brigas acaloradas, que culminou no dia em que Livia me pediu um tempo para pensar se deveríamos continuar o namoro. Eu, que nunca acreditei nessa história de “tempo”, porque para mim é só um jeito bonito de terminar aos poucos, fiquei desespero. Implorei que não fizesse isso, que resolvêsemos juntos o que quer que estivesse acontecendo, mas ela se manteve irredutível.

Trocamos palavras duras, acusações sem fundamentos, e saí da casa dela transtornado. Naquela noite, aconteceu a festa de aniversário de um amigo próximo e, mesmo sem clima para comemorações, fui. Embriaguei-me como nunca tinha feito e acordei de madrugada na cama com Cíntia, uma colega da escola, ambos nus. O arrependimento foi imediato.

Antes que eu pudesse me recompor para enfrentar Livia, os boatos se espalharam feito pólvora, afinal, ninguém sabia sobre o nosso “tempo”, então foi natural acreditarem que eu a tinha traído ao me verem ficando com outra menina. Quando cheguei na casa dela, encontrei-a com o rosto inchado de chorar, os olhos acusatórios e decepcionados. Implorei por perdão, chorei com ela, implorei um pouco mais, entretanto, algo havia se quebrado. A sua confiança em mim.

As semanas seguintes, que acreditei terem sido as piores da minha vida, viraram fichinha quando Cíntia apareceu, um mês e meio depois, e revelou a gravidez, que virou o assunto mais comentado do colégio.

Livia foi embora de Teresópolis no dia seguinte ao último dia de aula, nem ficou para a formatura. Quando seu pai foi transferido de cidade, cinco meses depois, eu soube que seria difícil voltar a vê-la.

— Queria que tivesse compartilhado suas incertezas comigo, talvez me ajudasse a te entender.

— Nem eu mesma me entendia, Antônio, por isso pedi para ficarmos um tempo afastados. Não tinha a intenção de manter aquela situação indefinida por muito tempo, mas jamais imaginei que você fosse bancar o Ross, de *Friends*, e pegar a primeira mulher que aparecesse na sua frente poucas horas depois de sair da minha casa.

— Nada que eu disser será capaz de diminuir o que fiz. Pedi desculpa há dez anos e pedirei novamente quantas vezes forem necessárias. Não posso dizer que me arrependo de tudo porque uma coisa boa saiu dessa sucessão de erros: a minha filha. Jamais poderia escolher não a ter na minha vida, só queria que o nascimento dela não estivesse ligado ao seu sofrimento. E ao meu, por ser o responsável por ele.

— Uau — sussurra, prendendo os cabelos, mas sei que é uma estratégia para ganhar tempo por estar mexida. — Quando perguntei sobre a Cíntia, não sabia que a conversa tomaria esse rumo.

— Posso ser ainda mais honesto?

Ela me olha, incerta.

— Mais?

— A única coisa que me impediu de ir atrás de você nesses anos foi o medo de como reagiria à Ana Júlia. Tive receio de que a olhasse e enxergasse os meus erros nela. Eu não saberia lidar com isso.

— Eu jamais faria algo assim! Uma criança não pode ser responsabilizada pelas atitudes dos pais. Sua filha é uma menina especial, que

me conquistou com um minuto de conversa. É impossível não gostar dela.

Sorrio, consciente disso sem que ela precise dizer. Impulsionado pelo momento e pelo que cresce a cada segundo no meu peito, seguro sua mão entre as minhas. Brinco com a pele macia, deslizando os dedos pelos seus. Há algo de fascinante em ver nossas mãos juntas. Ergo o olhar para o seu rosto, que não esconde a confusão acontecendo em sua mente.

— Desde que nos separamos, você alguma vez pensou em mim com qualquer sentimento além de mágoa? — questiono, sem parar de movimentar o polegar pela palma da sua mão.

— Fiz o possível para não pensar em você de jeito nenhum, Antônio — confessa, ofegante.

— Já eu, nunca deixei de pensar em você. Vivi a minha vida do melhor jeito possível. Às vezes, pensava menos; outras, não conseguia te tirar da cabeça. Você foi a única mulher que amei.

Ela arfa e tenta se afastar, mas não permito. Abaixo-me o suficiente para puxar a banqueta em que está sentada para mais perto.

— Por que está trazendo esse assunto à tona? — pergunta, fugindo dos meus olhos.

Agora que comecei, não tenho intenção de recuar. Com delicadeza, viro seu rosto outra vez na minha direção.

— Porque não houve um só dia nos últimos dez anos que não senti culpa por ter ferido você. Ao magoar o seu coração, Livia, eu destrocei o meu. As lágrimas que derramou por mim estão marcadas na minha memória, assim como a decepção que vi nos seus olhos lindos, que antes só me davam

amor, mesmo nos momentos difíceis. — Sem poder resistir, deslizo o polegar por sua bochecha, sentindo a maciez da pele lisinha. — Te perder quase me enlouqueceu.

— Antônio... — sussurra, tão presa no momento quanto eu. — Foi há tanto tempo... Não vale a pena remoer o passado.

Nego com a cabeça e enfio os dedos nos cabelos castanhos, espalmando sua nuca.

— Vale. Vale a pena. Porque, se eu for completamente honesto, não é apenas o seu perdão que desejo, Livia, mas uma segunda chance para te amar como você merece.

— Ah, meu Deus...

— Essa atração... — murmuro, ficando de pé. — Diz que não sou o único sentindo.

— Não consigo pensar com você tão perto.

Passo o braço ao redor da sua cintura e puxo-a para cima. Livia arqueja, as mãos repousam nos meus ombros, os lábios entreabertos quase tocando nos meus. Meu coração está tão acelerado que parece prestes a sair do peito.

— Sou, Livia, o único a sentir?

Ela engole em seco e nega com a cabeça. Arrasto a boca para falar pertinho do seu ouvido:

— Então o que devo fazer? Roubar um beijo para ver se a nossa química ainda é tão forte?

Não é sua boca que me dá a resposta, e sim o corpo trêmulo entre meus braços, a respiração descompassada, os olhos embriagados de paixão. Beijo atrás da sua orelha, depois a bochecha, a ponta do nariz, a outra bochecha, o queixo, evitando seus lábios de propósito. As mãos dela se fecham no tecido da minha blusa quando todos os pelinhos do corpo delgado se eriçam.

Roço nossas bocas com carinho, mordo seu lábio inferior de leve e passo a ponta da língua na região. Ela geme baixo, encostando-se em mim até não haver nenhum centímetro separando-nos. Dando fim à tortura, eu a beijo, matando a saudade de dez longos anos de separação.

A princípio, o ritmo é lento, uma busca de equilíbrio entre passado e presente, recordações e realidade. Aprofundo o contato quando o desejo aumenta, sugo sua língua, pressiono sua cintura, apertando a parte de trás do pescoço.

Porra, é como voltar para casa após um longo tempo na estrada.

As mãos de Lívia descem pelos meus braços, vão para a cintura, sobem por dentro da camisa para explorarem as costas, e as unhas me arranham forte o suficiente para deixar marcas.

O beijo é pausado para recuperarmos o fôlego, mas logo exijo mais, sedento pelo gosto dela, que parece tão envolvida e desejosa quanto eu.

— Essa sua boca gostosa... — Mordo seu lábio outra vez.

— Antônio, espera — pede, desviando por um triz de outro beijo. — Isso está indo rápido demais. Calma.

Respiro fundo em busca de controle e encosto nossas testas,

recusando-me a permitir que saia do meu abraço.

— Vou no seu ritmo — garanto. — Só não se afaste, não se feche. Deixa acontecer.

— Estou confusa. Achei que tinha deixado tudo isso no passado, mas então você reapareceu e trouxe de volta todas as lembranças, as boas e as ruins. Agora, me fala todas essas coisas... Eu só... Não sei como reagir.

Não gosto da angústia em suas palavras, e a necessidade de confortá-la vem forte.

— Ei, ei, tudo bem. Se acalme. — Esfrego as mãos em seus braços para cima e para baixo. — Não estou pedindo que assuma um relacionamento comigo ou para continuarmos de onde paramos. Você mudou, eu também, não dá para fingir que os últimos dez anos não existiram. Só não feche a porta para mim, porque se a nossa conexão foi forte o suficiente para não desaparecer em uma década, não acha que vale a pena me dar uma segunda chance?

— A minha rotina é a maior loucura, não namoro há tanto tempo que acho que esqueci como é, moramos em cidades diferentes e...

Meu riso cala a enxurrada de possíveis empecilhos.

— Lívia, relaxa. — Aperto seus ombros. — Não fique pilhada por problemas que ainda nem existem. Vou repetir: deixe acontecer e não se afaste. Prometo fazer valer a pena.

— Mas eu...

— O jeito vai ser calar essa mulher com um beijo. — Dou um suspiro

exagerado.

Ela ri e me dá um tapa.

— Só ia dizer que estou de férias e amanhã vou viajar para um hotel-fazenda, onde hibernarei por quinze dias, portanto, a parte de não me afastar vai ficar para depois.

— Quinze dias não são nada para quem esperou dez anos — declaro, tomando sua boca para mim outra vez.



LÍVIA

A vista da janela do meu quarto é simplesmente surreal. A imensidão verde se perde na linha do horizonte, junto à serra, em um verdadeiro espetáculo da natureza. Sinto-me relaxada só de apreciar a paisagem.

Cheguei ao hotel-fazenda há cerca de uma hora, depois de uma tranquila viagem de carro. O quarto é espaçoso, iluminado, com uma cama de casal no centro, uma mesa lateral à direita; à esquerda, o frigobar abastecido de bebidas. Em frente à cama, há uma estante de madeira sustentando a televisão que não será ligada durante a minha estadia. O banheiro é pequeno, mas funcional. A decoração é rústica e aconchegante. De tudo, o que me conquistou, de fato, foi a enorme janela de vidro, com bordas de madeira que formam vários retângulos, que vai do chão ao teto.

Afasto-me com pesar para remexer na bolsa que joguei em cima da cama e pego o celular. Há uma mensagem de Antônio perguntando se cheguei bem. Suspiro, bem confusa com a guinada dos acontecimentos. Ao sair de casa ontem à noite, jamais imaginei que acabaria sendo consumida pelos seus beijos famintos após uma densa e poderosa conversa sobre o nosso

passado. Ainda não sei se tomei a decisão certa em “deixar rolar”, mas hoje, dez anos mais velha, sinto-me mais tolerante, sabendo que existem muitos tons de cinza entre o preto e o branco. Exercer um trabalho que lida com a linha tênue entre vida e morte me fez valorizar o presente, cada momento do agora.

O medo de quebrar a cara outra vez existe, não dá para negar, porém, tenho mais medo ainda de passar a vida cheia de arrependimentos por não ter arriscado enquanto pude. Para sentir a enxurrada de emoções que só Antônio consegue me provocar, estou disposta a me arriscar.

Relaxa, Livia... Quase posso ouvir a voz grossa tentando me acalmar como se ele estivesse aqui, ao meu lado.

Paro de divagar e respondo à mensagem.

“Cheguei agora há pouco. A vista do meu quarto é inexplicável.”

Cinto minutos depois, recebo a solicitação para uma chamada de vídeo. Pega de surpresa, dou uma ajeitada no cabelo antes de aceitá-la. O rosto bonito surge na tela e, quando abre um sorriso para mim, meu coração idiota dispara. A barba por fazer e o cabelo despenteado o tornam ainda mais charmoso.

— Oi!

— *Você disse que a vista era inexplicável, então nada melhor do que ver com meus próprios olhos o que te deixou sem palavras.*

Sorrio, voltando para a janela.

— Dá uma olhada nisso! — Selecciono a câmera traseira e posiciono o

celular para captar o melhor ângulo. — Lindo demais, não é? — pergunto, segundos depois, filmando meu rosto outra vez.

— *Sem dúvidas. Mas a vista que estou tendo agora é muito mais.*

O elogio inesperado faz meu rosto esquentar. Pelo amor de Deus! Desde quando me tornei o tipo de mulher que cora? Eu normalmente responderia com um gracejo bem-humorado. Estou mesmo enferrujada na arte do flerte.

— Você acordou agora? — Mudo de assunto.

— *Faz um tempinho. Estava fazendo o café da manhã.*

— E a Jú, como está?

— *Bem.* — Olha para o lado. — *Por falar nisso, ela tem algo para te dizer. Venha, mocinha.*

O rosto infantil não demora a substituir o do pai. Meu sorriso é involuntário ao vê-la.

— *Oi, tia Livia! Verdade que você foi viajar?*

— Ah, sim, superverdade. Estou em um hotel-fazenda lindo. Tem até cavalos aqui, acredita?

— *Sério? E você pode fazer um passeio com eles?*

— Qualquer hóspede pode, só precisa reservar um horário, mas, como nunca cavaleguei, morro de medo de cair, mesmo acompanhada por um instrutor.

— *Acho que também ia ter medo. Eles são muito altos, uma queda*

deve doer.

Antônio interrompe nosso diálogo com um alto *hã-hã*. Ana Júlia o olha com a testa franzida.

— Vou falar, pai, só tô puxando assunto antes. E é falta de educação interromper a conversa dos outros.

Disfarço o riso com uma tosse. A expressão que ele faz é hilária, como se estivesse se perguntando como passou de ser o que dá bronca para aquele que a recebe.

— Você está enrolando, isso sim — acusa ele. — Pode conversar com ela o quanto quiser depois de fazer o que combinamos.

— Tá bom. Tia Lívia, quero me desculpar por ter usado o celular do papai pra te enviar aquela mensagem. Não tinha nada urgente, só fiz aquilo pra você e ele passarem um tempo juntos, gostarem um do outro de novo e voltarem a namorar. Sei que mentir é errado e não vou fazer de novo, prometo.

A sinceridade crua me deixa sem palavras. O pedido poderia ter sido simples, sem tantos detalhes sobre seus motivos, mas Ana Júlia não faz nada pela metade.

Se ela sonhar que o seu plano, de certo modo, funcionou, a desculpa perderá o sentido.

— Está desculpada, Jú.

— Que bom! Mas o que você acha de namorar ele de novo? Sei que, às vezes, ele tem um jeito, assim, meio chato e sério, mas juro que é um bom

partido. É dono de uma empresa que cria sites e logomarcas, tem casa e carro, sabe o nome de todos os integrantes do BTS e até canta algumas músicas comigo. Cuida muito bem de mim e se vocês tiverem um bebê, posso ajudar a cuidar dele também. Prefiro uma irmã, porque meninos são chatos, mas...

— Chega, chega! — Antônio tira o celular da filha e, por alguns segundos, a tela fica preta. — Era só para se desculpar, não me vender como se eu estivesse em um leilão, senhorita Ana Júlia.

— Mas, pai, só tô tentando te ajudar a arrumar uma namorada! Você tá ficando velho, e eu quero ter irmãos.

— Velho? Tenho vinte e oito anos.

— E isso é o quê? Já tem até alguns cabelos brancos.

— Não sei o que fiz para merecer isso — resmunga ele, enquanto minha gargalhada ecoa pelo quarto de hotel. — Vá tomar o seu café da manhã e depois o remédio.

— Tá bom, mas eu nem fiz nada demais dessa vez.

Quando o rosto de Antônio entra em foco novamente, ainda estou rindo sem parar. Ele até tenta se manter sério, mas os cantos dos lábios repuxados para cima mostram o esforço que está fazendo para não dar o braço a torcer e rir também.

— Você adorou isso, né?

Demoro um tempo para me recompor e conseguir responder.

— Ai, Deus! — Limpo os olhos. — Preciso muito que faça uma coisa

por mim, Antônio.

— *O quê?* — Quer saber, todo desconfiado.

— É uma questão de vida ou morte. Não vou conseguir viver nem mais um dia sem ouvir você cantar k-pop. Escolhe uma música e manda ver.

— *Nem fodendo!*

— *Pai, você acabou de falar um palavrão!* — exclama Ana Júlia, a voz vindo de longe.

— *Porra, hoje não é meu dia* — murmura para que só eu ouça.

Tenho outra crise de riso e, desta vez, ele me acompanha. As preocupações e receios que me acompanham desde ontem são esquecidos diante da conexão criada pela nossa conversa fácil e em sintonia.



Aquele primeiro dia no hotel-fazenda criou um padrão para as duas semanas que fiquei por lá. Antônio e eu fizemos chamadas de vídeo todos os dias, sempre pela manhã. As conversas giravam em torno de assuntos corriqueiros — a maravilhosa piscina do estabelecimento que experimentei, os projetos nos quais ele, como design gráfico, estava trabalhando. Ana Júlia participou de algumas e, quando ela aparecia, eu já sabia que seria diversão garantida.

O nosso contato não se limitou às vídeo-chamadas matutinas. Trocamos mensagens a qualquer hora que houvesse algo de interessante para ser compartilhado. Eu lotei o *WhatsApp* dele de fotos de paisagens — e algumas minhas, não nego. Ele respondia com *selfies* enquanto trabalhava no

computador, fazia comida ou — as minhas preferidas — quando já estava deitado na cama, prestes a dormir.

Compartilhar os pequenos momentos fez a nossa intimidade crescer muito nos últimos quinze dias, mesmo à distância. Antônio foi atencioso, não me poupou elogios e não teve nenhuma vergonha em dizer que estava com saudade. Eu, ao contrário, embora tenha percebido meus sentimentos por ele florescerem outra vez, era mais contida. Não fugi, mas tampouco me joguei de cabeça.

A viagem me fez muito bem. Descansei bastante, li um livro que estava na minha lista há séculos e dormi até ficar de cara inchada. Aproveitei a piscina do hotel, passei pela fazenda, conheci os cavalos — fazer carinho nas suas caras compridas foi suficiente para mim. Até fiz amizade com um casal de idosos que estava comemorando trinta e cinco anos de casados. Coisa mais fofa. Saí de lá sentindo-me energizada e nem mesmo o trânsito que enfrentei ao chegar no Rio atrapalhou o meu bom humor.

A primeira coisa que faço ao entrar no meu apartamento é conferir se minhas plantas estão bem. Para a sorte de Luís Fernando, encontro-as sãs e salvas. Deixo a mala em qualquer canto da sala, jogo a bolsa na banqueta da cozinha e abro a geladeira para beber água. Amanhã precisarei fazer compras, porque água é a única coisa lá dentro.

Envio mensagens para Antônio, Luís Fernando e Luciana, avisando sobre a minha chegada. Em seguida, parto para o banheiro, onde tomo um longo e relaxante banho. Enrolada na toalha, paro a caminho do quarto ao ouvir o celular tocar. Um sorriso idiota me escapa quando vejo o nome dele na tela.

— Oi!

— *Como foi a viagem?*

— Tranquila, a estrada estava vazia, mas bastou chegar no Rio para pegar trânsito.

— *O que vai fazer hoje?*

— Pedir comida, já que a minha geladeira está vazia, e ficar em casa. Acabei de tomar banho e só penso em deitar um pouquinho. Fiquei mal-acostumada com a rotina no hotel-fazenda.

Afasto o aparelho do ouvido para conferir se a ligação caiu quando ele não responde, mas a chamada está ativa.

— Antônio?

— *Desculpe. — Pigarreia. — Perdi a linha de raciocínio enquanto te imaginava no banho.*

Meu queixo cai.

— Safado! — Dou risada.

— *Você não pode me falar esse tipo de coisa e esperar que a minha mente não vague por esse caminho.*

— Eu aqui, toda inocente, e você cheio de segundas intenções.

— *Segundas, terceiras e quartas intenções.*

Rindo, levo o polegar à boca para morder a cutícula.

— Mudando totalmente de assunto, como está sendo a recuperação da Jú depois que vocês voltaram para casa?

O período pelo qual Antônio alugou o apartamento acabou três dias atrás e os dois retornaram a Teresópolis, onde Ana Júlia será acompanhada por médicos locais.

— *Está tudo bem, mas só vou ficar em paz depois que os seis primeiros meses passarem sem nenhuma complicação.*

— A Jú é mais forte do que você imagina. Vai dar tudo certo.

— *Ela, de fato, é.* — Após uma pequena pausa, é a vez dele de mudar o tópico da conversa: — *Tenho um convite para te fazer.*

— Qual? — questiono, curiosa.

— *Você ainda tem quinze dias de férias, certo?*

— Hum... Certo.

— *Passe um final de semana comigo.*

A proposta me surpreende. Preciso de um tempo para assimilar as palavras dele.

— *Quando retornar ao trabalho, sua rotina vai voltar a ser corrida e quero muito passar um tempo com você antes disso* — prossegue, diante do meu silêncio. — *Lembre que é um convite, não uma imposição. Só quero que aceite se essa for a sua vontade. Caso ainda não esteja pronta, vou no seu ritmo, como prometi.*

Engulo em seco, com o coração aos solavancos. É claro que desejo ficar com ele, também estou com saudade, mas um fim de semana inteiro em sua casa parece um pouco rápido demais. Não posso esquecer de Ana Júlia. Quando há crianças envolvidas, o cuidado precisa ser redobrado para não as

machucar no caso de uma separação, pois elas tendem a se apegar muito rápido. Especialmente ela, que já precisa lidar com a ausência da mãe na sua vida.

— Vou pensar e, assim que decidir, falo a você — declaro.

The word "Nove" is written in a large, elegant, handwritten script. The letter 'N' is tall and slender, with a long vertical stroke that extends below the baseline. The 'ove' is written in a cursive style, with the 'o' and 'v' connected, and the 'e' ending in a small loop.

LÍVIA

Não pensei em outra coisa nos dias seguintes. Depois de muito ponderar e pedir conselho à Luciana, decidi ir. Como não confirmei que passaria o final de semana, apenas que os visitaria, sempre posso voltar para casa no fim do dia se me arrepender. Por isso, estou, neste exato momento, prestes a cruzar os limites de Teresópolis.

Avisto o pórtico da entrada da cidade, com as mãos suadas pela ansiedade. Não vinha aqui há dez anos, mas talvez seja a hora de construir novas memórias que suplantem as ruins que antecederam a minha mudança. Coloco o endereço que Antônio me enviou no GPS e sigo as coordenadas, observando as modificações ocorridas na cidade.

Antônio me espera na porta de casa. Meu coração se enche de alegria ao vê-lo depois de vinte dias longe. Ele vem ao meu encontro quando saio do carro, com um sorriso tão bonito que espanta todos os meus receios por ter vindo. Sou surpreendida por seu abraço apertado, pelas mãos estreitando a minha cintura e, em seguida, pelo beijo molhado. Pressionada entre o automóvel e o corpo masculino, retribuo com paixão, deleitada com o contato

familiar da sua boca na minha. Antônio enfia os dedos nos meus cabelos, brinca com a língua em movimentos que me arrancam suspiros trêmulos e morde meu lábio inferior. Meu corpo esquenta, queimando onde é tocado por ele, absolutamente reativo aos estímulos.

Aos poucos, o ritmo diminui, embora ainda me encontre trêmula e balançada com o ataque inesperado quando nos afastamos.

— Oi — sussurro, desorientada.

— Senti saudades — confessa, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Percebi — Sorrio. — Uau! Me deu até um calor.

— Então alcancei o meu objetivo. — Aproxima-se para me dar um selinho. — Vamos entrar? Tem alguém ansiosa para te ver.

Aceno, aceitando a mão que estende para mim. A casa dele é bonita. A fachada é pintada com diferentes tons de marrom; o revestimento, que vai até o meio da parede, lembra formas geométricas. Há dois portões brancos, um maior, que provavelmente dá para a garagem, e um menor, pelo qual acabamos de passar. A grama do pequeno jardim é verde e bem-cuidada.

Ana Júlia, sentada no sofá da sala, não esconde a animação em me ver.

— Tia Lívia! Você chegou!

— Espera um pouquinho, Jú — peço, fazendo-a parar no meio do caminho. — Me deixa higienizar as mãos antes de termos contato, certo? Apesar de a senhorita estar se recuperando maravilhosamente bem, faz pouco

mais de um mês que passou por uma cirurgia, por isso precisamos ser cuidadosos.

— *Tá bom.*

Antônio me acompanha ao banheiro, onde lavo bem as mãos, esfrego entre os dedos e levo a espuma até os cotovelos. Percebo que está se divertindo com o meu comportamento.

— Um médico é incapaz de parar de agir como um, mesmo de férias e fora do hospital.

— Fica difícil quando passamos mais tempo sendo médicos do que nós mesmos. — Enxugo as mãos e os braços, voltando à sala.

Retribuo o abraço de Ana Júlia com o coração cheio de carinho. Depois, inclino-me para ficar na sua altura.

— Deixa eu ver como está essa barriga. — Ela levanta a blusa, dando-me uma visão completa da grande cicatriz provocada pela cirurgia. O aspecto está ótimo, muito bem cicatrizado. — Perfeito, Jú! Se continuar assim, logo, logo você vai poder voltar às atividades normais.

— Quero voltar *pra* escola — revela. — Sinto falta dos meus amigos.

— Ah, eu imagino.

— Tia Lívia, agora vem conhecer o meu quarto. — Sou puxada pela mão para o corredor.

Seguindo-a obedientemente, olho para trás e pisco para Antônio, que observa a cena com uma expressão satisfeita.

Pela próxima meia hora, entro de cabeça no mundo do k-pop. Uma parede inteira do quarto dela é coberta por pôsteres do BTS. Sou apresentada — novamente — a cada integrante, bem como à toda sua coleção da banda, que inclui álbuns de figurinhas, *cards*, papéis de carta e até mesmo blusas estampadas com os rostos dos sete rapazes.

Antônio prepara o almoço, enquanto nós duas seguimos conversando. Os sinais do bom pai que ele é estão em cada pequeno ato. Na maneira paciente que interage com ela sempre que é solicitado, no cuidado em fazê-la tomar a medicação no horário correto, nos itens infantis que não se incomoda que estejam espalhados pela casa e que deixam claro que aqui vive uma criança feliz e amada.

Comemos em um clima leve e descontraído. Ficou claro, desde as panquecas que provei no Rio, que Antônio aprimorou os dotes culinários ao longo dos anos. Insisto em lavar os pratos, já que ele cozinhou e, mesmo resistente, acaba cedendo.

À tarde, assistimos a um filme na televisão a cabo. Ana Júlia adormece na metade. Após levá-la para o quarto, Antônio e eu ficamos sozinhos pela primeira vez no dia. Ele se deita com a cabeça no meu colo, a mão fazendo carinho na minha perna, enquanto a minha sobe até os cabelos pretos para um cafuné.

É como ter um *déjà vu*. Quantas vezes ficamos exatamente assim quando namorávamos? Ele sempre amou se deitar no meu colo, bem como eu amava acariciar seus fios grossos e sentir a textura deles na palma da mão.

— Estou feliz por você ter vindo, Livia — murmura, virando o rosto para me olhar.

— Também estou feliz por ter vindo.

Não sei em que momento acabei cochilando, mas acordo com a sensação de estar levitando. Pisco os olhos no instante em que Antônio me deita em um lugar macio. Encaro-o, precisando de uns segundos para me orientar.

— Você ainda tem a péssima mania de adormecer antes do final dos filmes — diz, sorrindo, e esfrega a ponta do nariz no meu.

— E o senhor se aproveitou da minha fraqueza para me trazer para o seu quarto, né?

O sorriso dele aumenta, assim como as batidas do meu coração. Ele sobe no colchão, o corpo forte cobrindo o meu.

— Você na minha cama é a realização da minha maior fantasia sexual.

— Sua cara nem arde! — Tento brincar, embora precise engolir em seco devido à comichão que ameaça me consumir.

Perco o fôlego quando Antônio abaixa a cabeça e pousa os lábios na curva do meu pescoço. A barba arranha a pele, provocando arrepios. Inspira fundo, parecendo inebriado pelo meu cheiro, e desliza nariz e boca pela região. A mordida no lóbulo da minha orelha me arranca um gemido fraco. Aperto seus braços, querendo trazê-lo para ainda mais perto.

A cara do descarado, de fato, não arde, mas o meu corpo, em compensação... Misericórdia! Parece prestes a entrar em combustão. O homem sabe o que faz.

Agarro seu cabelo, trago seu o rosto para cima e mato a vontade da sua boca. Antônio vem sem reclamar, afunda a língua na minha e toma o controle do beijo sem pedir permissão. Enfia um braço por trás da minha cintura, enquanto o outro me segura firme atrás do pescoço para fazer o que quiser comigo.

Sua ereção pressiona a minha barriga, minhas unhas marcam sua pele e nossos gemidos e respirações se fundem. O barulho dos beijos consecutivos eleva o meu desejo de maneira absurda.

— *Tia Livia, onde você está?*

Congelo no lugar, precisando de uns segundos para trazer a cabeça de volta à Terra. Quando o faço, empurro Antônio pelo peito com tanta força que ele quase cai da cama. Sento-me depressa, ajeitando o cabelo e as roupas, com medo de que Ana Júlia entre no quarto sem avisar e perceba o que quase aconteceu aqui. Antônio geme e afunda no chão, a cabeça enterrada no travesseiro.

— Como ela quer ter irmãos desse jeito? — resmunga, as palavras abafadas.

— Estou aqui, Jú! — Minha voz soa alta e esganiçada demais. Pigarreio duas vezes e me levanto ao mesmo tempo em que a porta do quarto é aberta. — Seu pai estava, hum... Me mostrando o quarto dele também.

— É bem sem graça, né? Nem tem decoração direito. O meu é muito mais legal — afirma, alheia ao meu constrangimento. — Você vai dormir comigo, tia Livia? Já escolhi um lençol e um travesseiro *pra* você. A minha cama vira duas, sabia? É só puxar a parte de baixo. A gente pode fazer uma noite das meninas.

A este ponto, está claro que nenhum dos dois pretende me deixar ir embora hoje. Para ser honesta, também quero ficar.

— Claro que vou! Vai ser a minha primeira noite de pijamas em muitos anos — digo, mais relaxada.

Antônio ergue a cabeça em uma velocidade impressionante e me encara como se eu fosse a maior traidora do mundo. Ele queria o quê? Não sei negar nada a uma criança.

— Oba! — Ana Júlia comemora, sem dar a menor importância ao sofrimento pai.



O domingo passa voando. A tristeza vai tomando conta de mim conforme o horário de ir embora se aproxima. Um dia e meio na companhia deles foi tudo que precisei para cair de amores — ainda mais — pelos dois. Antônio e Ana Júlia também parecem desanimados. Tento sorrir para amenizar o clima, mas não funciona.

— Não queria que você fosse! — Júlia me abraça pela cintura, e meu coração pesa.

— Prometo que nos veremos em breve, gatinha — digo, brincando com a trança que fiz no cabelo dela pela manhã.

— Promete mesmo? De verdade?

— Promessa do dedinho. — Estendo o mindinho para ela, que enrosca o seu nele.

Antônio me acompanha até o carro, todo calado. Abre o porta-malas para colocar a pequena bolsa de viagem que eu trouxe e depois vem ao meu encontro.

— Vou confessar que estou tentado a fazer o mesmo que a minha filha e te pedir para ficar.

Sorrio, enlaçando seu pescoço com os braços.

— E eu te responderia a mesma coisa: nos veremos em breve.

Ele acena, a contragosto, e me beija com carinho. Um longo e demorado beijo, que me toca profundamente.

— Dirija com cuidado — pede, abrindo a porta para mim.

— Assim que chegar, te aviso, está bem?

Dou partida no carro com o coração apertado e lágrimas nos olhos. Pelo retrovisor, vejo-o de pé, no mesmo lugar em que o deixei, com as mãos nos bolsos da calça de moletom, olhando-me desaparecer de vista.

A maneira como me sinto arrasada por me afastar dele é a prova cabal de que estou completamente envolvida com Antônio outra vez.



LÍVIA

— Ah, ele é tão lindo!

Ao meu lado, Antônio ri, provavelmente porque é a milésima vez que repito a frase no último minuto. Com a cara enfiada no vidro do berçário, admiro Davi, meu afilhado, dormir como um anjinho.

Eu estava prestes a pegar a estrada para Teresópolis, onde passaria dois dias com Antônio, quando Luciana me ligou avisando que a sua bolsa havia estourado uma semana antes da data prevista para o parto. Enquanto corria para o hospital, liguei para o meu namorado e informei sobre a mudança de planos, e ele, como o príncipe que é, veio me encontrar e visitar a mais nova mamãe do pedaço e sua cria.

— Fala sério, Antônio, olha só o tamanho daquelas mãozinhas! Dá vontade de morder dedo por dedo. E o nariz? Parece uma obra de arte de tão pequeno e arrebitado! — Suspiro, consciente de que estou fazendo aquela voz retardada, típica de quando falamos com crianças e filhotes de cachorro. — O útero até coça.

Sua risada rouca aumenta, e a mão grande toca a minha barriga, colando o peito às minhas costas, abraçando-me por trás.

— Sinto informar, mas se quiser um para você, vai ter que colocar uma aliança na minha mão esquerda. Sou um homem de família e meu próximo filho nascerá dentro do sagrado matrimônio.

Encosto a cabeça em seu peito e dou risada, cada vez mais apaixonada pelo seu senso de humor e capacidade de me fazer sorrir. Acho que me diverti mais nesses dois meses de namoro do que na última década. Giro em seus braços para ficarmos frente a frente.

— Pode deixar. Já que é um homem de família, vou providenciar um pedido de casamento irrecusável. — Entro na brincadeira.

— Não ouse me roubar este momento. Já tenho tudo planejado. Vou te fazer ficar tão apaixonada por mim que, quando *eu* te pedir em casamento, você não conseguirá dizer não.

— Bobo! — Fico na ponta dos pés para colar nossas bocas em um selinho e viro-me de volta ao pacotinho embrulhado à minha frente. — Ele é tão lindo!

— E lá vamos nós! — resmunga Antônio, mas sua incapacidade de parar de sorrir mostra o quanto está gostando de me ver babando no bebê.

Depois de ver a Lu, que parece exausta, mas feliz como nunca na vida ao lado de Ricardo, saímos do hospital. Antônio sugere que eu deixe o meu carro em casa e sigamos no dele para Teresópolis, que ele me trará de volta na segunda bem cedo, e eu aceito. Acomodados no seu sedan preto, pegamos a estrada com as músicas de Bruno Mars como plano de fundo.

— Eu já estou, sabe? — Ele desvia a atenção da estrada para mim. — Apaixonada por você.

Seus olhos castanhos profundos se estreitam, e os lábios entreabrem, porém nada sai deles. Sinto-me satisfeita por tê-lo chocado.

— Sabe por que me disse isso enquanto estamos numa rodovia onde não tem acostamento? Porque sabe o que aconteceria se eu colocasse as mãos em você neste instante para mostrar o quanto gostei dessa declaração.

— É bom ser eu que te deixo sem palavras, só para variar um pouco, já que você vive fazendo o mesmo comigo.

Antônio entrelaça nossos dedos, leva minha mão à boca e beija o dorso com carinho, com o olhar cheio de promessas.

Cerca de uma hora e meia depois, chegamos ao nosso destino. A casa está estranhamente silenciosa, pois Ana Júlia dormirá na casa da avó hoje pela primeira vez. Os três primeiros meses pós-cirurgia, os mais perigosos para os transplantados, passaram sem nenhum problema.

Estranho encontrar a mesa posta, perfeitamente arrumada e linda, com um pequeno jarro com rosas vermelhas no centro, enfeitando-a. Busco Antônio, questionando-o com o olhar.

— Como é a primeira noite que passaremos sozinhos, quis preparar algo especial. — Coça o queixo, parecendo um pouco envergonhado. — Pensei em pedir comida no restaurante que você gosta.

— Ah, que fofo! — Aperto suas bochechas. — Comprou até flores?

— Você ainda gosta de rosas vermelhas?

— Adoro.

— Que bom. — Solto um gritinho ao ser erguida no colo sem mais nem menos. — Caso contrário, seria bem estranho fazer isso — diz, enigmático, caminhando para o seu quarto.

Quando ele me coloca de pé, ao lado da cama, e liga o abajur, entendo o que quis dizer. Meu queixo cai, os olhos passeando pela cama coberta de pétalas de rosas vermelhas. Volto a encará-lo, tocada demais com o seu cuidado.

— Essa era a primeira vez que eu queria te dar há dez anos. — Passa o polegar pelo meu queixo, então, sobe para a boca, onde o desliza suavemente de um lado para o outro. — Estou uma década atrasado, mas o desejo de fazer ser especial para você continua o mesmo.

Recebo o beijo suave com o coração disparado, cheio de amor. Dou passagem para a sua língua explorar a minha boca, subo as mãos por baixo da blusa e acaricio as costas largas, sentindo como os músculos definidos se enrijecem diante do meu toque.

Antônio me puxa para mais perto, abandona minha boca para beijar o pescoço e desliza a língua na parte sensível, cobrindo-me de arrepios. Ofego quando morde meu ombro, as mãos fortes erguendo minha blusa até tirá-la. Ele toma um tempo me admirando, a respiração tão descompassada quanto a minha.

— Deita — pede com a voz rouca.

Ansiosa e trêmula, obedeço. Sem quebrar o contato visual, ele tira as minhas sapatilhas uma de cada vez; em seguida, faz o mesmo com a calça jeans. Respira fundo enquanto seus olhos passeiam por meu corpo coberto

apenas com a *lingerie* preta. Não sinto vergonha ou qualquer receio, e sim uma satisfação imensa ao reconhecer os sinais de admiração em seu rosto.

Aceito o peso masculino sobre mim de bom grado. O beijo se torna mais desesperado, carnal, molhado. Antônio parece não saber onde manter as mãos, tocando-me em todos os lugares ao mesmo tempo, arrepiando cada pelinho do meu corpo. O sutiã é a próxima peça a desaparecer, e eu grito quando suga meu seio, brincando com o mamilo de forma torturante. Seus dedos se livram da minha calcinha e não demoram a descobrir como estou excitada.

Nosso contato é quebrado exclusivamente para que ele arranque as próprias roupas, proporcionando-me um espetáculo que nunca serei capaz de esquecer. Seu corpo é lindo, bronzeado pelo sol, com alguns pelos sobre o peito. Para a minha tristeza, não tenho o tempo que gostaria para apreciá-lo, porque Antônio não demora a me cobrir, desta vez sem nada entre nós. O atrito entre as peles nuas me leva à loucura, e esqueço todo o resto.

Posicionado entre minhas pernas, ele ergue o tronco para me observar, ambas as mãos ao lado da minha cabeça.

— Sou louco por você, meu amor. Sempre fui.

Eu me derreto todinha com a declaração. Aliso seu rosto, querendo congelar este momento para jamais esquecer nenhum detalhe.

— Então me faz sua — sussurro.

E ele faz.

O encaixe é perfeito, prazeroso, como se os nossos corpos tivessem sido feitos um para o outro. Enlaço seus quadris com as pernas, recebendo-o

por inteiro, engolindo seus gemidos e dando-lhe os meus. Arranho seus ombros, mordo sua boca, e ele responde aumentando a velocidade com a qual se enterra dentro de mim. A sensação das pétalas macias em contato com minha pele é muito gostosa, assim como o cheiro que elas exalam, tornando tudo mais intenso.

Em um movimento ágil, ele me vira de lado, eleva a minha perna e volta a me penetrar por trás. A mão livre venera meus seios, apertando-os com vontade. Minha nuca recebe beijos, chupões e mordidas.

Ouvir os gemidos grossos ao pé do ouvido me leva ao limite em minutos. Sinto os primeiros sinais do ápice, o formigamento no baixo ventre que, pouco a pouco, espalha-se para as extremidades dos membros. Aperto seu braço e grito, dona de mim e do meu prazer.

Afetado pela minha reação, Antônio não demora a chegar ao próprio orgasmo, apertando-me com firmeza, cada músculo ficando rígido enquanto tremores o assolam.

Sonolenta e satisfeita, não resisto quando me puxa para me deitar em seu peito. Passo uma perna por cima da dele, e Antônio nos cobre com o lençol, acariciando meu braço com as pontas dos dedos.

Nenhum de nós fala nada. Não há necessidade. Seu coração batendo descontrolado sob meu ouvido é a única coisa que preciso ouvir.

Adormeço com a sensação de que, finalmente, estou em casa.

Epílogo

ANTÔNIO

Acordo sentindo a falta de Livia ao meu lado. Seu lado da cama está frio, o que significa que faz um tempo que levantou. Pego o celular na mesa lateral para olhar a hora. Sete da manhã. Ela não costuma acordar cedo no domingo, especialmente quando não está de plantão.

Entro no banheiro para aliviar a bexiga e escovar os dentes antes de ir procurá-la, mas uma caixa branca em cima do meu travesseiro, que não estava lá há alguns minutos, intriga-me. O quarto continua vazio, sem sinais de quem a colocou ali. Seguro-a, intrigado, e desato o laço amarelo para conferir o conteúdo. Meu cérebro, ainda sonolento, demora a processar o que vejo.

Há um minúsculo par de sapatos brancos.

Paralisado, mal consigo girar o corpo quando a porta é aberta e as duas entram. Ana Júlia, aos treze anos, veste uma blusa com a frase “Promovida à irmã mais velha” e segura o que parece ser um lança confetes.

— Parabéns, pai! — exclama, animada, abrindo o objeto, que faz um

barulho e jorra pedaços de papéis coloridos direto na minha cara.

Atordoadado, encaro Livia, que me observa em expectativa e com um enorme sorriso nos lábios.

— Você está grávida, amor?

Confirma, com os olhos cheios de lágrimas. Saio do meu estado de torpor para abraçá-la apertado, feliz demais. Ela parou de tomar o anticoncepcional há dois meses, mas nenhum de nós esperava um resultado tão rápido. Estico o braço para Ana Júlia e puxo-a para o meio abraço. A menina, é claro, reclama, afinal, está passando por uma fase insuportável de achar que é grande demais para demonstrações de afeto.

— Descobriu quando? — pergunto, limpando seu rosto, enquanto ela tira papéis coloridos do meu cabelo.

— Semana passada, mas como estava perto do dia dos pais, decidi esperar para fazer uma surpresa. Só a Jú sabia.

— Esse é o melhor presente que eu poderia ganhar — digo, beijando-a.

— *Ihhh*, já vão começar com a *beijação* — reclama Ana Júlia. — Já fiz a minha parte, agora vou me mandar. Pai, feliz dia dos pais! Estou muito animada em ter um irmão ou irmã, mas você demorou muito *pra* providenciar. Agora sou praticamente uma adulta. Tchau!

Livia começa a rir com a boca colada à minha, e eu viro o pescoço a tempo de ver minha filha desaparecer pelo corredor.

— Adulta? — grito, tentando soar sério. — Um dia desses você ainda

usava fraldas, garota! — bufo. — Demorei *pra* providenciar... Era só o que me faltava. O que está acontecendo com essa menina?

Ainda rindo, Lívia diz:

— Está crescendo. Rápido demais para o meu gosto, inclusive. Mas pensa pelo lado positivo, amor. Em alguns meses, vamos ter um bebê em casa para equilibrar as coisas. Teremos o melhor dos dois mundos. Que a gente não enlouqueça, amém!

Passo os dois braços na sua cintura para abraçá-la novamente, erguendo-a alguns centímetros do chão.

— Obrigado por tudo, linda.

— Você está feliz?

— Muito. E você?

— Feliz e apavorada na mesma medida — confessa, afundando o rosto no meu pescoço. — Preciso aprender a ser mais firme antes de esse bebê nascer, ou ele vai fazer de mim gato e sapato.

Dou risada, sem poder contestá-la. Lívia é uma mãe incrível para a Ana Júlia, mas tem sérios problemas em dizer “não” e impor limites. A primeira vez que precisou repreender a menina, foi chorar escondida no quarto depois, sentindo-se péssima.

— Você vai encontrar o próprio jeito de fazer dar certo, amor. Estou aqui para te ajudar no que for preciso.

— Mas já melhorei muito, não acha?

Arqueio uma sobancelha, incrédulo.

— Três meses atrás, você deixou a Júlia te convencer a levá-la nos dois shows do BTS no Rio. Vocês ficaram horas e mais horas na fila.

— Ai, Antônio! — Revira os olhos. — Você tem que entender que nem precisei de muito para aceitar a proposta, já que eu mesma queria ver os meninos de novo. Aceite que a sua esposa de trinta e dois anos se rendeu aos encantos dos coreanos.

Eu a aceito do jeitinho que ela é, com todas as qualidades, defeitos e manias. Há quatro anos juntos, três deles casados, aprendi a amar cada nuance dessa mulher com uma intensidade que assusta. A minha vida ficou completa quando nos reencontramos, como se Lívía fosse a peça do quebra-cabeça que faltava.

Namoramos por um ano em cidades diferentes, até que a pedi em casamento, disposto a me mudar para o Rio por ela. Entretanto, Lívía decidiu que seria melhor para a nossa família ficar em Teresópolis, pois queria que Ana Júlia e nossos futuros filhos crescessem em uma cidade mais tranquila. Tive receio de que fosse se arrepender, afinal, seu trabalho, irmão e melhor amiga estão no Rio, mas nada daquilo foi um problema. Ela os vê com frequência, pois apenas uma hora e meia nos separa da capital. E conseguir um trabalho, sendo a profissional competente que é, foi rápido.

— Eu te amo, linda — digo, alisando o rosto bonito.

— Também te amo. Nosso filho, assim como a Jú, é sortudo por ter você como pai.

— E eu sou o filho da puta mais sortudo por você ter me escolhido para ser o seu marido.

Ela fica na ponta dos pés para me beijar, demonstrando o tamanho da minha sorte.

Todos os dias agradeço às segundas chances. E por Livia acreditar nelas.

país
DO ANO

Natália Dias

HUGO

Sinopse

Após perder a esposa, Hugo se fechou para o amor e para os filhos. O pai amoroso se tornou ausente por não saber lidar com perdas e não percebe o quanto Alexandre e Aline sentem sua falta.

Em torno dos três, está Amanda. A inocente e forte babá é treze anos mais nova que o Hugo e sempre nutriu uma admiração e uma paixão platônica pelo patrão, mas nunca fez nada mais do que admirá-lo de longe, respeitando seu luto.

Quando ele finalmente nota sua presença, ela não consegue controlar o turbilhão de sentimentos que a domina, mas não está disposta a ser usada como um caso secreto e sem importância.

Agora, Hugo precisa recuperar sua família e o amor de seus filhos, e aprender a abrir novamente seu coração se não quiser perder sua segunda chance de ser feliz.

Prólogo

AMANDA

Dois anos antes

Olhar para Ester ali deitada naquela cama fazia com que eu me lembrasse do triste dia em que perdi minha mãe, dona Rebeca, a única pessoa que eu tinha de importante na vida.

Aquele dia ainda martelava na minha mente seguidamente, despedaçando meu coração. Eu tinha esperanças de que ela se recuperasse da doença maldita, mas não foi o que aconteceu. A luz da minha vida, meu porto seguro e minha fortaleza, me deixou sozinha no mundo aos vinte anos. Quer dizer, se um pai ausente e alcoólatra conta como “alguém”. Não conto com ele para nada. Nunca contei.

Quando a perdi, eu não era uma pessoa forte — ainda não sou —, mas a dor faz com que sejamos forçados a amadurecer e a nos manter de pé. É isso ou nos afundarmos na tristeza. E eu me recusava a deixar de viver. O maior sonho da minha mãe era que eu vivesse como se não houvesse amanhã. Mesmo enquanto estava prostrada em uma cama, dona Rebeca se preocupava com a minha felicidade.

— Amanda, pode vir aqui um instante, por favor? — Escutei a voz

fraca e rouca de Ester, minha patroa que se tornou minha amiga e confidente.

— Está precisando de algo? — perguntei, aproximando-me rapidamente de sua cama.

Era triste olhar para a mulher linda ali, definhando dia após dia. Mais triste ainda era olhar para os porta-retratos espalhados pela casa e perceber que a bela morena de olhos quase cinza jamais iria se recuperar. Assim como minha mãe não se recuperou.

— Só me escuta um pouco — falou baixo, como se quisesse compartilhar um segredo comigo. — Você está mais careca que eu de saber que não estarei aqui por muito tempo. Preciso que me prometa uma coisa.

— O que quiser... — eu disse, segurando as mãos geladas com força, sentindo o coração apertado por me lembrar do passado não tão distante da minha vida.

Era horrível perder as pessoas que gostávamos. Pensar que Aline e Alexandre logo estariam sem a mãe me fazia querer colocá-los em uma caixinha de proteção, impedindo que o sofrimento do mundo os abalasse. Eles não mereciam sentir tamanha dor sendo tão novos assim. Eu sabia como era o sentimento e não desejava aquilo para ninguém.

— Eles precisarão de você. Não apenas meus filhos, mas o Hugo também. Ele não sabe viver sem mim... ainda. Preciso que você o ensine, Amanda. Acho que irá demorar um pouco para meu marido se abrir para a vida novamente, mas conto contigo para que isso aconteça. — Ela secou uma lágrima e sorriu fraco para mim, apertando meus dedos com a pouca força que tinha. — Meu marido sabe ser rabugento, você deve ter percebido, mas tem o coração frágil e puro que você pode conhecer. É fiel, carinhoso e

companheiro, mas não sabe lidar com perdas. Nunca soube. Cuida dele para mim? Cuide dos nossos filhos enquanto Hugo se recupera.

— Ester...

— Pode parecer absurdo, Amanda, mas não quero que ele sofra com isso. Não quero que fique sozinho. Já me dói... — Ela parou de falar e soluçou, mordendo os lábios com força para não chorar mais. Não aguentei. Desabei no seu colo, assim como fiz com minha mãe quando estava perto de falecer. Naquele momento, senti como se Ester fosse mesmo dona Rebeca. — Já me dói não estar aqui para meus filhos. Irei perder todos os momentos importantes da vida deles. Por favor, esteja lá.

— Farei o possível para isso.

Apertei-a com força, agradecendo silenciosamente pela chance que aquela mulher me deu.

Assim que minha mãe faleceu, não hesitei em sair de casa e me enfiar em uma quitinete. Na época, trabalhava como recepcionista em um hotel, mas o salário não era bom o suficiente para sustentar uma casa sozinha, então uma amiga me indicou o emprego de babá. No início, desconfiei, porque o salário era bem maior do que o normal, mas depois que fiz a entrevista descobri que era porque exigia dedicação quase integral. Com Ester doente e o Hugo com o trabalho como policial, as crianças necessitavam de cuidado o dia inteiro. Foi um alívio quando ela me falou que teria um quarto para mim na casa.

Ester me salvou de morar na rua sem saber, pois de jeito nenhum que eu moraria com o homem que a sociedade diz que é meu pai. Senti-me imediatamente acolhida por ela. Não posso dizer o mesmo de Hugo, porque o homem não pareceu gostar muito de mim quando cheguei. Estava sempre

mal-humorado, com uma carranca enorme. Eu só o via sorrindo quando estava com os filhos e com a esposa. Nunca me destratou, mas não fez questão de aproximação nenhuma. Não pude deixar de ficar encantada com a forma carinhosa como cuidava da sua família.

— E Amanda... Vejo o jeito que olha para ele. Saiba que vocês têm a minha bênção. Depois que ele chorar um pouquinho, claro. — Arregalei os olhos, não sei se pela ideia absurda ou se pelo fato de ela brincar com isso.

— Ester! — repreendi, levantando-me do seu colo com os olhos arregalados. — Eu... jamais faria isso. Você me ofende falando assim.

— Desculpa, não foi minha intenção. Não precisa se envergonhar. Já fui jovem também, esqueceu? Sentia atração por homens mais velhos, até conhecer Hugo. Quando o conheci, nós tínhamos vinte anos, a sua idade. Ele ficou ainda mais lindo agora com seus trinta e três, devo admitir. Eu sei que você é encantada por ele, como também sei que Hugo pode se apaixonar por você caso se permita amar de novo.

Sentia meu rosto quente. Não iria mentir que o homem era bonito mesmo. Quando o vi pela primeira vez, só consegui abaixar a cabeça de vergonha, principalmente pelo olhar intimidador que recebi dele. Se juntar o fato de que estava fardado, todo sério, com a mão no coldre, eu deveria ter saído correndo naquele momento.

— Eu não gosto dele dessa forma. Respeito vocês dois. Não vou negar a beleza que tem, mas...

Achei que iria morrer de vergonha, mas ela riu e secou as lágrimas do rosto.

— Admiro a sua ingenuidade, Amanda. Mas não me esqueci da

minha promessa. Promete que irá cuidar dos três para mim.

Suspirei e voltei a apertar sua mão. Eu a entendia mais do que ninguém. Podia imaginar como deveria ser desesperador saber que sua vida terminaria a qualquer momento, que abandonaria sua família e que os faria sofrer sem ter escolha. Via isso nos olhos da minha mãe. Via o quanto a machucava ter que ser forte o tempo inteiro para não me desestabilizar.

Foi exatamente isso que me fez dizer as três palavrinhas que não imaginava que iriam mudar minha vida.

— Eu te prometo.

A stylized, handwritten signature in black ink. It features a large, sweeping 'U' shape on the left, followed by a vertical line and a small, cursive 'm' on the right.

HUGO

Não me lembro de quando foi a última vez que tirei um mês completo de férias. Sinto-me até estranho, meio perdido. Confesso que não queria, mas tinha muitos dias para vencer e fui forçado a isso. Gosto de trabalhar, foi a única coisa que me manteve são nos últimos dois anos.

Sento-me na cama e abro um sorriso fraco para o porta-retratos na mesa de cabeceira. Ester... Minha doce Ester, que não saiu um dia sequer da minha mente desde que faleceu.

Sempre soube, desde que a conheci, há muitos anos, que aquela mulher cheia de personalidade não sairia da minha cabeça. E comprovei de forma dolorosa que estava certo.

— Ainda amo você, meu amor. Sinto tanto a sua falta. Tanto... — sussurro para a foto do nosso casamento, um dos dias mais felizes das nossas vidas.

Minha esposa estava radiante, como sempre. Mesmo contra a vontade dos meus pais, nós nos casamos novos, depois de apenas três meses de

relacionamento. Nós nunca nos importamos com as opiniões alheias, principalmente Ester. Ela era fogo. Dona de uma personalidade hipnotizante, contagiante. Era cheia de vontades, batalhadora e esforçada. Foi impossível não me apaixonar e pular de cabeça naquele relacionamento.

Até ela me deixar sozinho com dois filhos.

Ainda dói tanto.

O simples fato de não me lembrar mais direito da sua voz e precisar ouvir áudios para relembrar me despedaça. Olhar para suas fotos me faz recordar dos detalhes do seu rosto, mas estou perdendo pequenas lembranças devido ao tempo. Como a expressão tão única que fazia sempre que discordava da opinião alheia, mas estava se segurando para não dizer nada. Como o bico gigante que fazia sempre que estava com raiva.

Sinto que morri junto com ela.

Eu me tornei alguém que nunca achei que me tornaria: uma pessoa fria, indiferente, triste e sem perspectiva. Também me tornei um péssimo pai. E essa é a parte que mais me machuca.

— Pai? — Ouço o chamado de Aline do outro lado da porta, mas não respondo de imediato porque não quero que ninguém me veja chorando. Principalmente meus filhos. — Papai?

— Seu pai ainda está dormindo, Ali. Vamos tomar café — diz Amanda, a babá, com a voz doce.

Quase posso sentir o tom de pena na sua voz. Não tenho sido uma boa pessoa para ninguém nos últimos dois anos. Para ela, então, nunca fui desde que chegou.

É difícil olhar para meus filhos e ver que eles temem se aproximar de mim, provavelmente por medo do meu estresse frequente.

Alex desistiu de se aproximar. Ele provavelmente me odeia. Está com doze anos, na fase em que tudo é motivo para rebeldia. Imagino agora que, de fato, tem motivos para isso. Aline ainda tenta. A doce menina de seis anos busca atenção constante e pergunta sobre a mãe direto, mas me dói falar nela. Sempre evito o assunto, conseqüentemente, também evito estar perto dela.

Ando até o banheiro da suíte e tomo uma ducha rápida, pensando que o próximo mês não será fácil. Hoje é apenas o primeiro dia das férias, em pleno sábado, e já estou desesperado só por imaginar que terei minha falecida esposa na cabeça vinte e quatro horas.

Encaro a aliança de ouro no meu dedo anelar, e as lembranças me invadem a mente.

— Promete que cuidará de mim para sempre? — a voz risonha gritou, enquanto eu fazia cócegas nas suas costelas.

— Só se você me prometer que me dará risadas maravilhosas como essa todos os dias — provoquei, enquanto Ester se debatia na cama, tentando escapar dos meus dedos ligeiros e insistentes.

— Eu prometo! Para, Hugo! Você vai me deixar toda roxa!

Gargalhei com ela, que me encarou com um amor que nunca tinha visto nos olhos de ninguém.

Ester tinha um jeito muito direto de demonstrar tudo o que sentia.

Era muito fácil decifrá-la por completo.

Aperto os olhos para fugir das íris acinzentadas que me machucam sempre que decidem aparecer na minha cabeça.

Saio do banheiro e volto para o quarto. Enrolo o máximo que consigo antes de finalmente sair dali. Ouço o barulho na cozinha e ando até lá devagar. Mal chego ao cômodo, e Aline salta da cadeira com um gritinho animado.

— Papai! Sabia que você tinha acordado. Eu ouvi! — ela grita, e me agacho quando gruda na minha perna.

— Bom dia, princesa. Dormiu bem? — Acaricio os cabelos negros, colocando-os para trás da orelha enquanto ela me fita com carinho. Tão aberta e transparente quanto a mãe. Os olhos acinzentados são iguais e reveladores da mesma forma.

Que tipo de homem me tornei ao sentir o coração partido ao olhar para a própria filha? A pequena é a mãe por inteira, inclusive o gênio.

— Dormi. A tia Amanda contou uma história para mim depois que eu tive um sonho ruim. Queria que você contasse, mas ela me disse que não podia porque estava cansado.

Olho para Amanda, que arruma o café da manhã dos dois, e ela me lança um olhar que, ao contrário do que eu espero, não tem julgamentos. Não cheguei exatamente cansado ontem. Eu me embriaguei com colegas do trabalho depois que os sentimentos ficaram difíceis demais dentro do meu peito.

Não me orgulho disso.

— Bom dia, Amanda — falo com ela, que abre um sorriso pequeno e tímido.

Quando me solto da minha filha e ela vai até a cadeira em que estava sentada, eu me sento à mesa, de frente para Alex. Percebo seu olhar indiferente enquanto encara o pão à sua frente e decido tentar puxar assunto.

— Tudo bem, filho? — pergunto. Amanda olha de mim para o menino, como se estivesse surpresa.

— Estou de boa — ele responde sem olhar para mim.

— Como está na escola?

Ele dá de ombros e come o pão rapidamente, como se estivesse com pressa de sair da mesa.

— Nenhuma novidade? — insisto, e ele bufa, soltando uma risada que não condiz com a idade que tem. É sarcástica demais para isso. Madura demais. Lembro-me de mim imediatamente quando tinha a sua idade.

Observo minha filha me olhando de um jeito triste e abaixando a cabeça logo em seguida para fitar os pés. Vejo medo nos seus olhos e não sei explicar exatamente do que.

— O que vocês acham de a gente sair para tomar um sorvete mais tarde? Hoje o dia está bonito — pergunto, tentando puxar um assunto que ele goste.

Noto Amanda mordendo o lábio e fazendo uma careta disfarçada. Não entendo, mas logo a explosão de Alex vem para esclarecer tudo.

— Não sei se você sabe, mas eu não posso mais tomar sorvete. Intolerância, lembra?

Arregalo os olhos pelo pequeno detalhe que esqueci, e Alex se levanta da mesa, arrastando a cadeira com tudo. Aline faz um bico de choro, e seus olhos se umedecem rapidamente.

— Alexandre, volta aqui! — brigo, mas ele não para, fingindo não me escutar. Não demoro a ouvir a porta do seu quarto batendo com força e sendo trancada logo em seguida.

Encaixo a cabeça nas mãos e vejo que Amanda se levantou da mesa para confortar minha filha. Ela sussurra palavras carinhosas para a pequena, que não demora a se acalmar com a voz tranquila da babá.

— Acho que se o senhor insistir mais, ele cede. Alex sente sua falta. — Levanto a cabeça ao ouvir a voz dela e não sei por que, mas fico com raiva.

Com raiva de ter perdido minha esposa cedo.

Com raiva de precisar conviver com o luto, por não conseguir sair dele.

Com raiva por ter me transformado em um pai de merda quando deveria ter sido o apoio dos meus filhos.

Com raiva da babá saber mais sobre como eles se sentem do que eu.

Não respondo Amanda e me levanto da cadeira de um jeito brusco. O objeto cai no chão, mas não volto para pegá-lo. Ouço o gritinho de susto da minha filha e só tenho tempo de pegar a chave da moto de cima da mesa e a

arma no coldre em cima da estante da sala.

Mal a porta da garagem abre e saio em disparada pelas ruas. Abaixo a viseira do capacete e acelero, sem me preocupar com o trânsito ao redor, sem me preocupar com a alta velocidade em que estou e com o protesto dos motoristas ao redor. Só acelero.

Piloto sem destino por muito tempo, somente pelo prazer e pelo esquecimento momentâneo que tenho. O vento gelado contrasta com o sol quente da manhã e me traz uma sensação gostosa que sempre adorei.

Antes que me controle, meus sentidos me guiam em direção à casa da minha irmã mais nova. Sei que ela ainda não saiu para o trabalho. Preciso de alguém neste momento.

Ela aparece no portão assim que ouve o barulho da *Harley* parando em frente à sua casa. Seus olhos se arregalam ao me ver, porque, honestamente, não me lembro de quando foi a última vez que estive aqui.

— Gugo, está tudo bem? — Sorrio pelo apelido que me chama desde que a pirralha aprendeu a falar.

— Oi, anã. — Desço da moto, tiro o capacete e abro um sorriso falso, andando até ela para abraçá-la.

Hallana é uma mulher alta, mas amo encher o saco dela desde sempre, porque mesmo que seja grande, meu um metro e noventa faz com que ela pareça baixa perto de mim.

Algumas pessoas acham que somos irmãos gêmeos, e até consigo ver a semelhança enquanto ela me encara com essa expressão de pateta. Os cabelos castanhos, como os meus, estão presos em um rabo de cavalo grande.

Os olhos esverdeados estão arregalados de medo.

Ao invés de me sentir melhor por sua presença, só me sinto culpado, porque Hallana foi mais uma das pessoas importantes que afastei da minha vida.

— Está tudo bem, pode tirar essa cara de bocó — provoco de brincadeira, mesmo sentindo um bolo na garganta.

As coisas estão longe de estarem bem, e o que mais amo em Hallana é que não preciso dizer com palavras para que ela saiba disso.

Minha irmã caçula me arrasta para dentro de casa pela mão, mal esperando que eu tire a chave da moto. Sinto cheiro de limpeza assim que coloco os pés ali, e meu coração se aperta ao ver o porta-retratos dela e de Ester no raque baixo da sala de estar. As duas eram melhores amigas.

— Quer café? — pergunta, indo até a cozinha. Eu respondo um “sim” gritado e me sento no sofá, apertando os dedos.

Não sei o que vim fazer aqui, sinceramente. Nunca fui o tipo de cara que desabafa, que expõe sentimentos para ninguém. Nem mesmo com Ester conseguia fazer isso. Era um dos motivos que sempre a fazia brigar comigo. Eu remoía um problema sozinho, sem buscar a sua ajuda. Ela ficava louca da vida e sempre gritava aos quatro ventos que para um relacionamento existir deveria haver diálogo e comunicação além de amor e afeto.

Que saudade da minha mulher até mesmo brigando comigo.

— Está quentinho.

Hallana volta rapidamente da cozinha e estende a xícara para mim.

Agradeço e não tenho coragem de olhá-la.

— Confesso que estou assustada com a sua visita. Nunca mais veio me ver, Gugo. Se não fosse eu aparecer na sua casa de enxada, nem meus sobrinhos eu veria.

— Está exagerando, Lana — falo, mas sei que ela está certa.

Enrolo com a xícara na mão antes de dar um gole na bebida quente, ruim para cacete, que Hallana me serve. A cozinha não é mesmo seu lugar.

— Fez café na meia suja, porra? — zombo dela, que quase me faz derrubar o líquido quando me joga uma almofada.

— Mal-agradecido do cacete. — Sorri e coloca uma mecha do cabelo que escapou para trás. — Como estão os meninos? Animado para passar as férias com eles?

Solto um suspiro alto e deixo a xícara em cima da mesinha de centro extremamente organizada. Abaixo a cabeça e deslizo a aliança pelo meu dedo, uma mania que adquiri nos últimos anos.

— Eu não sei... — Deslizo as palmas das mãos pelos fios de cabelo e crio coragem para olhar para Hallana. — Quando foi que me tornei um pai de merda, Lana? Quando foi que deixei de ser o superpai que ela dizia que eu era para ser a porra de um pai que não se lembra que o filho tem intolerância à lactose?

Não demoro para sentir o sofá ao meu lado se afundando e as mãos de Hallana nos meus ombros.

— Você só está ferido, meu irmão. Está ferido e não permite que as

cicatrizes se fechem como deveriam.

— Não consigo, Lana.

Ela me abraça de lado e reluto em sair da posição que estou. Não quero que minha irmã veja meus olhos vermelhos das lágrimas que estou prendendo.

— Sabe, quando conheci a Ester, logo notei o quanto ela era forte. Além de decidida, linguaruda, intrometida e teimosa. Você sabe. — Solto uma risada sem conseguir me controlar e nem discordar. — Mas aquela mulher se transformou quando te conheceu. Ela costumava me dizer que você a acalmava, que era seu porto seguro. Minha amiga confiava em você de olhos fechados, Gugo. Ela sabia que podia ser só um pouquinho menos turrone e abaixar a guarda de forte e destemida porque você estaria lá por ela. Sendo bem sincera, Ester ficaria muito triste pelo homem que se tornou. Assim como eu estou triste. Toda nossa família está.

Mordo o lábio, tentando inutilmente prender as lágrimas, e Lana me abraça com força.

Nunca mais falei com minha mãe desde que ela e o papai não aceitaram minhas escolhas, que colocaram empecilhos e mil defeitos na minha mulher. Infelizmente, meu pai faleceu e até hoje não sei processar muito bem isso. Não sei se por não conseguir saber lidar com perdas, ou se pelo fato de ele ter morrido com as coisas mal resolvidas entre nós dois.

Então, falar dele e da minha mãe me faz ficar ainda mais triste, me faz afundar cada vez mais no poço que nunca consegui sair.

Não irei mentir que não sinto saudade deles, pois sinto. Muita. Antes de meu pai partir, os dois até tentaram uma aproximação, mas sempre

excluindo a minha mulher. Até que eu decidi que, se eles não me amavam o suficiente para aceitarem minhas escolhas, não os queria em minha vida. Radical, não é? Também acho. E não sei o que me dói mais, se é o fato de ter deixado que as coisas ficassem sérias a esse ponto, ou se o fato de, mesmo assim, não ter a coragem de voltar a me aproximar da minha mãe. Foram muitos anos perdidos, muita mágoa envolvida.

— Você não é menos homem por precisar de apoio, meu irmão. Você só é menos homem se fugir como um covarde das suas obrigações, que é o que está fazendo. Eu sei que dói... — Ela respira fundo antes de continuar, com a voz embargada. — Perdi minha melhor amiga também, esqueceu? Também perdi nosso pai. Sinto falta deles todos os dias, mas não parei de viver porque quase consigo ouvir a voz de Ester gritando comigo se eu fizesse isso. Não quero decepcionar minha amiga.

Sinto o tapa na cara mesmo que sua voz não transmita julgamento. Covarde é tudo o que estou sendo nos últimos anos, fugindo de cada oportunidade que tive para ficar com meus filhos por puro medo. Fugindo da minha mãe. Fugindo de tantas coisas.

É difícil.

Ao mesmo tempo em que tive que lidar com o luto, tive que lidar com o medo de ser um péssimo pai, de não conseguir criar meus filhos sozinho. Olha a ironia do destino... Acabei me tornando o que eu mais temia.

Deixo meu corpo quase cair em cima de Hallana, e ela afaga meus cabelos em silêncio.

— E a loirinha que trabalha para você cuidando dos meninos? — pergunta quando consigo me recompor, minutos depois. Agradeço por

Hallana não ser pentelha a ponto de me provocar pelo choro ou me pressionar para falar algo que não consigo.

— O que tem ela?

Hallana faz uma expressão divertida, e eu franzo a testa sem entender o motivo da pergunta.

— Nada.

Não questiono mais, porque não tenho certeza de que gostaria de saber o que sairia da sua boca.

Nós ficamos algumas horas aqui, falando de assuntos seguros para os corações, e me lembro do motivo que me fez vir para cá. Lana é mesmo uma excelente irmã e consegue fazer com que eu me sinta mais vivo.

— Vamos, hoje está um bom dia para visitar meus sobrinhos — diz quando finalmente encerramos o assunto do seu trabalho.

— E você não trabalha mais, folgada? — indago com ironia, e ela me bate.

— Ah, meu irmão, existem coisas mais importantes para serem resolvidas neste momento. Contratei uma farmacêutica para me ajudar, vai ser bom para ela pegar experiência sem mim lá. Vamos.

Fazia tempo que eu não via essa expressão meio psicopata no rosto de Hallana. Por um momento, fico com medo do que essa louca está aprontando.



HUGO

Minha irmã é muito boa com crianças. Prova concreta disso é que Aline logo tirou o biquinho de tristeza do rosto que estava assim que viu a tia chegando junto comigo. Sem falar em Alexandre, que se destrancou do quarto, abriu um sorriso radiante ao ouvir a voz da tia e mostrou uma expressão completamente diferente da carranca que fez para mim mais cedo. Não que eu o culpe pela reação, afinal, não mereci receber esse sorriso de nenhum dos dois.

De qualquer forma, mesmo sabendo que eles têm razão na forma como reagem, não é mais fácil ter que ver que até mesmo a babá deles os conhece melhor do que eu, que sou o pai.

Meu coração se aperta ao pensar o que Ester acharia disso tudo, da pessoa que me transformei. Se ela odiava quando meu mau humor interferia no nosso relacionamento, fico pensando se soubesse que fiquei um rabugento eterno. Hallana está certa e provavelmente minha mulher está me observando com o bico do tamanho do mundo de onde está.

— O que acham de a gente sair para passear? Hoje a tia faltou serviço

para ficar com meus amores! — Hallana diz empolgada, e ambos se animam logo.

— É uma boa ideia — concordo, tentando me fazer presente na vida deles. O resultado disso é que recebo quatro olhares surpresos e... confusos.

— Na-na-ni-na-não. Você fica. Quero passar a tarde com meus sobrinhos sem gente chata e rabugenta para estragar o passeio. Vamos almoçar fora e passar a tarde todinha fora. Todinha — diz Lana, e franzo a testa, sem entender aonde ela quer chegar com isso tudo.

Quando Hallana se ofereceu para vir aqui em casa, já imaginei que estaria bolando mais um dos seus planos mirabolantes. Pensei que o “plano da vez” seria me dar uma força para me reconectar com meus filhos, mas aparentemente eu estava enganado.

— Não sou rabugento — resmungo, e vejo que Amanda segura um riso.

Faço uma carranca, mas minha irmã me ignora e pede para os meninos buscarem roupas, um boné e protetor solar. Os dois correm para os quartos, e a babá ameaça segui-los, mas logo é interceptada por Lana.

— Tire o dia para você hoje, pode deixar que eu cuido deles.

— Mas... é meu trabalho — ela sussurra, constrangida.

— Eu sei, mas meu irmão não liga se eu cuidar deles um pouquinho, não é, Gugo? Descansa. Você deve estar morta por cuidar deles o dia inteiro. Vai fazer a unha, ver um filme, o que você quiser.

Amanda acena, meio a contragosto, e me lança um olhar

questionador. Dou de ombros porque tenho plena consciência de que ela faz muito mais do que uma babá comum faria.

A moça mora aqui desde que minha esposa ainda estava de cama, cuidando de Alex e Aline desde então. É ela quem os acorda para levar para escola, busca-os à tarde, prepara todas as refeições e cuida de todas as necessidades que eles têm. É quase como se fosse a...

Meu pensamento descabido é interrompido pelo grito animado de Aline, que volta do quarto arrastando uma bolsa maior que ela. Amanda, toda cuidadosa, ajuda a pequena a carregar o peso e ainda prende os cabelos pretos e cacheados da minha filha no topo da cabeça dela.

Mais um pensamento sem-noção passa pela minha mente ao ver o cuidado que Amanda tem com meus filhos. A garota sempre esteve muito presente em nossas vidas nos últimos tempos, e sempre tive curiosidade a seu respeito, mas nunca conversei com ela mais do que o essencial.

Não posso negar o quanto ela é bonita, mesmo que não seja o perfil de mulher com quem eu me envolveria. Claro, se eu estivesse buscando alguém para me relacionar.

Percebo que Alex se afasta quando Amanda tenta abraçá-lo antes de eles irem, e franzo a testa, sem entender. Ele puxa Hallana pela mão, e os três saem de casa em direção ao carro da minha irmã. Ela me lança outro olhar matreiro antes de se virar de costas e, mais uma vez, fico sem entender o jogo daquela louca.

— O senhor quer que eu prepare o almoço? — Amanda pergunta, parecendo tímida, enquanto aperta os dedos.

— Ah, não precisa. Como Lana disse, tire o dia para descansar.

Ela acena e faz menção a se afastar, mas volta rapidamente.

— Eu realmente não me importo. — Dá de ombros. — Cozinhar me relaxa, e terei que fazer para mim de qualquer jeito.

Penso por um momento e, desta vez, não nego. Se ela não se incomoda, por que eu diria não? Faz anos que não sei o que é cozinhar. Gostava de fazer isso com Ester, então nem preciso dizer que depois que ela faleceu, abandonei o hábito.

Acompanho Amanda até a cozinha para oferecer ajuda para não parecer folgado demais, afinal de contas, ela não é minha empregada.

Sento-me na bancada enquanto ela abre a geladeira para procurar alguma coisa. Mais uma vez, meus pensamentos vão para lugares estranhos demais. Foco meu olhar na sua bunda arrebitada para mexer na prateleira de baixo, mas logo desvio, perguntando-me que porra estou fazendo e pensando. Provavelmente deve ser a abstinência que estou, mas isso nunca me incomodou antes.

Uma culpa do caralho me invade imediatamente só pelo simples fato de olhar para outra mulher com interesse.

— Er... — falo, tentando me distrair do seu corpo. — Quantos anos você tem mesmo, Amanda?

— Eu? — Ela arregala os olhos, parecendo meio decepcionada por eu perguntar isso. — Tenho vinte e dois.

Só treze a menos que eu.

Está explicado por que me peguei analisando o quanto ela parece

inocente demais às vezes. Em compensação, apesar da pouca idade, Amanda carrega um cansaço e um desgaste no semblante. Fico preocupado se não a deixei com responsabilidades demais com meus filhos.

Lembro-me de que, assim que Ester disse que queria contratar uma babá porque não estava dando conta devido ao câncer que a abateu, eu relutei. Bati o pé de que sairia do trabalho para cuidar dela e das crianças, mas, como sempre, minha esposa teimosa venceu. Não gostei da ideia de ter alguma desconhecida cuidando dos nossos filhos, e me preocupava ao sair para trabalhar e deixar Ester em casa, sem mim.

Não digo com orgulho que tratei Amanda com mais rispidez do que ela merecia. A garota sempre foi atenciosa com Alex e Aline, e até mesmo com minha esposa. Não tinha motivos para isso. Acho que foi apenas eu descontando minhas frustrações nela.

— Amanda... Queria te pedir desculpas pela forma que te tratei desde que chegou aqui — falo, e ela se vira com a testa franzida para mim. Noto como parece pensar no que dizer enquanto desliza a língua pelos lábios fartos.

A garota tem uma beleza chamativa, que não se apaga nem com o fato de não usar nada de maquiagem, manter sempre os cabelos presos em um rabo de cavalo no topo da cabeça e usar roupas folgadas e ultrapassadas demais para sua idade.

— Sem problemas, senhor Hugo.

— Senhor não, pelo amor de Deus. Não faça com que eu me sinta mais velho do que já estou — brinco com ela, que morde o lábio em constrangimento e sorri em seguida.

— A idade te fez bem, não devia se preocupar com isso.

Inclino a cabeça com o comentário sincero e confesso que fico envaidecido com isso. Não que eu precise de elogios para alimentar meu ego, porque sei que meu trabalho como policial exige que eu tenha um bom condicionamento físico e, infelizmente, só consigo isso com exercícios diários. Então, sei que meu corpo está dentro dos quesitos para definir uma pessoa bonita. Ou “gostosão para cacete”, como Ester costumava dizer.

— Obrigado. Ossos do ofício.

— Como é ser policial? Digo, deve ser emocionante andar sempre armado e tudo mais — fala sem me olhar enquanto tira uma dúzia de ingredientes de dentro da geladeira. — Acho que eu me sentiria protegida pela primeira vez em muito tempo se tivesse uma arma.

— Você se sente desprotegida? — pergunto com curiosidade e vejo que ela abaixa a cabeça antes de negar. Quando vejo que não falará nada, não pressiono, apenas respondo à pergunta que me fez. — De fato, no início é bastante emocionante. Entrei para a polícia exatamente por isso, confesso. Mas nós temos vários estágios dentro da profissão, eu acho. Senso de justiça, revolta pelo judiciário do nosso país, impotência. Amo o que faço, mas nem sempre são flores.

— Entendo.

— Quer ajuda com o almoço? — indago, e ela nega com a cabeça, concentrada em tirar tomates e alface de dentro do saco transparente. — Deixa que eu faço a salada. Me dá aqui.

Levanto-me do banco alto e ando até ela, tirando dois tomates da sua mão. Sinto um tremor na sua pele quando meus dedos a tocam, mas não sei

se foi coisa da minha cabeça. Amanda parece desconcertada com a minha proximidade, mesmo que seja algo sem malícia. Vejo a pele branca ficando da cor do fruto que seguro nas mãos, os olhos verdes quase saltando das órbitas.

— Obr-Obrigada — fala, desviando o olhar do meu.

Aceno e ando até a pia para lavar os tomates e a alface. Fico pensativo ao notar que não sei absolutamente nada da vida dela. Foi Ester quem a contratou e quem a entrevistou, pois como fui contra, não queria nem saber. É chocante constatar que moro com uma pessoa, que ela cuida dos meus filhos, os bens mais preciosos da minha vida, e não sei nada além do seu primeiro nome e agora sua idade.

— Amanda, seus pais não se incomodam em você morar aqui? — Decido mudar isso, perguntando sobre sua família.

Quando me viro para ela, vejo que morde o lábio inferior e parece triste de repente. Eu tinha que fazer logo uma pergunta difícil, não é?

— Não ligam. — É tudo o que me responde com a voz baixa, então decido mudar de assunto.

— O que você faz além de trabalhar aqui? — indago, colocando os ingredientes em uma vasilha que peguei no armário para colocar a salada.

— Sem querer ofender, senhor, mas por que o interesse em mim do nada?

A pergunta me deixa constrangido por alguns segundos, mas não me ofende. Amanda tem razão. A situação é, no mínimo, estranha. Acho que troquei mais palavras com ela agora do que nos dois anos em que estive aqui.

— Desculpa, não quis ser enxerido. E me chame de Hugo, por favor. É suficiente se eu disser que estou curioso e arrependido? Como eu disse, não te tratei muito bem desde que chegou. Sinto muito mesmo por isso. Estou tentando recuperar o tempo perdido. — Faço uma careta sincera de arrependimento, e ela ri. Surpreendo-me com o som gostoso porque nunca tinha o ouvido antes.

— Tudo bem, Hugo. Não ofendeu. Assim como o se... — Semicerro os olhos, e ela faz uma careta antes de continuar. — Assim como você, fiquei curiosa também. Mas respondendo sua pergunta, não faço muita coisa. Só tenho uma amiga, que foi a que me indicou o emprego. De vez em quando, ela me arrasta para os lugares contra minha vontade, mas não gosto de sair. Prefiro ficar em casa lendo ou estudando. Só saio quando sou arrastada ou para ir à terapia.

— Uma jovem da sua idade que não gosta de sair? Isso sim é uma surpresa.

Tenho vontade de perguntar mais uma vez da sua família, mas não quero trazer a tristeza para sua expressão de novo, então fico quieto.

— Espero que eu não esteja te explorando. Você está ocupada demais com os meninos? Se precisar descansar mais, ou de tempo para fazer as suas coisas fora daqui, posso contratar alguém para te ajudar. Sinto que falhei demais com... tudo.

Percebo que Amanda me olha com surpresa e até eu fico meio chocado, porque isso foi quase um desabafo.

— Não se preocupe, eu amo cuidar da Aline e do Alex. Eles passam a maior parte do dia na escola integral, então não é por isso que não saio.

— Tudo bem, então. Qualquer coisa, me avisa, se pesar demais para você.

Ela sorri e acena enquanto prepara a comida. Fico em silêncio, observando o quanto é habilidosa na cozinha. Amanda prepara de tudo um pouco, enquanto conto situações extraordinárias que passei na polícia, tanto as boas quanto as ruins. A garota se diverte e gargalha horrores.

Surpreendo-me quando vejo que sua risada me acalma. Tanto que sorrio também quando ela me enche de perguntas curiosas e inocentes demais.

— Terminei, espero que tenha ficado gostoso. É a primeira vez que testo essa receita com essa carne.

— Aposto que está uma delícia — falo enquanto a ajudo com os pratos e talheres. — O cheiro está maravilhoso.

— Obrigada. Fiz do jeito que você gosta: sem cebola, com pouco sal e com uma pitadinha de pimenta do reino. — Inclino a cabeça levemente para o lado quando ela joga as informações assim, como se me conhecesse bem demais, sendo que quase não como aqui em casa.

— Como você sabe tudo isso?

Ela arregala os olhos e cora imediatamente. Meu olhar se perde no rubor das bochechas alvas, e meus dedos quase coçam para sentir sua pele, mas me repreendo pela milésima vez desde que começamos a conversar.

— Sou observadora e... notei suas expressões enquanto comia o que eu fazia. Você aperta os lábios quando salgo a comida, trava o maxilar quando precisa mastigar a cebola e solta um suspiro satisfeito quando sente o

gosto da pimenta.

— Isso é impressionante. Já pensou em trabalhar como investigadora? — brinco, mas bem poderia ser verdade.

Não consigo desviar meu olhar do seu enquanto ela se serve da comida e se senta à mesa à minha frente. Amanda é intrigante. Bonita, curiosa, inteligente e tímida, mas direta.

Ela percebe que estou olhando fixamente para seu rosto e desvia o olhar para o prato à sua frente.

— Não vai comer? — pergunta baixinho, e apenas aceno enquanto me levanto para colocar a comida.

Não consigo deixar de pensar na descrição detalhada dos meus gostos alimentícios. É inevitável pensar no que mais ela reparou durante o tempo em que esteve aqui. E no que eu *não* reparei sobre ela. Amanda parece saber tanto sobre mim quando não sei o básico da sua vida. Pretendo mudar isso hoje, não sei se por culpa ou por estar realmente curioso a seu respeito.

— Posso te perguntar uma coisa? — indago antes de começar a comer, e ela concorda com a cabeça, olhando-me atentamente. — Você se dá bem com o Alex?

Penso na cena de mais cedo, que não saiu da minha cabeça, quando ele desviou bruscamente do seu abraço.

— É complicado. Ele é um adolescente que... — Ela interrompe a fala e morde os lábios, receosa. — Que perdeu a mãe aos dez anos. Ele sempre foi muito calado, mas eu entendo.

Aceno e dou uma garfada da comida, fechando os olhos de deleite quando o tempero gostoso é assimilado pelo meu paladar. Solto um gemido maravilhado e como mais, dando várias garfadas de uma vez para sentir mais e mais.

— Acho que gostou. — Escuto a risada de Amanda, que está com o garfo suspenso no ar e me olha com uma expressão divertida. — Fico feliz. Posso fazer mais vezes, se quiser.

— Eu adoraria, Amanda.

Percebo que, de fato, adoraria. Não apenas experimentar mais dos seus pratos, mas de desfrutar da sua companhia. É estranho me sentir assim tão... leve. Achei que depois da morte de Ester, a leveza nunca mais faria parte da minha vida.

Eu estava enganado.



AMANDA

Eu sou uma vergonha, o típico clichê que Giulia, minha única e melhor amiga, tanto critica. Sim, eu me apaixonei pelo meu patrão frio e seco, antes mesmo de ele ser tão... fofo como foi ontem.

Patética, Amanda.

— Eu te disse! Eu te disse! Eu te disse! — Giu está repetindo isso seguidamente enquanto estou com o travesseiro tampando meus ouvidos, usando toda a minha cota de imaturidade da semana.

— Para, Giulia Cristina! — berro, e ela gargalha.

— Não adianta chamar pelo meu nome inteiro que não me faz medo. Sério, Mandy? Sério que só agora que percebeu que está apaixonada pelo policial gostoso? Soube disso desde que voltou da entrevista com a cara cheia de baba.

— Para de ser exagerada!

Tiro o rosto de debaixo do travesseiro, e ela arqueia as grossas

sobrancelhas como sinal de provocação.

Sabia que eu iria me arrepender de contar a ela que assumi meus sentimentos para mim mesma, mas não pude evitar. Giulia foi a única pessoa de importante que permaneceu ao meu lado depois da morte da mamãe. Eu a amo como uma irmã, mas isso não impede que ela faça da minha vida uma simulação do inferno sempre que pode.

— E aí?

— E aí o quê? — Faço-me de sonsa, encarando as minhas unhas dos pés.

— Para de ser lerda! O que aconteceu depois do almoço?

Solto um suspiro longo e mordo os lábios ao me lembrar do dia anterior, no sábado mais esquisito e... gostoso que tive na vida.

Hugo estava surpreendentemente simpático, e não consegui disfarçar meu choque com isso. Meu lado platônico romântico adormecido tratou logo de acordar ao ver os pequenos olhos esverdeados quase sumindo enquanto ele ria para mim.

Ele sorriu *para* mim e não *de* mim, isso é um feito e tanto. Quer dizer, o feito é o Hugo sorrir e ponto. Em dois anos, nunca tinha visto seu sorriso tão aberto e preciso dizer que é um grande desperdício, porque nunca em toda minha vida consegui definir o significado de perfeição, mas aquele sorriso... Ah, aquele sorriso combinou direitinho com o significado.

Fiquei bem contente e esperançosa por ser eu a trazer um pouco de alegria para sua vida que é sempre tão agitada.

— Não teve sexo suado? Você é decepcionante, Mandy! — Giulia protesta e parece mesmo desapontada.

— Que sexo o que, sua louca. A primeira vez que o homem fala comigo e você já quer que eu arreganhe as pernas?

Giu revira os olhos com toda sua impaciência nata, e não consigo segurar a risada porque seria exatamente o que ela faria sem peso na consciência: arreganharia as pernas para Hugo na primeira oportunidade. Na verdade, qualquer pessoa em sã consciência faria isso, mas não sou uma pessoa normal.

— Você é muito paradinha, minha amiga. Primeiro, não dá mole para aquele psicólogo gato que você tem. Depois, mora na casa de um policial solteiro, com cara de mau, que só precisa de um corpinho para esquentar a cama. — Giulia gesticula, apontando os dedos de unhas postiças na minha cara. Mordo seu dedo, e ela faz uma careta antes de me bater e se largar no colchão.

— Giulia, primeiro, pelo que descobri, mesmo que ele seja muito discreto, o doutor Marco tem uma baita loira como esposa, namorada, não sei. Ele é pai de gêmeos, me poupe. Segundo, Hugo é meu patrão, não tenho que esquentar a cama de ninguém — protesto, também enumerando enquanto gesticulo com meus dedos.

Deito-me ao seu lado na cama de casal e começo a pensar no dia de ontem. Não consigo esquecer como as coisas estavam indo bem, até não estarem mais. Hugo passou o dia inteiro bem-humorado, conversando como nunca vi, até seus filhos chegarem quase à noite.

Não sei exatamente o motivo pelo qual Hugo se fechou. Se foi ao ver

a careta de Alexandre, ou ao ver a expressão maliciosa da irmã ao olhar nós dois sentados no chão, confortáveis e à vontade demais para sermos patrão e babá.

Não disse? Típico clichê.

Hoje de manhã, ele estava no modo gelo de novo, e não entendi absolutamente nada. Tentei puxar assunto como ontem, mas ele só me deu respostas secas e logo me deixou na cozinha para ir atrás dos filhos.

Eu precisava sair dali, então não pensei duas vezes antes de dizer que precisaria resolver uns probleminhas. Ele que cuidasse dos filhos. Cansei. Cansei de me matar para cuidar dos dois, muito mais do que deveria, e não receber nem mesmo um olhar de gratidão da parte de Hugo. Não que eu faça o que faço buscando isso, pois amo Alex e Aline como se fossem meus filhos de fato. Mesmo que eles não me vejam assim.

— Você está suspirando acordada de novo, Mandy. — Giu me dá um tapão forte na testa, e eu abro a boca de choque. Que safada!

— Isso doeu! Estou pensando por que ele se afastou do nada quando a irmã e os filhos chegaram. Será que falei alguma besteira?

— Ah, minha amiga, te direi uma coisa baseada em toda a minha experiência. — Ela faz uma expressão de convencimento e coloca a mão no seu peito, com sua cara de petulante de sempre. — Chuto que provavelmente ele se esqueceu dos problemas e do luto ao seu lado, mas se lembrou imediatamente ao ver os filhos. Pelo que você disse, o amor entre ele e a esposa era grande. O coitado deve ter se sentido culpado por flertar.

— Flertar, Giu? Sério? — debocho, mas fico pensativa com a sua fala.

Ela tem um ponto. Só o fato de Hugo ainda não ter superado a morte da sua esposa prova o quanto o amor deles era forte, então, não é uma ideia absurda que ele tenha se sentido culpado por conversar comigo. Não acho que estávamos flertando, como diz Giulia. Mesmo que a ideia não fosse me desagradar se estivéssemos

Tão bobinha apaixonada. Ai, ai.

Não consigo deixar de pensar na promessa que fiz para Ester antes de ela falecer. Sinto que a cumpri, mesmo que em partes. Não sei se cuidei de Hugo como deveria porque parece que ele me ignorou ainda mais depois que ela morreu, mas faço o que posso.

— Como andam os estudos? — Agradeço quando minha amiga muda para um assunto que não me causa tantos... sentimentos quanto Hugo.

— Devagar. Eu me sinto uma tapada sempre que começo. Parece que o mundo parou para mim. Estou com vinte e dois anos e não consegui passar na federal. Ou melhor, não consegui passar em nada.

— Mandy, cada pessoa tem o seu tempo. Direito é um curso difícil, com uma nota de corte alta, é normal demorar mais. Você não tem nada de burra, muito menos de tapada! Siga estudando que vai ver como logo dará certo — fala, e sorrio, pois Giulia só fica fofa quando é para me motivar. Ela acredita mais em mim e na minha capacidade do que eu mesma.

— Te amo, minha chatinha. Obrigada por não desistir de mim.

Grudo no seu pescoço, e ela me abraça rapidamente antes de me soltar e apontar para mim.

— Sabe o que acho? Passou da hora de começar a minha missão —

diz, saltando da cama e me encarando de um jeito que deixaria até um psicopata com medo.

— Que missão? — pergunto, correndo o risco de me arrepender disso.

Não devia perguntar, porque dali nunca sai coisas que me fazem saltar de alegria, é sempre coisa que me deixa desesperada. Giulia é uma pessoa criativa quando se trata de meter a gente em problema.

— Transformar a gata borralheira na Cinderela. Minha amiga, você tem vinte e dois, não sessenta e dois. Olha esse vestido, Mandy. Está explicado por que o Hugato não te deu uns pegadas ainda, não dá nem para ver que você tem uns peitos bonitos

Olho para baixo, observando a peça que uso. Não tem nada de errado com ele. É lindo! Era da minha mãe. Quando digo isso para ela, Giu arqueia as sobrancelhas e me olha, como se tivesse ganhado um ponto.

OK, usar o vestido da mãe não é lá muito sexy, mas é confortável. E faz com que eu me lembre de dona Rebeca.

— Me chame de fada madrinha. Vamos ter um dia de princesa hoje. E você nem ouse, escute bem, nem ouse dizer “não” para mim. — Ela abre a porta do guarda-roupa e tira uma camiseta nova e um short jeans. Troca-se na minha frente, confere os cachos volumosos em frente ao espelho e volta para a cama para me puxar. — Você quer conquistar seu policial? Cola comigo que é sucesso.

— Eu não quero con... — Travo quando Giulia faz uma cara feia para mim. — Tudo bem! Pentelha.

Deixo-a me arrastar para fora da sua casa, com a chance gigante de

me arrepender disso.



Eu, definitivamente, me arrependi disso. A Giulia me enlouquece. Sinceramente, não sei como sou amiga dessa criatura. Estou com dor nas costas, no cóccix, nas mãos e toda suada, porque minha querida amiga me fez rodar o *shopping* inteiro e gastar horrores com roupas e sapatos.

Ainda teve a audácia de me fazer pagar sessenta reais em um corte de cabelo. Sessenta! Eu estava tirando, pelo amor de Deus, não colocando fios de ouro. Ainda tirou meu cabelinho grande, que demorei meses para deixar crescer.

— Tira esse bico! Olha como ficou linda. Uau! Eu até tinha me esquecido do quanto seus olhos verdes são lindos e chamativos. Diz se não arrasei? — Giulia pergunta, olhando para meu reflexo no espelho, posicionada atrás de mim.

— Ficou bom, mas não acha que esse short mostra demais, não? Não me sinto bem usando isso, Giu.

— Mandy, suas pernas são feias?

— Não, mas...

— Então, fica quieta. E mesmo se fossem feias, você precisa parar de se esconder atrás desse personagem de *Patinho Feio*.

Dou língua para ela, mas não contesto porque estou realmente me achando bonita. Muito diferente do que normalmente me sinto.

— Obrigada pelo dia, me ajudou muito a me distrair, mas preciso voltar — digo, fazendo um bico do tamanho do mundo.

Estou com medo de retornar àquela casa, não nego. Não sei o humor da *escala Hugo* que me espera e, honestamente, não estou a fim de ter o coração massacrado hoje de novo. Não pude deixar de pensar nele ao longo do dia, em como me olharia se eu chegasse desse jeito lá.

Já está à noite, então precisarei pegar um Uber até em casa. Ainda mais pelo tanto de sacola que tenho que carregar. Giulia me fez prometer que jamais usarei mais nada do meu antigo guarda-roupa, que irei guardar as roupas da minha mãe apenas na lembrança. Tive que concordar, né? Afinal de contas, não gastei mais do que devia para não usar as roupas.

— Não sei por que me maquiou, Giu. Estou indo para casa, não para uma boate — resmungo, pegando as sacolas do chão do seu quarto.

— Quem sabe hoje você não perde esse famoso lacre aí!

— Giulia!

Sacudo a cabeça, morta de vergonha, e a peste gargalha enquanto me ajuda a carregar as sacolas para a entrada da sua casa. Peço um Uber, evitando o olhar de malícia que a safada me lança.

Por que sou amiga dela mesmo? Alguém me relembra?

Quando o veículo chega, o motorista desce para me ajudar com as sacolas e sorri com educação. Passamos o curto caminho até a casa conversando. O moço é muito simpático e divertido. Ele me conta sobre toda a sua família em alguns minutos, e rio do seu sotaque gostoso que identifico ser do nordeste.

Não demora para estacionar em frente ao portão. Agradeço quando, novamente, ele me ajuda com tudo. Dou um tchau para o motorista e tento, inutilmente, abrir o cadeado.

— Ah, merda! — exclamo quando a chave e um monte de sacolas caem quando tento acertar o buraco maldito com as mãos cheias.

— Quer ajuda? — Assusto-me quando ouço a voz de Hugo e termino de deixar cair o resto.

— Meu Deus...

Coloco a mão no coração devido ao susto e fecho os olhos, tentando controlar as batidas aceleradas. Ah, tão bobinha. Assim que os abro, noto que Hugo parece... desconcertado quando seus olhos esverdeados percorrem minhas pernas quase nuas.

Giulia tem razão... Não faz mal mostrar um pouco disso se eu receber esse olhar todas as vezes.

Quatro

HUGO

Estou parecendo um idiota olhando para Amanda. Ela está tão... diferente. E linda. Linda não é uma palavra que descreva tudo, mas é a única que consigo pensar no momento.

— Você pode me ajudar com essas sacolas? — ela pergunta, apontando com o queixo para a infinidade delas que está jogada no chão da calçada.

— Ah, claro!

Saio do transe e percebo seu olhar percorrendo meu abdômen nu. Esqueci de vestir a camiseta depois que ouvi o carro parando em frente à casa

Posso dizer que o olhar que ela está me lançando é o mesmo que estou me segurando para não dirigir a ela.

Pego todas as sacolas do chão, e Amanda me agradece em um sussurro. Ouço-a trancando o portão atrás de mim e ando até a porta do seu quarto, parando ali. Estendo tudo para ela e, mais uma vez, a garota cora e me agradece.

— Você está muito bonita, Amanda. Quase não te reconheci de cabelos soltos — murmuro, e ela sorri de orelha a orelha. Consigo retribuir o sorriso, principalmente ao ver o quanto luta para não descer o olhar novamente. É bonitinho como fica sem graça com a menor das coisas.

— Me desculpa por passar o dia longe, mas minha amiga não me libera até aprontar todas comigo — fala, levantando as sacolas. — E como você pode ver, ela aprontou até demais. Os meninos já estão dormindo?

— Sim, eu pedi o jantar e coloquei Aline na cama.

— Leu uma história? — pergunta, parecendo chateada com algo.

— Não, ela estava cansada.

Amanda morde o lábio pintado com um batom rosa, e a minha curiosidade se aguça, querendo saber onde ela passou o dia. Uma curiosidade que, definitivamente, não me diz respeito.

— Você está melhor?

Franzo a testa com a pergunta e inclino a cabeça, sem entender.

— Do seu humor. Hoje você acordou com o pé esquerdo. — Não consigo evitar a risada pela sua honestidade. Foi direto no ponto, sem rodeios.

— Me desculpa. Eu tenho certos... problemas pendentes com a minha mente, mas não é nada contigo.

— Tudo bem. — Ela acena e abre um sorriso fraco. — Pode abrir a porta para mim, por favor? Minhas mãos estão meio ocupadas.

Aceno e me aproximo de onde ela está encostada. Quando se afasta para me dar espaço para girar a maçaneta, seu rosto roça de leve no meu e o cheiro do seu perfume me atinge. É cítrico e doce ao mesmo tempo, um cheiro único. Bem dicotômico como a dona. Ora direta, ora tímida. Ora recatada, ora ousada.

Não sei o que esperar da moça à minha frente, e nem de mim pelo visto, porque assim que caio na realidade, percebo que estou de olhos fechados e que sinto um hálito quente perto da minha boca. Quando os abro, vejo que Amanda está com a respiração acelerada, completamente entregue e pronta para o beijo que nem notei que estava prestes a dar nela.

O sentimento de culpa, o mesmo do dia anterior, volta com força, então me afasto, abrindo a porta rapidamente. Amanda abre os olhos com o barulho e me encara sem entender. Vejo seu peito subindo e descendo, e reparo na curva dos seus seios, levemente expostos pela blusa decotada, antes de sair dali.

Eu não posso fazer isso.

Murmuro um “me desculpe” baixinho, mas não sei se ela ouve, pois não fala nada. Vou até meu quarto e fecho a porta, sentindo-me agitado demais. Estou ansioso, culpado e *fodidamente* excitado.

Por que só agora que estou reparando em Amanda? Em dois anos, nunca a olhei dessa forma. Ela era apenas a mulher que cuidava dos meus filhos. Não sou cego, claro que reparei no quanto é bonita, mas nunca houve desejo na forma como eu a via. Nunca houve essa curiosidade descabida em saber mais dela, das coisas que gosta, dos sonhos, dos desejos e da sua família.

Digo para mim mesmo que é apenas porque ela é diferente, porque tivemos uma conversa agradável no dia anterior e fiquei instigado por ela. Isso é tudo. Estou buscando uma amizade sincera, já que não tenho muitas.

Ah, e o Papai Noel existe.

Corro para o banheiro da suíte e me tranco ali, sentindo meu cérebro agitado com os pensamentos distintos que estou tendo. Culpa, culpa para caralho. Uma parte minha sabe que Ester não me culparia por tocar minha vida, mas é assustador apenas a ideia de me envolver com alguém. Sem falar que não conseguiria ter uma relação séria com ninguém, então, provavelmente perderia a babá dos meus filhos.

Ah, cacete.

Estava tudo tranquilo demais antes de eu me aproximar dela. Passar o sábado inteiro jogando conversa fora com Amanda me fez tão bem que não pensei em nada de ruim o dia todo. O luto não apareceu na minha mente nem uma vez sequer, até mesmo a culpa foi esquecida depois do almoço.

— Não é hora de pensar nisso, Hugo. Primeiro, você deve resolver a sua vida de merda — resmungo sozinho, enquanto tiro a roupa para tomar outro banho. Isso me ajuda a pensar.

Como sempre, demoro tempo demais ali e só saio do quarto depois de alguns minutos, só para me certificar de que Amanda já está dormindo. Preciso pensar nessa bagunça da minha mente e ficar vendo-a não ajudará em nada para tomar uma atitude sensata.

Saio do cômodo e ando em direção à cozinha, tentando não fazer barulho para não acordar os meninos e nem Amanda.

A vida não colabora.

Assim que piso na cozinha, encontro a pessoa de quem estava fugindo. Ela não me ouve chegando e parece distraída, de costas para mim, enquanto prepara um chá.

— Ei — digo baixinho para não a assustar, e ela se vira com os olhos arregalados.

Desta vez, sou forte e não desço os olhos para o pijama curto que usa. O que é uma mentira né? Se sei que o que ela usa é curto, é porque fiz uma checagem rápida no seu corpo. De onde saíram essas curvas, meu Pai? E de onde veio essa mudança brusca de estilo de roupa?

Por quê?

— Quer chá, Hugo? — pergunta, apontando com a cabeça para a própria xícara.

— Não, obrigado. Vim só beliscar algo.

Ando até a geladeira, sentindo seu olhar investigativo nas minhas costas enquanto procuro algo ali dentro. Pego os ingredientes para um sanduíche frio, tentando não derrubar nada.

Quem diria que eu ficaria mexido e desconcertado com mais de trinta anos na cara e por uma garota? Já dizia a Bíblia: não julgarás para não ser julgado. Seria o tipo de coisa que confesso que não acreditaria se me dissessem que aconteceria na minha vida, e que julgaria se ocorresse com quem conheço.

— Quer ajuda com isso? — Levanto a cabeça para a voz baixa e

nego, mantendo a concentração por tempo demais no que estou fazendo. Estou parecendo um pateta.

Vejo Amanda mordendo os lábios e aperto os olhos, desviando o olhar dali. É uma boca tentadora, da qual devo manter muita distância. Muita dis... Droga, ela está se aproximando.

— Aceita um? — indago, fechando o pão após colocar presunto e queijo.

— Eu quero, se não se importar.

Entrego o que fiz para ela, que agradece e se senta na cadeira à minha frente. Preparo o outro sanduíche apenas para observar Amanda fazendo uma expressão extasiada enquanto come.

— Nem percebi que estava com fome — diz após engolir a primeira mordida. Vejo a maionese escorrendo pelo canto da sua boca e ela deslizando a língua ali, mas sem conseguir limpar tudo.

Isso é um teste. Só pode ser.

Solto um suspiro alto e coloco os ingredientes dentro do pão de qualquer jeito só para me virar de costas para guardar tudo de volta na geladeira. Quando não tem mais escapatória, sento-me de frente para ela, que ainda come sacudindo a cabeça.

— Tem maionese aqui no cantinho... — Aponto para sua boca, e Amanda arregala os olhos antes de limpar.

— Obrigada.

Nós comemos em silêncio, mais rápido do que a velocidade da luz.

Está sendo muito difícil ficar observando-a assim. E Amanda não parece constrangida com a cena de mais cedo, quando quase a beijei.

— Amanda... Me desculpa por agorinha. Eu quase ultrapassei um limite — digo, tentando me livrar um pouco da culpa que sinto.

— Que horas? — pergunta, e eu inclino a cabeça, achando que ela quer esquecer o que aconteceu. Certa está ela.

— Ali em frente ao seu quarto, quando eu... quase te beijei. — Seus olhos quase saltam, e ela se engasga com o último pedaço de pão que colocou na boca. Levanto-me rapidamente e ando até ela, tentando fazê-la desengasgar. — Está tudo bem?

Acena, ainda tossindo. Agacho para ficar com o rosto de frente ao seu até que ela pare de tossir. Seu rosto está lindamente vermelho, e os olhos estão cheios de lágrimas. Levanto-me apenas para pegar um copo d'água para ela antes de voltar a me agachar.

— Passou, obrigada — murmura após beber quase o copo inteiro. — Você... tentou me beijar?

— Eu... tentei? — Estou me sentindo um burro por ter mencionado algo que ela nem sequer percebeu. Devia ter ficado calado. Ah, que porra.

— Não notei. Só... — Suas bochechas ficam ainda mais vermelhas, e ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto abaixa a cabeça, constrangida. — Quando você se aproximou de mim, senti seu...

— Porra... O que você sentiu, Amanda?

— Calma! Não foi isso que está pensando! Só senti seu cheiro. — Ela

parece que vai morrer de vergonha, e isso me faz rir alto. — Então, fechei os olhos porque é muito bom. Não imaginei que fosse me beijar.

— OK. Tudo bem. — Saio da posição de agachamento em que estava e fico de pé, passando as mãos pelos cabelos. — Ótimo. Acabei de fazer papel de trouxa.

Ela se levanta e se aproxima rapidamente de mim, mas se contém antes de quebrar completamente a distância entre nós dois.

— Você não fez — sussurra, com os olhos arregalados, olhando para meus lábios fixamente. — Eu meio que iria gostar se tivesse me... beijado de verdade, e não ficado no “quase”.

O jeito inocente que Amanda diz isso me faz abrir um sorriso de lado. Fico quieto, esperando o próximo passo que ela dará, instintivamente curioso com suas ações.

— Você vai sair correndo se eu te beijar agora? — pergunta, apertando os lábios.

— Por que não experimenta? — provoco, perdendo completamente o pouco de racionalidade que me restava.

Amanda não hesita. Coloca as mãos nos meus ombros, inclina o corpo, ficando nas pontas dos pés para alcançar minha boca, e encosta os lábios no meu em um beijo inocente demais. Fecho os olhos, aproveitando a sensação gostosa que é tê-la perto de mim, e todos os meus sentidos ficam ligados ao sentir seu cheiro tão diferente.

Quando acho que irá aprofundar o beijo, ela se afasta e me olha tímida, com o rosto corado.

— Isso foi tão... inocente — digo, surpreso por ter gostado tanto de um gesto tão doce e rápido.

— Oh, meu Deus, me desculpa — fala, colocando a mão na boca, parecendo ofendida.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, vejo uma expressão de partir o coração em seu rosto e logo ela sai correndo da cozinha, deixando-me completamente confuso.

Amanda perguntou se eu sairia correndo caso me beijasse, mas, no final das contas, ela quem fugiu de mim.

Cinco

HUGO

Não irei mentir e dizer que não fiquei tentado a voltar para meu quarto e fingir que o doce e inocente beijo de Amanda nunca existiu, mas não sou tão babaca a ponto de ignorar a chateação que vi em seu olhar. E o pior é que nem sei o motivo.

Ando até a porta do seu quarto e bato ali devagar. Não escuto resposta, mas ouço um fungado de choro e fico ainda mais preocupado com ela do que antes.

— Amanda? Me deixa falar contigo, por favor — digo, o mais baixo que consigo para que ela me ouça, mas que não acorde meus filhos. — Eu sou meio babaca às vezes, mas não faço por mal. Juro.

Não demora para que eu escute o barulho da porta sendo destrancada. Ela está com os olhos marejados e seca o rosto enquanto me encara.

— Posso entrar? — pergunto, olhando para o interior do seu quarto.
— Para conversar com mais calma. Não quero acordar Alex e Aline.

— Tudo bem — concorda somente após ouvir o nome dos dois.

Ela me dá passagem e levo um bom tempo admirando a organização do quarto. É um cômodo grande, do mesmo tamanho do quarto dos meninos, mas esse aqui está impecavelmente arrumado.

— Você deixou aqui muito bonito. É a sua cara — digo, tentando deixar o clima tenso que se formou um pouco mais leve. Nunca mais entrei aqui desde que ela se mudou para nossa casa.

— Obrigada — sussurra.

— Posso me sentar?

— Isso é estranho demais. Você... aqui. — Ela se senta na cama, pega o travesseiro e apoia na frente do corpo como se fosse um escudo. — Mas pode se sentar, sim.

Sento-me um pouco distante dela, pois não quero que fique desconfortável. Mais do que já parece estar só pela minha presença. Confesso que também não estou muito confortável com a situação. É estranho.

— Me desculpa. Não sei o motivo por que fugiu, mas não fiz nada para te ofender. Pelo menos não intencionalmente — digo, sem meias-palavras e sem enrolação. Sempre fui bom em pedir desculpas, e Ester me elogiava bastante por isso. Aceitar minhas falhas sempre foi uma qualidade admirada pela minha mulher. — Te ofendi em algum momento?

— Não. — Ela passa as mãos pelos cabelos, bagunçando-os. — Eu sou muito idiota. Só isso. Desculpa, Hugo. Sinto como se eu tivesse uns seis anos de idade quando estou contigo. Nunca fui imatura, mimada ou infantil, mas parece que volto no tempo quando estou assim... tão perto de você. Sua presença não faz muito bem para a minha sanidade.

— Por quê? — pergunto e deslizo mais para o lado do colchão, aproximando-me dela.

— Porque, como você mesmo disse, talvez eu seja inocente. Inocente demais — ela resmunga, fazendo um som meio desesperado com a boca.

— Não falei inocente no sentido ruim da coisa, Amanda. Só fiquei surpreso por sentir... coisas demais apenas com aquele selinho delicado e doce, mas foi ótimo. Não precisava ter saído correndo.

— Jura? O que você sentiu? — Ela sorri como uma menina, e eu gargalho, sem conseguir me controlar, pela expressão de *Gato de Botas* que faz.

— Juro. Eu me senti leve, essa é a palavra certa. E pronto para mais. — Novamente, o sorriso cresce em seu rosto. — Como você consegue ser assim, tão doce e direta ao mesmo tempo? Sua curiosidade me instiga e me assusta, porque eu me esqueço das coisas quando você me olha com essa cara.

Quebro a distância mínima que ainda restava entre nós dois, ficando de frente para ela no colchão. Tiro o travesseiro que está colado ao seu corpo e o coloco de lado. Seguro seu rosto entre as mãos e deslizo os polegares por toda sua face, devagar, conhecendo-a mais de perto, encarando cada pequeno detalhezinho antes desconhecido por mim.

— Você é linda, Amanda — sussurro, e ela sorri acanhada. Coloco uma mecha do seu cabelo para trás e descubro de onde vem o cheiro que me deixa cada vez mais inebriado. — O que está fazendo comigo, garota? Por que parece que não consigo resistir a você?

— Posso dizer o mesmo — responde, encarando meus lábios.

Perco a força de vontade e abandono a negação, assumindo o quanto quero sentir essa boca tentadora na minha de novo. Desta vez, quero explorar cada cantinho. E Amanda colabora para isso quando entreabre os lábios assim que meu dedo passa a explorá-los. Inclino-me para frente, devagar, observando suas reações. O hálito quente faz cócegas no meu nariz, mas logo qualquer sensação além do prazer é esquecida quando a beijo.

Ela solta um gemido baixo, como se o simples toque fosse único e excitante. Dou uma mordida de leve no seu lábio inferior, e Amanda geme mais alto, fazendo-me pensar nos sons que gostaria de ouvi-la emitindo embaixo de mim.

— Caladinha. Sem gemer gostoso desse jeito, porque estou tentando ser inocente — falo contra sua boca, e ela acena com os olhos fechados.

Deixo a delicadeza de lado e enfio a língua dentro da sua boca, o que parece pegá-la de surpresa porque ela arfa e se afasta um pouco. Espero para saber se Amanda quer interromper o momento, se estou indo rápido demais, mas ela me puxa de volta para sua boca. Aperto sua nuca, impedindo-a de se afastar novamente, e sinto todos os meus sentidos acordando com a carícia.

Afasto-me para encostar-me à cabeceira da cama e a puxo para meu colo. Amanda abre as pernas, encaixando uma de cada lado do meu corpo, e se esfrega em mim, como quem pede por mais.

Um lado do meu cérebro grita para que eu interrompa o momento, e o outro o ignora completamente.

Seguro seu rosto enquanto a beijo com luxúria, puxando-a para minha ereção que pressiona o meio das suas pernas. Desço as mãos pelo seu pescoço, ombros, deslizando pelos braços. Ela dá uma tremida leve,

arrepiaando-se com a carícia, e joga o pescoço para o lado, separando nossos lábios. Aproveito a entrega para beijar a pele exposta do pescoço.

— Cheirosa — murmuro contra sua pele, deixando rastros molhados ali.

Enfio as mãos por debaixo da camiseta que ela usa, sentindo a pele quente da sua cintura. Subo o toque, ainda beijando seu pescoço. Paro apenas para encarar seu rosto, esperando que ela me freie. Sorrio ao notar as bochechas afogueadas, não sei se de excitação ou se de timidez.

— Porra, Amanda — rosno quando minhas mãos finalmente alcançam os seios, deixando-me surpreso ao sentir o quanto são grandes e pesados. Eles estão sem sutiã, facilitando que os explore.

— Isso é tão bom... — geme dengosa, encostando a testa no meu ombro.

— Você não viu nada, anjo — murmuro, erguendo a camiseta para que os seios estejam ao alcance da minha boca. Sugo um mamilo rosado e o mordo com força, fazendo-a tremer novamente no meu colo. — Vai dizer como é gostoso quando eu estiver todo dentro de você, tão fundo quanto pode aguentar, garota.

— Hugo... — Amanda parece travar quando digo isso e se afasta de leve, abaixando a blusa.

— O que houve? Falei besteira?

— Não! Quer dizer, sim. Não nesse sentido aí, mas falou... safadeza. Não estou acostumada — tagarela, e solto uma risada, gostando cada vez mais das várias versões de Amanda que descubro a cada minuto que passo

com ela. — Mas eu gostei. Só... preciso te dizer algumas coisinhas antes, mesmo que eu provavelmente vá me arrepender disso.

— E o que é? — Beijo seu pescoço novamente, passeando as palmas das mãos pelos seus braços. — O que te fez tirar essas perdições da minha boca?

— Eu... — começa e suspira, controlando a respiração em seguida. — Nunca tinha beijado ninguém, consequentemente nunca transei também.

Fico completamente chocado com as revelações, mas elas não param por aí porque tudo sempre pode piorar.

— E eu... meio que me apaixonei por você antes mesmo de conversar comigo. Sei que pode parecer estranho, mas...

— Espera.

Tiro-a do meu colo, colocando-a sentada no seu colchão, e a vejo se encolher quando vê minha exasperação.

— Você não pode se apaixonar por mim! — digo, passando as mãos pelos cabelos e pelo rosto. — Não... pode me dizer isso achando normal, Amanda. Você só me conhece há dois dias.

— Te conheço há dois anos, você quem só notou que eu existo há dois dias — ela sussurra, puxando o travesseiro de novo para a frente do corpo.

— E como dá para se apaixonar por quem nunca conversou? — indago alto, jogando as mãos para cima.

— É preciso muito mais do que palavras para gostar de alguém, Hugo

— rebate, olhando-me magoada.

— Você não pode!

Amanda levanta-se da cama e se posiciona à minha frente. Vejo uma expressão muito diferente das que vi até agora e não sei o que esperar.

— Olha, se você não gosta de mim, tudo bem, mas não venha me dizer o que sinto ou que deixo de sentir. Ao contrário de você, eu sei o que quero! — ela fala também exasperada e, antes que eu possa rebater, ouço um barulho atrás de mim.

Aline está parada na porta, segurando o urso que usa para dormir, parecendo assustada.

— Por que você está brigando com a Amanda, papai? — pergunta baixinho, e eu me recomponho, forçando um sorriso para acalmá-la.

— Não estou, meu amor. A gente estava conversando — falo, agachando-me para ficar da sua altura. — O que você faz acordada essa hora?

— Acordei com medo do barulho. Você sempre grita e me assusta. — Um choro ameaça vir na minha garganta pela fala assustada, e eu seguro seus ombrinhos, tentando não demonstrar o quanto a fala dela me afeta.

— Desculpa, amor, não queria te assustar. Vamos voltar para a cama, que tal?

— Quero ir com a Amanda. Ela me conta histórias — murmura, apertando o urso em frente ao corpo

Olho para trás, vendo Amanda com lágrimas descendo pelos olhos. Levanto-me e me sinto trocado pela minha própria filha.

Isso piora as coisas que estou sentindo, toda a confusão que me rodeia e que não sei lidar no momento. Quero ficar com Amanda, quero conhecer mais aspectos da sua vida, da sua personalidade. Quero estudar todas as expressões dessa garota, mas a culpa ainda me rodeia, apenas esperando o momento certo para aparecer, como agora.

Aceno e saio do quarto, indo em direção ao meu. Antes de sair, ainda ouço um soluço baixo de Amanda e isso parte meu coração.

Sua declaração me deixou em choque porque sou um homem prático demais para acreditar que é possível se apaixonar por alguém sem conhecer a pessoa de fato. Não é que eu não goste dela, eu gosto. Da sua companhia, da sua risada, do jeitinho meigo, doce e leve. Mas paixão é um sentimento completamente diferente, não é?

Ao chegar ao meu quarto, aperto a mão ao redor da boca, tentando pensar em como agir sem fazer merda. Mais merda.

Antes que pare para pensar demais, volto e vejo Amanda indo com Aline no colo. A menina enorme está enroscada no pescoço dela, e mordo o lábio para segurar as emoções ao vê-la buscando tranquilidade em outra pessoa que não seja eu.

— Filha, vem com o papai. Eu levo você para a cama.

— Quero uma historinha para dormir. — Aline faz um bico e os olhinhos se enchem de lágrimas imediatamente, fazendo com que Amanda a aperte mais.

— O papai conta para você. Deixa a Amanda descansar um pouco.

— Jura? — Minha filha ergue o rosto tão rápido do ombro da babá,

que é preciso que ela segure a pequena pelas costas para que não caia.

— Juro. Se você quiser, posso te contar todas as noites.

— Promete?

Aceno para ela e estico os braços. Não demora para que a pequena se incline para meu corpo e grude em mim com força. Ergo meu olhar para Amanda, mas ela rapidamente para de me encarar e volta para seu quarto.

Sei que está magoada comigo, mas agora preciso focar na minha filha. Vê-la me rejeitando doeu para caralho, e só aí me toquei como deve ter sido difícil para os dois se sentirem rejeitados também pelo pai ausente.

Beijo o rostinho de Aline enquanto a levo para seu quarto. Deito-a na cama e sinto uma lágrima escorrendo do meu rosto quando ela parece feliz demais só pelo fato de eu estar ali.

— Eu quero a história da Branca de Neve! — fala animada e se levanta, puxando um livrinho da pequena estante ao lado da cama. Aline alcança facilmente ficando na ponta dos pés no colchão. Seguro-a para que não caia e logo minha filha volta a se deitar.

— Que tal se eu contar uma história nova? Acho que você vai gostar.

Ela parece considerar a oferta e acena, passando a mão pelo rosto para tirar os fios de cabelos que caíram.

— É de princesa? — pergunta, e eu me sento no seu colchão, puxando a coberta para cobrir seu corpo.

— Ah, sim! É de uma princesa linda que se chama Ester. Ela é linda como você.

Os olhos cinzas se arregalam e a boca forma um biquinho de surpresa.

— A princesa tem o nome da mamãe?

— Tem, sim. E ela tem uma filha linda com o mesmo nome que o seu. — Aline fica pensativa, e vejo que está processando tudo na cabecinha criativa que tem. — A princesinha linda se tornou uma bela rainha, mas o rei supremo logo a chamou para que ela fizesse companhia para ele no céu.

— Então ela morreu? Como a mamãe? — As perguntas saem em um tom baixo, como se ela estivesse com medo.

— Sim, ela morreu. Deixou dois filhos para o rei cuidar sozinho, mas o rei era um pouquinho medroso e ficou assustado demais. Acabou falhando na missão.

— Ele não precisa ter medo, papai.

— Ah, é? Por quê?

— Porque eles têm a mamãe de mentirinha que ajuda o rei — diz, sorrindo, e meu coração se parte ainda mais ao ver a expressão esperançosa que Aline faz.

Eu devia saber que não precisaria inventar uma história de princesa para que Aline entendesse a referência às nossas vidas, mas não esperava que trouxesse Amanda para *nossa* história.

— Não sei se um dia o rei vai conseguir ter outra... mamãe, meu amor. Mas ele vai tentar ser um pai melhor, isso eu tenho certeza.

Ela faz um bico triste, mas não quero ver essa expressão no seu rostinho mais. Já fui relapso e distante por tempo suficiente com os dois.

Aline ainda é pequena, não guarda mágoas e não entende boa parte do que aconteceu, então com minha princesa será mais fácil. Difícil será conseguir o perdão de Alexandre, que sempre foi tão teimoso quanto eu.

— Eu te amo, minha pequena. Você sabe disso, não sabe? — Aline se levanta da cama e gruda no meu pescoço em um abraço sufocante que me diz tanto sobre como se sente, sobre tudo o que fez falta a ela. — Me desculpa.

— Eu sei, papai.

Saudade. Perdão. E, acima de tudo, amor incondicional. É tudo o que esse abraço diz.



AMANDA

Ah, como eu sou bobinha. Jura que imaginei mesmo que Hugo pudesse sentir o mesmo que eu?

Entendo que ele não pode ser apaixonado por mim, porque só reparou na minha existência agora, depois de dois anos. Também entendo que o luto ainda mexe com ele, porque nunca vi amor tão bonito como o dele e de Ester na vida. Entendo tudo isso e todas as complicações que teria ao me envolver com Hugo. Poderíamos tentar e não dar certo, aí eu seria obrigada a me afastar das crianças e perderia meu emprego, sendo forçada a voltar a morar com aquele homem. Poderíamos dar certo, mas sempre haveria os olhares de julgamento pela nossa diferença de idade e pelo fato de ele ser meu patrão. Poderíamos dar certo, mas Aline e, principalmente, Alex nunca me aceitarem como madrastra.

Mas não consigo deixar de me perguntar: e se desse certo?

Não que vá dar, porque já se passou quase uma semana desde que decidi abrir meu bocão e Hugo não fez nada além de me lançar olhares piedosos. Eu não quero, e nem preciso, da pena de ninguém. Muito menos

dele.

Pelo menos algo de bom saiu disso tudo. Sua relação com os filhos está melhor. Quer dizer, a com Alexandre está se encaminhando, porque a fase da pré-adolescência do garoto não poderia ter começado em época pior. Ele sente bem mais a ausência da mãe do que a pequena Aline. Ou melhor, a dos pais. Mas Hugo está tentando. Contou histórias para a pequena a semana inteira, levou e buscou os dois na escola todos os dias. Tentou inúmeras conversas com Alex, mesmo que o garoto seja turrão como o pai e não tenha dado muita bola, mas ele está tentando.

Fico feliz, acima de tudo, que pelo menos para isso ele tenha acordado para a vida.

Estou jogada na minha cama, rodeada de livros, mas com zero de concentração para a matéria que estou lendo. Tenho estado assim na última semana. Preciso de foco. Os meninos estão na escola, então eu deveria estar aproveitando meu tempo livre. Agora, mais do que nunca, preciso começar a faculdade e arrumar um estágio que me pague bem o suficiente para que eu possa alugar um local só meu. Partirá meu coração ter que deixar os meninos, só de pensar meu coração se aperta. Apeguei-me demais aos dois, mas sempre soube que esse emprego seria temporário.

— Amanda? — Dou um salto na cama ao ouvir a voz de Hugo na minha porta. Arrumo meus cabelos com os dedos e praticamente corro até a porta. Orgulho nunca foi um defeito meu mesmo.

— Oi — digo, abrindo-a e dando de cara com ele parado ali.

A primeira coisa que me toco quando ele me olha é que ainda estou de pijama, que não esconde muito as partes do meu corpo que nunca gostei

de mostrar.

— Oi, você pode pegar os meninos na escola hoje? Vou sair e não sei que horas volto. Não quero que eles fiquem esperando — ele diz, com o maxilar travado, alternando o olhar entre meu rosto e o colo dos meus seios, que tento cobrir me escondendo atrás da porta.

— Claro, é o meu trabalho — respondo baixinho e aceno.

— Tudo bem. Muito obrigado.

Mordo o lábio e começo a fechar a porta, sentindo meu coração acelerado e decepcionado ao mesmo tempo. Achei que ele fosse finalmente conversar comigo, nem que fosse para se desculpar, para dizer que gostava de mim pelo menos um pouco, mas que não podia sentir o mesmo que eu. Só que não tive nem direito a uma conversa. Entretanto, antes que eu possa encostar a porta, Hugo a empurra e invade meu quarto.

— Você está bem? — pergunta, aproximando-se de mim e me encostando na lateral do guarda-roupa.

— Estou. O que você...

— Não é que eu não sinta nada por você. Apenas... não consigo. Estou confuso, Amanda. Não parei de pensar em você durante a semana; no seu cheiro, na sua risada, no seu rosto corado. No seu gosto... — A última frase sai em um rosnado rouco, que arrepia os pelinhos da minha nuca. — Só preciso me livrar dessa culpa que sinto sempre que estou perto de você. Por isso preciso resolver umas coisas antes.

Aceno rapidamente e engulo em seco. Não consigo nem comemorar internamente por esse rompante de sinceridade, porque sua presença me

desconcerta. Seu cheiro e sua voz causam coisas inéditas no meu corpo. Nunca senti algo nem parecido com esse desejo que aparece sempre que ele está perto, com essa ânsia de conhecê-lo mais, de descobri-lo como homem. A vontade é tão grande em meu peito que quase dói tê-lo tão perto e não o tocar.

— Hugo — chamo antes que ele saia pela porta. — Todo mundo merece uma chance de ser feliz de novo. Você não deveria se culpar por sentir alegria. Não estou dizendo que deveria se abrir para mim, mas vai precisar fazer isso um dia. Ester jamais te culparia por ser feliz.

Ele sorri de um jeito doce para mim e volta para perto novamente, acariciando minha bochecha com a ponta dos dedos.

— Isso é exatamente o que eu gosto em você, Amanda. A forma como você passa de uma garota tímida para uma mulher forte em segundos. Acompanhar seus contrastes me fascina, me enlouquece.

Quando ele abaixa o rosto, raspando a barba curta que deixou crescer nas férias, paro de pensar. O pequeno botão de sanidade do meu cérebro pifa e eu me inclino para frente, acabando com qualquer chance que Hugo pudesse ter de desistir de me beijar. Grudo meus braços no seu pescoço e colo seu corpo ao meu.

Como senti falta do seu toque... Tenho certeza de que jamais precisaria sentir outra carícia na vida desde que tivesse esses braços ao redor de mim. Ele não resiste quando me colo totalmente a seu corpo, sentindo o membro duro me pressionando. Habilmente, Hugo me ergue e entrelaça minhas pernas ao redor da sua cintura, sem tirar a boca da minha, e me empurra contra o guarda-roupa de forma brusca.

— Porra... — Empurra o pau contra mim, fazendo-me gemer na sua boca. Quando se afasta para cheirar meu pescoço, roço meu rosto no seu como um felino carente. Essa sou eu agora, completamente entregue a esse homem. — Posso?

Nem sei a que ele se refere, mas apenas aceno positivamente. Esse homem pode fazer tudo comigo neste momento que apenas sorrio e assinto em concordância. Não estava preparada para sentir dois dedos entrando pelo short do meu pijama. Hugo afasta minha calcinha pequena para o lado e não demora para começar uma dedilhada no meu clitóris. A vergonha vem com força, mas o prazer se sobrepõe a tudo. Escondo meu rosto em seu pescoço para que ele não veja meu embaraço e contenho um gemido, porque caramba! Isso é gostoso demais!

— Geme, anjo. Eu sei que está gostoso — murmura no meu ouvido.
— Rebola no meu dedo, porque em breve será em algo maior.

— Jesus... — resmungo e sinto meu rosto vermelho.

Ele aperta minha bunda com uma mão, incentivando-me a me esfregar nos seus dedos. Eu me mexo devagar, com timidez, e ouço-o puxar o ar entre os dentes como se tivesse ficado excitado com o meu gesto. Encorajada pelo barulho, movo-me de novo, e de novo, ouvindo-o me incentivar.

Esqueço-me da timidez e procuro seus lábios quando sinto a sensação gostosa aparecer do meu interior. Minhas vistas escurecem, as pernas tremem de leve e aperto os olhos, sentindo pequenos espasmos nas pontas dos pés, que se espalham em arrepios gostosos por todo meu corpo. É alucinante e indescritível.

Sem conseguir me controlar, solto um gemido alto, que nunca imaginei que fosse sair da minha boca um dia.

— Ah, anjo, que gemidinho safado — Hugo murmura, dando um beijo quente no meu pescoço, fazendo o calor no meio das minhas pernas aumentar enquanto ele segue esfregando as pontas dos dedos na minha intimidade.

Meu corpo praticamente desaba quando a sensação do orgasmo me abandona.

— Você já tinha gozado assim antes, anjo? — ele pergunta, puxando meu rosto para que eu o olhe.

— Não assim, só com... — Sinto meu rosto quente, mas depois de ser dedada pelo homem, não é hora para ser acanhada. — Brinquedinhos.

O sorriso de Hugo se arreganha, e quase posso ver a satisfação em seu olhar por ser o primeiro a me proporcionar um orgasmo intenso como esse. Eu também estaria muito orgulhosa de mim mesma se fosse ele a estar revirando os olhos para mim. Só de pensar nisso, o desejo volta para meu corpo, mas não sei se aguentaria... tudo isso agora.

— Você é linda demais, garota.

Quando ele tira as mãos de dentro da minha calcinha, fazendo a peça grudar na minha vagina, solto um resmungo de protesto. Hugo ri, parecendo se divertir muito com as minhas reações.

— Preciso ir antes que não me responsabilize por meus atos. Qualquer coisa, me liga.

Aceno de forma letárgica porque ainda estou com sintomas pós-orgasmo, e ele me coloca no chão com cuidado, dando um beijo singelo na minha boca antes de sair do quarto. Fico parada ali, com a mão no coração, de olhos fechados e com uma sensação de alegria me preenchendo por completo.

Já posso criar expectativas?

Na verdade, é tarde demais para perguntar isso porque elas foram criadas no segundo em que Ester me disse que nós dois teríamos a sua bênção para nos envolvermos. Nunca falei isso para Hugo, porque acho que o homem, que nunca havia reparado em mim antes, teria me demitido na hora se eu dissesse que o desejava e que o admirava como homem. Nunca fui desrespeitosa, nem antes de Ester falecer e, por incrível que pareça, nem depois. Sempre respeitei seu luto, seu distanciamento e sua frieza. Odeio forçar a barra. Mas está cada vez mais difícil segurar tudo isso dentro de mim, ainda mais agora que ele reparou ao menos que sou uma mulher que o deseja, não apenas a babá.

Depois que me recupero, corro para o banheiro para me desfazer das roupas suadas e da calcinha molhada. Enquanto tiro a roupa, a primeira coisa que faço é ligar para Giulia em uma chamada de vídeo. Quando ela atende e me vê praticamente pelada, solta um grito.

— *Meu Deus, Amanda! Avisa que vai tentar me seduzir, pô.* — A palhaça solta uma risada histérica, e vejo que se afasta de onde quer que esteja para falar melhor comigo. — *A que devo a honra de sua ligação enquanto deveria estar estudando?*

— Você não sabe o que aconteceu... — falo, sem conseguir evitar o sorrisinho bobo que preenche todo meu rosto.

— *Ai.meu.Deus! Seu rosto e lábios estão vermelhos, você está com um sorriso bobo na cara, pelada, e seus olhos estão brilhando! Trepou? Trepou! Diz que trepou!*

— Só espero que você não esteja em público falando na minha vida sexual assim, Giulia Cristina — brigo, mas não consigo deixar de rir. — E não, não trepei ainda, mas ele me procurou para dizer que ia precisar sair. Até aí tudo bem, foi apenas meu coração sendo esmagado mais uma vez. Só que, antes de Hugo sair, parece que deu alguma coisa no homem e ele...

— *Ele te chupou? Ai, meu Deus! Ele te chupou!*

— Cala a boca, palhaça! — Gargalho com a loucura de Giulia, que sinceramente não sei como é minha amiga porque somos completamente diferentes uma da outra. — Ele não me chupou, mas os dedos foram muito bem aproveitados.

— *Não! Ele dedou você? Que danado! Não era ele que tinha ficado fragilizado com a sua declaração e tudo mais? O que aconteceu para mudar isso?*

Conto brevemente das coisas que aconteceram no meio da semana, de todas olhadas discretas que recebi, mas que não resultaram em nada. Era como se Hugo quisesse me dizer algo, mas não tivesse coragem para isso.

Passo boas meia hora tagarelando com Giu, mas ela precisa desligar para voltar ao trabalho. E eu também, porque tenho terapia daqui uma hora. Combino de me encontrar com ela na segunda-feira para colocarmos os assuntos em dia, pois não dará para nos vermos no final de semana porque minha amiga irá visitar a avó no interior.

— *Me conta tudo por mensagem! E aproveite o final de semana e*

toma-lhe pau, amiga! Quero que tenha muitas novidades picantes, suadas e grandes para me contar!

Desligo rindo e tomo uma ducha rápida para não me atrasar. Troco de roupa e prendo meus cabelos rapidamente em um rabo de cavalo.

Quando chego ao consultório, a secretária do doutor Marco me pede para esperar alguns minutos porque ele está com visitas na sua sala. Sorrio e aceno para ela, que já me conhece de bons mais de dois anos.

O psicólogo bonito acabou tornando-se uma salvação na minha vida antes e após o falecimento da minha mãe. Foi ele quem me amparou em todas as etapas do meu luto, que me ajudou a descobrir gostos e formas de lidar com meus sentimentos tão conflitantes. Sei que nossa relação extrapolou o âmbito profissional há muito tempo, pelo menos para mim, que o vejo como um bom amigo acima de tudo.

Assim que a porta do consultório se abre, vejo dois pimpolhos idênticos, um menino e uma menina, saindo dali. Ambos são loirinhos e sorridentes e estão grudados no pescoço do meu psicólogo. Logo atrás dos três, sai uma loira monumental com um sorriso bobo no rosto. Ela dá um beijo na boca do doutor Marco antes de ele descer as crianças que devem ter na faixa dos três anos.

Observo a interação com um sorriso bobo no rosto, perguntando-me se um dia terei isso. É só quando os três somem das nossas vistas que Marco me olha ainda meio distraído, completamente hipnotizado pela sua família.

— Bom dia, Amanda. Vamos?



Estou pensativa enquanto ando em direção à escola de Alex e Aline. Fica perto de casa, então só preciso sair uns dez minutos antes que dê o horário. Já são seis da tarde e Hugo não voltou para casa ainda, e é exatamente isso o que me faz criar mil e uma teorias e situações na minha mente.

Acelero o passo assim que vejo várias crianças pela rua, o que indica que a aula já acabou. A primeira coisa que noto é um Alexandre emburrado em frente da escola, como sempre contrariado por ter que me esperar. Nas palavras dele, é grande o suficiente para ir para casa sozinho. Até concordo, mas não serei eu a contrariar as ordens de Hugo.

— Onde está Aline? — pergunto assim que me aproximo do garoto, que apenas dá de ombros.

Solto um suspiro cansado pelo seu comportamento. Imaginei que a essa altura do campeonato nossa relação teria melhorado, mas continua a mesma. Quer dizer, pelo menos ele parou de me responder de forma ríspida. Já é um avanço.

— Me espera aqui. Vou pegar sua irmã lá dentro — digo.

— Tanto faz.

Percebo seu olhar distante, como se procurasse alguém, e aí percebo que mesmo que não demonstre diretamente, Alex ficou triste por não ser o pai ali como no resto da semana.

Mal piso dentro da escola e a pequena Aline vem gritando meu nome de empolgação.

— Cadê o papai?

— Ele precisou resolver uns probleminhas, meu amor, mas você vai encontrar com o papai mais tarde. Vamos?

Ela acena, fazendo um biquinho pensativo, mas não fica triste desta vez. Algo com sua reaproximação com Hugo fez a pequenina esperta ficar mais alegrinha. Fico feliz por isso, pois me doía ver a tristeza nos olhos dos dois. Sempre fiz o possível para vê-los felizes, para não sentirem tanto a ausência da mãe como eu sinto da minha.

Pego na sua mão e a guio até a saída. Vejo Alex conversando com uns colegas e o chamo, mas o garoto me ignora. Chamo novamente, mas sigo sendo ignorada. Ele finge que nem me conhece.

— Olha, Amanda, o gatinho! — Aline chama minha atenção e tenta me puxar para atravessar a rua.

— É lindo, meu amor — respondo e sorrio para ela, mas mantenho minha atenção em Alex, que se afasta com os amigos. — Alexandre!

O garoto rebelde segue andando e, a partir daí, as coisas acontecem rápidas demais. Aline se desfaz do aperto da minha mão e corre para o outro lado da rua, em direção ao gato. Grito os dois de uma vez e escuto o barulho de uma freada alta de carro. O motorista desvia de Aline por pouco, mas ela, provavelmente assustada, cai no asfalto.

— Aline!

Corro em sua direção, pelo meio dos carros, sentindo meu coração acelerado no peito. O grito da menina vem alto, e engulo em seco ao ver que sua testa está sangrando muito.

— Shh, está tudo bem, meu amor. Está tudo bem. — Eu me agacho e

tento parecer calma para não a assustar ainda mais, mas estou igualmente desesperada com a quantidade de sangue que tem na sua testa e na pedra ao lado de nós.

— O que aconteceu? Ela vai ficar bem? — Ouço a voz de Alexandre ao nosso lado e, antes que eu me controle, explodo no meio do choro e do desespero.

— Fica quieto!

Abraço Aline e tento acalmá-la antes de irmos para o hospital. Penso se ligo para Hugo, mas ele disse que resolveria problemas e não quero o preocupar assim, contando isso por telefone. Preciso de alguém comigo para não desabar. Estou nervosa somente por pensar na possibilidade de ter acontecido algo mais grave com um dos dois.

Ligo para Hallana, perguntando se pode ir comigo para ficar com Alexandre, e ela me acalma enquanto sigo com os dois para o hospital.

Tudo o que consigo pensar é em como Hugo irá reagir a isso.



HUGO

O primeiro sentimento que se apossa de mim assim que piso em casa é alívio. Sinto-me infinitamente mais leve depois de resolver parte das pendências da minha vida.

Visitei minha mãe. Passei mais de duas horas na estrada para ir até lá, mas posso dizer que valeu a pena. Saí de sua casa depois de uma conversa franca, de pedidos de desculpas e de uma reconciliação. Eu a perdoei por ter sido tão contra a escolha da minha esposa sem motivo algum, e ela me perdoou pela ausência nos momentos difíceis. Dona Olga prometeu que logo apareceria para visitar os netos, que não teve muito contato graças à nossa briga eterna.

O segundo lugar que passei, que é perto da casa dos meus pais, na cidade em que eu e Ester morávamos antes de nos mudarmos para São Paulo, foi na casa dos meus sogros. Eles choraram assim que me viram, porque, ao contrário dos meus pais, eles me aceitaram como se eu fosse parte da família. Enquanto abraçava a mãe da minha mulher, senti como se fosse ela ali, tamanha a semelhança. Não resisti e deixei o peso do mundo sair dos meus

ombros enquanto a senhora me abraçava com força, sem precisar de palavras para me consolar. A conversa com eles foi para recordar a jovialidade e vivacidade de Ester. Não mencionamos a época difícil do tratamento contra o câncer, pois tenho certeza de que não é assim que ela gostaria de ser lembrada. Falei dos meninos, falei de Hallana, dos meus pais.

Falei de Amanda.

Não foi difícil como pensei falar da babá meiga, esforçada e tão humana que invadiu minha mente de repente. Eu não planejava nutrir nada por ela, devido a todas as circunstâncias, mas quem disse que a gente manda em alguma coisa? Não tamparei meus olhos para o carinho que cresceu dentro de mim em poucos dias, porque ele segue apenas aumentando.

Observá-la me causa paz. Vê-la com Alex e Aline me deixa deslumbrado. Se os pais de Ester perceberam a mensagem que deixei implícita, não falaram nada, mas o aperto que ambos me deram quando saí dali me disse tudo o que eu precisava saber: eles também queriam a minha felicidade, assim como Ester queria.

O terceiro lugar que visitei foi o cemitério. Pela primeira vez, consegui conversar com minha esposa sem ela me interromper. E Deus, como senti falta das suas interrupções.

Olhar para seu túmulo fez com que mais lágrimas aparecessem, mais do que achei que fossem possíveis existir em mim já havia chorado o dia inteiro. Antes, eu achava que, segurando o choro, estava sendo forte para meus filhos, estava superando a morte da minha esposa, mas só estava prendendo a dor aqui dentro do meu peito.

E ela saiu. Saiu em um longo monólogo mesclado com soluços

desesperados. Pedi perdão a Ester pela falha com nossos filhos, contei sobre eles, sobre meu trabalho. Fingi que ela estava ali comigo enquanto eu pedia a sua bênção para seguir com a minha vida. Senti como se minha esposa tivesse me dado.

Ao sair dali, tirei a aliança do meu dedo e a beijei, colocando-a no meu bolso com a promessa de que amaria Ester para sempre. Ela sempre seria a mãe dos meus filhos, meu primeiro amor, a dona de muitos sorrisos meus. A mulher maravilhosa sempre teria uma parte do meu coração, mas isso não significava que precisaria me fechar para o mundo.

Estava na hora de mais alguém ser a causa dos meus sorrisos, de ter a felicidade causada por mim. Por isso, voltei correndo para meus filhos. E para a garota que está me deixando louco.

— Tem alguém aí? — indago, estranhando o silêncio da casa. Já está de noite, mas ainda está cedo para que os meninos estejam dormindo. — Olá?

— Papai! — Escuto o grito de Aline e me agacho quando a pequena vem correndo em minha direção. — Você chegou!

— Oi, meu amor. Tudo bem?

Vejo Amanda aparecendo atrás dela, mas estranho sua expressão receosa. FRANZO a testa e a questiono com o olhar, mas não preciso perguntar, porque assim que minha filha afasta o rosto do meu ombro, vejo o motivo do receio da Amanda.

— O que... O que foi isso? O que aconteceu com ela? — Passo o dedo pelos pequenos pontos na testa da minha filha e pela ferida roxa acima da boca.

— Ela caiu... — Amanda responde em um sussurro.

Vejo Alex sentado no sofá, olhando para nós como se estivesse com medo também.

— Eu corri a rua sozinha para tentar pegar um gatinho, e o carro quase bateu em mim, papai. Mas ganhei um pirulito no hospital, e nem está doendo.

Meus olhos se arregalam de choque com as informações. Sinto um medo crescendo em mim e uma raiva.

— Como você atravessou a rua sozinha, filha? — pergunto carinhosamente, abraçando-a com força. — Como você deixou a minha filha sozinha, Amanda? Onde você estava quando ela quase foi atropelada?

Ela morde os lábios trêmulos e olha para os meninos, como se não quisesse discutir a situação na frente dos dois. Respiro fundo, conto até dez e decido esperar. Seja o que for que tenha acontecido, os dois não merecem presenciar nada.

— Já jantaram?

Os dois acenam, e estranho que até Alex respondeu. Estou cada vez mais intrigado com esse machucado da minha filha e tenho certeza de que não gostarei de ouvir o que Amanda irá me falar.

Pego Aline no colo e a levo para o sofá, sentindo-a ao lado de Alexandre.

— Como foram na escola hoje?

— Foi tudo bem — meu filho responde e, mais uma vez, eu estranho.

— Foi bom demais, papai!

Aline começa um monólogo desenfreado sobre os cuidados com a horta e até Alex tenta interagir com a irmã, mesmo que aparente estar com medo.

— Hugo, se importa se eu for me deitar? Estou cansada.

— Não. Pode ir — respondo sem olhar para ela e apenas escuto os passos atrás de mim.

— Não fica bravo com ela, papai. Ela é tão boazinha.

Sorrio para a inocência de Aline e me aproveito do que quer que tenha acontecido hoje para desfrutar da aproximação de Alex. Ele apenas ouve a tagarelice da pequena, mas não some para o quarto como tem feito ultimamente. Passo boas horas na companhia dos meus filhos, mas sem deixar de martelar o dia de hoje. Posso dizer que foi, no mínimo, conturbado. Para o mal ou para o bem.

Quando passa das dez da noite, decido que já está na hora de ambos irem dormir.

— Vamos para a cama? Já está tarde, e amanhã vocês têm aula.

Os dois concordam sem reclamar e se levantam, indo em direção ao corredor dos quartos comigo logo atrás. Alex vai para seu, e entro com Aline no dela. Supervisiono enquanto ela escova os dentes no banheiro, e meu coração se aperta ao ver os ferimentos feios em seu rosto. Leio a história da sua princesa preferida, mas não dá nem dois minutos e minha filha adormece. Saio dali e vou até o quarto de Alex. Bato na porta duas vezes antes de entrar e o vejo na cama.

— Está tudo bem, filho? — pergunto, e ele acena. — Tem algo que queira me contar sobre hoje?

— Não, por quê? — Sua expressão me diz que tem sim, mas não adianta insistir agora porque sei que ele não vai abrir a boca.

— Nada. — Aproximo-me dele e dou um beijo em sua testa. — Te amo. Dorme bem.

Ele não responde, e eu não esperava diferente.

Ando até a porta de Amanda e hesito em bater porque não sei se já está dormindo. Mas faço, porque preciso saber o que aconteceu com meus filhos. Estou prestes a desistir quando ela não responde nada, mas a porta se abre. Amanda está com os olhos arregalados de medo, como uma gatinha assustada.

— Posso conversar contigo um instante? — pergunto, e ela acena, afastando-se para que eu entre. — Ali na sala, por favor.

Os olhos se abrem ainda mais, e ela morde o lábio com força. Puxa os shorts do pijama curto de sempre, mas minha mente está agitada demais para pensar em algo sexual no momento.

Quando nos sentamos no sofá, não enrolo.

— O que exatamente aconteceu hoje, Amanda?

— Hugo, eu... me desculpa. Juro que não fui relapsa. — Ela passa a mão pelos cabelos e pelo rosto com força. — Foi questão de um segundo. Aline desgrudou da minha mão e, quando vi, já tinha acontecido. Fiquei desesperada. Hallana foi comigo para o hospital.

— Aline poderia ter sido atropelada, Amanda! — exclamo, mais alto do que pretendia, e ela se afasta do sofá, parecendo assustada. — Eu poderia ter perdido a minha filha. Você entende isso?

— Eu sei, eu sei, mas não aconteceu!

— Você devia ter me ligado, eu teria vindo imediatamente — falo, sentindo a raiva se misturando com o medo de perder mais alguém na vida.

— Não queria te incomodar e te preocupar, sendo que eu podia controlar a situação. Liguei para Hallana, e ela foi comi...

— Eles são *meus* filhos! Tudo o que diz respeito a eles é do *meu* interesse!

— Eu sei! E não grita comigo, porque não sou um deles. — Ela se levanta do sofá e empina o queixo, encarando-me com uma raiva que nunca vi nela. — Entendo o seu medo de que algo de ruim acontecesse, e eu falhei, então peço perdão, mas não venha gritar comigo.

Passo as mãos pelos cabelos e sinto raiva por ela falar em falhar como se esse erro não pudesse ter causado uma fatalidade. Eu podia ter perdido a minha filha.

— Você não entende! Não vou saber o que é perder mais alguém na vida, Amanda. Não irei perder mais ninguém. Muito menos por desatenção sua!

Assusto-me com a risada meio descontrolada que Amanda dá. Ela imita meu gesto e desliza as pequenas mãos pelos fios de cabelo.

— Você é um egocêntrico do cacete mesmo, não é? Pelo amor de

Deus, Hugo. Eu daria a minha vida pelos seus filhos. Os *seus*! Que *você* se esqueceu de que precisavam de sua atenção! — ela grita, e não vejo nada da mocinha tímida e indefesa ali.

Não consigo ficar bravo nem triste pelas palavras agora, porque a raiva e o choque ainda estão aqui, mas sei que uma hora a realidade das suas palavras fará efeito.

— Enquanto você, o pai, vivia seu luto tranquilamente, eu vivia o *meu* luto cuidando deles. E agora vem me acusar de ter sido *desatenta*? — Ela ri novamente, e eu vou para falar, mas Amanda levanta um dedo e aponta para mim. — Perdi minha mãe, a única família de verdade que tinha no mundo, com vinte anos. Então não venha me dizer o que eu entendo ou não, porque você não sabe porra nenhuma da minha vida!

Fico com a boca aberta vendo-a me dar as costas. Escuto o barulho da sua porta se fechando e me jogo no sofá, com a cabeça entre as mãos, amaldiçoando-me pelo jeito ríspido e por ter agido no impulso.

— Por que não ficou calado, burro? — resmungo comigo mesmo e me levanto, pronto para seguir Amanda.

Assim que me aproximo da sua porta, ouço um choro baixinho vindo de lá de dentro. Meu coração se parte, não nego. Descontar minhas frustrações e meu medo em outras pessoas sempre foi um dos muitos defeitos meus, que ainda não consigo lidar muito bem.

Só pensei na cena da minha pequena sendo atropelada, eu perdendo-a sem poder dizer adeus. Não gosto nem de imaginar.

Decido deixar Amanda descansar, porque ambos estamos de cabeça quente e nada de bom sairia daqui agora. Preciso dar espaço a ela antes de me

desculpar pelas besteiras que disse. A garota precisa saber que pode ser tudo, menos relapsa. Afinal, que pessoa abandonaria a própria vida para me ajudar a cuidar de duas crianças que não tem obrigação? Se não fosse ela, eu estaria muito perdido. E meus filhos também.

Volto para meu quarto e fico pensativo. Como imaginei, o peso das palavras dela, finalmente, me atinge. Muita coisa se explicou agora que descobri que ela perdeu a mãe ainda nova.

A perda muda parte de quem a gente é. Algumas pessoas lidam bem com isso, mas outras, como eu, perdem o chão.

Admiro ainda mais a garota que estou conhecendo aos poucos. Só espero que ela ainda permita que eu a conheça mais e que me desculpe pelas asneiras que falei.



HUGO

Acordo sem precisar de despertador porque meu corpo já se acostumou com a rotina de levantar antes mesmo de o sol aparecer. Tomo um banho rápido, sem pensar muito no que estou fazendo, ansioso para conversar com Amanda.

Dormi pessimamente, remoendo a nossa discussão. Odeio que a garota esteja certa em tudo o que falou. Eu a julguei como se a conhecesse e fui um péssimo pai, de fato. Deixei obrigações demais nas costas da mulher que deveria apenas cuidar deles e não fazer o papel de mãe. Eu, que sou o próprio pai, fui relapso por dois anos e a acusei de ter sido desatenta com meus filhos.

Droga, é muita burrice para um homem só.

Estranho o silêncio da casa e procuro por alguém na cozinha, que é onde estariam tomando café para irem para a escola, mas não encontro ninguém. Abro a porta do quarto de Alex e o vejo dormindo. Aline está da mesma forma. Estranho, mas os deixo ali. Talvez tenha tido algum aviso na escola dos dois e eu não fiquei sabendo. Ando até o quarto de Amanda e bato

na porta, com os dedos tremendo de nervosismo.

Eu espero mesmo que me perdoe por ter sido impulsivo com as palavras que disse a ela.

Não tenho resposta e solto um suspiro, sabendo que não será fácil conversar. Logo agora, que estou disposto a tentar alguma com ela, acontece isso.

— Amanda? Estou entrando. Preciso conversar contigo.

Abro a porta devagar, para não invadir ainda mais a sua privacidade, e dou de cara com o quarto vazio. Novamente, acho estranho. Uma parte do meu coração me diz que isso não é nada bom, mas a outra tem esperança de que ela tenha ido à padaria.

Não tenho tempo de pensar demais, pois ouço o barulho do meu celular tocando. Encontro-o em cima da mesinha de centro na sala e corro para atender. Quando vejo o nome Amanda na tela, meu coração salta de medo, de preocupação. Estou surtando.

— Amanda, está tudo bem contigo? — digo, sem perder tempo com cumprimentos.

— *Oi, senhor Hugo. Está tudo bem. Achei bom ligar para que as crianças não percam a hora. Ainda esta semana, irei aí para pegar o resto das minhas coisas e para acertarmos as coisas da demissão* — ela sussurra, e ouço um fungado de choro.

— Como demissão? Como assim buscar suas coisas? Você foi embora? Você... nos deixou?

O salto que meu coração dá me diz que não estou chocado por perder a babá dos meus filhos, mas que estou devastado por algo muito maior do que isso.

— *Não posso continuar aí, Hugo.* — Percebo a tristeza no seu tom de voz. — *Não posso ficar perto de você sabendo que jamais irei superar o que sinto. Sabendo que você não me vê da forma que eu gostaria, que não confia mais nem no meu trabalho.*

— Amanda, não é assim... Vamos conversar? Você nem me deu tempo de falar nada, de me desculpar, simplesmente saiu correndo e... — Ouço um barulho de choro mais alto e a voz de alguém ao fundo, mas não consigo ouvir o que diz. — Amanda?

— *Preciso ir, Hugo. É melhor assim. Diga aos meninos que sentirei muita falta deles.*

E ela desliga.

Amanda desliga na minha cara!

Sou tomado por aquela sensação angustiante, a que nos faz tremer dos pés à cabeça. Estou sem acreditar que, depois de tudo, Amanda simplesmente foi embora assim, sem dizer tchau para meus filhos. Sem se despedir de mim.

Solto um suspiro longo e alto, e passo as mãos pelos fios de cabelo, tentando pensar.

Vou atrás dela? Espero que ela se acalme mais para procurá-la? Choro pelo leite derramado, me bato por ter sido um imbecil? Ficar sem conversar e deixar as coisas mal resolvidas está fora de questão. Só preciso saber *quando* procurar Amanda.

Não tenho tempo de pensar na resolução para meus problemas com Amanda, pois Alex chega à sala e me olha com curiosidade.

— Cadê a Amanda? Por que ela não acordou a gente? — ele pergunta.

— Ela... não trabalha mais aqui, por enquanto. — Quando digo isso, os olhos do meu filho quase saltam. Ele parece tão desesperado quanto eu estou.

— Por quê?

— Ela achou melhor não continuar aqui, filho. — Assim que as palavras saem da minha boca, é a vez de Aline aparecer na sala. Não tenho dúvidas de que a pequena ouviu a respeito da sua babá, pois as lágrimas silenciosas rolam pelo seu rosto.

Meu Deus, por que meus filhos não podem simplesmente ser felizes? Sem ter uma vida cheia de drama, perdas e descaso. Meu descaso.

— Vem cá, meu amor. Não chora. — Sento-me no sofá e estico os braços para Aline, que corre para o meu colo e deixa o choro silencioso se transformar em um com direito a soluços. — Nós vamos achar outra babá até a Amanda voltar para a gente, OK? Vai dar tudo certo.

— Ela foi embora por minha causa... — Alex sussurra e se senta ao meu lado no sofá. Continuo acalmando Aline, que gruda em meu pescoço como se eu fosse seu porto seguro.

— Não diga isso, filho. Se alguém tem culpa, provavelmente sou eu.

— Não. Foi culpa minha — ele repete e enfia a cabeça entre as

palmas das mãos, um gesto muito parecido com o meu. — Eu...

Inesperadamente, Alexandre começa a chorar também, fazendo com que Aline, que estava se acalmando no meu colo, recomece com as lágrimas.

— Foi culpa minha que a Aline quase foi atropelada. Eu... — Paraliso com a sua fala, mas ele continua falando antes que eu possa acalmá-lo. — Estava saindo da escola com uns amigos, ignorando a Amanda... Ela me chamou, e eu fingi que não ouvi. Aí ela ficou preocupada comigo, e a Aline correu. Foi minha culpa. Não queria que ela fosse embora. Não queria...

Ele chora como não via há muito tempo. Desde pequeno, Alex sempre teve um lado meigo, que foi perdido assim que a mãe ficou doente. Meu filho se fechou para tudo o que gostava de fazer e se tornou um garoto introvertido e triste. Bem parecido comigo. E eu nunca fiz nada para mudar isso, até agora.

— Vem cá. — Toco suas costas para que ele me olhe e estico o braço, chamando-o para se aproximar. Alex me obedece e gruda seu corpo no meu, encaixando a cabeça na curva do meu pescoço. Meu menino chora, e fico despedaçado. — Não foi sua culpa, filho. Acidentes acontecem.

— Você culpou a Amanda, eu ouvi. E agora ela foi embora. Gosto dela, pai. Não queria... — Ele chora mais, e nem eu mesmo consigo controlar as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

— O culpado sou eu. Por tudo. Por ela ter ido embora, e por todo o resto. Me tornei o tipo de pessoa que sempre odiei, mas nunca é tarde para acordar para a vida.

Aperto os olhos e não seco as lágrimas que caem. Deixo-as

escorrendo livres. Quem sabe assim essa dor que nós três sentimos por perder, mais uma vez, alguém que nos importamos vai embora junto com elas?

— Me perdoem. Vocês me perdoam?

Alex acena com a cabeça, ainda escondendo o rosto no meu pescoço. Mesmo que meu filho esteja enorme, será sempre meu garotinho indefeso. E é exatamente isso o que ele demonstra agora.

Aline funga e levanta o rostinho para beijar minha bochecha. É seu modo de dizer que me perdoa pelos anos perdidos.

Nós ficamos assim, abraçados, quase fundidos, por muito tempo. Não quero me soltar de nenhum dos dois. Se pudesse, pausaria este momento para sempre, somente pelo prazer de ter meus amores pertinho de mim, sem frieza, sem distanciamento. Apenas com proteção e carinho.

— Amo tanto vocês. — Beijo a cabeça de cada um até que os três choros cessam.

— Papai, a gente pode buscar a Amanda de novo? — Aline pergunta baixinho. — Eu *amo muito ela*.

— O papai vai buscar, meu amor. Farei de tudo para trazer aquela mulher de volta para a gente.

— Pai, a gente não está atrasado para a escola? — Alex questiona, tentando disfarçar o embaraço que sentiu após chorar. Meu menino...

Suspiro e aceno, mas não quero mesmo me desgrudar deles.

— Vocês têm algo de importante na escola hoje? — Eles negam com

a cabeça, e eu sorrio. — Como a tia de vocês diria: “Existem coisas muito mais importantes do que isso agora”. Então, vamos tirar o dia de folga. Hoje, seremos só nos três.

— Jura? — Alex pergunta, e eu abro um sorriso maior pela empolgação. — A gente pode jogar videogame? A Amanda me deu um jogo de luta muito maneiro!

— Não! Eu quero ir ver o filme da *Frozen 2* no cinema! Me leva, papai!

Gargalho com a empolgação dos dois e dou mais um beijo em cada um. O sorriso deles neste momento é impagável. Eu daria minha vida para mantê-los sempre assim, mas sei que Alex e Aline ainda terão muitas perdas, decepções e problemas. Como qualquer um na vida. Só que, se depender de mim, a felicidade será predominante. Sempre.

— Achei um lugar que vocês vão adorar. Vende sorvete sem leite, feito à base de água. Você vai amar, Alex. — Seus olhos se arregalam, e o sorriso cresce. Ele sempre foi apaixonado pela sobremesa. — Podemos ir ver o filme, tomar sorvete, comprar um jogo maneiro para o videogame e jogarmos. O que acham?

— Oba! — Aline comemora e se levanta com tudo do meu colo. — Vou colocar meu vestido vermelho!

Ela corre em disparada para seu quarto, e eu a observo, sacudindo a cabeça com a empolgação.

Dizem que as crianças se alegram com muito pouco, e é verdade. Descobri isso nos primeiros anos como pai.

Alex e Aline foram planejados, então Ester e eu tivemos muito tempo de estudar sobre a maternidade e paternidade, sobre como lidar com os medos, dúvidas e problemas que surgiriam no caminho. Descobrimos, tempos depois, que nenhum estudo te prepara para ser pai. É somente ao pegar seu filho nos braços, ouvir o chorinho, sentir o aperto da pequena mãozinha no seu dedo que o sentimento chega com tudo, que a realidade bate.

Eu não poderia ser um pai mais feliz do que sou; falho, com toda certeza, mas que ama seus filhos acima de tudo. Que fará qualquer coisa pela sua felicidade.

Enquanto Alex e Aline se arrumam para o dia de lazer que teremos, pego meu celular e mando uma mensagem para Amanda. Não espero por uma resposta, mas preciso que ela saiba o que estou sentindo no momento.

“Vou lutar por você, garota. Agora que grudou na minha cabeça, nada vai te tirar da minha vida. Da nossa vida. Sentimos sua falta. E obrigado por tudo.”

E não menti. É hora de tomar as rédeas da minha vida.



AMANDA

Eu estou no inferno.

Voltar para esta casa depois de dois anos foi a pior coisa que poderia ter acontecido comigo. E olha que só estou aqui há um dia. Não sei o que é pior, se as lembranças ainda vivas da minha mãe ou o fato de precisar estar no mesmo ambiente que esse homem que dizem que é meu pai.

— Amanda, cadê a porra do meu café? — ele grita, e eu sigo sentada no sofá com um caderno no colo. Estou tentando estudar, mas o homem passou o dia inteiro buzinando no meu ouvido.

Não tive alternativa ao vir para cá. Com Giulia visitando a avó, não tinha nenhum lugar em que eu pudesse ir. Pensei em ir para um hotel, mas não posso me dar ao luxo de pagar diárias quando estou juntando para meu futuro, que só Deus sabe qual será agora.

— Está surda, garota?

— Se não notou, estou tentando estudar — respondo, sem tirar os

olhos das minhas anotações enquanto circulo uma informação importante na folha.

— Quem você pensa que é, sua... — Ele se aproxima e, mesmo que não esteja bêbado agora, o cheio de cachaça está impregnado no seu corpo inteiro.

— Sua o que, hein, *pai*? — indago ironicamente, cansada de tudo.

Estou cansada dessa vida meia-boca. Cansada de ser sozinha no mundo. Cansada de ter um pai que nunca me amou, que sempre passou sua vida mais em um bar do que com a própria família. Cansada de pensar em Hugo.

Distraio-me da presença do homem perto de mim, quando sinto um puxão forte no meu braço. Assusto-me com a força do aperto e tento me soltar, mas Moacir me arrasta para a cozinha.

— Me solta! Você está me machucando, seu velho!

— Isso aqui é o seu lugar, entendeu? Ainda bem que caiu em si de que não presta para nada. Mal presta para fazer a porra do meu café! — ele grita e me empurra para perto do fogão, fazendo meu quadril bater na mesa no percurso.

Xingo baixinho, sentindo as lágrimas querendo escapar dos meus olhos, mas não deixarei que esse velho nojento saiba que me feriu. Ele só tem o poder de fazer isso fisicamente, porque nada Moacir disser pode me abalar emocionalmente. Não mais.

— Vê se não faz aquelas porras daqueles melados que fazia antigamente! Quero amargo.

Solto uma risada debochada e me aproximo dele, sem me importar com o quão ameaçador ele parece agora com essa cara de lunático.

— Se quiser beber café, faça você mesmo, porque não farei nada aqui. Não sou mais sua empregada — digo, travando o maxilar com força.

Sinto o tapa vindo no meu rosto e, sinceramente, não me surpreendo com isso. Não é a primeira vez. É tudo o que se espera de um pai alcoólatra.

Reprimo os pensamentos da minha infância, em que minha mãe maravilhosa fazia de tudo para que o monstro que escolheu para ser meu pai não chegasse perto de mim. Funcionava na maioria das vezes, mas em outras eu não tinha tanta sorte. Acabava com hematomas como esse que tenho certeza de que ficará no meu braço.

— A bonitinha acha que é dona do próprio nariz agora. — Ele ri, fazendo-me afastar para trás para fugir do seu hálito forte de cachaça. — Sua tola...

Quando Moacir ergue a mão novamente, ouvimos o barulho de batidas fortes na porta.

— Some da minha frente, vai! — ele diz antes de ir atender.

Respiro fundo umas três vezes para me acalmar e peço a Deus para que me tire desse martírio. A esta altura do campeonato, preciso de um milagre divino para me salvar.

— Tudo bem, senhor? A Amanda está?

Imediatamente, meu coração se acelera ao reconhecer a voz rouca, grave e gostosa que pergunta por mim.

Meu Deus! Será que ele é a minha salvação que pedi? O que estava se passando na cabeça dele ao me mandar aquela mensagem? Não respondi, porque pensei que pudesse ter sido algo impulsivo, desesperado. Mas, e se não foi?

Ai, Deus!

Minhas mãos começam a suar imediatamente, e não consigo sair do lugar de nervosismo. O que Hugo está fazendo aqui?

— O que quer com a minha filha? — meu pai pergunta do seu jeito grosseiro de sempre.

— Ah, desculpa a falta de educação. Sou Hugo, ela cuida dos meus filhos. Vim ver como está.

— Ela não vai mais voltar para aquele lugar, rapaz.

Minhas pernas decidem me obedecer, e sigo em direção à porta de entrada da casa. Tenho vergonha de que Hugo esteja aqui, porque Moacir destruiu o lugar. Manchou o local das minhas lembranças boas com minha mãe.

— Hugo? — sussurro ao vê-lo.

Seu olhar se ergue, e o sorriso surge em seu rosto. Passo as mãos pelo meu vestido amassado, mas seus olhos não saem do meu rosto. Nunca tinha o visto me encarar assim, com tanta alegria.

— Oi, Amanda. Espero que não se incomode que eu tenha vindo aqui. Precisamos conversar.

Aceno timidamente, com medo de que meu pai arme barraco na frente

dele, mas o velho apenas me encara com uma expressão ameaçadora que conheço bem. Aquela que me diz com o olhar para manter o bico fechado.

— Pode me acompanhar, por favor.

— Com licença, senhor — Hugo fala educadamente e faz um gesto com a cabeça para meu pai.

Eu sigo até o que já foi meu quarto um dia, mas que agora ficou um cômodo onde Moacir guarda bagunça. Fico imediatamente com vergonha por ter levado Hugo ali, mas é o único lugar que podemos ter um pouco de privacidade.

Não sei se estou animada para ter essa conversa. Da última vez que conversamos, ele disse coisas que me ofenderam e me magoaram muito. Entendo que estava preocupado com Aline, mas nada dá o direito a ninguém de ofender os outros. Hugo foi ingrato.

— Seu pai é...

— Um bêbado — respondo firme e passo as mãos pelos braços como forma de proteção. — Pode falar, estou ouvindo.

— Escuta, Amanda. Me perdoa — diz com sua forma direta de sempre. — Fui um... Ou melhor, sou um babaca. Um maldito babaca linguarudo. Fiquei nervoso com a possibilidade de perder minha filha. Eles são meu mundo, Amanda. Não pensei direito antes de te acusar, só estava dominado pelo medo. Não justifica minhas palavras porque você nunca foi nada mais que... perfeita.

— Não sou perfeita, Hugo. Nunca fui. — Nego com a cabeça e mordo os lábios, segurando-me para não chorar com suas palavras. Nunca fiquei

com raiva dele, magoada é a palavra certa. Frustrada. Triste. Isso é o que a gente sente quando o homem que a gente ama não confia mais na gente. Ama... Deus, sou mesmo muito patética. — Mas sempre trabalhei muito, e direito. Sei reconhecer o meu valor. Nunca faria nada para machucar Alex e Aline. Eu amo os dois, sabe?

Sua expressão fica surpresa de repente.

— Eles foram a minha salvação depois da morte da minha mãe. E acredito que eu tenha sido a deles também depois da morte de Ester. Nós três temos muito em comum.

Sorrio fraco e me sento na cama capenga do meu antigo quarto. Hugo se aproxima devagar de mim e se senta ao meu lado.

— Eles estão sentindo a sua falta. E eu também — ele fala, e o encaro. — Sumi anteontem porque fui rever minha mãe. Eu não falava com ela direito há muito tempo. Resolvi as coisas e aproveitei para visitar meus sogros e o túmulo de Ester. Foi tão... libertador.

Por instinto, seguro sua mão pousada no seu colo e a aperto. Acaricio seus dedos com a ponta dos meus e franzo a testa ao sentir a ausência da aliança de ouro ali, depois de tanto tempo.

— Você tirou a aliança? — pergunto baixinho, sentindo meu coração acelerado no peito de expectativa.

— Tirei. Uma das coisas que decidi é que não deixarei a tristeza me consumir, principalmente quando tenho a felicidade bem à minha frente.

— O que... O que está falando? De mim?

Ele abre aquele sorriso perfeito, destacando as pontinhas salientes dos caninos.

— Sim, Amanda. Se você quiser, é claro. Gostaria de tentar. Não sou muito bom em me relacionar com as pessoas dessa forma, mas você me faz querer isso. Você é tão doce, tão leve.

Sorrio de orelha a orelha, e Hugo me puxa pelo pescoço, encostando sua testa na minha e beijando a ponta do meu nariz.

— Quero aprender a amar de novo contigo. Você me ensina? — pergunta, acariciando meu rosto com o seu.

Fecho os olhos e me pergunto se não estou sonhando com isso, pois não tem condições de Hugo estar mesmo dizendo que quer a mim. Sou apenas... eu. A babá destrambelhada e inocente demais para ele. Humilde, sofrida e sem nada além do meu amor para oferecer. Hugo é muita areia para meu pequeno caminhão.

— E então? Não me mata de ansiedade. Você me quer? Aceita a mim e o meus dois pacotes de brinde?

— Eu amo os seus pacotes...

Ele gargalha e desliza a ponta dos dedos pelas minhas sobrancelhas. Em seguida, desce pelas minhas bochechas e pelos meus lábios.

— Me aceita... Farei de tudo para tentar não ser tão cuzão.

— Isso me parece um sonho, Hugo. E se não der certo? E se a minha inexperiência atrapalhar tudo?

— Shhh. — Ele me cala com um beijo delicado. — Não pensa assim,

Amanda. Nós dois já sofremos demais nesta vida. Acho que chegou o momento da nossa alegria. Juntos.

Aceno e sinto uma lágrima escorrendo pelo meu rosto.

— Eu aceito, então. O que nós somos?

— Quero que viva todas as etapas da vida. Por enquanto, irei te conquistar. Depois a gente vê.

Não digo que ele já me conquistou desde o primeiro dia em que o vi, apenas aproveito o momento. Aproveito sua boca novamente na minha. Parece que faz anos que não o sinto perto de mim. Acho que é assim que deve ser o amor.

Aperto seus ombros largos com força e me aproximo do seu corpo, sentindo o gosto que me viciou, que antes não podia ter, mas que agora será meu!

— Amanda! — Salto na cama, afastando-me de Hugo quando meu pai invade o quarto sem pedir licença. — Pode me acompanhar um instante?

Estranho a súbita educação e sei que o velho está com medo de Hugo, porque sabe muito bem que ele é policial e que poderia ferrá-lo caso descobrisse o que apronta por aí. Aceno para que Moacir não faça show e me afasto, lançando um olhar para o homem lindo à minha frente. Sigo meu pai pelo corredor, e ele anda até a cozinha.

— Que pouca vergonha é essa na minha casa? Quero esse homem fora daqui, Amanda. Aqui não é o lugar dele.

Perco a paciência.

— Escuta aqui, Moacir. Não sei se você não sabe ou se só faz se lerdo, mas esta é a *minha* casa. Minha mãe deixou para *mim*, e você só mora aqui porque, graças a Deus, sou boa demais para deixar alguém morar na rua.

— Sua... — Ele aperta meu braço com força novamente, e eu o puxo.

Moacir não tem tempo de falar nada, pois, mais rápido do que a luz, Hugo chega à cozinha e o empurra para longe de mim. Ele não para por aí. O braço forte vai até o pescoço do meu pai, imprensando-o na geladeira.

— Por que não banca o fortão comigo, hein? Por que não levanta a mão para alguém do seu tamanho? — Sua voz está ameaçadora, e eu nunca tinha o visto tão agressivo.

— Hugo, não vale a pena... Por favor.

Aproximo-me dos dois e toco o braço que ainda pressiona meu pai, que está com os olhos arregalados.

O olhar do meu policial vai para meus braços, e eu o sigo, vendo o roxo que já se formou ali pelos muitos apertos que recebi desde que voltei para esta casa.

— Ele machucou você, Amanda. Quer que eu o leve à delegacia? — pergunta, com uma expressão de tristeza estampada.

— Sinceramente, não vale a pena. Só... me leva daqui. Posso voltar contigo para casa? Quero apenas esquecer disso aqui.

Ele larga meu pai na mesma hora, e o velho cai no chão, mas não me importo com Moacir neste momento.

Tudo o que me importa é a esperança e o carinho que vejo nesses

olhos esverdeados tão lindos. Hugo ainda não sabe, mas irei fazê-lo muito feliz, da mesma forma que ele me faz.

— Claro que pode. Eu já estava aqui meio desesperado achando que não iria querer ir. Oh, Deus, que alívio.

Ele me abraça com força, e eu solto uma risada alta.

— Isso tudo para não contratar outra babá, senhor Hugo? — brinco, e ele sorri abertamente ao se afastar.

— Não. Na verdade, é mais pela comida. Não acharia uma igual. — Cutuco suas costelas, sentindo-me plena pela primeira vez desde... Bem, não sei dizer. Nunca senti nada igual a essa alegria. — Vamos para nossa casa.



HUGO

Amanda voltou para minha casa faz três meses, e meus filhos nunca estiveram tão felizes com sua presença. Os meus dias de férias passaram voando com os três tomando cada segundo do meu tempo. E amei cada milésimo.

Agora, estou voltando de mais um turno. Estaciono a moto e ando devagar, estranhando que eles não vieram me receber. Escuto risadas e uma música alta vindo de um dos quartos. Deixo o coldre da arma em cima do armário, as chaves na mesa e tiro os sapatos antes de andar até lá para não chamar a atenção.

O sorriso, inconscientemente, não sai do meu rosto mesmo antes de ver o que eles estão aprontando.

Coloco a cabeça dentro do quarto de Alex e o ouço gargalhando. Amanda e Aline estão na mesma *vibe* empolgada, mas elas dançam e cantam uma música que não conheço, enquanto meu filho finge ser um guitarrista, fazendo gestos com as mãos.

Paro ali no batente da porta e cruzo os braços, observando minha loirinha dançando desengonçada com os fios voando para todos os lados enquanto agita a cabeça.

Estamos indo devagar na nossa relação.

Como falei, queria conquistá-la. Mas foi ela quem acabou me pegando de jeito com seu jeito doce, cuidadoso. Com seu lado sexy despretenso. E a risada... Ah, foi inevitável me apaixonar. Não precisei de muito, aliás.

Mas esperei. Nós namoramos todo esse tempo de forma discreta, mesmo que meus filhos tenham nos surpreendido algumas vezes. Não é segredo para eles, e fiquei muito feliz em saber que não se opuseram à nossa relação.

Observá-la agora, tão inocente e sensual, me faz desejá-la ainda mais. Faz com que eu queira tomá-la em um beijo que não seja interrompido como todas as vezes quando fica intenso demais. Interrompido por mim, pois quero que sua primeira vez seja comigo como um namorado, como um cara que ama de verdade, que a ofereça o mundo.

Agora, posso ser esse homem, porque estou pronto para assumir que eu a amo. Menos de um ano, e Amanda incendiou minha vida e me fez ver que perdi tanto dela.

— Que dança mais bonita. — Finalmente quebro o silêncio, e os três gritam de susto, fazendo-me rir alto.

— Papai! — Aline para com seus movimentos e corre até mim. Agacho-me rapidamente e impulsiono seu corpo para cima para levantá-la. — A gente estava fingindo ser de uma banda. Acha que a gente pode ter uma

de verdade?

— Ah, com certeza, meu amor. Vocês podem ser o que quiserem.

— Pai, podemos comprar uma guitarra para eu aprender a tocar? — Alex pergunta e faz novamente o gesto engraçado com os dedos.

— Depende. Só se esse velho pai aqui ganhar um beijo.

— Pai, não gosto de ficar dando beijos — resmunga, mas não acredito mais nessa pose de pré-adolescente rebelde. Por baixo desse fingimento, meu menino carinhoso ainda está ali.

Troco um olhar com Amanda e com Aline, em uma conexão natural que criamos nos últimos meses, e em seguida olhamos para Alexandre.

— Ah, não. Nem vem! De novo, não! — meu filho fala rindo, e desço Aline no chão enquanto ela dá risadinhas. Alexandre se aproveita do momento para fugir do quarto, correndo pela casa enquanto grita.

— Nada de beijos de trio, por favor! O que meus amigos iam dizer de mim se me vissem no meio dessa palhaçada? — grita de longe, e dou um beijo na boca de Amanda quando Aline corre atrás do irmão.

Nós vamos logo em seguida, em uma perseguição que virou rotina nos últimos dias. Amanda corre como se fosse uma criança, e eu me divirto com seu jeito leve, seja comigo ou com meus filhos.

Nunca canso de admirá-la.

— Eles diriam que você é muito, muito amado, Alex. Vem aqui. Dá um beijo em mim — ela diz, e Alex ri, entregando onde está escondido na garagem.

Ando até lá sacudindo a cabeça, prendendo um riso.

— Ali, mamãe, atrás da moto do papai! — Aline grita e gargalha em seguida.

Eu, Amanda e Alex paramos imediatamente, estagnados com a palavrinha de cinco letras que saiu tão naturalmente da boca da ingênua criança. Ela parece perceber o que disse, pois tampa a boca e os olhinhos se enchem de lágrimas imediatamente.

— Desculpa, papai. Eu não quis falar isso.

Os olhinhos assustados me encaram, com medo da minha reação, e eu não posso deixar de me sentir triste. Uma criança de seis anos notou o quanto mudei após a morte da minha esposa, mas, por incrível que pareça, a palavra não me incomoda mesmo que esteja cedo demais, apenas me emociona. Ester sempre será a mãe deles, mas não posso privar meus filhos de amarem Amanda como mãe.

— Do que me chamou, amor? — Minha loirinha se abaixa para ficar da altura da minha filha, com os olhos cheios de lágrimas.

— De Amanda. Não falei mamãe! Me desculpa. Saiu...

Aproximo-me delas e me agacho.

— Pode dizer, meu amor. O papai não fica bravo. — Conforto a pequena, e os olhinhos brilham de emoção junto com os meus.

— Jura? Posso chamar ela de mãe todo dia? Porque eu me segurava.

Nós rimos, e eu abraço as duas com força, sentindo um amor que transborda de mim.

— Juro.

— Ah, desse jeito eu quero! — Alex protesta e se joga em cima da gente, fazendo os quatro caírem no chão da garagem.

— Amo tanto todos vocês — digo, esmagando-os mais.

Amanda ergue os olhos para mim com curiosidade, mas apenas sorrio e beijo seu nariz.

Nós passamos o resto da noite vendo um filme e comendo besteiras até os meninos irem para cama.

— Minhas costas estão me matando — resmungo após lavar a louça com Amanda.

— Quer uma massagem? É um dos meus talentos — diz, arqueando uma sobrancelha de um jeito brincalhão, sem ter noção do quanto mexe comigo.

— Ah, eu vou aceitar.

Pego-a nas costas, e ela segura para não rir.

— Não disse que estava com dor, homem?

— Já passou...

Amanda ri enquanto eu a levo para meu quarto. Nós costumamos dormir juntos. Apenas dormir. É, foram meses difíceis de bolas roxas.

É surreal o quanto gosto desses nossos momentos leves, cheios de conversa, de descobertas. Contamos sobre nossa infância, adolescência e me surpreendi ao ver que ela continua maravilhosa mesmo depois de toda a vida

sofrida que teve.

Coloco-a deitada na cama e tranco a porta do quarto. Quando me volto para Amanda, vejo que ela me fita com desejo no olhar.

— Não canso de apreciar o quanto fica bonito de farda. O fetiche de qualquer mulher é ter um homem bonito assim fazendo um *strip* — diz arteira, e eu semicerro os olhos para ela.

— Quer um *strip-tease*, senhorita Amanda?

Os olhos verdes se arregalam quando começo a tirar a roupa. Não danço porque não tenho o menor jeito para isso, mas tiro cada peça do corpo com um desejo imenso por ela. Mal a calça desce e os olhos verdes encaram minha *boxer* marcada pela ereção dolorida que vem me acompanhando nesses meses.

— Eu nunca tinha te visto assim — murmura, mordendo o lábio. Ela se senta na cama e fica me observando com curiosidade.

— Quer tomar um banho comigo? — indago e gargalho quando ela tira o pijama do próprio corpo com uma pressa incrível.

Amanda para e parece constrangida com meu olhar ao vê-la somente de calcinha. Cobre os seios grandes e empinados com as mãos, e minha boca saliva com vontade de chupá-los de novo.

— Vem... — Estendo a mão para ela, que não hesita em aceitar.

No banheiro, tiro sua mão da frente dos seus seios e beijo-os com carinho, descendo meu corpo para distribuir as carícias pela sua barriga lisinha.

— Você está tão cheirosa — falo, aspirando o cheio de creme da sua coxa.

Com delicadeza, pedindo permissão com o olhar, encaixo os dedos na barra da sua calcinha. Amanda segura meus cabelos e geme baixinho quando encosto a boca em frente ao tecido, soltando a respirando na sua boceta por cima da peça. Desço-a devagar, aspirando seu cheiro, focando nas suas reações.

— Você vai fazer amor comigo? — Aceno e beijo-a ali embaixo, tirando um gemido *sexy* e fofo ao mesmo tempo da sua garganta. — O que mudou? Você nunca tomou a iniciativa... E sempre me parava quando eu tentava mais.

Levanto-me para beijar sua boca e sugo os lábios.

— Mudou que agora eu te amo. E posso te amar completamente. Queria que, quando acontecesse, ambos estivéssemos na mesma sintonia. — Passo as mãos pelas suas costas e pelos ombros, massageando-os. — Acho que sempre te amei nos pequenos gestos seus com meus filhos, mas agora te amo como mulher. Finalmente estou pronto para te amar completamente.

— Ah, Hugo, não sabe como quis ouvir isso. Eu te amo tanto...

Ela me abraça pelo pescoço, e impulsiono seu corpo para que se encaixe no meu. Levo-nos até o *box* e ligo o chuveiro. Eu a beijo enquanto a água cai sobre nossas cabeças. Quando a afasto, seus lábios estão vermelhos e inchados, deixando-me ainda mais excitado.

Desço-a do meu colo e tiro a cueca. Termino de retirar sua calcinha de vez e não vejo mais traços de vergonha no olhar de Amanda. Noto apenas o amor e o carinho que sempre nutriu por mim mesmo quando eu não merecia.

— Poderia passar a vida inteira aqui contigo, vendo seu rosto lindo corado. Você é linda...

Aperto seus mamilos e volto a trilha de beijos de antes, mas desta vez não sou interrompido por nada. Chego rapidamente à boceta com pelinhos ralos. Deslizo a língua devagar pelo clitóris inchado e latejante, e Amanda geme alto.

— Ah, Amanda, esse gemido...

Chupo-a devagar, parando sempre que ela está prestes a atingir o orgasmo, porque quero que seja tudo intenso para ela. Quero que sinta muito prazer comigo, com cada parte minha. Minha garota goza rápido para mim quando volto a lambê-la, tirando-me um sorriso bobo.

Quando me levanto, tomo um banho rápido, beijando-a durante todo o processo. Ela desliza as mãos pelo meu corpo de um jeito preguiçoso, como se estivesse com vergonha de me tocar. Mas teremos muito tempo para isso. Por ora, quero estar dentro dela. Preciso antes que fique louco.

Assim que me enxaguio e tiro vestígios de sabão do seu corpo, pego-a no colo novamente e a levo para a suíte. Sem toalha mesmo, jogo-a na cama com força, e a safada ri com um sorrisinho na cara.

— Sempre te imaginei assim, meio bruto.

— Ah, Amanda, você não viu nada. Mas serei carinhoso. Hoje — sussurro no seu ouvido e arreganho suas pernas, submetendo-a à minha língua novamente. Brinco com seu clitóris reluzente e inchado e dou uns tapas ali quando ela goza novamente minutos depois.

— Socorro... Meu corpo está mole — sussurra, rindo. — Nunca

imaginei que oral fosse tão bom assim.

— Imagina meu pau bem aqui — murmuro, enquanto sigo acariciando-a na bocetinha.

Subo meu corpo e beijo sua boca. Chupo sua língua com vontade, espalhando o gosto marcante da sua boceta em seus lábios.

— Está esperando o que para me mostrar?

Sorrio pela provocação e saio de cima dela para pegar a camisinha na mesa de cabeceira. Protejo meu pau rapidamente, com o olhar safado de Amanda ali, morta de curiosidade para tocá-lo. Monto em cima dela e inclino meu corpo.

— Bate uma para mim, Amanda. Sei que está doida para tocar. Não precisa ficar com vergonha de pedir.

A garota morde os lábios e não hesita antes de apertar meu pau do jeito exato para me enlouquecer. Com um olhar curioso, não preciso pedir para que ela comece o movimento de vai e vem. Amanda parece concentrada na sua tarefa, ao mesmo tempo em que olha para meu rosto.

— Você é lindo quando está assim, todo entregue. Gosto disso. Quero te ver gozar, Hugo.

Resmungo alto, tendo plena consciência de que ela não fala isso para me provocar ou para acelerar meu orgasmo. Amanda fala o que sente na maioria das vezes na pura inocência. E isso me deixa louco.

Tiro meu pau da sua mão e o seguro, aproximando-o da sua entrada encharcada. Deslizo a ponta ali, lubrificando a boceta por inteira.

— Preciso que me pare se eu for rápido demais.

— Estou relaxada, Hugo. Esperei por este momento por tempo demais. Pode enfiar... — Aceno e empurro devagar, fechando os olhos quando meu pau é esmagado completamente.

É deliciosamente gostoso.

Saio e volto, entrando mais um pouco. Fico intercalando entre entrar e sair, e Amanda crava as unhas na minha bunda.

— Isso está me enlouquecendo, Hugo. Vai de uma vez — resmunga contra a minha boca, e eu a beijo.

— Calminha, apressada. Preciso te preparar.

Empurro mais, mas desta vez não tiro. Ela geme de dor por um instante e faz uma careta, mas logo a sinto relaxando novamente. Empurro mais e gemo alto, sem conseguir me controlar.

— Inferno, Amanda.

— Vem de uma vez, por favor — implora, e termino de deslizar o resto, vendo-a apertar os olhos.

— Me desculpa. Se pudesse, faria de uma forma que não doesse — falo no seu ouvido e a distraio com minhas carícias pelo seu corpo todo. Dedilho seu clitóris, enquanto me mexo devagar dentro dela.

— Arde para caramba isso, mas é gostoso ao mesmo tempo — geme, empurrando o corpo para mim, mas eu a seguro.

— Você vai se machucar mais assim, linda.

Ela sorri e empurra novamente, como se estivesse me provocando. E a garota consegue, porque quando sinto sua boceta me esmagando, com a dona dela me olhando com uma cara de safada. Não consigo manter a velocidade lenta. Estoco duas vezes com força antes de me lembrar que preciso ir com calma.

— Quero te ver gozando chamando meu nome. Fantasio com isso, Hugo.

Aceno e seguro suas mãos, levantando-as para o alto da sua cabeça enquanto sigo estocando. A todo instante, vejo suas reações para saber se não está ruim demais para Amanda, mas ela parece deslumbrada, com a boca entreaberta e os olhos apertados. Cada parte do meu corpo suado toca o seu, intensificando as sensações gostosas.

— Isso é bom. Não imaginei que fosse tão gostoso assim.

— Ah, linda, isso porque você está sentindo dor. Imagina quando for sem.

Esfrego seu clitóris mais rápido ao sentir os sinais de um orgasmo chegando no meu corpo. Não quero chegar antes de ela gozar para mim assim.

— Ah, Hugo. Eu te amo tanto...

— Isso, Amanda. Isso, meu bem.

Amanda aperta os olhos e, olhando-a de cima, desse jeito meio selvagem, ela parece uma deusa.

Ela contorce as pernas de um jeito angustiado, sem conseguir se

conter no próprio prazer, e eu gozo, sentindo o alívio e a sensação boa me preenchendo. Ainda fico alguns minutos dentro dela, encarando-a com um sorriso bobo. Toco seu rosto devagar e encosto meus lábios de leve nos seus.

Só saio de dentro dela para descartar a camisinha, mas volto rapidamente para me deitar ao seu lado.

— Foi incrível — ela sussurra e coloca o queixo em cima da mão apoiada no meu peito para me olhar. — Preciso te falar uma coisa.

— Diga.

— Não quero que fique triste, ou que me afaste. É sobre Ester — fala, com uma expressão receosa.

— Não ficarei. O que foi? — indago, curioso.

— Um tempo antes de morrer, ela me fez prometer que eu cuidaria dos meninos. E de você. Me disse que dava a bênção para nós dois, que eu precisava te ajudar a passar pelo luto — sussurra, sem deixar de me encarar enquanto fala.

— Bem a cara da Ester. Isso não me surpreende. — Sorrio, lembrando dela com saudade, não mais com dor. — Então você só está usando do meu corpo por causa de uma promessa, senhorita Amanda?

— Fazer o quê? Não resisto a uma boa promessa.

Sorrio alto e a aperto, beijando seus cabelos.

— Ah, é? Então quero que prometa uma coisa para mim. Quero que sempre esteja aqui comigo para me lembrar do quão boa a vida pode ser, o quão bom o dia pode ser somente por eu ter esse sorriso aqui. — Toco no seu

queixo, e Amanda sorri. — E quero que me prometa que, daqui uns bons anos, dirá um “sim” para mim e para os meus filhos. Em um altar.

— Ah, Hugo, por que faz isso comigo? — Ela seca uma lágrima que escorre pelo rosto sem perder o lindo sorriso. — Eu te prometo.

Epílogo

HUGO

Três anos depois

— Vamos, Hugo! Por favor, as crianças vão invadir este quarto a qualquer momento!

— Deixa só o Alex te ouvir o chamando de criança — resmungo e me remexo na cama, com preguiça de me levantar.

— Ele é criança para mim ainda. Anda!

Sinto Amanda batendo na minha bunda e me viro de uma vez, puxando-a para a cama. Esmago seu corpo com o meu, e ela ri quando esfrego a barba por fazer no seu pescoço.

— Ain, Hugo. Isso faz cócegas. E me excita. Nem vem. Estou assada em cada buraco do meu corpo.

— HUUUUUM. Você não devia falar isso para mim, porque não me faz querer te soltar, garota. — Ela ri quando a viro no colchão, ficando por cima dela, e beijo seu pescoço. — As lembranças de ontem à noite estão tão

frescas na minha memória. Ainda consigo sentir seu rabo gostoso me apertando. Quando vamos repetir?

Ela gargalha e bate no meu ombro com força.

Amo como Amanda ainda cora com minhas palavras obscenas mesmo depois de três anos juntos. Amo que sua força apenas se intensificou com os anos, assim como a sua doçura, o seu cuidado comigo, com meus filhos.

Foi ela quem trouxe o meu lado pai amoroso de volta, e eu jamais terei palavras o suficiente para demonstrar a gratidão que sinto por Amanda fazer parte da minha vida.

Ela segue rindo enquanto brinco com sua barriga sensível por cima do vestido.

— Casa comigo — sussurro, encarando os olhos verdes e acariciando os cabelos loiros, agora bem maiores do que quando a conheci.

— Quê?

— Você tem uma promessa a cumprir. Casa comigo?

— Mas... agora? — Ela parece emocionada, mas ao mesmo tempo preocupada.

— A gente já vive junto, amor, mas não precisa ser agora. Quando você quiser. Sei que está focada na faculdade, mas quero colocar uma aliança nesse dedo. Quero que seja minha para sempre — digo, e a preocupação some com a mesma força que surgiu.

— Claro que caso, meu amor. Nada me faria mais feliz.

Sorrio e beijo seu queixo, mordendo a pontinha saliente enquanto Amanda geme para mim.

Eu amo essa mulher de uma forma única. Sinto como se ela fosse minha segunda chance de amar, de aumentar a família. Ainda quero ter mais filhos, porque tenho amor o suficiente para muitas crianças ainda. Amanda também quer, porque já a peguei me sondando.

— Pai! Mãe! Saiam daí, pelo amor de Deus! Não aguento essa pirralha no meu pé para te entregar seu presente! — Alex exclama, e ouço o grito de protesto de Aline do outro lado da porta.

— Seu bocudo! Estragou a surpresa!

Eu e Amanda gargalhamos e nos levantamos da cama. Visto uma roupa, e ela espera que eu termine, olhando para mim com uma expressão de carinho e desejo. A dicotomia única que sempre amei nela.

— Nunca me acostumei com ele me chamando de mãe. Me sinto velha. Ele só tem dez anos a menos que eu.

— Ele sempre te amou, só deixou de ser rabugento. Que nem eu... — Pisco para ela, que sorri abertamente.

Quando nós saímos do quarto, noto minha pequena com a cara emburrada enquanto Alex morre de rir.

Meus filhos são meus tesouros. Minha relação com eles está ainda melhor do que antes. A cumplicidade, o respeito, a confiança e o carinho estão presentes todos os dias nesta casa. Nós finalmente redescobrimos o conceito de família e de felicidade, isso graças à loirinha que me deixa louco.

— Pai, esse Alex é um linguarudo! Feliz dia dos pais! — Minha filha, que não é mais tão pequena assim, se joga nos meus ombros e me dá um beijo demorado no rosto.

— Obrigado, meu amor.

— Feliz dia dos pais, coroa. Sem abraço porque essas paradas emocionais não são comigo — Alex zomba, e eu sorrio.

— Vem cá logo, moleque — brinco, e ele gargalha, aproximando-se com os braços estendidos. Quando Alex me abraça, aperto-o como se fosse a última vez. É bom ter meu filho de volta. — Tenho orgulho de você.

Ele bate nas minhas costas e retribui o aperto antes de se afastar.

— E aí? Cadê meu presente? — pergunto, olhando para os três, que me encaram com umas carinhas ansiosas.

Aline me estica um envelope e quase saltita de alegria. Sorrio enquanto abro o papel, e até Alex não consegue disfarçar a empolgação. Vejo quatro passagens para os Estados Unidos e franzo a testa sem entender.

— Os meninos me falaram que Ester sempre sonhou em ir para a Disney com eles, mas que não teria tempo. Pensei em realizar o sonho dela, e das crianças... — Amanda sorri timidamente e parece receosa. — Espero que não se incomode, amor.

— Amanda, isso é lindo... Ela era louca por aquele lugar.

Sinto-me emocionado pelo gesto tão atencioso e delicado. Não canso de me surpreender. Puxo-a pela cintura e a beijo, esquecendo-me da presença dos dois curiosos ali até exclamarem o famoso grito.

— Eca! — Aline grita, e Amanda se afasta rindo.

— Diz eca agora, pirralha. Quero ver daqui uns anos — Alex diz, e vejo Amanda arregalando os olhos.

— E como você sabe disso?

— Qual é, mãe. Já tenho quinze anos — ele diz e dá de ombros.

Meu Deus, meu menino cresceu... Sinto um orgulho imenso dos dois. Sei que ambos terão amor para a vida inteira, que irão encontrar, futuramente, alguém que os faça feliz. Ou alguéns, nunca sabemos o que a vida nos reserva.

Ganhei a minha segunda chance. Minha loirinha linda e determinada, que faz eu me sentir um homem sortudo na mesma medida em que meus filhos fazem com que eu me sinta o pai do ano.

país
DO ANO

Fernanda Santana

BERNARDO

Sinopse

Bernardo não imaginou que sua vida fosse virar do avesso diante da contratação de uma nova assistente para a construtora da qual é dono com seu irmão. O engenheiro civil vive a sua vida livre, leve e desimpedido, exibindo sua solteirice a quem for de interesse, mas quando pousa seus olhos em Diana, tudo começa a mudar.

Bonita, excelente funcionária e mãe, a mulher imediatamente desperta o interesse e admiração de Bernardo. Quando pequena Beatriz entra na jogada, seu coração é arrebatado por completo.

Agora, ele precisará provar a Diana que não é uma péssima ideia se envolver com seu chefe e deixá-lo fazer parte da vida da sua filha. Quando o passado conturbado de Diana bate à porta, seu amor pela mulher e pela menina começa a ser posto à prova.

A stylized, handwritten signature in black ink, consisting of a large, sweeping 'U' shape followed by a vertical line and a small 'm'.

BERNARDO

— *Você não vai nem querer saber quem é?* — Gael me pergunta do outro lado da linha.

— Já disse que confio em você, cara. Tem meu apoio para contratá-la. Além do mais, estou cheio de trabalho por aqui.

Olho para cima e vejo o terceiro andar do edifício ganhando forma. Enquanto meu irmão gosta mais de cuidar da parte burocrática da empresa, prefiro colocar a mão na massa. Sempre visito as obras para acompanhar o trabalho de perto e acabo me sujando de poeira ou cimento.

Logo que me formei, há mais de dez anos, meu irmão, que também é engenheiro civil, me chamou para abrir uma construtora com o dinheiro que recebemos de herança do nosso pai. Gael, por ser mais velho, já tinha experiência no mercado; eu tinha aquela sede de cara novo, por isso demos tão certo.

Hoje a Construtora Sartini é conhecida por toda região. Nós já saímos até em capa de revista e ganhamos premiação de empresários do ano. Não

vou negar que adoro esse prestígio, mas, mais do que isso, ser reconhecido pelo meu esforço, pelo bom trabalho que faço. E quando se faz o que ama, é ainda melhor.

Converso com meu irmão pelo telefone por mais alguns minutos antes de desligar. Recentemente, nossa assistente nos deixou na mão, e por isso começamos a procurar uma nova funcionária para preencher essa vaga. Gael queria que eu o ajudasse na seleção, mas deixei por conta dele. Seu faro é infalível. Tenho certeza de que ele fez uma boa escolha, inclusive para essa novata que começa hoje na empresa.

Volto minha atenção para a construção diante de mim. Converso com o encarregado da obra para conferir se está tudo caminhando dentro do prazo previsto. Confiro com ele a lista de materiais e equipamentos de segurança que precisamos repor. Faço um rascunho e coloco na minha pasta. Quando voltar ao escritório, peço à nova funcionária para fazer as cotações.

Entro no meu carro e dirijo até a outra construção, em um bairro um pouco mais distante da cidade. Faço o mesmo ritual com o encarregado e, quando tenho tudo em mãos, volto para a minha picape e vou para outra construção.

Quando saio da terceira, vejo que o horário de almoço está quase chegando. Antes de sair, decido passar no escritório para deixar os relatórios do dia.

Dirijo até o centro da cidade e estaciono na vaga privativa da empresa. Sorrio ao passar pela porta de vidro e ver meu irmão todo engomadinho na recepção conversando com uma mulher que acredito ser a nova funcionária.

— Você devia ter sido advogado, já que anda tão arrumadinho assim — brinco com Gael, que revira os olhos para mim.

— E você deveria tomar um banho antes de vir trabalhar. — Faz uma careta, e eu caio na risada. — Bernardo, essa é a Diana, nossa nova assistente.

A mulher de longos cabelos lisos escuros se vira em minha direção, e sinto um calafrio.

Caramba!

Ela é linda demais...

Tem a pele clara bronzeada, lábios grossos e lindos... Seus olhos são castanho-escuros e intensos, daqueles que parecem te perfurar apenas com um olhar.

— Muito prazer, Bernardo. — Ela estende a mão timidamente, e o seu sorriso é a minha perdição.

— O prazer é todo meu, Diana. Seja bem-vinda. — Aperto sua mão e rapidamente solto, sentindo um incômodo com o seu calor.

Gael arqueia a sobrancelha para mim, e já sei que um sermão me aguarda. E olha que nem fiz nada!

— Eu trouxe a lista de materiais que estamos precisando nas obras. Você acha que consegue dar uma olhada nisso? — pergunto a ela, que assente confiante, pegando os papéis da minha mão.

— Claro! Tem alguma indicação?

— Tem uma planilha salva na área de trabalho dessa máquina com a

lista dos nossos principais fornecedores. Pode olhar diretamente com eles.

— Ótimo. Pode deixar comigo.

Ela se senta à mesa e liga a tela do computador à sua frente. De canto de olho, vejo Gael sinalizar para que eu o siga. Assim que entramos em nosso escritório, ele fecha a porta atrás de si e junta as mãos, suspirando.

— Por tudo que é mais sagrado, Bernardo, mantenha o seu pau dentro das calças.

— O quê?

— Estou falando sério. Eu vi como você olhou para ela. A Diana tem um currículo maravilhoso, irmão. Não estrague isso, OK?

— Desde quando eu estrago tudo?

Gael me fuzila com o olhar, e engulo em seco.

É, uma vez me envolvi com uma funcionária e realmente não deu muito certo. Em minha defesa, ela fantasiou um relacionamento que nunca pretendi corresponder e deixei claro desde o início. Não resolveu muita coisa.

Resultado? Um belo pedido de demissão.

Por isso, meu irmão vive me proibindo de me relacionar com qualquer pessoa do trabalho.

— Pode ficar tranquilo, Gael. — Ergo os braços em rendição. — Vou manter o meu pau longe dela.

Gael me analisa por um momento e quando vê que não estou blefando, assente em um suspiro.

— Já está indo almoçar? — pergunta, apontando para a saída.

— Daqui a pouco. Vou só checar meu e-mail e vou para casa tomar um banho.

— Está bem. Eu te vejo mais tarde. — Acena e sai da sala, deixando-me sozinho.

Eu me sento à minha mesa e ligo o notebook, enquanto tiro o celular do bolso para conferir as minhas mensagens.

Fael: Quer almoçar aqui hoje? A Camila está fazendo lasanha.

Eu: Nem precisa perguntar. Chego aí em uma hora.

Rafael é meu amigo de longa data e, com ele, ganhei a amizade de sua esposa também. Eles são o casal mais foda que conheço. Parece que foi ontem que eu estava dando conselhos a meu amigo para investir no relacionamento e agora já estão casados há uns bons anos. Do amor deles nasceu Elisa, minha afilhada de cinco meses. Quando se conheceram, Camila já tinha um filho de seu primeiro casamento. Pedro tinha oito anos quando Rafael entrou na vida deles. Ele o ama como se fosse seu filho. Acho que nunca vi um relacionamento tão bonito entre padrasto e enteado antes.

Passo os próximos minutos conferindo meus e-mails e planejando o restante do meu dia. Quando finalizo, fecho o notebook e saio da minha sala, encontrando a recepção vazia. Pelo visto, fiquei por último.

Entro no carro e dirijo até a minha casa, para um banho rápido. Meu apartamento é básico, sem muitas firulas. Tipicamente masculino. Só fiz questão de ter uma TV gigante, sofá macio, cama *king size* e uma geladeira que cabe uma família inteira dentro.

Meu irmão e a minha mãe têm esperanças de que eu vá me casar e mudar de vida, mas não consigo enxergar isso em breve. Se até hoje, com meus trinta e cinco anos, não tive essa vontade, não acredito que vá ter um dia.

Termino de me arrumar e volto para as ruas, dirigindo até a casa dos meus melhores amigos. Não demora muito e estou parado em frente a um lindo imóvel de portão branco, tocando o interfone.

Minha entrada é liberada. Logo que passo pela porta, sinto um cheiro gostoso me invadir. Sigo até a cozinha, onde encontro Camila entretida no fogão, cantando Beatles baixinho.

— Está parecendo gostosa... — comento ao pé de seu ouvido, e ela dá um grito de susto, colocando a mão no peito.

— Bernardo! — Ela fica mais vermelha que um pimentão, e eu caio na risada.

— Estou falando da lasanha, loirinha. Você está se achando demais... — brinco com ela e rio ainda mais ao levar um tapa no braço.

— Você é ridículo!

— Sou qualquer coisa, Mila. Menos ridículo. — Abro meu sorriso galanteador, e é a sua vez de rir.

— Você não vale nada. — Balança a cabeça, e eu encosto na bancada ao seu lado.

— Cadê o Fael?

— Está dando banho na Elisa — responde, enquanto abre a porta do

forno para conferir a travessa de lasanha.

— Ele é mesmo um paizão, *né*? — Cruzo os braços e sorrio.

Eu morro de orgulho desse cara.

— Ele é... — Um sorriso ilumina todo o seu rosto ao falar do marido.
— Tanto para a Elisa quanto para o Pedro.

— E cadê ele, por falar nisso?

— O Pedro? — pergunta, e concordo com a cabeça. — Enfiado no quarto. Chegou há pouco da escola. Quando o almoço estiver pronto, ele desce.

Assinto e ofereço ajuda a ela, que nega, alegando já estar tudo pronto. Logo ouço passos arrastados chegarem até a cozinha. Sorrio ao ver Rafael com a minha pequena nos braços.

— Cadê a princesa do padrinho? — Abro os braços para ela, que na mesma hora ergue o corpinho para vir para mim, e pego-a no colo.

— Elisa é tão fácil — Rafael murmura, e eu rio.

— Eu que sou irresistível. — Pisco para ele, que revira os olhos. — E como você está, princesa?

Beijo a sua bochecha gordinha e fico brincando com ela, como um bom padrinho babão que sou.

— E como está o trabalho? — Rafael se senta ao meu lado na bancada. Narro sobre o meu dia, enquanto paparico minha afilhada.

— E essa assistente? — Arqueia a sobrancelha, e eu franzo o cenho.

— É só com isso que está preocupado?

— Não sei. Achei que você falou dela de um jeito diferente.

— Lá vem...

— O que tem a assistente? — Camila se aproxima, abraçando o marido.

— Não tem nada, Mila. O seu marido que está viajando. Se serve de consolo, prometi a Gael que manteria o pau dentro das calças.

— BERNARDO! — gritam os dois em uníssono, e eu percebo a gafe que cometi.

— Desculpa, princesa, foi sem querer. — Beijo a bochecha de Elisa, e ela esfrega a mãozinha na minha barba por fazer.

— Que belo exemplo para a minha filha. — Rafael balança a cabeça, e Camila cruza os braços.

— Foi você quem escolheu o padrinho. O problema é seu.

— Ah... Agora fui eu que escolhi, *né?* — ele resmunga, e eu rio.

— Vocês me amam que eu sei! Mas me desculpem, preciso muito me policiar quando estou perto dela.

— Está tudo bem, Bê. — Camila se aproxima e puxa minha afilhada de meus braços. — Só tome mais cuidado.

— Pode deixar.

— Vou só amamentar a Elisa e já volto para almoçarmos. A lasanha

está pronta. — Ela some de vista, e fico sozinho com um Rafael calado demais.

— O que foi?

— Não acha que está na hora de sossegar, cara?

— Fael...

— A sua vida é ótima, eu sei. Mas ter uma família também é bom, sabia?

— Olha... Você é um excelente pai, e eu te admiro muito por isso. Um ótimo marido também. Mas não tenho vocação nenhuma para casamento, Fael.

— Você não sabe.

— Vai por mim. Sei sim. Compromisso me causa urticária, lembra?

Rafael cai na gargalhada, e eu me junto a ele.

— Você é um imbecil!

— Por isso mesmo que nasci para ficar sozinho.

— Eu também achava isso, cara. Mas quando você encontra a pessoa certa, tudo muda.

Balanço a cabeça, evitando mais uma discussão.

É sempre assim, sempre a mesma coisa.

Eu amo esse cara como se fosse um irmão, mas ultimamente ele tem insistido demais nesse assunto.

Ele, a minha mãe e o meu irmão. Mas que inferno!

Todos ao meu redor são felizes em seus casamentos, e respeito isso, mas não dá para mim.

Sou feliz assim. Sou solteiro, leve e desimpedido. O que há de errado nisso?



Volto para o trabalho um pouco mais tarde do que pretendia, pois acabo ficando tempo demais na casa dos meus amigos. O almoço em família foi cercado de risos e por um breve momento — muito breve por sinal —, pergunto como seria ter uma família tão bonita quanto a deles. Mas na mesma hora que esse pensamento me invade, já o deixo de lado.

O que falei para o Rafael é verdade, não tenho vocação alguma para casamento. Gosto de ser um cara livre, de fazer minhas próprias escolhas e ter encontros casuais.

Decido afastar esses pensamentos, pois tenho trabalho demais por aqui. Passo pela recepção e cumprimento Diana, que me recebe com um lindo sorriso.

Ela é realmente muito linda...

Sento-me na minha mesa e abro o notebook, estalando o pescoço antes de retomar um projeto que Gael e eu estamos fazendo para um novo edifício comercial. Recentemente, fechamos esse negócio e temos trabalhado arduamente para dar o nosso melhor. Sei que o resultado será incrível.

Nem percebo o tempo passar, de tão entretido que estou. Algum

tempo depois, vejo Diana bater na porta e pedir licença para entrar na sala.

— Eu acabei de fazer café, Bernardo. Você aceita? — Seu sorriso é doce, e sinto um aperto no peito.

Diana não é só uma mulher linda, ela parece ter alguma coisa diferente de todas as outras... Só não consegui descobrir o que é ainda.

— Um café vai mesmo me cair bem agora. — Estalo o pescoço, e ela assente.

— Vou trazer para você.

— Não precisa — digo, levantando-me. — Preciso mesmo esticar um pouco o corpo.

Eu a acompanho até a nossa cozinha e quando entro, sinto um cheiro maravilhoso invadir o ambiente.

Abro o armário, pego duas xícaras, servindo-nos, e estendo uma a ela, que sorri agradecida. Pego um pacote de *cookies* e de torradas, e levo à mesa, puxando a cadeira e convidando-a a se sentar comigo.

— Gael não volta hoje? — pergunto quando vejo que o silêncio pairou sobre nós.

— Acredito que não, pois foi resolver um problema na prefeitura e disse que não tinha hora de voltar.

— *Argh...* Detesto essa parte do trabalho. É tão chata! Não sei como ele aguenta lidar com tanta burocracia.

— Não é das melhores mesmo. — Ela sorri timidamente, e eu aprecio

isso.

— E você já tinha trabalhado em uma construtora antes? — pergunto para puxar um assunto. — Me desculpe a pergunta, mas não cheguei a olhar o seu currículo. Deixei por conta do Gael, porque ele é ótimo nisso.

— Ele me falou sobre isso, não se preocupe. — Sorri mais uma vez, e eu inclino meu corpo, apoiando o braço na mesa, de frente para ela. — É a primeira vez que trabalho em uma construtora, mas já trabalhei em grandes empresas e gosto muito do que faço. Vou dar o meu melhor pela empresa.

Ela sorri confiante, e eu assinto.

— Nunca duvidei disso — digo e dou um gole no meu café. — A propósito, o café está maravilhoso. O nosso sempre sai horrível.

Ela solta uma risada e me olha como se não acreditasse.

— É verdade. O do Gael sai uma verdadeira água de batata, e o meu é tão amargo que você não consegue beber mais que um gole.

— Meu Deus! — Diana ri de forma mais relaxada, e me junto a ela. — Ainda bem que cheguei para salvar vocês, coitadinhos.

— Você nem imagina...

Diana me olha de forma intensa e desvia o seu olhar, fitando alguma coisa no chão. Termino de tomar o meu café em silêncio e quando terminamos, lavamos a louça e retornamos ao trabalho.

Assim que reabro o projeto, ela aparece na porta novamente, um pouco tímida.

— Me desculpe te interromper mais uma vez.

— Não se preocupe com isso.

— Eu terminei as cotações que você me pediu. — Aproxima-se, e eu indico para se sentar, de frente para mim.

Ela me estende os papéis e me explica a conversa que teve enquanto os analiso. Termino de olhar simplesmente abismado com a capacidade dessa mulher. Em tantos anos de trabalho, nunca conseguimos descontos e condições de pagamento tão boas quanto essas.

— Estou impressionado... — murmuro ao erguer meus olhos para ela. Daqui consigo ver suas bochechas corarem.

— Sei ser convincente. — Dá de ombros e me abre um sorriso tímido.

— Parabéns pelo trabalho. Gael acertou em cheio ao contratar você.

— Obrigada, Bernardo. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e continua me olhando de forma tímida.

— Pode fechar com esses. — Grifo os fornecedores que sei que são de qualidade e com preço melhor. — Os cheques da empresa ficam com meu irmão. Quando Gael voltar, você pega com ele. Qualquer um de nós dois pode fazer a assinatura.

— Está ótimo! Obrigada.

Ela recolhe os papéis e se levanta, pedindo licença. Diana me deixa sozinho na sala com uma sensação muito estranha no peito.

Em seu primeiro dia, provou-me que é a melhor assistente que já

tivemos. Mas mais do que isso, pelo pouco que pude reparar, ela parece uma mulher forte por trás de todo seu jeito doce.

Ela é mesmo incrível, e preciso urgentemente parar de pensar nisso.



DIANA

Os primeiros dias em um emprego nunca são fáceis, você se sente insegura até se entrosar com as pessoas e conhecer a rotina da empresa. No meu caso, é um pouco pior, pois não tenho outro colega de trabalho a não ser os dois sócios. Mas por incrível que pareça, eles são adoráveis.

Quando fui dispensada do meu emprego no mês passado porque a empresa perdeu um contrato com um cliente forte e precisou reduzir o quadro, quase entrei em desespero. Por mais que eu não more sozinha e nem pague aluguel, não posso contar apenas com a renda da minha mãe. Só a mensalidade da escola da Beatriz consome um terço do meu salário.

Moramos as três sozinhas desde que perdemos o meu pai há alguns anos. Ainda me dói saber que ele nunca conhecerá a neta, mas sei que de onde está, pode nos ver.

Há quase seis anos, conheci o Felipe, um cara que parecia legal. Fomos apresentados por uma amiga em comum e saímos por algumas vezes. Não tínhamos um relacionamento tão sério, mas saímos com frequência e eu gostava do que tínhamos. Isso até tudo acontecer...

Quando minha menstruação não desceu, temi pelo que estava por vir. E não deu outra, um exame positivo confirmou a gravidez. contei para o Felipe e fui recebida da pior forma possível. Eu não esperava flores dele, mas pelo menos um apoio, já que o bebê não era só meu.

A realidade é que me tornei mãe solo aos vinte e quatro anos e o pai da minha filha — se é que posso chamá-lo assim — sumiu no mundo. Simplesmente desapareceu.

Por isso me esforcei tanto para conseguir o emprego quando fiquei sabendo que surgiu uma vaga na Construtora Sartini. Eu os conhecia de vista, pois a cidade inteira conhece os dois irmãos. Começaram o empreendimento ainda novos e deslancharam no mercado, já foram até capa de revista. O mais interessante disso é que eles colocam mesmo a mão na massa.

Percebi que o corpo da empresa não tem um grande quadro de funcionários, pois Gael e Bernardo se dedicam integralmente e a maior parte do trabalho é terceirizado. Como os empregados que trabalham na obra quase não vão ao escritório, acabo tendo contato apenas com os dois sócios, que são muito gentis.

Gael me recebeu muito bem na entrevista e valorizou meu trabalho, o que me surpreendeu bastante. Ele gostou do meu currículo e me ofereceu um salário maior do que o esperado, pois precisava de um braço direito na empresa. Eu nem preciso dizer o quanto fiquei feliz por isso.

Já Bernardo fica mais ausente do escritório, mas é tão adorável quanto o irmão. Eu o surpreendi no mesmo dia ao conseguir ótimas cotações e, desde então, venho conquistando sua confiança a cada dia.

Dos irmãos, Gael é mais velho, casado e tem um filho pequeno. Ele é

alto, tem a pele negra e um sorriso amistoso.

Já Bernardo... Esse tem um charme difícil de encontrar por aí. Ele é negro, alto, forte e tem os cabelos e barba baixos. Um sorriso que faz qualquer mulher derreter. E tenho que ter muito cuidado com isso.

Às vezes, ele me olha de um jeito diferente e por mais que seja absurdamente lindo e amável, não posso enxergá-lo a não ser como meu chefe. Preciso muito desse emprego e vou batalhar por ele. Tenho que garantir um futuro digno para a minha pequena.

Faz pouco mais de uma semana que comecei esse trabalho e agora estou muito mais familiarizada com essa nova rotina. Quando os dois se juntam naquele escritório, é impossível não rir com eles. Os dois são *uma figura*, e Bernardo é ainda mais brincalhão, um eterno garoto em corpo de adulto, como seu irmão costuma dizer.

E que corpo, diga-se de passagem...

Sei que o vi apenas de roupas formais, mas ele faz questão de ir trabalhar com camisa social e calça jeans justas, deixando muito para a imaginação.

Trabalho a parte da manhã, tão focada em minhas tarefas que só percebo a presença do Bernardo quando sinto seu perfume familiar me atingir.

— Não vai almoçar? — Ele encosta seu corpo na minha mesa, e sinto um calafrio pela sua proximidade.

— Nossa! Eu estava tão entretida que não vi a hora passar.

Ele assente e fica me observando salvar meu trabalho e juntar as minhas coisas para sair. Como o trabalho é longe de casa, acabo almoçando em restaurantes próximos daqui, cada dia conhecendo um novo lugar.

— Desculpe a pergunta, mas onde vai almoçar? — pergunta logo que eu me levanto, e arqueio a sobrancelha.

— Em algum restaurante aqui do bairro mesmo.

— Posso te fazer companhia? Estou sozinho hoje. — Ele abre um sorriso irrecusável, e concordo.

Deveria ser crime esse homem sorrir.

— Claro! Vai ser um prazer. — Sorrio, e Bernardo abre a porta de vidro para eu passar, trancando-a em seguida.

Uma das qualidades dele é o quanto é educado e cavalheiro. Acredito que nem percebe, pois faz tudo de forma automática, mas sempre abre uma porta para mim, serve um copo de água ou uma xícara de café. São pequenos detalhes que o tornam ainda mais incrível.

Caminhamos pelo bairro de forma tranquila até pararmos em frente a um restaurante chinês.

— Gosta de comida chinesa? — pergunta, tocando meu cotovelo de leve.

O seu contato aquece a minha pele e meu corpo se arrepia.

— Adoro!

— Quer almoçar aqui? Este restaurante é muito bom.

— Claro!

Ele me conduz para dentro e nos acomodamos em uma mesa em um canto, mais reservada. Fazemos nossos pedidos e assim que minha garrafa de água chega, dou um belo gole.

— Você mora aqui perto? — ele pergunta, decidindo puxar uma conversa.

— Não... Moro do outro lado da cidade — explico.

Meu celular vibra na bolsa, e eu peço licença, pegando-o e vendo uma foto que minha mãe me mandou de Beatriz com o rosto pintado. Solto uma risada, e Bernardo arqueia a sobancelha para mim.

— Desculpe. Minha mãe acabou de me mandar uma foto da minha filha.

— Você é mãe? — indaga surpreso, e assinto sorrindo.

As pessoas realmente se surpreendem quando ficam sabendo disso.

— Tenho uma mocinha de cinco anos. — Meu sorriso se amplia, e estendo o celular para ele, mostrando a fotografia. — Ela acabou de chegar da escola com o rosto pintado de onça e a minha mãe veio me mostrar.

— Ela é linda, Diana. Parabéns!

Seu sorriso é sincero quando ele me devolve o celular.

— Obrigada, Bernardo. Ela é o meu orgulho.

— Eu imagino que sim.

Guardo o celular de volta na bolsa e percebo que ele me analisa por tempo demais em silêncio. Aposto que deve estar se perguntando se sou casada ou algo do tipo. O que também já estou acostumada.

— Pode perguntar. — Eu o pego desprevenido, e Bernardo arregala os olhos para mim. — Você está me olhando como se quisesse me perguntar alguma coisa.

— Ah, desculpe... Não costumo ser tão indiscreto, só fiquei curioso. — Coça a cabeça de um jeito confuso, e sorrio. — Você é casada?

— Não se preocupe. Já estou acostumada... Não sou casada e não tenho nenhum envolvimento com o pai dela, se é essa a sua curiosidade.

— Eu não...

— Está tudo bem, Bernardo. Já me chateei demais por isso, hoje não mais. Minha filha não precisa de um pai para ser feliz.

— Ela não o conhece? — Seu tom de voz é baixo, cauteloso.

— Não. — Balanço a cabeça e bebo mais um gole de água. — O Felipe desapareceu depois que contei sobre a gravidez. Nós não chegamos a namorar sério, e eu não esperava dele um casamento, nem nada. Só queria que ele a assumisse, porque a filha não era somente minha. Mas hoje percebo que foi bom assim. É melhor que ela não tenha pai a ter um ausente.

— Nisso preciso concordar. Mas que verme é esse cara, hein? Vê se eu fico sabendo que vou ter um filho e simplesmente viro as costas e sigo a minha vida... Puta que pariu.

Ele esfrega as mãos no rosto, e acho a sua revolta um tanto fofa.

O nosso almoço chega e somos interrompidos. Começamos a comer, logo deixando o silêncio nos abraçar mais uma vez.

— Você tem razão. A comida está muito boa! — elogio assim que experimento o prato.

— Não disse? Costumo vir aqui algumas vezes.

— Obrigada pela dica! Vou levar um biscoito da sorte para a Bia, ela adora quebrar para que eu leia as mensagens para ela, embora muitas vezes não entenda nada do que está escrito. — Faço uma cara engraçada, e ele ri.

— Posso imaginar...

— E então ela me pergunta o que é e eu quase preciso fazer uma palestra para que entenda a mensagem. Sempre fazemos isso juntas, minha filha adora.

— É lindo ver você falando dela, sabia? — Sua declaração me pega de surpresa, e enrubesço.

— Obrigada...

— É sério, Diana. Dá para ver o orgulho que tem dela e o quanto é uma boa mãe. Eu nem preciso conhecê-la para saber disso.

— Muito obrigada, Bernardo. Eu dou o meu melhor, pois preciso cumprir o papel de mãe e pai na vida dela. Acredito que estou me saindo bem.

— Tenho completa certeza disso.

Volta a comer, e eu faço o mesmo, conseguindo perceber que seus

pensamentos estão longe.

— Eu fico revoltado com este mundo machista... — Ele solta assim que termina sua refeição, e é a minha vez de arquear a sobrancelha. — Vocês fazem o filho juntos e o cara simplesmente pode sumir no mundo e deixar a responsabilidade para você e fingir que nada aconteceu. Você pode passar por tudo isso sozinha, mas ele não? Francamente...

— É o que acontece todos os dias, Bernardo. Infelizmente... E ainda somos tachadas como as burras da situação. Não sabe quantas vezes ouvi um “engravidou porque quis”.

— Porra...

— Não é fácil ser mãe solo, Bernardo. Mas não me importo com o que dizem. Eu não planejei essa gravidez, mas felizmente aconteceu e eu fui até o fim. Sabia que não seria fácil, mas nunca pensei em abortar, porque tinha um pedacinho meu dentro de mim que não tinha culpa de nada. E esse pedacinho é o meu maior orgulho e o meu motivo de continuar lutando.

— Eu sabia que você era uma mulher incrível, Diana, mas não imaginava o quanto. Sinto muito por tudo que passou por causa dele.

— Não sinta. Está tudo bem. Como eu disse, prefiro que sejamos só nós duas do que ter que lidar com um pai ausente. Seria um sofrimento desnecessário para a minha menina.

— Isso é verdade...

— E pode acreditar, Beatriz é uma garotinha muito feliz e cheia de vida. Ela só se lembra de que não tem pai quando chega o dia dos pais e não tem para quem levar o cartãozinho da escola. Ano passado, fez para o meu

pai e levamos juntas ao cemitério. Não preciso nem dizer o quanto me emocionei, não é?

Ele balança a cabeça sorrindo e me surpreende apertando a minha mão por cima da mesa, soltando-a em seguida.

— Você é uma mãe incrível, Diana. Nunca duvide disso.

— Obrigada, Bernardo.

— Podemos voltar? — Ele aponta para o relógio, e me assusto ao ver que ficamos mais de uma hora aqui no restaurante.

Nem percebi o tempo passar.

— Claro! — Levanto-me e o acompanho até o caixa, mas ele faz questão de pagar a conta. Diz que é o nosso primeiro almoço e nos próximos vai me deixar pagar, o que eu duvido muito, mas aceito, pois ele sabe ser persuasivo.

Voltamos andando até a empresa e durante o caminho Bernardo me pergunta sobre a Beatriz, ficando encantado com tudo que conto sobre ela.

— Espero um dia conhecê-la. Tenho certeza de que vou adorar a sua mocinha — comenta assim que entramos na recepção.

— Faremos isso acontecer. — Abro um sorriso sincero, e ele assente, indicando para a porta de sua sala.

— Bom trabalho, Diana.

— Igualmente.

Aceno e me sento na cadeira, fitando o nada por um instante.

Conhecer esse lado do Bernardo só fez com que eu ficasse ainda mais encantada por ele. Lembro-me que quando li sua entrevista em uma revista local, tive uma impressão completamente diferente dele.

Jamais imaginei que Bernardo Sartini fosse tão sensível e compreensivo.

Descobrir ainda mais qualidades sobre ele não está fazendo nada bem ao meu coração.

Que Deus me ajude.



BERNARDO

Aciono o alarme ao descer do carro e ajeito minha camisa ao andar pelo estacionamento do shopping em direção ao elevador. Semana que vem, a minha princesa completará sete meses de vida e, como todo mês, levo um presente para ela, como o padrinho babão que sou.

Como não tinha nada para fazer hoje, decidi vir escolher alguma coisa para Elisa. Hoje é sábado e o dia lá fora está lindo, com um sol discreto.

Estalo o pescoço ao sair do elevador e caminho despreocupado pelos corredores até encontrar minha loja de brinquedos favorita. Posso não ter filhos, mas sou um ótimo tio e padrinho. Aqui encontro os melhores presentes para as crianças.

Entro e sou recebido pela atendente, que me trata de forma bastante solícita. Explico o que quero, e ela me leva para a seção de pelúcias. Fico perdido no meio da diversidade de bichinhos, mas logo meus olhos batem em uma gatinha e eu a pego. Na casa dos meus amigos, tem um casal de gatos, então sei que eles amam os bichanos.

Agradeço à atendente e caminho pelos corredores em direção ao caixa, mas antes de chegar ao meu destino, ouço uma voz familiar.

— Você já tem uma coleção dessas bonecas, Bia... — Viro-me em direção à voz e encontro Diana conversando com uma garotinha.

— Mas ainda não tenho essa ruivinha, mamãe. — A menina faz uma voz chorosa. Antes que Diana responda, ela me vê.

— Bernardo?

— Oi, Diana. — Meu sorriso se abre e me aproximo delas em passos lentos. — E você deve ser a Beatriz. — Abaixo-me para ficar da altura da menina, que me olha de um jeito curioso.

Ela tem os cabelos dourados cacheados e olhos azuis vibrantes, bem diferentes da mãe.

Ah, não é possível que ela tinha que nascer justo parecida com o verme do pai... Puta que pariu.

— Eu sou. Você é quem?

— Beatriz! Isso são modos? Esse é o Bernardo, amigo da mamãe. — Ela me apresenta, e eu sinto um salto no peito.

Ela não me apresentou como seu chefe, e sim como um amigo.

— Desculpa, *Benado*. — Ela me abre um sorriso banguela, e sorrio ainda mais por vê-la pronunciar o meu nome de um jeito tão fofo.

— Não tem problema, princesa.

— Essa gatinha é *pra* você? — pergunta, apontando para o bichinho

em minhas mãos, e solto uma risada.

— Não, é para a minha afilhada. Ela ainda é um bebezinho.

— Igual eu já fui um dia? — pergunta animada, e concordo, apaixonando-me no mesmo momento por essa menina.

— Isso mesmo! Ela tem os cabelos loiros iguais aos seus.

Ela abre a boquinha de um jeito fofo. Rio, levantando-me. Não estou mais novo para ficar agachado por muito tempo.

— Vocês estão passeando pelo shopping? — pergunto à Diana, que me analisa com um brilho no olhar.

— Estamos sim... Todos os finais de semana, preciso levá-la para algum lugar, seja parque, shopping, cinema. Não dá para ficar dentro de casa com essa mocinha cheia de energia.

— Você está certa.

— Mamãe, podemos levar a boneca ruiva? — Beatriz nos interrompe e na mesma hora eu pego a boneca que ela aponta, colocando na minha cestinha.

— O tio Bernardo vai te dar de presente, *tá*? — falo, e ela dá pulinhos de alegria, balançando seus lindos cachos.

— Não precisa, Bernardo... — Diana tenta protestar, e interrompo-a.

— Eu faço questão. Amo paparicar essas crianças, e a sua mocinha me ganhou só de me chamar de *Benado*. — Tento imitar a sua fala, e Diana cai na risada.

— Então tudo bem, obrigada!

Caminhamos até o caixa e, assim que faço o pagamento, peço para embrulharem para presente. Entrego à Beatriz quando saímos da loja e me abaixo para receber um abraço gostoso da menina.

— Obrigada, tio *Benado*. — Ganho um beijo estalado no rosto e, neste momento, percebo que meu coração já é todo dessa mocinha.

Crianças sempre me ganham fácil.

— Bom, acho que vou indo... — comento logo que me levanto e olho para Diana, um pouco sem jeito.

— Não quer ir ao cinema com a gente? — ela me pergunta com um sorriso tímido. Na mesma hora, Beatriz começa a dar mais uma sessão de seus pulinhos alegres.

— Vamos, tio *Benado*. É um filme muito legal.

— É animação. — Diana dá de ombros, e eu rio. — Sabe como é...

— Vou adorar fazer companhia para vocês.

— Oba! — Beatriz responde eufórica, e então caminhamos em direção ao cinema do shopping.

Compramos os ingressos e pipocas, posicionando-nos nas poltronas logo que entramos na sala. O filme é em 3D, e Beatriz fica toda alegre com os óculos. Nós aproveitamos para tirar uma foto. Tiro uma das duas e depois fazemos uma *selfie* nós três. Ao olhar a imagem antes de bloquear a tela de celular, percebo que ficamos bem juntos.

O filme começa e Beatriz tagarela sem parar, tirando-nos muitas risadas. Ela fica deslumbrada com as cenas em 3D. Suas reações são as mais fofas e engraçadas.

Quando acaba, ela continua tagarelando enquanto saímos do cinema e alcançamos o corredor do shopping.

— Querem comer alguma coisa? — pergunto, colocando a mão livre no bolso da calça.

— Eu quero um Mc Lanche Feliz! — A pequena solta na mesma hora, e caio na risada.

Diana fica mais vermelha que um pimentão.

— Bia, você não acabou de comer pipoca no cinema?

— Ah, mamãe, mas sempre tem um brinquedo legal. — Ela faz um biquinho fofo e bate os cílios para Diana, toda manhosa.

— Tenha filhos, Bernardo — ela resmunga, e eu gargalho.

Acho o máximo essa espontaneidade das crianças.

Caminhamos até a praça de alimentação e logo fazemos nossos pedidos, deixando uma Beatriz radiante com seus brinquedos.

— Ela nunca come tudo, é um desperdício... — Diana murmura enquanto engole o seu lanche.

E é fato. A menina está tão entretida com o brinquedo que nem dá confiança para o hambúrguer e para as batatinhas.

— Ah, mas não se preocupe com isso... Tio Bernardo aqui não dá

chance para o desperdício. — Pisco para ela, que sorri.

Comemos de forma tranquila. Conversando com Diana, acabo conhecendo um pouco mais sobre ela. Já tem cerca de um mês e meio que está trabalhando conosco e temos criado uma boa afinidade. Ela me conta sobre sua rotina morando com sua mãe e seus planos de comprar um apartamento para morar com sua filha.

É lindo vê-la falando de suas conquistas, e mais bonito ainda ver o amor que tem pela pequena. Diana tinha razão, Beatriz é uma criança cheia de vida e parece não sentir falta da figura paterna.

Quando termino de comer, vejo que a garotinha só beliscou algumas batatinhas e apenas mordeu o hambúrguer. Ela reclama que está cheia e Diana a repreende por isso, fazendo todo aquele discurso sobre desperdício de comida.

— O tio não vai deixar desperdiçar, tá? — Pego sua bandeja e começo a comer as sobras da menina, que me abre um sorriso agradecido.

— Você não tem fundo, homem? — Diana pergunta com expressão assustada.

— Não é fácil manter esse corpinho. — Bato a mão no meu abdômen, e ela balança a cabeça.

Termino de comer o lanche dela, e ficamos sentados conversando por mais algum tempo, sem perceber a hora passar.

— Acho melhor nós irmos, está ficando tarde... — Diana comenta ao olhar para o relógio.

— Tudo bem. Vocês estão de carro? — pergunto, levantando-me e levando as bandejas para o lixo.

— Não, viemos de Uber. — Diana pega Beatriz pela mão, e vamos em direção à saída.

— Então pode deixar que levo vocês em casa.

— Não precisa, Bernardo. Está tudo bem. Rapidinho o Uber chega.

— Faço questão, Diana. É uma forma de retribuir pelo dia de hoje, me diverti muito com vocês.

— Eu também. — Ela sorri tímida e coloca uma mecha atrás da orelha.

— Posso levá-las então? — pergunto antes de me aproximar do guichê do estacionamento.

— Pode, mas só se me deixar pagar pelo estacionamento. — Retira o cupom das minhas mãos e passa na minha frente.

Eu rio de sua pose mandona, e Beatriz estende a mão para segurar a minha quando a mãe sai de perto. Esse pequeno gesto faz meu coração se apertar dentro do peito.

Quando Diana volta, vamos até o elevador e Beatriz não solta a minha mão. Adoro esse contato.

Descemos do elevador e destravo o carro, agradecendo aos céus por não ter vindo com a picape da empresa. Abro o banco traseiro e pego Beatriz no colo, acomodando-a na cadeirinha e travando com o cinto.

— Por que o seu carro tem uma cadeirinha? — Diana pergunta assim que nos sentamos nos bancos da frente.

— Porque eu sou tio, e Gael é um porre. Jamais me deixaria sair com meu sobrinho sem uma cadeirinha, então comprei uma.

Ela me olha admirada, e sinto um desconforto no peito.

É diferente e ao mesmo tempo tão boa essa sensação estranha que a Diana me causa. Já saí com inúmeras mulheres na vida, mas nunca me senti assim antes.

— Tio *Benado*, você conhece a música da dona aranha? — Beatriz pergunta, e eu a vejo pelo retrovisor do carro.

— Conheço sim, princesa. Você sabe cantar?

Ela assente e logo começa com sua voz infantil.

A dona aranha subiu pela parede

Veio a chuva forte e a derrubou

Já passou a chuva o sol já vai surgindo

E a dona aranha continua a subir

A pequena me chama para me juntar a ela e logo estamos os três cantando várias músicas infantis pelo caminho até chegarmos ao destino.

Se o Rafael estivesse aqui vendo essa cena, eu nunca mais teria

sossego na minha vida.

Desligo o carro em frente a uma pequena casa de portão azul, e Diana sorri antes de abrir a porta para sair. Desço rapidamente e abro a porta traseira, destravando o cinto e pegando Beatriz no colo.

— Gostou do passeio, princesa?

— Muito, tio *Benado*. Você é muito legal. — Recebo um sorriso banguela e na mesma hora beijo sua bochechinha branca.

Coloco-a no chão e pego a sacola com seus brinquedos, estendendo-a a ela.

— Não está se esquecendo de nada, Bia? — Diana cruza os braços, e a menina assente, vindo abraçar minhas pernas.

— Obrigada pelo presente.

— De nada, princesa. Você merece muito mais.

Ela sorri, e Diana me olha agradecida.

— Me espera só levar ela para dentro? Ou quer entrar um pouco?

— Pode ir, eu espero aqui.

Ela assente, e me despeço de Beatriz, que some pela casa de mãos dadas com sua mãe. Encosto o quadril no carro e olho para o céu escuro, tentando entender tudo que aconteceu hoje.

Eu jamais esperava por isso. Nunca imaginei conhecer uma mulher como a Diana e ainda ser arrebatado pela sua filha, mas é a realidade. Ela desperta coisas diferentes em mim, por isso me sinto tão confuso. Quero

conhecê-la melhor, passar mais tempo com as duas...

Não é errado, é?

Gael que me perdoe, mas não vou deixar passar batido. Não é uma questão de sexo desta vez. É diferente. É querer estar ao lado da pessoa e ser alguém com quem ela possa contar.

Ouçó o som de passos e, quando desço o olhar, vejo Diana voltando em minha direção com os braços cruzados ao redor do peito.

— Obrigada por hoje, Bernardo. Beatriz está apaixonada por você. Foi a primeira coisa que contou para minha mãe quando entrou. — Aponta com o dedo para trás, e sorrio.

— Também amei conhecê-la. É ainda mais linda do que eu imaginava — comento sincero.

O silêncio paira sobre nós, e dou um passo à frente, aproximando-me um pouco mais. Diana ergue os olhos para mim, e quebro a nossa distância, beijando sua testa com carinho. Pela minha proximidade, consigo senti-la estremecer.

— Posso te levar para um jantar? — convido, encarando seus olhos.

Não estou preparado para me despedir dela ainda. Não quero chegar no trabalho semana que vem e fingir que nada disso aconteceu.

Diana me olha por um momento e assente de leve, abrindo um sorriso de canto.

— Vou adorar.

Meu sorriso se amplia e toco sua bochecha com carinho.

— Para você é melhor na sexta-feira ou no sábado?

— No sábado é mais tranquilo para deixar a Bia com a minha mãe.

— Perfeito. Durante a semana combinamos.

Ela concorda, e beijo seu rosto com carinho.

— Boa noite, Diana.

— Boa noite, Bernardo.

Entro no carro. Antes de virar a chave, vejo pelo retrovisor que ela continua parada na porta me esperando arrancar. Logo ganho as ruas da cidade e solto um suspiro quando Diana some do meu campo de visão.

É normal eu estar ansioso para o próximo fim de semana?

Caramba...

Pego o celular com uma mão e disco para Rafael, colocando no viva-voz.

— *A que devo a honra em pleno sábado à noite, bundão?*

Rafael atende de forma tão delicada, e caio na risada.

— Senti saudade de você, ué.

É a sua vez de rir do outro lado da linha.

— Eu estou atrapalhando alguma coisa? — pergunto, parando o carro em um semáforo.

— *Tenho uma bebê de seis meses em casa, Bernardo. Não me sobra tempo para fazer muita coisa.*

— Ah, coitadinho. Quando a Elisa estiver maior, vou pegá-la para vocês ficarem sozinhos.

— *E um adolescente também...* — ele murmura, e rio.

— Aí você me quebra, Fael. Um de cada vez.

— *Idiota!* — responde rindo, e percebo como gosto desse cara de graça. — *Mas você não me ligou para saber se estou transando num sábado à noite.*

— Não mesmo! — O semáforo abre e faço a conversão. — Preciso de um conselho.

— *Opa! Isso vai ser interessante.*

Suspiro e começo a contar ao meu amigo sobre todo o dia de hoje, inclusive o convite para o jantar. Explico a forma como me sinto quando estou com ela, e Rafael ouve tudo atentamente, sem fazer nenhuma brincadeira.

— Eu fiz certo ao chamá-la para sair? — pergunto ao final.

— *Claro que sim! Por que acha que não?*

— Não sei... Tenho medo de estar me precipitando, sei lá. Gael me fez prometer que ficaria longe dela, então tenho a sensação de que é errado.

— *Gael te pediu para manter o seu pau longe dela, é diferente.*

— *RAFAEL!* — Ouço o grito de Camila ao fundo e caio na risada.

— *Desculpa, amor* — resmunga.

— Precisamos pensar em uma palavra para falar isso perto da Elisa, assim não corremos mais o risco de errar.

— *Tipo o quê? Pirulito?*

— Por Deus, não!

Quase engasgo de tanto rir e daqui consigo ouvir Rafael me acompanhar.

— *Mas falando sério, Bernardo. Seu irmão te pediu para ficar longe dela no sentido sexual. E o que está vivendo aí está bem diferente disso. Você não me parece querer só levá-la para cama e fim de conversa.*

— Não... Claro que não. Com ela é diferente.

— *Então vai fundo, meu amigo. Já passou da hora de desencalhar.*

— Meu Deus! Falando assim parece que sou um velho solteirão.

— *Já está com pé nos quarenta, então...*

— Vá se foder, Fael. Estou no auge ainda.

— *No auge do reumatismo, só se for.*

Conversamos mais algumas besteiras e, antes de desligar, Rafael retoma sua postura séria.

— *Vá em frente, Bernardo. Você merece alguém legal como ela.*

— Obrigado, Fael — respondo sincero e me despeço dele antes de encerrar a ligação.

Abro o portão da garagem do meu prédio e estaciono o carro na minha vaga, subindo para o meu apartamento, bastante pensativo. Entro em casa, jogo as chaves e a carteira no aparador e retiro os calçados, indo para o chuveiro tomar um bom banho. Deixo a água quente cair sobre o meu corpo e relaxo.

No fim das contas, percebo que o Rafael tem razão. Desta vez é diferente. Com Diana tudo é diferente.

Eu só espero não estragar tudo.

Ela merece que seja perfeito.

Quatro

DIANA

Dou uma voltinha na frente do espelho e retoco o batom mais uma vez, tentando conter um pouco a ansiedade, mas é uma missão quase impossível. Já faz um bom tempo que não saio com alguém e, mais do que isso, com alguém como o Bernardo.

Ele é diferente, é único...

Quase não acreditei quando me chamou para sair na semana passada e, mesmo que eu tenha pensado em recusar devido ao trabalho, sabia que não podia fazer isso.

Ouço o som da buzina lá fora, e meu coração dá um salto. Saio do quarto, encontrando minha mãe e Bia deitadas no sofá assistindo televisão.

— Você *tá* linda, mamãe. — Beatriz se levanta para me dar um beijo e retribuo o gesto.

— Obrigada, meu amor. Não vou demorar, *tá*? — Ela assente, e beijo seus cabelos loirinhos.

— Divirta-se, minha filha. — Minha mãe me lança um sorriso terno e sinto meu peito se aquecer.

— Obrigada, mãe.

Despeço-me delas e pego minha bolsinha com as chaves de casa, celular e documentos. Olho para baixo e aliso meu vestido preto soltinho, respirando fundo antes de sair e encontrar um homem maravilhoso me esperando com um sorriso lindo no rosto.

— Oi... — Aproximo-me dele e ganho um beijo no rosto.

— Oi, Diana... Você está linda.

— Obrigada. — Sorrio de canto, e Bernardo abre a porta do carro para eu entrar.

Já disse o quanto ele é cavalheiro?

Acomodo-me no banco passageiro e logo Bernardo me acompanha, ligando o carro. O seu perfume inebria o ambiente e nem preciso dizer o quanto está lindo. Ele veste uma camisa jeans escura de mangas compridas, calça marrom e mocassins. A composição desse homem cheiroso, bem-vestido e com lábios tão grossos é uma verdadeira tentação.

Bernardo sabe o quanto é bonito e não faz questão nenhuma de disfarçar isso.

— Beatriz não se importou de ficar com sua mãe hoje? — pergunta, puxando papo após um longo silêncio no carro.

— Não mesmo... Ela é apaixonada por aquela avó.

Sorrio e ele assente, concentrado na estrada.

Será que está tão nervoso quanto eu?

Estamos quase saindo da cidade quando o vejo seguir por uma estrada de cascalho que nos leva a um restaurante diferente de tudo que já vi. Bernardo estaciona o carro e desce, encontrando-me na porta. Olho ao meu redor e me pego maravilhada pela decoração do local.

Bernardo toca as minhas costas e me conduz para dentro do restaurante, onde somos levados até a mesa que ele reservou para nós dois. Quando nos acomodamos, consigo notar melhor o ambiente ao meu redor.

A decoração é rústica, adornada por flores e velas, e a nossa mesa tem vista para um lindo lago que é iluminado pela lua cheia.

— Aqui é lindo, Bernardo... — sussurro maravilhada, e ele sorri, abrindo o cardápio.

— Sempre achei este restaurante lindo pelas fotografias. Estava esperando encontrar alguém especial para trazer aqui — comenta despreocupado, mal sabendo o quanto suas palavras me tocaram. — Me acompanha em uma taça de vinho?

— Claro!

— Pode ser um *Chardonnay*?

— Perfeito!

— Ótimo. — Bernardo sinaliza para o garçom e pede uma garrafa do vinho, voltando a analisar o menu em seguida.

— Já sabe o que vai pedir? — pergunta, tirando os olhos do cardápio.

— Vou deixar para você escolher, aposto que tem bom gosto.

— Gosta de salmão?

— Adoro!

— Fiquei sabendo que o daqui é muito bom... — comenta e sinaliza para o garçom mais uma vez, pedindo nossos pratos.

Quando ficamos sozinhos mais uma vez, ele volta seu olhar para mim, encarando-me com tanta intensidade que me sinto corar.

— Fiquei muito feliz por ter aceitado o meu convite, Diana.

— Eu também...

— E me conte mais sobre você. Além de uma excelente funcionária e mãe, o que faz nas horas vagas?

— Ah, quem me dera! Não me sobra muito tempo livre, mas sempre que posso, pratico yoga em casa mesmo.

— Que legal...

— Eu adoro! Faço há uns bons anos. Apreendi durante a minha gestação e, desde então, não fico mais sem. Me faz muito bem.

— Posso imaginar! Ouço muitas coisas boas sobre isso.

— E você? O que gosta de fazer?

— Além de atazanar a vida dos meus amigos? — Ele ergue a sobrancelha, e eu rio. — Gosto de malhar e assistir futebol. Nada previsível

para um homem, *né?* — Revira os olhos.

— Não vejo problema nenhum, desde que goste.

— Sim, gosto muito.

— E como escolheu a engenharia civil?

— Desde criança, eu gostava de brincar de construir casas e prédios de lego com o meu irmão. Minha mãe achava que era só brincadeira de criança mesmo, até nós dois nos interessarmos cada vez mais por construções. Quando Gael entrou na faculdade, eu sabia que queria seguir o mesmo caminho.

— Isso é lindo, Bernardo! Consigo imaginar você e Gael crianças espalhando peças pela casa.

— Era exatamente assim! Minha mãe nos fazia juntar todas as mínimas pecinhas quando cansávamos de brincar. Acho que é por isso que não me dou bem com bagunça hoje.

— Sinal de que teve uma boa criação — comento, sorrindo, e ele retribui o gesto, orgulhoso.

— Com toda certeza. E você? Sempre quis trabalhar nessa área administrativa?

— Bom, na verdade eu queria ser dançarina.

— Jura? — Ele se surpreende.

— Sim! Quando criança, sonhava em ser bailarina, mas nunca tive o mínimo de jeito com a dança. E pode acreditar, sou um verdadeiro desastre.

Minha mãe tentava me apoiar, coitada, mas eu não tinha mesmo futuro.

— Não consigo imaginar isso, Diana — diz, acompanhando-me na risada.

— Pois é a mais pura verdade. Quando conhecer a minha mãe, pode confirmar. Eu era um desastre.

As palavras me escapam e só então percebo o que falei. Penso em tê-lo assustado e me preparo para justificar, quando sou surpreendida com um lindo sorriso.

— Eu adoraria conhecê-la. — Sua voz é rouca, suave, e me faz sentir um salto no peito.

— E tenho certeza de que ela também, pois, desde que te conheceu, a Bia não para de falar de você lá em casa.

— É sério? — Seu sorriso se amplia, e eu assinto.

— Já ganhou uma fã, Bernardo.

— E ela também. Sua mocinha é linda.

— Ela é...

O nosso jantar chega, e Bernardo nos serve o vinho. Elogio a escolha de ambos. Está tudo incrível.

Comemos conversando de forma tranquila, e nem percebo o tempo passar de tão natural que é estar com ele. Bernardo consegue ser delicado e brincalhão na mesma proporção, e é por isso que me encanta tanto.

Terminamos de comer e logo vem a sobremesa, uma torta de

chocolate que derrete na boca.

— Que delícia! — murmuro, e ele balança a cabeça concordando, levando mais um pedaço de torta à sua boca.

— Aqui é bom, né? Gostei...

— Eu também! Nossa! Quero vir mais vezes... — comento animada, e ele me olha com carinho.

— Será um prazer te trazer de novo.

Fico em silêncio e como mais um pedaço da torta, agradecendo por ter essa distração.

Eu também adoraria vê-lo de novo...

Terminamos e vejo que está ficando um pouco tarde. Logo nos levantamos para sair. Bernardo paga a conta e pega um botão de rosa vermelha no caixa, trazendo-a para mim e dando um beijo na flor.

— Que linda — sussurro, inspirando o aroma.

— Não mais do que você.

Coro mais uma vez enquanto ele me guia até o seu carro.

Bernardo é tão... galanteador.

Pegamos as ruas da cidade mais uma vez e agora o silêncio não nos acompanha durante todo o trajeto. Estamos ficando próximos, descobrindo cada vez mais sobre o outro, e estou adorando isso.

Tudo que vem dele é surpreendente.

Minutos depois, paramos na porta da minha casa e Bernardo desliga o carro. Aproveito para destravar o cinto de segurança e me viro para olhar em seus lindos olhos escuros.

— Obrigada pela noite, Bernardo. Você foi incrível.

— Eu que preciso agradecê-la, Diana. Me diverti muito com você.

Sorrio e me surpreendo ao vê-lo saltar do carro, dando a volta para abrir a porta para mim. Ele estende a mão, e aceito, levantando-me e ficando de frente para ele, tão próxima, tão imersa na escuridão de seus olhos.

Bernardo fecha a porta do carro e toca meu rosto com carinho, sem tirar os olhos de mim. Seus dedos percorrem a minha pele e, quando tocam meus lábios, eu os sinto tremerem.

Engulo em seco e estreito os meus olhos, em uma forma de dizer que quero isso tanto quanto ele. Bernardo se inclina e toca meus lábios de leve com os seus. O calor que vem deles faz com que eu perca a noção de tudo que está ao meu redor.

É como se o mundo inteiro tivesse parado de existir enquanto nossas bocas se encostam. Entreabro os meus lábios, e ele toca a minha nuca com carinho, puxando-me para mais perto dele, intensificando o nosso beijo.

Circulo meus braços ao redor de seu pescoço, e Bernardo percorre cada canto da minha boca com sua língua quente e macia, fazendo meu corpo quase derreter.

Não me lembro de ter recebido um beijo tão gostoso antes, tão cheio de carinho.

Os lábios do Bernardo têm um misto do gosto do vinho e do chocolate, deixando o seu sabor tão único.

Ele se afasta delicadamente, dando-me um selinho antes de abrir seus olhos e me encarar tão profundamente. Um sorriso discreto se forma no canto de sua boca.

— Quero te ver de novo. — Sua voz é um sussurro e está tão próxima a mim que me faz arrepiar.

— Eu também — respondo e ganho um beijo breve e gostoso. — Acho melhor eu entrar.

Ele me dá um selinho antes de se afastar.

— Bernardo... — começo e paro. Não sei se ele está pensando o mesmo que eu, mas precisamos definir algumas coisas antes de prosseguir.

— Humm... — murmura, beijando minha testa.

Nunca imaginei que ele pudesse ser tão carinhoso.

— Eu não... Não quero que isso mude alguma coisa no trabalho, tudo bem? — pergunto receosa.

— De forma alguma, Diana. Sei separar as coisas. Pode confiar.

Solto um suspiro ao notar sua segurança.

— Boa noite, Bernardo.

— Boa noite, Diana.

Ganho mais um selinho e me viro para abrir o portão de casa,

sentindo minhas pernas terrivelmente bambas e o corpo leve.

Leve como há muito não sentia.

Cinco

BERNARDO

— Achei que fosse morrer e não veria você apaixonado. — Rafael cruza os braços e apoia o quadril na mesa.

Estamos na sala da diretoria da sua escola de inglês, onde podemos conversar com privacidade em um intervalo de suas aulas. Logo que acordei, avisei a Gael que chegaria um pouco mais tarde hoje e vim importunar o meu amigo, pois precisava conversar com ele.

— Não estou apaixonado, Rafael — resmungo e amasso o copo descartável em minhas mãos antes de jogá-lo no lixo.

— Ah, não? Então por que está todo desconcertado assim? Nunca te vi desse jeito, Bernardo.

— Eu não sei! Queria conseguir te responder a isso, mas não sei.

Rafael me olha por um longo tempo em silêncio.

— Se você não está apaixonado, meu amigo, está caminhando para isso.

— Mas...

— Para de pensar demais, Bernardo. Deus do céu! Um relacionamento não vai te matar, cara. Se você gosta dela e está curtindo o que vocês têm juntos, vá em frente. Deixa rolar...

Olho para o meu amigo por um longo momento e solto um suspiro. Acho que ele tem razão, estou mesmo pensando demais.

Sábado à noite, o que Diana e eu tivemos foi incrível. Passei o meu domingo inteiro pensando nela e, como nunca tinha vivido isso antes, vim contar para o Rafael.

A verdade é que não estou sabendo lidar com isso, pois é algo completamente inédito na minha vida.

— Não a deixe escapar, cara — Rafael finalmente fala, e eu concordo confiante.

— Não vou.

— É assim que se fala. — Dá um tapinha no meu ombro.

— Será que isso vai dar certo? — pergunto, arqueando a sobrancelha de leve.

— Não sei, cara, mas você também não vai saber se não tentar.

Olho para ele por um momento e concordo. É, eu preciso realmente tentar, pois o que estou vivendo com Diana é intenso demais para deixar passar assim.

Não posso e nem vou fazer isso.

Converso por mais alguns minutos com ele, para saber como estão as coisas em sua casa, e logo me despeço, visando voltar ao trabalho. Antes de chegar ao escritório, paro o carro em uma floricultura. Sei que nunca dei flores a uma mulher que não fosse a minha mãe antes, mas sinto que ela merece.

Diana merece que seja especial.

Saio da loja com um buquê de tulipas vermelhas perfeitamente montado e sorrio orgulhoso ao voltar para o carro e acomodá-lo no banco do carona. Dirijo pelas ruas da cidade em direção ao meu trabalho, sentindo-me um pouco ansioso e inseguro com o que está por vir.

Paro o carro na vaga privativa da empresa e pego o buquê, descendo do veículo com cuidado. Ajeito a gola da minha camisa e caminho a passos largos em direção à recepção. Abro a porta de vidro e vejo Diana concentrada ao telefone, negociando com um fornecedor. Sua postura é séria, e ela está focada em suas anotações, tanto que nem percebe minha presença.

Quando enfim encerra a ligação, eu me aproximo e faço um barulho para que ela me note. Assim que ergue os olhos para mim, o brilho que vem deles é a minha perdição.

— Bernardo... — sussurra e abre a boca, olhando-me com um misto de incredulidade e admiração.

— Achei que precisava encontrar uma forma de te agradecer pela noite de sábado. — Dou de ombros e estendo as flores a ela, que as recebe com um enorme sorriso no rosto.

Diana fica um tempo analisando as tulipas de forma admirada e logo se levanta para me abraçar. O carinho que vem de seu gesto faz com que meu

peito se aqueça. Envolver seu corpo com meus braços, e ela pousa a cabeça em meu peito, em um encaixe perfeito. Aqui, neste mundinho só nosso, por um momento me esqueço do lugar onde estamos, do que tínhamos para fazer. Tudo perde a importância no calor desse abraço.

— Obrigada. — Ela afasta o rosto do meu peito e me olha com os olhos castanhos vibrantes.

— Você merece muito mais. — Toco seu rosto com carinho e beijo sua testa. Neste momento, ouço o som da porta se abrindo e um Gael entrando na recepção, absorvendo a imagem da forma mais distorcida possível.

Diana se assusta e dá um pulo, saindo do meu abraço, constrangida. Apenas encaro meu irmão de forma firme. Não vou recuar logo agora.

Gael acena com a cabeça e volta para nossa sala. Diana me olha com um semblante perdido.

— Ei, não precisa se preocupar. Eu te prometi que isso não te prejudicaria aqui, lembra?

Ela engole em seco.

— Mas...

— Pode deixar que com o Gael eu mesmo lido.

Ela concorda mais uma vez, e beijo seu rosto.

— A propósito, você fica linda toda coradinha assim... — brinco com ela, que solta uma risada baixa. — Pode confiar em mim, Diana.

— Eu confio — diz, firme, e mal consigo conter o sorriso que se forma em meu rosto ao ouvir isso dela.

Afasto-me e abro a porta da sala que pertence a mim e ao meu irmão, encontrando-o furioso lá dentro.

— O que foi que eu te pedi, Bernardo? — Ele solta assim que eu fecho a porta. Daqui consigo ver o seu maxilar trincado.

— Espera... — Ergo a mão para ele, mas causa o efeito contrário.

— Você me prometeu que manteria seu pau longe dela — diz entredentes, tentando manter a voz baixa. — Mas que porra, Bernardo!

— Calma, Gael! Não fiz nada. — Ergo os braços em rendição, e ele estreita os olhos para mim.

— Aquela cena lá fora não me disse isso.

— Você pode, por favor, me escutar? Ao invés de gritar comigo?

— Eu não estou gritando. — Ele ajeita a manga de sua camisa social e abaixa o tom de voz.

— É bom mesmo que não esteja, pois a Diana não precisa ouvir isso.

— Tanta mulher no mundo, Bernardo... — Ele balança a cabeça de frustração e encosta seu quadril em sua mesa. Aproximo-me dele.

— Mas nenhuma é igual a ela.

— Acha que vou cair nesse papo justo vindo de você?

— Mas é verdade, Gael! Com Diana é diferente! Por Deus, saí com

ela no sábado e nem mesmo a levei *pra* cama.

Essa revelação o surpreende e, pela primeira vez, vejo-me me olhar como se finalmente acreditasse em mim.

— Puta que pariu. — Ele suspira e esfrega o rosto com as mãos.

— Eu não vou pisar na bola, Gael. Pode confiar em mim. Mulher nenhuma despertou em mim o que a Diana está despertando.

Ele me olha por um longo tempo em silêncio e, quando percebe que estou sendo sincero, assente.

— Eu vou confiar desta vez, Bernardo. Mas só desta vez. Nunca tivemos alguém tão bom quanto ela trabalhando aqui, e não vou aceitar perdê-la por sua causa.

— Tenho consciência disso e prometi a ela que isso não interferiria no trabalho. Promete que não vai tratá-la diferente por isso?

— Está louco? Se eu tiver que descontar em alguém será você — diz franco, e sorrio.

— Obrigado, irmão. Eu não sei onde isso vai dar, mas estou muito disposto a assumir os riscos.

— Não sei se fico feliz por você ou triste por ser logo com a Diana...

— Já falei que pode confiar, cara. Pelo amor de Deus!

— Eu sei, eu sei. Mas é algo inédito para mim, então preciso de um tempo para assimilar tudo.

— É inédito para mim também, Gael.

Ele suspira, e vou até a minha mesa para começar o trabalho do dia. Preciso muito terminar aquele projeto, então mergulho de cara e nem percebo o tempo passar.

— Bernardo? — Diana bate na porta, receosa, e coloca a cabeça para dentro, pedindo permissão para entrar.

Há poucos minutos, Gael saiu para o almoço e fiquei aqui concentrado. Quando estou engrenando em um trabalho, não consigo parar, e hoje é um deles.

— Não vai almoçar? — pergunta assim que se aproxima da minha mesa.

— Eu vou pedir qualquer coisa por *delivery* hoje. Quero aproveitar o embalo para adiantar ao máximo aquele projeto.

Ela me olha por um momento.

— Posso te fazer companhia? Se não for te incomodar, é claro. Ia te convidar para almoçar comigo, mas como não vai sair, prefiro ficar aqui com você. — Sua voz é doce, e sinto um salto no peito.

— Claro! Eu vou adorar. Só não consigo te dar tanta atenção quanto gostaria.

— Não faz mal. Vou aproveitar e adiantar algumas coisas minhas também.

— Não precisa trabalhar em seu horário de almoço. — Estreito os olhos para ela, que balança a mão.

— Não é de trabalho. É que o aniversário da Bia é daqui a poucos

meses e quero começar a olhar algumas coisas para a sua festinha, então vou aproveitar esse tempinho para isso.

— Ah, ótimo! Se precisar de ajuda, basta me falar.

— Pode deixar. Podemos pedir almoço naquele mesmo restaurante chinês? Eles são tão bons.

— Gostou, *né*? — Ela confirma com a cabeça e retira o celular do bolso, abrindo o aplicativo de pedidos.

— O que vai querer? Já vou pedir de uma vez para ganharmos tempo.

— Pode ser um *yakissoba* e uma *Coca-Cola*.

— Ótimo... — Começa a digitar no celular. Até assim, distraída, consigo ver o quanto é linda.

— Coloca a forma de pagamento em cartão de crédito, por favor.

Ela estreita os olhos para mim e ergue o queixo, daquela forma decidida que adoro.

— Não posso te pagar um almoço, chefe? Até flores você me deu hoje... — brinca comigo, e solto uma risada.

— Não precisa, Diana.

— Eu sei que não, mas faço questão.

Diana termina de digitar no celular, me avisa que fez o pedido e volta para a recepção, deixando-me um tanto abobado nessa cadeira. Tudo que vem de nós dois é natural e gostoso demais, por isso fico todo bobo quando estou com ela.

Volto a minha atenção para o trabalho e só pauso quando Diana aparece me dizendo que o nosso almoço chegou.

Levanto-me da cadeira e alongo o meu corpo antes de deixar a minha sala. Encontro uma Diana sorridente, cantarolando baixinho perto da mesa, de costas para mim.

Aproximo-me devagar e circulo sua cintura com meus braços, dando um beijo em seu ombro. O movimento a pega de surpresa, e ela se vira, sorrindo para mim. Beijo sua testa e me afasto, puxando uma cadeira para que se sente, acomodando-me de frente para ela.

Diana me entrega o meu almoço e talheres, e começamos a comer juntos. Sei que não é uma coisa que nos habituamos a fazer, mas sinto que é tão natural que quero repetir mais vezes.

Na verdade, não me vejo longe dela.

— Conversei com o Gael, OK? Fique tranquila — comento quando terminamos de comer, e ela me olha um pouco insegura.

— Eu não quero te causar problemas, Bernardo.

— Não vai causar, Diana. É que Gael pediu para eu ficar longe de você no seu primeiro dia de trabalho, por isso ele reagiu assim.

— Jura? — Ergue a sobrancelha de uma forma fofa, e sorrio.

— Digamos que não tenho uma fama muito boa com mulheres... — comento constrangido, e ela cai na risada.

— Não muito boa? Você está sendo bem modesto, Bernardo.

— Como?

— A cidade inteira conhece a fama de pegador de Bernardo Sartini — comenta ainda rindo, e coço a cabeça, confuso.

— E ainda assim aceitou sair comigo?

— Aceitei — responde confiante, e fico intrigado.

— Mas por quê?

— Porque você foi o único que não me olhou diferente quando soube que eu tinha uma filha. — Ela me encara de forma intensa, e sinto um bolo no estômago. — Você é um cara legal, Bernardo. Uma pena que nem todos saibam disso.

Diana me deixa sem fala.

Eu abro e fecho a boca, mas não sai som algum.

Ela domina a arte de me surpreender. Quando percebe que me deixou sem reação, sorri triunfante.

Como eu posso deixar escapar uma mulher dessas?



DIANA

Desço do metrô e subo as escadas da plataforma com o meu buquê nas mãos e um lindo sorriso no rosto. Quando Bernardo passou por aquela porta com essas flores lindas para mim, fiquei completamente atordoada. Não me lembro da última vez que recebi um gesto tão lindo de um homem, principalmente de alguém como ele.

O que disse a ele na hora do almoço era verdade. Mesmo que eu saiba da sua fama de mulherengo, é algo que realmente não me incomodou, porque tem algo nele que é diferente dos outros homens. Bernardo não é conhecido por quebrar corações por aí, apenas por não se apegar a ninguém. Saber que eu estou causando algo diferente nele me fez sentir um formigamento no peito.

Hoje, antes de sair, Gael me viu ajeitar as flores e me revelou que nunca viu o irmão comprar um buquê para ninguém a não ser para a mãe deles. Disse também que ele estava diferente e por isso desejava que fôssemos felizes. Nem preciso dizer o quanto sua revelação encheu o meu peito.

Eu não sei aonde a nossa história vai chegar, pois não definimos nada, nem mesmo combinamos de nos encontrarmos mais uma vez, mas sinto que não vai parar por aqui. Quero muito conhecê-lo melhor.

Ando distraída pelas ruas do meu bairro e quando avisto a minha casa, sorrio ao abrir o portão e entrar, encontrando minha mãe na cozinha.

— Oi, mãe. — Cumprimento-a com um beijo no rosto ao vê-la batendo um bolo.

— Oi, minha filha. Como foi no trabalho hoje?

— Foi ótimo. — Suspiro e abro os armários, procurando por um jarro de vidro.

— E essas flores? — pergunta, apontando para o buquê que deixei em cima da mesa.

— Ganhei do Bernardo. São lindas, né?

Encontro um jarro e o encho de água, retirando as flores delicadamente do arranjo e colocando-as na água.

Minha mãe me olha por um momento com o sorriso bobo e logo balança a cabeça.

— Cadê a Bia que não apareceu até agora? — questiono enquanto trabalho com as flores.

— Está dormindo, acredita?

— A essa hora? — Archeio a sobrancelha, e ela assente.

— Brincou a tarde toda, pulando como uma cabrita, e agora cansou.

Tomamos lanche e um banho e ela apagou.

— Eu faço ideia do quanto ela deve ter feito arte. Vou terminar aqui e vou dar um beijo nela.

Termino de organizar as flores no jarro e sorrio ao ver o resultado. Quando me afasto, vejo dona Antônia me analisando.

— O que foi?

— Nada... Eu só não me lembro de ter te visto assim antes.

— Assim como? — questiono, curiosa.

— Suspirando por alguém.

— Mãe...

— É verdade, Diana. E isso não é ruim, filha. Sei que você viveu os últimos anos em função da Bia e eu te admiro tanto por ter se tornado essa mulher tão incrível e mãe dedicada, mas está na hora de cuidar disso aqui também. — Ela aponta para o meu coração e sinto meus olhos marejarem. — Bernardo não me parece um homem qualquer.

— E não é... — respondo com o fio de voz que encontro.

— Então vá em frente, Didi. — Ela aperta meu nariz como fazia quando eu era criança, e sorrio. — A felicidade não bate na nossa porta todos os dias. Então a deixe entrar.

Aproveito que estamos sozinhas e a pego pela mão, sentando-nos à mesa.

— A senhora acha que devo fazer alguma coisa?

— Eu acho que já deveria ter feito — diz confiante.

— Ele ainda não me convidou para sair de novo, então estou um pouco em dúvida se ainda está interessado.

— Vocês saíram só tem dois dias, Diana. O cara te deu flores hoje no trabalho! Meu Deus, desde quando se tornou tão sonsa assim?

— Mãe! — repreendo, mas é inevitável cairmos na risada.

— Você quer sair com ele de novo? — pergunta, segurando minha mão por cima da mesa.

— Quero.

— Então o convide para sair no sábado. Eu fico com a Bia de novo, você sabe que não é trabalho nenhum para mim. Inclusive posso ficar com ela a noite toda, caso queira voltar no outro dia... — Ela me dá uma piscadinha e fico mais vermelha que um pimentão.

— Mãe!

— O que foi, Diana? Eu posso até ser velha, mas não sou antiquada. Você merece se divertir. Estou aqui para te apoiar. — Seu sorriso é terno e sinto meu peito se aquecer diante de tanto carinho.

— Obrigada, mãezinha. A senhora é a melhor do mundo!

— Eu sei que sou. — Seu sorriso se abre mais. — Mas não deixe o Bernardo escapar, meu amor. O carinho que ele tem pela sua filha é algo raro de encontrar por aí.

— Eu sei disso.

— Vai convidá-lo para sair?

Penso por um momento e assinto, ganhando um beijo na bochecha.

— É assim que se faz! Agora me deixe terminar esse bolo, pois prometi à minha menina que faria bolo de cenoura com chocolate, que é o seu favorito.

— Ei, eu também gosto de bolo de cenoura. — Faço um bico para ela, que solta uma risada.

— Mas já passei da fase de agradar você, agora preciso agradar a minha neta — diz confiante, e caio na risada.

— Me deixa tomar o meu banho que eu ganho mais — brinco com ela e ouço o som da sua risada enquanto entro pelo corredor da casa.

Mas antes passo pelo quarto da minha mocinha, que dorme tranquila, abraçada ao seu coelhinho de pelúcia. Entro no cômodo a passos lentos e me abaixo para beijar o seu rostinho, que forma um pequeno sorriso de canto pelo meu contato.

— Eu te amo muito, meu amor. — Acaricio seus cachos dourados e dou mais um beijo antes de me levantar com cuidado e sair, deixando a porta entreaberta.

Caminho até o meu quarto e pego um par de roupas leves, indo em direção ao banheiro. Tiro a minha roupa e entro no chuveiro, deixando a água quente cair sobre o meu corpo. Meus pensamentos voam longe.

Voam em direção a um certo cara negro, de olhos escuros e dono de um sorriso irresistível.

Bernardo é único, e é inegável o que estou sentindo por ele.

Só espero que seja recíproco.



Ontem, um dia depois de receber aquelas flores lindas do Bernardo, ele não passou pelo escritório. Segundo Gael, precisou visitar todas as obras e um potencial cliente que estão querendo trazer para a empresa, por isso não teria tempo de passar por aqui.

Seria estranho se eu dissesse que senti a falta dele?

Já me acostumei com sua presença brincalhona, seu sorriso perfeito e o perfume inebriante. Por isso, quando ele não está aqui, sinto que falta alguma coisa. Mas mesmo pensando nele constantemente, não deixo isso interferir no meu trabalho e sempre dou o meu melhor, recebendo muitos elogios dele e de Gael.

Saber que faço o que amo e que sou reconhecida por isso só me deixa ainda mais orgulhosa de mim.

— Bom dia, Diana! — Sua voz rouca chega aos meus ouvidos e o seu perfume preenche o ambiente, fazendo meu coração dar um salto no peito.

— Bom dia, Bernardo! — Dou o meu melhor sorriso, e ele retribui.
— Deu tudo certo ontem?

— Deu sim! Hoje vou ficar quieto aqui no escritório, preciso terminar aquele projeto urgentemente.

— Boa sorte! Se precisar de alguma coisa, basta me chamar.

— Igualmente! — Pisca e passa por mim, indo em direção à sua sala, deixando-me completamente zozza pela sua presença.

O dia passa voando e realmente Bernardo se manteve focado em seu trabalho, só parando para almoçar depressa. Chega a ser bonito ver a sua dedicação. Ele realmente não mede esforços para alcançar seus objetivos. Não é à toa que eles têm tanto sucesso.

Gael saiu mais cedo para buscar seu filho que se machucou na escola, então ficamos somente Bernardo e eu no trabalho, por isso acredito que essa é a minha chance de tomar iniciativa.

Quando ele sai da sua sala, noto seu semblante cansado.

— Conseguiu terminar? — pergunto, desligando o meu computador para encerrar o expediente.

— Graças a Deus! Só vou mostrar para o Gael amanhã e esperar que ele aprove para apresentarmos ao cliente.

— Isso é ótimo, Bernardo! Parabéns!

— Obrigado.

— Está bastante cansado, né? — pergunto ao notar que ele não demonstra muita empolgação.

— Estou exausto.

— Mas pelo menos você já acabou. Poderá descansar nos próximos dias.

— Que nada! Tenho muita coisa pela frente ainda.

Olho para ele admirada. Enquanto muitos gostariam de tirar uma folga, Bernardo se joga em mais um trabalho sempre que finaliza algum.

— Já está indo embora? — pergunta, e eu assinto, guardando as minhas coisas e pegando a minha bolsa. — Quer uma carona até sua casa?

— Não precisa, Bernardo. Eu moro do outro lado da cidade e você está muito cansado. Deixa para outro dia, tudo bem?

Toco seu braço com carinho e ele concorda.

— Só vou concordar porque estou mesmo muito cansado.

— Eu sei disso. Inclusive... — Pigarreio e ergo meus olhos para ele, que me encara de forma tão intensa. — Gostaria de sair comigo no sábado? Minha mãe disse que pode ficar com a Bia mais uma vez.

Bernardo me olha por um longo momento e então me abre um sorriso imenso, daqueles que só ele sabe dar.

— Claro! Nem precisa me perguntar. Posso te pegar na sua casa que horas?

— Oito horas é um bom horário para você?

— Está perfeito! Tem preferência de algum lugar?

— Hum... Não. Vou deixar para você escolher, porque tem bom gosto. — Pisco para ele e ganho mais um sorriso.

— Combinado então.

Fechamos a empresa e logo que alcançamos a calçada, Bernardo me olha de uma forma tão intensa que percebo o quanto estou sentindo falta do

seu beijo.

Ele parece ler meus pensamentos com um simples olhar. Toca meu queixo com carinho, aproximando-se e roçando o nariz pela minha pele. Fecho meus olhos pelo seu contato e quando seus lábios tocam os meus, não consigo pensar em mais nada.

Puxo seu pescoço, colando ainda mais as nossas bocas, e me entrego a mais um beijo delicioso. Sua língua percorre cada canto da minha boca e ele se afasta para correr pelos meus lábios, voltando a me atacar.

Bernardo abandona meus lábios e desce pelo pescoço, deixando pequenas mordidas pelo trajeto, acelerando a minha respiração. Puxo-o de volta para a minha boca e o beijo com tudo que há de mim, pois perfeição sequer descreve o sabor dos nossos beijos.

Permanecemos por algum tempo apenas nos beijando e, quando não nos resta mais fôlego, ele se afasta devagar, colando sua testa na minha. Ficamos assim, apenas nos olhando, com as testas coladas, finalmente entendendo em um único olhar que é inegável o que estamos sentindo aqui.

É forte demais para negar.



BERNARDO

Paro o carro na frente de sua casa e saio para tocar o interfone. Pouco depois, surge uma Diana linda e perfumada no meu campo de visão. Não resisto e a puxo pela cintura, colando seus lábios nos meus.

Nós nos beijamos de forma breve, mas intensa, visando conter um pouco da saudade que estamos sentindo. Sempre evito tocá-la de uma forma diferente no trabalho para não misturar as coisas, mas confesso que é uma missão bastante difícil para mim.

— Senti saudade disso — sussurro em seus lábios logo que nos afastamos.

— Eu também — comenta e ergue o olhar para mim.

— A propósito, você está maravilhosa.

Agora de perto, consigo analisá-la melhor, em seu vestido azul-marinho de um ombro só que vai até a metade da coxa. Os sapatos de salto vermelhos deixam a combinação incrível.

— Obrigada. Você também está um gato. — Analisa-me dos pés à cabeça, e é impossível não sorrir.

Eu também caprichei para ela. Vesti uma camisa de botão branca e calças jeans justas, deixando meus músculos bem marcados. Afinal, não malho todo dia em vão, certo?

Pego-a pela mão e conduzo-a para dentro do carro, fechando a porta em seguida. Dou a volta e me sento ao volante, ligando o veículo logo após. Dirijo pelas ruas de forma tranquila e, durante todo o trajeto, conversamos e soltamos algumas risadas. Isso só reforça a minha crença de que é muito natural e gostoso estar com ela.

Quando chegamos ao nosso destino, estaciono o carro e abro a porta para ela, estendendo a minha mão. Diana aceita de bom grado e caminhamos de mãos dadas até a entrada do restaurante italiano que escolhi, gostando da sensação boa que esse contato me traz.

Nós nos acomodamos em uma mesa de canto e aprecio o fato de o restaurante estar um pouco vazio, dando-nos maior privacidade. Mais uma vez escolhi um ambiente decorado por velas, e o brilho em seu olhar ao reparar o ambiente me diz que acertei novamente.

— Gostou? — pergunto, e ela assente com um sorriso lindo no rosto.

— É lindo aqui! Como você descobre tantos lugares bonitos nessa cidade?

— Google, minha querida. — Pisco para ela, que solta uma risada.

— Faz muito sentido.

Analizamos o cardápio e quando escolhemos o que vamos comer, aceno para o garçom, que anota nossos pedidos e retorna com uma garrafa de vinho.

Diana dá um gole e me abre um sorriso após, fazendo-me crer que fiquei viciado no sorriso dessa mulher. Na verdade, fiquei viciado em tudo que vem dela.

— Beatriz está sentindo a sua falta. Não parou de falar de você hoje — Diana comenta, puxando mais uma conversa.

— Eu também estou com saudades dela. Precisamos ver uma forma de eu vê-la novamente.

— Claro! Vamos combinar. Ela me pediu para vir conosco hoje, acredita?

— Ah, Diana... Por que não a trouxe? — Estreito os olhos para ela, quase me sentindo culpado por não ter pensado na menina.

— Porque hoje quero ficar só com você — comenta de forma tranquila, e o meu coração dá um salto. — Depois combinamos com ela, não se preocupe.

— Você sabe que me deixa bastante dividido, né? — Ela arqueia a sobrancelha para mim, e eu continuo: — Ao mesmo tempo em que quero ficar sozinho com você, também quero passar um tempo com ela. Vou ter que me dividir em dois.

Diana solta uma risada leve, e eu a acompanho.

— Não precisa se preocupar, Bê. Vamos conseguir administrar isso

direitinho. — Meu sorriso se amplia.

Adorei ouvi-la me chamar assim.

Conversamos sobre as nossas famílias, e amo saber sobre cada pedacinho dela, conhecer mais dessa mulher incrível que ela é. O nosso jantar chega e então começamos a comer, sem parar de conversar um minuto, fazendo-me perceber que cada segundo passado ao seu lado é precioso demais.

Logo a sobremesa chega e conversamos mais um pouco antes de pagar a conta para irmos embora. Mas ainda não estou preparado para dar um fim a essa noite.

Na verdade, ela só está começando.

Toco sua cintura enquanto a acompanho em direção ao meu carro e antes que eu gire a chave, não resisto e a puxo para um beijo.

Diana solta um gemidinho quando minha boca ataca a sua e a forma como ela me puxa pela camisa me diz que está gostando disso tanto quanto eu. Minhas mãos apertam a sua cintura enquanto intensifico o nosso beijo e só me afasto de seus lábios para descer pelo seu pescoço em direção ao seu ombro nu, resistindo à tentação de descer um pouco mais.

Nossos beijos se tornam urgentes, desesperados, e não consigo mais esconder a ereção que se forma em minha calça jeans. Eu falei que era apertada, né?

Abandono sua boca inchada e ouço o som de nossas respirações pesadas antes de olhar para ela. Seus olhos castanhos brilham como fogo e se isso não é um sinal, não sei mais o que é.

— Quer ir para a minha casa?

— Quero — responde confiante, soltando um suspiro antes de virar a chave na ignição e ganhar as ruas da cidade.

Tomo um extremo cuidado para não ultrapassar o limite de velocidade, pois a minha vontade é de chegar voando.

O restaurante é um pouco longe da minha casa e, como a tensão sexual se instalou por aqui, decido ligar o som do carro, arrependendo-me no mesmo momento ao ouvir a música que está tocando na estação de rádio.

Como um rio, como um rio

Cale a boca e me percorra como um rio

River, de Bishop Briggs, começa a tocar no rádio e, quando a voz marcante de Sarah Grace McLaughlin nos alcança, combinada ao ritmo da música, entendo que preciso chegar logo em casa ou não sei se conseguirei sair inteiro deste carro.

Como nos apaixonamos

Mais intensamente do que uma bala poderia te atingir?

Como desmoronamos

Mais rápido do que um grampo cai?

Não ouse dizer, não ouse dizer

Não diga, não ouse dizer

Uma simples respiração vai quebrá-lo

Então cale a boca e me percorra como um rio

A música continua tocando e ouvir a voz da Diana baixinho cantando “me percorra como um rio” é demais para a minha sanidade. A minha sorte é que nesse horário o trânsito é tranquilo, então consigo chegar em menos tempo que o habitual.

Desço do carro e puxo sua mão em direção ao elevador, tirando-lhe uma risada gostosa.

— Você ri, né? — pergunto antes de puxar o seu queixo e devorar a sua boca. — Não sabe o que estou pensando em fazer contigo — sussurro ao me afastar de seus lábios. Antes que eu possa atacá-los novamente, a porta do elevador se abre em meu andar.

Puxo Diana mais uma vez pela mão e retiro rapidamente as chaves do bolso, empurrando a porta e fechando-a atrás de mim.

A minha vontade é de prensá-la na parede e tomá-la aqui mesmo, mas sabe quando você sente que desta vez tem que fazer tudo especial? Então eu a surpreendo pegando-a pelo colo e carregando-a até o meu quarto, tirando um gritinho dela.

Acendo a luz do meu quarto e me agradeço mentalmente por ser um cara organizado, pois o cômodo está impecável.

Jogo-a na cama com cuidado e Diana cai sentada. Avanço sobre ela, parando a milímetros da sua boca.

— Tem certeza de que é isso que você quer? Posso parar agora mesmo — pergunto com a voz rouca e a vejo assentir, engolindo em seco.

— Eu te mato se você parar — responde confiante e ataca minha boca, não me deixando tempo para responder.

Suas mãos alcançam os botões da minha camisa enquanto nos beijamos, e eu passo-a pelos braços quando ela termina de desabotoar, revelando meu peito nu.

— Você é lindo demais... — sussurra. Sorrio de lado antes de devorar sua boca mais uma vez, desta vez deitando-a na cama.

Cubro o seu corpo com o meu e esfrego minha ereção em sua virilha, fazendo-a deixar escapar um gemido. Afasto meus lábios para descer em direção ao seu pescoço, e suas mãos vão direto para o zíper da minha calça.

Mulher decidida... Gosto disso.

Apenas sorrio em sua pele quando a vejo desabotoar a minha calça e tentar empurrá-la para baixo, mas estamos tão colados que fica difícil para ela fazer isso. Decido facilitar e me levanto. Tiro o resto da minha calça e os sapatos, chutando-os para o lado, ficando apenas de *boxer* preta.

— Gosta do que vê? — pergunto a ela, tocando a minha ereção por cima da cueca, e a danada apenas sorri maliciosamente.

Eu me deito por cima dela e volto ao meu trabalho, beijando o seu pescoço enquanto minhas mãos sobem pela sua coxa e levantam seu vestido até a sua cintura.

Diana se afasta e ergue os braços para mim. Passo a peça pela sua cabeça, deixando-a apenas de calcinha.

Os seus lindos seios fartos pulam na minha frente, e salivo, não me dando outra opção a não ser cair de boca em cima deles. Chupo o seu mamilo e mordisco de leve, apertando o outro com os dedos, vendo Diana se contorcer abaixo de mim.

— Você é tão gostosa — murmuro em sua pele e sinto seu corpo todo se arrepiar.

Mamo com gosto enquanto desço a minha mão para tocar a sua calcinha, encontrando-a completamente molhada para mim.

— Você quer me matar, Diana...

— Eu quero você, Bernardo — ela responde entre gemidos. — Quero você agora.

— Não precisa nem pedir duas vezes.

Levanto-me rapidamente e abro a gaveta da minha mesinha, onde pego um preservativo. Desço a cueca e brinco com meu membro antes de cobri-lo com a camisinha, vendo Diana me encarar com os olhos desejosos.

Volto para cama e apenas afasto sua calcinha de renda, olhando em seus olhos antes de preenchê-la de uma vez, arrancando um gemido dela ao chegar ao fundo.

Puxo seus cabelos com uma mão e aperto sua cintura com a outra, enquanto devoro sua boca e acelero as minhas estocadas, entrando e saindo dela com uma rapidez alucinante.

— Bernar...

Eu nem dou tempo para que termine a frase e viro seu corpo de uma vez na cama, deixando-a de costas para mim. Dou um tapa em sua bunda, abraço sua cintura e ergo o seu quadril para mim, preenchendo-a mais uma vez, ouvindo um gemido seu.

Enquanto uma mão aperta a sua cintura, a outra segura seus cabelos com firmeza. Estoco ainda mais rápido, batendo meu quadril em sua bunda, ouvindo seus gemidos ficarem ainda mais altos que os meus.

— Ai, Bernardo... — ela choraminga, e acelero o ritmo, aumentando o meu aperto. Logo vejo seu corpo inteiro tremer embaixo do meu.

Vê-la gozar de forma tão intensa é meu combustível para acompanhá-la. Uma última estocada forte me faz atingir um orgasmo alucinante.

Afasto os nossos corpos e retiro a camisinha, jogando-a no chão. O seu corpo desmorona na cama, e puxo-a contra mim, beijando seus cabelos molhados de suor.

— Gostou?

— Puta que pariu, Bernardo...

Ela suspira, e caio na risada.

— Preciso te confessar que não me lembro de ter feito um sexo tão intenso na minha vida.

— Nem eu...

Beijo sua testa e fico por um momento apenas a olhando, vendo que não tem mais jeito. Eu sou completamente dessa morena.

— Sei que você tem a Bia e entendo se você não puder ficar, mas gostaria que passasse a noite comigo.

Ela me olha por um longo momento e apenas assente, sorrindo de canto.

— Minha mãe me disse que poderia ficar com ela, caso eu não voltasse hoje...

— Eu já disse que amo a sua mãe? — brinco, e ela solta uma risada.

— Vou adorar ficar com você hoje, Bernardo.

Saber disso faz com que eu me sinta tão feliz.

Beijo sua boca e nos viro na cama, cobrindo o seu corpo com o meu, levando-nos ao abismo mais uma vez.



DIANA

O sol entra tímido por uma fresta da cortina, e eu sorrio ao abrir os olhos e ouvir Bernardo ressonar baixinho com o braço circulando o meu corpo.

A noite foi incrível e, depois que aceitei ficar aqui com ele, Bernardo devorou o meu corpo mais uma vez, deixando-me literalmente de pernas bambas. Apaguei em seus braços em questão de segundos.

Pelo seu jeito de ser, já imaginava que ele tivesse uma boa pegada, mas nada me preparou para a noite de ontem. Bernardo é quente como o inferno e muito, muito bom no que faz.

Ele solta um suspiro e aperta meu corpo contra o dele, dando um beijo em meu ombro antes de abrir os olhos, todo sonolento.

— Bom dia, Diana.

— Bom dia, Bê. Dormiu bem? — pergunto, tocando o rosto dele com carinho.

— E como... — Sorri malicioso.

Ele estica o seu corpo e me aperta mais contra ele, beijando os meus lábios de leve.

— Quer tomar um banho? — pergunta com carinho, e eu assinto.

Levanto-me relutante da cama, e Bernardo vai na frente, desfilando com seu perfeito corpo nu, fazendo inveja em muitos por aí.

Ouçõ o som do chuveiro abrindo e, quando entro na suíte, encontro Bernardo debaixo da água, com o corpo todo molhado, esperando-me.

— Que visão, chefe... — brinco com ele, que solta uma gargalhada gostosa.

— Por Deus, Diana! Não sou o seu chefe. — Ele junta as sobrancelhas em uma expressão fofa, e me inclino para lhe dar um selinho.

— É sim, mas não aqui.

Beijo seu queixo e envolvo seu pescoço com meus braços, acariciando sua nuca de leve.

Bernardo se inclina para beijar os meus lábios e me puxa para mais perto dele, fazendo-me imergir na água junto com ele. O fato de estarmos nus, beijando-nos de forma calma debaixo da água quente, só faz com que esse gesto se torne muito sensual.

Não é só o meu corpo que está ficando molhado agora...

Um gemido me escapa quando sinto sua ereção se formar e roçar o meu quadril de um jeito bastante imponente.

— Bernardo...

— Shh... — Ele coloca o dedo em meus lábios e sai debaixo do chuveiro, ajoelhando-se na minha frente.

Ai, meu Deus.

Será que ele vai fazer o que eu estou pensando?

Ele vai...

Bernardo ergue a minha perna e a coloca em cima de seu ombro. Inclina-se, correndo a língua pela minha virilha. Quando chega lá...

Eu encosto a cabeça no azulejo enquanto a água quente percorre uma parte do meu corpo, e Bernardo faz um trabalho incrível com sua língua em mim. Ele usa os dedos em seu auxílio e, enquanto me chupa, os bombeia. O gozo não demora a vir forte, bruto e intenso.

— Ai, Bernardo... — murmuro enquanto o vejo se levantar com um sorriso orgulhoso no rosto.

— Acabei de descobrir que essa é a minha nova frase favorita — brinca comigo, e eu rio.

Nos próximos minutos, ele ensaboa todo o meu corpo e lava os meus cabelos, conversando comigo sobre coisas tranquilas do dia a dia. Tento retribuir de alguma forma o que fez por mim, mas ele me impede, dizendo que por hora só quer o meu prazer.

Eu sinto até um nó na garganta ao ver quanto carinho ele sente por mim.

Terminamos o nosso banho, e visto o meu vestido, vendo Bernardo se arrumar perfeitamente em uma gola polo e bermuda jeans.

Ele me guia até a cozinha e começa a preparar nosso café da manhã, conversando comigo de forma natural, como se fosse algo que fizéssemos há anos.

Logo temos café, suco, torradas, geleias, queijos e frutas na mesa, tudo montado com bastante carinho, fazendo-me sentir o peito aquecido.

— Qual a sua programação de hoje? — pergunto a ele, pensando se arrisco a fazer o convite ou não.

— Hmm... Não sei. Aos domingos costumo ficar em casa à toa, assistindo TV, ou vou até a casa da minha mãe. Ainda não decidi, por quê?

— Minha mãe costuma fazer um almoço caprichado aos domingos. Se quiser almoçar conosco, vou adorar.

— Claro! Vou com muito prazer.

— A Bia vai ficar doidinha quando souber.

Faço menção de pegar o meu celular e ele me impede, tocando a minha mão.

— Não conte a ela, vamos fazer uma surpresa.

— Combinado!

Continuamos a tomar o nosso café e conversamos de forma tão tranquila que nem vejo o tempo passar.

Quando acabamos, lavamos a louça juntos e nos sentamos no sofá por

um momento apenas para desfrutar dessa companhia, esperando a hora do almoço chegar.

Estar aqui com ele, em seu apartamento, me mostra mais uma vez que o que temos não é passageiro. Acho que Bernardo veio para ficar.



BERNARDO

— *Benado!* — Beatriz dá um grito quando me vê, e eu me abaixo assim que entro pela porta da cozinha para receber o seu abraço apertado.

— Oi, princesa! Que saudade de você! — Aperto seu corpinho e beijo seus cabelos dourados.

— Eu também! Você vai almoçar com a gente hoje?

— Vou sim!

— Oba! — Ela fica eufórica e me puxa pela mão, mal percebendo a presença de sua mãe ao meu lado. — Vovó, esse é o tio *Benado*, ele vai almoçar com a gente hoje. Você fez mais macarrão?

Ela fala sem nem respirar, e caímos na risada.

— Nem senti saudade da mamãe, Bia? — Diana se abaixa e recebe um abraço caloroso da filha.

— Senti também, mamãe. Quando você for passear de novo, me leva?

— Pode deixar, meu amor.

Diana pega sua mocinha no colo e se vira para nós, apresentando-me

dona Antônia.

— Muito prazer, dona Antônia. — Estendo a mão para a mãe de Diana, que me recebe com um sorriso caloroso.

— O prazer é todo meu, Bernardo. Ouvi falar muito de você por aqui.

— Espero que coisas boas. — Sorrio de lado.

— Com certeza! Bia, não quer mostrar a casa para ele enquanto a vovó termina de fazer o almoço?

— Siiim! — Ela assente frenética e me puxa pela mão.

Diana apenas me avisa que irá se trocar enquanto sou arrastado pela casa pela garotinha. O lugar é pequeno, mas muito aconchegante e cheio de vida. Diferentemente da minha, aqui é um verdadeiro lar.

— E este é o meu quarto.

Ela me leva para o cômodo cor-de-rosa, e sorrio ao ver toda a alegria que emana daqui.

— Seu quarto é lindo, Bia. É o quarto de uma verdadeira princesa.

Ela sorri satisfeita e me mostra seus brinquedos, bonecas e livros infantis. Beatriz me conta várias histórias e me mostra toda orgulhosa o seu cantinho. É impossível não sorrir ao seu lado.

— O almoço está pronto. — Diana aparece na porta, e Beatriz dá um pulo da cama, correndo em disparada até a cozinha. — Ela está muito feliz por te ver aqui. — Aproxima-se de mim, e tomo seus lábios de forma breve.

— E eu estou ainda mais feliz por estar aqui com vocês. Obrigado

pelo convite, Diana. Significou muito para mim.

Ela sorri satisfeita e se inclina para me dar um selinho.

— Não pretendo te deixar ir embora da minha vida tão cedo, chefe.

Solto uma gargalhada e logo raspo minha barba em seu pescoço.

— Eu só não fico bravo por me chamar assim, porque também não pretendo te abandonar mais.

Ela sorri orgulhosa e me dá mais um selinho antes de me puxar pela mão.

— Agora vamos antes que o almoço esfrie.

Diana me puxa pela mão e me leva até a sala de jantar, onde a mesa está posta.

Beatriz está acomodada em sua cadeira, e sento-me ao lado de Diana. Ver a mesa farta e as pessoas cheias de alegria me deixa um tanto feliz. É ótimo participar de um momento tão bom em família. Conversamos de forma tranquila e dona Antônia faz uma ou outra pergunta para mim, querendo me conhecer melhor. Pelo pouco que estou aqui, percebi que ela é uma mãe e avó incrível.

Terminamos de comer, e eu me levanto para ajudá-las na louça. Antes de acabar, Beatriz me cutuca pela perna.

— Tio *Benado*, quer ver um filme comigo? É da princesa que tem o cabelo grandão...

Bia gesticula com suas mãozinhas representando os cabelos, e me

derreto por ela.

— Claro!

— Oba! — Ela corre em direção à TV e grita pela mãe, pedindo para colocar o filme.

— Você sabe que não sai daqui tão cedo hoje, né? — Diana comenta rindo.

— Meu dia é todo de vocês. — Pisco para ela e acompanho-a até a sala.

Dona Antônia nos pede licença, dizendo que vai se deitar, e Diana abre o sofá-cama para que possamos ver o filme mais confortavelmente. Ela se levanta para buscar mais travesseiros e, quando volta, nós nos acomodamos todos juntos, fazendo-me ter uma visão de como seria ter uma família um dia.



— Obrigada por hoje, Bernardo. A Bia amou ter você aqui. — Diana me abraça pelo pescoço enquanto estou encostado em meu carro, e beijo seu queixo com carinho.

— Só a Bia? — brinco, fazendo um bico, e ela cai na risada.

— A mãe dela também — sussurra e me dá um beijo gostoso na boca.

— Eu que agradeço pelo convite, Diana. Amei passar o dia com vocês.

Olho para o céu estrelado e sorrio ao ver que a noite está linda,

iluminando nós dois aqui fora.

— Diana... — começo a falar e paro, tocando seu rosto para que olhe em meus olhos. — Eu não quero que isso acabe.

Aponto para nós dois e a vejo sorrir de lado.

— Eu também não.

— Não sou um especialista em relacionamentos, como você sabe. — Faço uma careta, e ela ri baixo. — Mas quero ficar com você. Quero fazer isso dar certo. O que acha disso?

— Eu acho perfeito, Bê.

Isso é tudo que eu precisava ouvir para acalmar o meu coração.

Tomo sua boca em um beijo terrivelmente gostoso e intenso, muito intenso.

— Sou louco por você, morena — sussurro em seus lábios e os vejo tremerem.

— Não mais do que eu, chefe.

Solto uma risada e beijo sua boca mais uma vez.

— Boa noite, Diana.

Roço meus lábios nos seus, não querendo desfazer esse contato.

— Boa noite, Bernardo.

— Até amanhã.

Acaricio seu rosto e indico para que ela entre. Assim que o faz, entro no meu carro e arranco, sentindo-me um Bernardo diferente.

Sinto-me um cara que nunca imaginei que me tornaria um dia.

The word "Move" is written in a large, elegant, cursive script. The 'M' is tall and has a long vertical stroke that extends down to the baseline. The 'ove' is written in a more compact, flowing cursive style.

BERNARDO

— Eu ainda não estou acreditando que você está mesmo namorando
— Gael comenta quando me vê entrando na nossa sala com um sorriso bobo no rosto.

— Não sei por que o espanto, você sabe que sou irresistível. — Dou uma piscadela, e ele revira os olhos para mim.

Caímos na risada.

Há quase dois meses, assumi meu relacionamento com Diana e temos ficado mais próximos a cada dia. Viver ao seu lado, e de quebra ter a Beatriz em minha vida, foi além do que eu esperava.

Não me arrependo de ter ficado tanto tempo sozinho, pois tive diversão o suficiente na minha vida. Mas hoje só quero ficar nos braços da minha morena e daquela loirinha que me tem nas mãos.

Eu sou completamente apaixonado pelas duas.

No início, Gael ficou um pouco resistente com o nosso namoro, mas

quando viu que mantive minha postura profissional e não deixei que isso interferisse no trabalho, ficou mais tranquilo.

Aqui, na Construtora Sartini, somos colegas de trabalho e ambos sabemos separar bem isso.

— Sabe que gosto de pegar no seu pé, Bernardo. Mas fico feliz mesmo por vocês. A Diana é uma mulher incrível, e você precisava de alguém assim na sua vida. Esse papo de vida de solteiro ser boa demais nunca colou para mim.

— Mas era boa, porque eu ainda não a conhecia — falo firme.

— Eu ainda preciso me acostumar com sua versão apaixonado, é tão bonitinho — diz com ar de deboche, e caio na risada.

— Vá se foder, Gael.

Sento-me à minha mesa e volto ao trabalho, mal vendo a hora passar. A tarde voa e, quando percebo, já estamos encerrando o expediente. Desligo o meu notebook e junto as minhas coisas, encontrando Diana fazendo o mesmo na recepção.

— Está indo para a casa? — pergunto a ela.

— Estou sim. Vai me dar uma carona hoje?

— Com toda certeza! Se não se importar, quero passar em casa antes para tomar um banho e aí passo o resto da noite com vocês.

— Mas que proposta irrecusável, chefe — brinca comigo, e eu rio enquanto abro a porta de vidro e a tranco logo que passamos.

Um vento frio nos atinge, e envolvo o corpo de Diana com o meu braço, guiando-nos até o carro. Antes que abra a porta, eu a puxo pela nuca e colo sua boca na minha, em um beijo muito gostoso.

— Você precisa parar com isso, Bê — Diana choraminga logo que nos afastamos.

— Parar com o quê? — pergunto, roçando meus lábios pelo seu queixo.

— De me beijar desse jeito em local público. Você sempre me deixa de pernas bambas. — Sua voz é ofegante, e eu rio sobre a sua pele.

— Você me deixa louco, morena. — Roço meus lábios em seu pescoço novamente e me afasto, dando-lhe um selinho. — Vamos lá?

Destravo o carro, onde entramos e nos sentamos, pegando as ruas da cidade.

Aproveito que paramos em minha casa e levo Diana até o meu apartamento, onde curtimos um pouco o tempo a sós. Eu nunca vou me cansar dessa mulher e de tudo que fazemos juntos.

Voltamos para o carro e, pouco depois, estou parado na porta de sua casa, entrando de mãos dadas com a minha morena.

— Tio *Benado*! — Sou recebido pela minha pequena com um beijo molhado. Pego-a no colo, erguendo-a em meus braços.

— Oi, princesa. Como foi na escola hoje?

— Foi muito legal! Trouxe um presente *pra* você.

— Para mim?

Ela assente e Diana a pega do meu colo, dando um beijo em sua bochecha.

— Presente só para o Bernardo? E para mim? — Diana faz um bico, e caio na risada.

Beatriz dá uma risadinha, e Diana a coloca no chão. O que eu ouço a seguir faz meu queixo cair do chão.

— Hoje é só para o *Benado*, porque é dia dos pais.

Bia sai disparada em direção ao corredor e me deixa atônito.

— Como é que é? — Minha voz sai trêmula, e Diana dá de ombros, tocando meu ombro com carinho.

— Juro que não sei de nada, amor. — Inclina-se para me dar um beijo no rosto, e somos interrompidos com uma Bia retornando toda sorridente, estendendo-me um papel dobrado.

— Aqui. — Eu me abaixo para ficar na sua altura. A pequena abre seu sorriso banguela e me olha com admiração. Isso é a minha ruína. — Hoje foi dia de fazer cartinha de dia dos pais na escola, e como eu não tenho um papai, perguntei para a professora se podia fazer *pra* você.

A sua declaração sincera e a forma como ela sorri para mim quebram meu coração ao meio.

— Obrigado, princesa — respondo com a voz embargada.

Quando abro o papel, vejo um desenho muito colorido de um homem

e uma criança de mãos dadas e alguns rabiscos ao redor. É o desenho imperfeito mais lindo que já vi em toda minha vida.

Nunca imaginei que fosse chorar por um desenho, mas aqui estou com os olhos marejados diante dessa garotinha.

— Ficou lindo, princesa. Muito obrigado! — Puxo seu corpinho em um abraço, e ela me envolve com seus bracinhos.

— Se eu pudesse ter um papai um dia, queria que fosse você.

Essa menina tirou o dia para me fazer chorar, só pode. Abraço-a mais apertado e dou um beijo em seus cabelos, secando rapidamente uma lágrima teimosa.

— Fico muito feliz de saber disso, meu amor. E obrigado pelo presente.

Ela sorri satisfeita e, quando ergo meu corpo, encontro Diana e Antônia me encarando com os olhos brilhando.

— Que tal pedirmos uma pizza hoje? — Diana sugere animada, aliviando um pouco o clima. Beatriz solta gritinhos de alegria, adorando a ideia da mãe. — Ótimo. Vou pedir a pizza e tomar um banho, OK?

Ela se aproxima de mim e me dá um selinho.

— Está ótimo, fico te esperando aqui.

Diana some pelo corredor, e logo Bia vai até a televisão, apertando o controle remoto. A pequena me chama para me juntar a ela, mas antes que eu vá, ouço a voz da minha sogra.

— Ela é louca por você, Bernardo.

— Também sou apaixonado por essas duas, dona Antônia.

— Eu sei disso, filho. — Ela sorri e mexe nos cabelos. — Eu fico feliz e agradecida por você ter chegado. As minhas meninas mereciam essa alegria que você trouxe.

— Obrigado. Significa muito para mim.

Ela sorri e dá de ombros, como se não fosse nada.

— Agora vou descansar um pouco e deixar com você o posto de assistir desenhos com a Bia. Quando a pizza chegar, vocês me avisam.

— Pode deixar.

Minha sogra some pelo corredor, e eu me sento no sofá, trazendo Bia até o meu colo. A garotinha se encaixa em meu abraço e solta um suspiro quando seu desenho favorito começa.

Um milhão de coisas se passam pela minha mente neste instante e a mais importante delas é o quanto essa criança se tornou parte da minha vida e o quanto seu pequeno gesto me tocou.

Encosto meu queixo em sua cabeça e acaricio seus cabelos com cheiro de xampu de frutas. Sorrio ao ver o quanto um ser humano, que até pouco tempo eu nem imaginava conhecer, hoje tomou tanto espaço da minha vida.

A verdade é que não imagino sem essas duas mulheres.

Pode parecer loucura, mas sinto dentro do meu coração que

finalmente chegou a minha hora. É com elas que eu quero ficar.

A stylized, cursive signature in black ink, appearing to read 'Dez'. The letters are fluid and interconnected, with a large 'D' and a smaller 'ez'.

DIANA

— Você não me pega! — Beatriz grita, rindo, enquanto Bernardo corre atrás dela, fingindo não a alcançar.

Ver essa cena diante de mim só me faz ficar com um sorriso bobo no rosto, pois não tem nada que alegre mais uma mãe do que ver os filhos sorrindo.

Semana passada, quando a Bia nos surpreendeu entregando uma cartinha de dia dos pais para o Bernardo, ver a emoção que tomou os olhos do meu namorado foi impagável. Ele é mesmo um homem maravilhoso. Enche o meu coração saber que a minha filha o admira tanto quanto eu.

Hoje, como o dia está lindo, decidimos vir ao parque fazer piquenique. A minha menina está se esbaldando com o Bernardo. Ainda bem que ele malha, pois eu não aguentaria correr metade do que eles correram hoje. Por isso estou aqui, sentada debaixo da sombra, apenas os assistindo se divertirem.

Vejo os dois vindo em minha direção com os rostos molhados de suor

e estendo uma toalha a ele, que seca Beatriz e depois se seca.

— Sede — Bia fala ofegante, e eu rio, pegando uma garrafa de água mineral na caixa térmica.

— Pelo tanto que você correu, Bia, é para estar morta de sede mesmo.

Ela pega a garrafa da minha mão e bebe com certo desespero, tirando-nos uma risada.

— Quer também? — Ofereço a Bernardo, que assente, e então lhe estendo uma garrafa.

— Cansaram? — pergunto a Beatriz logo que me devolve a garrafa e passa a mãozinha pela testa.

— Sim, mas foi muito legal, não é? — Olha para Bernardo, esperançosa.

— Muito! Agora podemos descansar, né? O tio está velho já. — Bernardo suspira, e Bia concorda.

— Vocês estão com fome? Tem muita comida aqui.

— Sim! — Bia responde rapidamente, e caímos na risada novamente.

Abro a cesta e pego descartáveis, sanduíches, sucos, biscoitos e frutas, e logo começamos a fazer o nosso lanche. Dividir uma refeição com meus dois amores, na sombra de uma árvore e ouvindo a gargalhada gostosa da minha filha é uma cena que quero guardar para sempre.

Na verdade, todos os momentos que passamos juntos desde que Bernardo entrou em nossas vidas são inesquecíveis. Tenho muita sorte de tê-

lo comigo.

O dia começa a escurecer e logo Bia começa a bocejar. Vemos que já está na hora de ir para casa. Eu a acomodo na cadeirinha do carro do Bernardo e, assim que ele ganha as ruas da cidade, noto que a minha menina caiu no sono.

— A Bia já dormiu... — Bernardo sussurra. Com a sua mão livre do volante, pega a minha para beijar.

— Ela cansou muito hoje. Pelo visto, vai ser um daqueles dias em que dou banho nela dormindo.

— Mentira! — Ele se vira para me olhar, e solto uma risada baixa.

— É isso ou deixar que ela durma toda suada. Então prefiro dar banho em uma pequena zumbi. — Faço uma careta, e ele cai na risada.

— Você é uma mãe incrível, sabia? Sei que já te falei isso várias vezes, mas a cada dia me surpreendo mais. — Ele me olha de lado e me abre aquele sorriso irresistível.

— Obrigada, amor — respondo apenas e ganho mais um beijo na mão.

Atravessamos a cidade com tranquilidade. Quando ele para o carro em frente à minha calçada, a visão que tenho me faz ter um aperto no peito.

Um homem está encostado no portão de casa com a cabeça baixa, mexendo no celular e, quando ergue o rosto ao notar o movimento do carro, sinto um soco no estômago.

Ah, não...

Um suspiro me escapa e na mesma hora Bernardo olha para mim franzindo o cenho.

— Está tudo bem, Diana?

Nego com a cabeça, e ele acompanha o meu olhar, reparando o homem que agora olha para nós dois dentro do carro.

Não preciso dizer nada. Sei que meu namorado entende tudo quando percebo seu maxilar trincar. Não podia ser diferente, pois a garotinha que dorme tranquila no banco de trás é uma cópia fiel do homem que está parado na calçada olhando para mim.

— Filho da mãe... — sussurra e abre a porta do carro na mesma hora.

Saio do carro e encontro Bernardo abrindo a porta traseira e pegando Beatriz em seu colo, embalando-a em um escudo, protegendo-a.

— Diana... — Ouço a voz de Felipe depois de tantos anos e sinto um golpe no estômago.

— O que você quer com a minha namorada? — Bernardo rosna enquanto acaricia os cabelos de Bia, e Felipe dá um passo para trás.

— É ela? — Ele tenta se aproximar, mas Bernardo parece um leão protegendo seu filhote.

— Não chega perto da minha filha. — Sua voz é dura, e o meu coração erra uma batida.

Não sei o que me surpreende mais, se é a fúria nos olhos do meu namorado, que jamais presenciei antes, ou o fato de ter chamado a minha menina de sua filha.

— Diana, podemos conversar? — Felipe olha de Bernardo para mim, e permaneço muda, pois perdi a fala desde que o vi parado ali.

Bernardo olha para mim e toca o interfone, chamando pela minha mãe. Pouco depois, ela aparece, e ele entrega Bia, pedindo para que a coloque na cama, dizendo que já vamos entrar.

Minha mãe estranha sua reação, mas eles trocam olhares, e ela parece entender que é sério. Entra em casa, fechando a porta atrás de si.

— O que você quer? — Bernardo cruza os braços e estufa o peito quando vê que minha mãe sumiu de vista com Beatriz.

— Eu só quero conversar com a Diana, cara. Vim em paz. — Ele ergue os braços em redenção, e meu namorado solta uma risada sem humor.

— Acho que chegou um pouco tarde, “cara” — Bernardo repete a fala, endurecendo a voz.

Respiro fundo e decido que preciso intervir, pois não estou confiando no autocontrole do meu namorado.

— O que você quer depois de tanto tempo, Felipe? — Minha voz sai um sussurro, e os dois me encaram ao mesmo tempo.

— Eu quero conversar com você, Diana, e gostaria que fosse a sós.

— Sem chance! — Bernardo brada, e toco seu braço com carinho.

— O que quer que você tenha para me falar, Felipe, pode ser na frente dele. Eu me sinto mais segura com ele aqui. — Minha voz é calma, o que muito me surpreende. Vejo Bernardo soltar um suspiro e circular minha cintura com seus braços fortes.

— Tudo bem. — Felipe assente e corre as mãos pelos cabelos. — Podemos ir para algum lugar, pelo menos?

— Nós não vamos sair daqui, cara. Se quiser falar, pode começar agora mesmo. — A voz de Bernardo é firme, e vejo Felipe engolir em seco e assentir.

— Tudo bem... — Raspa a garganta e cruza os braços para nos olhar. — Eu sinto muito, Diana. Sei que chegar agora e pedir desculpas não vai anular o que fiz.

— Não vai mesmo — Bernardo o interrompe, e cutuco sua cintura para que o deixe falar.

— Mas fui um idiota ao ir embora quando você mais precisava de mim.

— Você está errado, Felipe — respondo de imediato e vejo os dois me encarando com expressão surpresa. — Eu nunca precisei de você. Enfrentei minha gestação sozinha, só tive ajuda da minha mãe. Criei a Bia da melhor forma que pude e nunca precisei de você. Beatriz é uma criança linda, cheia de vida e jamais sentiu falta da sua presença.

De canto de olho, vejo Bernardo sorrir orgulhoso, mas não perco a minha postura. Se Felipe veio aqui achando que vai me ganhar com esse papo furado, está muito enganado.

— Eu não tenho dúvidas quanto a isso, você sempre foi uma grande mulher.

— Obrigada, mas acredito que você não tenha vindo aqui só para me elogiar ou pedir desculpas.

Vou direto ao ponto, e ele confirma em silêncio.

— Tem razão... — Suspira e estala dos dedos da mão. — Gostaria de conhecer a Beatriz.

— Você está de sacanagem? — Bernardo me solta na mesma hora, e aperto seu braço, contendo-o.

— Se acha que vou chegar para a minha filha hoje e falar que o pai que ela nem sabe que existe resolveu aparecer depois de cinco anos e que vai ficar tudo bem, está muito enganado.

Minhas palavras o pegam desprevenido, e seu semblante se torna devastado.

— Ela... Ela não sabe que eu existo? — Sua voz sai trêmula.

— O queria que eu fizesse, Felipe? Que contasse uma dessas histórias de que o pai foi viajar e um dia voltaria? Sinto muito, mas não vou iludir a minha menina dessa forma.

Ele abaixa a cabeça e fica olhando para o chão por um momento em silêncio, correndo as mãos pelos cabelos loiros e lisos.

— Sei que não tenho direito de te pedir nada, Diana. Eu entendi isso. Mas posso pelo menos conhecê-la? Saber como ela é? Não precisa dizer quem eu sou, se isso não fará bem a ela...

— Não vai mesmo. — Bernardo diz firme, e indico que Felipe continue falando.

— Eu nunca tive sossego nesses últimos anos e sei que demorei demais a vir até aqui. Esse último dia dos pais foi um verdadeiro tormento

para mim. Saber que fui pai e nunca conheci a minha filha. Sei que nada justifica o que fiz com vocês, Diana, mas sinto muito mesmo. Fui um idiota com vocês. Fiquei apavorado quando me contou da gravidez. Eu estava com outras prioridades na vida e pensei que um filho fosse mudar tudo, por isso me afastei. Hoje percebo que esse foi o maior erro da minha vida. Sei que nada do que eu disser vai anular o que fiz a vocês duas, mas me perdoe, Diana. Gostaria de compensar isso de alguma forma.

Sua declaração é sincera, e o seu olhar devastado me faz abaixar a guarda. Eu sempre temi pelo dia que o Felipe voltasse para as nossas vidas, imaginando que ele fosse brigar pelo direito de ter Beatriz em sua vida. Mas encontrá-lo arrependido dessa forma despertou algo diferente em mim.

De fato, Beatriz nunca precisou dele em sua vida. Eu podia simplesmente mandá-lo ir à merda e nunca mais voltar, mas não consigo fazer isso. Apesar dos pesares, ele é pai da minha menina e merece pelo menos o benefício da dúvida.

— Tudo bem... — Solto em um suspiro e vejo dois pares de olhos me encararem surpresos. — Vou deixá-lo conhecer a Beatriz, mas não hoje. Nem amanhã. Preciso conversar com ela primeiro e prepará-la para isso. Chega de mentiras, Felipe. Não vou esconder quem é o pai biológico dela, só preciso encontrar uma melhor forma de abordar o assunto com uma criança de cinco anos.

— Eu... Eu agradeço muito, Diana. — Felipe sorri, gagueja e chora ao mesmo tempo. Juro que essa imagem acaba de me desconcertar. — Prometo que não vou pisar na bola desta vez, obrigado pelo voto de confiança.

Assinto, e o silêncio paira sobre nós. Noto que Bernardo está calado

demais para o meu gosto, o que me preocupa um pouco.

— Posso deixar meu número de telefone com você? Para me ligar quando eu puder vê-la?

— Claro.

Retiro o celular da bolsa e salvo seu número. Quando termino, olho para ele por um momento e o vejo mover a cabeça antes de se despedir, agradecendo mais uma vez. Assim que Felipe dobra a esquina, Bernardo solta o ar dos pulmões. Viro-me para encará-lo.

— Desculpa, amor. — Sua voz é doce, e arqueio a sobrancelha.

— Por...?

— Por ter me intrometido no assunto de vocês, sei que não tenho nada a ver com isso, mas imaginar esse cara voltando para a vida da Bia buscando por um papel que não lhe cabe me deixou louco.

— Eu sei, Bê. Também não fiquei feliz quando o vi. Na verdade, fiquei apavorada, temendo que ele fosse querer tirar a Bia de mim. Mas me pareceu sincero e vou dar um voto de confiança.

— É o certo a ser feito. — Ele balança a cabeça concordando, mas seu semblante não relaxa.

— O que foi? — Ele apenas nega, e eu insisto. — Tem alguma coisa te incomodando, Bernardo.

— É que... — Passa a mão pela barba e me encara com seus profundos olhos escuros. — Com a volta do Felipe e... Onde vou me encaixar? Quero dizer, na vida da Bia...

Bernardo se embola e até gagueja. Acho muito fofa a sua reação.

— Felipe é o pai biológico dela, amor. Isso é um fato. Mas você é o pai que a Beatriz escolheu, ninguém vai tirar isso de você.

Seus olhos se iluminam. Em um movimento, ele circula minha cintura com seus braços e devora a minha boca, daquele jeito que só ele sabe fazer.

— Eu amo tanto vocês, morena... — sussurra sobre meus lábios. Sinto meu coração bater desenfreado no peito. — Pensar na mínima possibilidade de perder vocês me deixou louco.

— Não vai perder, meu amor. Não vai.

Acaricio seu rosto negro e corro os dedos pelos lábios grossos.

— Nós também te amamos muito, Bernardo. Obrigada por ser o melhor para nós.

Seu sorriso se amplia, e ele toma a minha boca mais uma vez, mas de uma forma lenta, calma e bastante apaixonada, selando todo o nosso amor aqui.

— Eu passei a minha vida toda achando que não servia para relacionamentos, mas a verdade é que eu ainda não tinha conhecido você.

Ele diz sincero e beija minha testa com carinho.

— Que sorte a minha, chefe.

Brinco com ele, que ri me beijando mais uma vez.

— Eu vou te fazer muito feliz, Diana.

— Você já faz, Bernardo. Desde o dia em que apareceu na minha vida, já me faz feliz.

Seu sorriso se torna gigante, e ele toma meus lábios mais uma vez, fazendo-me ter a certeza de que enquanto estiver ao meu lado, a felicidade sempre vai morar aqui.



BERNARDO

Alguns meses depois

— Eu vivi para ver essa cena. Olhe para mim, Bernardo — Rafael zomba e, assim que viro meu olhar para ele, a câmera do celular captura a minha imagem.

— Que merda é essa, Fael?

— Precisava registrar este momento, oras. Bernardo Sartini, o pegador da cidade, escolhendo um anel de noivado é algo memorável.

— Vá se foder! Vai me ajudar ou ficar rindo da minha cara? — respondo bravo, e ele cai na risada.

— Eu não podia perder essa, meu amigo. Mas então, no que pensou?

— Gostei desse. — Aponto para um anel com uma delicada pedra de diamante solitário, protegido pelo vidro.

— Diamante? — Rafael assobia.

— Com o tio Bernardo aqui, não poderia ser diferente. — Pisco para ele, que balança a cabeça rindo. — Pode pegar esse aqui, por favor? — peço para a atendente, que retira o anel e me entrega. — É esse, Fael!

Mostro para ele, que fica admirando a peça ao meu lado.

— Lindo mesmo, cara. A Diana vai pirar.

— Ótimo! — Testo o anel no meu dedo mais fino e, quando vejo que encaixa perfeitamente, meu sorriso se amplia. — É do tamanho que preciso. Perfeito!

— Não vai levar nada para a Bia? — Rafael me pergunta, e arqueio a sobrancelha.

— Hum... Não tinha pensado nisso, mas é uma boa ideia.

— Lembra quando eu pedi a Camila em casamento? Eu pedi a mão dela para o Pedro e comprei um presente para ele. Acho que a Bia vai gostar se você levar algo para ela, já que é apaixonada por você.

— Às vezes você sabe ser inteligente, Rafael.

Ele solta uma risada, e peço para a atendente me mostrar os anéis infantis.

— O problema é que não sei o tamanho dela... O da Diana eu consegui improvisar no meu dedo para ter uma ideia.

— Se não servir, pode ser ajustado o tamanho, não se preocupe — a atendente me responde, trazendo alguns modelos.

Pego um anel de ouro com uma pedra cor-de-rosa delicada e sei que

esse é o perfeito para a minha princesa.

— Esse aqui!

Aponto para o anel e sorrio orgulhoso ao saber que vou surpreender as minhas meninas hoje. Eu as convidei para um jantar em minha casa, e elas não fazem ideia do que as espera.

Finalizo as compras e saio da loja com um sorriso enorme no rosto.

— Boa sorte, cara! Vai lá e fisga sua morena. — Rafael aperta o meu ombro e se despede de mim quando chegamos perto do seu carro.

— Valeu, Fael. Obrigado por sempre me apoiar.

— Eu apenas estou retribuindo tudo que você fez por mim e pela Camila.

Ele sorri e entra em seu carro, deixando-me sozinho na calçada. Caminho até o meu e, quando entro, ligo o som bem alto para me ajudar a espantar um pouco a ansiedade.

Sempre fui muito seguro, mas não tem como não ficar nervoso em um momento desses.

Nunca imaginei que fosse me apaixonar um dia, e muito menos me casar. E cá estou eu, prestes a me comprometer pelo resto da vida com a melhor mulher do mundo.

Eu não poderia ter mais sorte.



— Que lindo, amor! — Diana suspira assim que entra em meu apartamento, e sorrio orgulhoso com Beatriz em meu colo.

É, eu caprichei.

Velas e pétalas de rosas vermelhas estão espalhadas por todo o apartamento, e uma música ambiente toca na caixa de som.

Eu poderia ter convidado apenas a minha namorada para esse jantar e me perder nos braços dela a noite toda, mas hoje é um dia especial. Meu compromisso não é só com a minha morena, mas com essa loirinha que me olha com um sorriso gostoso no rosto.

— Ficou bonito, tio *Benado*.

— Gostou, princesa?

— A-hã...

Desço Beatriz do meu colo e as duas olham maravilhadas tudo que eu preparei para elas com tanto carinho.

— É alguma ocasião especial, chefe? — Diana brinca comigo, e solto uma risada.

— Apenas acordei inspirado. — Dou uma piscadela, e ela sorri, aproximando-se para me dar um selinho.

— Vai parecer menos romântico se eu disser que não fui eu que fiz o jantar? — pergunto, indo até a cozinha pegar uma garrafa de vinho e duas taças de vidro.

— Não. — Ela solta uma risada e cruza os braços. — Não quis nos

mostrar seus dotes culinários desta vez?

— Eu não podia correr o risco de estragar tudo, então preferi comprar a comida.

Abro a garrafa e sirvo as duas taças, mas antes de entregá-la, abro a geladeira e pego uma jarra de suco de uva integral. Busco no armário uma taça de plástico cor-de-rosa com os dizeres “princesa do papai” que comprei especialmente para Beatriz e sirvo o suco para a minha pequena.

Eu as convido a me acompanharem até a sala e me sento no tapete, pousando as taças em cima da mesinha de centro.

— Vou poder brindar também? — Bia pergunta, e mostro sua taça.

— Vai sim, princesa. Fiz um suco de uva que adora e você pode fingir que é vinho também. — Pisco para ela, que bate palmas de empolgação.

Ela ainda não viu os dizeres da taça, porque não sabe ler, e como faz parte da minha surpresa, decido esconder essa informação dela mais um pouco.

— Que suspense, Bernardo... — Diana me olha curiosa, e então eu abro a gaveta da estante e retiro de lá as duas caixinhas que deixei no local exato para que não precisasse me levantar.

Quando Diana vê o que tenho em minhas mãos, seus olhos se arregalam e ela cobre a boca com a mão, contendo o seu espanto. Meu sorriso se amplia, e me aproximo dela, pegando sua mão e olhando dentro de seus olhos castanhos.

— Nunca me imaginei casado, Diana, nem tendo uma casa cheia de

filhos, porque eu achava que isso era algo que servia para as outras pessoas e não para mim. Mas a verdade é que eu ainda não te conhecia, meu amor. Desde que você entrou na minha vida, e com você, essa princesa linda — olho para Beatriz, e ela me abre um sorriso banguela —, entendi que o meu lugar era aqui, com vocês duas. Não quero mais viver um segundo sem vocês. Por isso...

Abro as duas caixinhas e retiro os dois anéis. Guardo um em cada palma da minha mão.

— Você aceita ser minha esposa, amor? Prometo que farei o impossível para ser o melhor marido.

— Claro que aceito, Bernardo! — Ela sorri com os olhos marejados, e quero beijá-la, mas não o faço.

Viro-me para a pequena Beatriz.

— E você, pequena? Aceita ser a minha filha? Prometo que serei o melhor pai do mundo para você.

— Jura? Você vai ser o meu papai? — Sua boquinha se abre, e ela arregala os olhos.

— Só se você quiser.

— Eu quero! Eu quero! — responde eufórica, e caímos na risada.

Depois daquela visita inesperada do Felipe, Diana esperou um tempo e encontrou a melhor forma de conversar com Beatriz, explicando-a com bastante cuidado sobre ele. Para a nossa surpresa, nossa mocinha entendeu e disse que seria legal conhecê-lo, mas que agora ela já tinha um pai.

Eu nem preciso dizer como aquilo mais uma vez me quebrou ao meio, não é?

Tanto que depois de muito pensar, decidi contratar um advogado para ver a questão do registro da paternidade da minha menina e por isso não é apenas um pedido de casamento que estou fazendo hoje. Quero também ser o pai da Beatriz, quero que ela seja uma Sartini.

— Agora, preciso te pedir mais uma coisa, Diana. — Volto a atenção para a minha mulher que já não esconde mais as lágrimas.

— Tem mais?

— Claro! — Abro um sorriso e respiro fundo antes de continuar. — Gostaria de ter a sua permissão para registrar a Beatriz como minha. Não quero a minha filha sem o nome de um pai em sua certidão de nascimento e, mesmo que o Felipe tenha esse direito, eu gostaria de fazê-lo.

As lágrimas correm ainda mais pelo seu rosto, e ela abre um sorriso, virando-se para a filha.

— É isso que você quer, meu amor? Que o Bernardo seja o seu papai?

— Quero sim! Eu sei que vocês me explicaram que foi o tio Felipe que plantou a minha sementinha na sua barriga, mas não *amo ele* igual eu amo o tio *Benado*. Posso te chamar de papai agora?

Seu olhar brilha em minha direção, e eu sorrio, assentindo.

— Claro que pode, filha. — Inclino-me para beijar a ponta do seu nariz, e ela solta uma risadinha gostosa. — Agora...

Abro as minhas mãos e estendo a elas os anéis, perguntando mais uma

vez se aceitam ser minhas para sempre.

— Sim! — respondem ao mesmo tempo, e eu sorrio, colocando o anel no dedo de cada uma.

Quando termino, sou derrubado por duas mulheres me abraçando ao mesmo tempo. Caio no tapete e aperto as duas contra mim enquanto gargalhamos juntos e distribuímos vários beijos estalados um no outro.

Nunca pensei que fosse tão bom ter uma família. Hoje não me imagino longe delas.

Diana foi um presente e com ela, a pequena Beatriz, que por mais que não tenha o meu sangue, é minha filha. Pai é quem cuida, quem ama e sei que vou dar o meu melhor por ela enquanto eu viver.

Epílogo

DIANA

Alguns anos depois

— Será que o papai vai gostar da surpresa? — Bia me pergunta em um sussurro enquanto estamos montando a bandeja de café da manhã, tentando fazer o máximo de silêncio.

Hoje é dia dos pais, e decidimos fazer uma surpresa para ele, então acordei mais cedo que o habitual e chamei pela minha menina, que está uma mocinha linda, agora com oito anos de idade.

Desde o dia em que o Bernardo me pediu em casamento, ela passou a chamá-lo de papai. Ele cumpriu a sua promessa de registrá-la como sua filha. Por isso, hoje nossa menina também assina como Sartini.

Eu nem preciso dizer o quanto o meu coração de mãe fica feliz, não é?

Embora o Felipe faça parte da vida de Beatriz e ela saiba que ele é seu pai biológico, o seu verdadeiro pai sempre será o Bernardo. Aquela visita

repentina do Felipe me pegou mesmo de surpresa e, por mais que eu tenha tido receio com sua aproximação, ele cumpriu sua palavra. Hoje nos tornamos amigos e ele é muito presente na vida de Beatriz. Para a nossa surpresa, aceitou numa boa o fato de que seria o Bernardo a registrar nossa menina. Só poder participar da vida dela já era o bastante para ele, e isso me deixou bastante feliz.

— Eu tenho certeza de que ele vai amar, Bia. Mas precisamos fazer silêncio para que ele não acorde, OK?

Ela assente, e continuamos o nosso trabalho. Montamos uma linda bandeja com suco, café, frutas, biscoitos, torradas e bolo e um cartão de dia dos pais especialmente feito pela nossa menina. É ali dentro que está a nossa maior surpresa.

— Vamos lá? — pergunto a ela, que assente sorrindo. Pego a bandeja nas mãos e caminho pé por pé pelo apartamento.

Quando chegamos ao quarto, Beatriz abre a porta com cuidado e encontramos Bernardo dormindo tranquilo com o braço cobrindo o rosto.

Faço um sinal para ela, que na mesma hora pula na cama e sobe no colo do pai.

— Papai, acorda! Hoje é dia dos pais!

Bernardo resmunga alguma coisa e logo abre os olhos, sentando-se na cama, todo sonolento.

— Feliz dia dos pais! Você é o melhor papai do mundo! — ela diz sorrindo, e ele a puxa para um abraço, beijando seus cabelos loiros.

— Obrigado, princesa. Papai te ama demais, você sabe, não é?

— Sei sim! Também te amo *muuuuuito*!

Ele cai na risada e beija a nossa menina. Aproximo-me da cama, com a bandeja nas mãos.

— Feliz dia dos pais, meu amor.

Beijo seus lábios de leve e ganho um lindo sorriso.

— Vocês aprontaram tudo isso nas minhas costas? — Ele ergue a sobrancelha, e assinto. — Como que não ouvi isso?

— Você dorme igual uma pedra, papai, e ainda ronca — Bia fala e cobre a boca com a mão, rindo.

— Ei! Eu não ronco! — Bernardo faz uma cara brava, e caio na risada.

— Só um pouquinho... — respondo sorrindo. Ele me fuzila com o olhar.

Bernardo pega a bandeja das minhas mãos e coloca ao seu lado, maravilhado com o trabalho que fizemos.

— Nossa, mas capricharam... Que tanto de coisa gostosa vocês fizeram!

— Você merece, amor...

Sorrio e Beatriz balança os braços na sua frente, chamando a sua atenção.

— Tem uma cartinha para você, papai. Precisa ler agora. — Ela aponta para o papel, e ele ergue a sobrancelha, curioso.

Quando percebe sua letra infantil, seus olhos brilham.

— Foi você quem fez, pequena?

— Foi sim! Anda, lê logo!

Beatriz não consegue conter sua ansiedade, e nós caímos na risada. Sinto meu coração bater feito bateria de escola de samba.

Eu queria muito contar a ele essa novidade, mas estava esperando o momento oportuno.

Bernardo abre a cartinha com cuidado e encontra o desenho da minha menina sobre o dia dos pais, mas a verdadeira surpresa está no verso.

— Agora olha atrás... — Beatriz indica e, quando ele vira, não consegue compreender muito bem.

Ela fez uma pintura com o molde de sua mão e ao lado, tentou pintar uma mão menorzinha. Não ficou tão perfeito o formato, mas, para mim, ficou incrível.

— Duas mãos diferentes? — Ele pergunta confuso, e ela sorri.

— Sim, papai! Essa maior é a minha e a menor é da minha irmãzinha!

— Ou irmãozinho... — Eu a corrijo e vejo Bernardo voltar sua atenção para mim com os olhos arregalados.

— Não...

— Sim! — Ele ainda me olha incrédulo.

— Você...

— Sim!

— Grávida?

— Sim! — Começo a rir de sua expressão, e ele desce seu olhar para a minha barriga, ainda sem acreditar.

— Eu vou ser pai de novo?

— Nossa, papai! Você está muito lerdo hoje! — Beatriz solta essa pérola e parece que o tira do transe, pois cai na risada conosco.

— Ai, meu Deus! — Ele coloca a carta de lado e se aproxima de mim, pousando a mão sobre o meu ventre.

— Feliz dia dos pais, papai — digo, e ele sorri, inclinando-se para beijar minha barriga ainda lisa.

— Oi, meu amor. Aqui é o papai, você vai ouvir muito a minha voz daqui para frente. Eu acabei de saber que você está aqui, mas já te amo tanto!

Não consigo controlar as lágrimas enquanto ouço sua declaração tão sincera.

— Eu te amo tanto, Diana... — Ele ergue o corpo e toma meu rosto em suas mãos. — Obrigado por esse presente maravilhoso.

— Eu também te amo muito, meu amor. Nós três te amamos, na verdade.

— Sim! Eu também te amo, papai! Mas agora já podemos comer? —
Beatriz aponta para a bandeja, e caímos na risada.

— Sem dúvidas esse é o melhor dia dos pais da minha vida —
Bernardo comenta sorrindo, e eu me inclino para beijar os seus lábios.

— Você merece o mundo, Bê.

— Não mais do que vocês. Os três amores da minha vida.

Eu o beijo mais uma vez, porque amar esse homem é o que faço de melhor na vida. Saber que sempre o terei ao meu lado, sendo o melhor marido e pai dos nossos filhos é algo que me faz sempre ter a certeza de que a melhor coisa que fiz foi ter aceitado aquele emprego.

Ele me trouxe o Bernardo, e com ele o conceito de felicidade que sempre rondará a minha vida.

país
DO ANO

Victoria Gomes

LUCAS

Sinopse

Depois de anos tentando engravidar, sem sucesso, Lucas e Helena adotam Arthur. O doce e tímido garoto chega para completar a família que os dois sempre sonharam em ter, e pouco mais de um ano depois, o destino resolve presentear-los com mais uma surpresa: Letícia, vinda de uma gravidez inesperada.

O que tinha potencial para ser o momento mais feliz da vida dos dois, vira tudo de cabeça para baixo quando Helena passa a enfrentar uma grave depressão pós-parto. Com um bebê recém-nascido e um filho que se sente rejeitado, Lucas precisa encontrar uma forma de manter sua família de pé em meio a desafios que não imaginou ter e que colocam à prova o amor incondicional que sempre teve a oferecer.

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, stylized 'U' followed by a smaller 'm'.

LUCAS

Helena sorri para mim e é como se o mundo inteiro parasse de girar por um instante.

Uma só mulher não deveria ser capaz de deter um poder tão grande em um gesto tão simples, mas essa é uma verdade tão inegável que seria inútil tentar contestá-la. Apenas aceito que minha mulher teve esse efeito sobre mim desde o primeiro instante em que pousei meus olhos sobre ela e hoje, quinze anos depois, nada mudou.

Aqui, nessa segunda-feira de manhã, recostado contra o batente da porta da cozinha, encaro-a em silêncio. Assisto seus gestos tão rotineiros enquanto organiza as porções de lanches das crianças na geladeira, como se não o tivesse feito na noite anterior. Ela me olha por cima do ombro, o repuxar delicado dos lábios tingidos pelo batom pecaminosamente vermelho sendo acompanhado por um balançar sutil de cabeça, em uma repreensão silenciosa.

— Parece que nunca me viu — implica, curvando-se para alcançar

alguma coisa na prateleira inferior da geladeira. Diante da visão do seu traseiro empinado, preciso concordar: é realmente como se eu nunca tivesse a visto.

Desde aquele primeiro encontro despretenso até hoje, muita coisa está diferente. Não somos mais duas crianças recém-formadas que nada sabem da vida. Somos dois adultos de trinta e muitos anos, juntos há quinze, casados há quase dez. Muita coisa mudou, mas o que não mudou por um segundo sequer é o quanto ela é capaz de me tirar o fôlego.

— Não é culpa minha se você está linda — rebato quando ela fecha a geladeira e me encara com os olhos apertados.

Aprecio-a à distância, percorrendo os olhos desejosos pela sua silhueta. Absorvo a visão da sua pele, escura como a minha, da maquiagem leve, dos cachos cheios presos em um penteado complicado.

Helena realmente está linda, e pego-me engolindo em seco como um adolescente virgem. Ela ainda carrega alguns quilos a mais, adquiridos durante a gravidez, que concedem curvas fartas das quais espero que nunca se livre. Seus seios estão mais cheios, esmagados dentro da blusa social, tentadores. Umedeço os lábios, cobiçando-a. Faz... tanto tempo. Helena teve meses difíceis demais, e não me lembro da última vez que a tive sob mim, gemendo meu nome.

Não posso negar o desejo acumulado e a saudade do quão bons somos juntos, mas isso pouco importa quando vejo o sorriso se espalhar em seu rosto. O primeiro sorriso genuíno em tempo demais.

As íris escuras que me sugaram para si desde o primeiro segundo apresentam seu brilho arteiro tão característico, e é um alívio perceber que ela

está recuperando essa parte de si mesma. Que está encontrando o caminho de volta para ser a mulher forte que sempre foi e por quem me apaixonei.

Depois de tanto tempo reclusa em si mesma, alheia ao mundo e perdida nas próprias dores, ter Helena de volta por inteiro é como aprender a respirar novamente.

Em um rebolado rítmico, ela segue até a cafeteira, os saltos finos estalando contra o azulejo. Serve-se de café, e não digo nada, lutando contra o impulso de lembrá-la que a bebida não ajuda com a sua ansiedade. Helena parece chegar à mesma conclusão por conta própria, já que para a caneca a meio caminho dos lábios, apoiando-a no mármore ao seu lado com um suspiro pesaroso.

— Estou nervosa, Lucas — admite, trocando o peso do corpo de pé, os olhos incertos na minha direção, esperando uma validação da qual não precisa. Aproximo-me a passos curtos, envolvendo-lhe a cintura e puxando-a para mim.

Beijo sua testa e acaricio seu pescoço, aspirando o cheiro doce do seu perfume. Ela usa o mesmo desde que nos conhecemos.

— Eu estaria também. Aquele lugar deve estar de pernas *pro ar*, ninguém ali consegue sobreviver sem você. Vai ser um dia cheio — brinco, arrancando uma risada baixinha e gostosa dela. Afasto-me apenas o suficiente para alcançar seu queixo, erguendo-o para mim. — Você vai se sair bem. Não tem com o que se preocupar. Eles te adoram.

Helena acena com a cabeça em positivo, moldando um “obrigada” com os lábios. Alcanço-os, primeiro em um roçar suave, mas logo me perco na doçura suculenta da sua boca, devorando-a em um rompante. Ela suspira

contra minha boca e apoia as mãos em meus ombros. Demoro alguns segundos a mais antes de soltá-la, relutante.

— Eu cozinho hoje, tudo bem? — murmura contra a minha boca. Respondo apenas arrastando o nariz contra o seu antes de me afastar.

Sussurro um “eu te amo” e mantenho o sorriso tranquilo, somente até ela sair. Assim que ouço o som da porta fechando-se, permito-me fechar os olhos e esconder o rosto entre as mãos por um segundo.

Estou preocupado. Droga, é claro que estou. Faço o que posso para ser o porto seguro que ela precisa e continuarei fazendo isso por quanto tempo for necessário, mas os últimos meses foram...

Ouço o som do choro baixinho vindo de um dos quartos e desencosto da pia para ir até lá. Pela porta entreaberta, vejo que Letícia acordou, mais cedo do que de costume. O relógio mal marca sete da manhã e, em meia hora, acordarei Arthur para ir para a escola. Ou ao menos é o meu plano porque, assim que pego nossa menina no colo, tentando niná-la novamente, ele aparece sonolento na porta, com o rosto amassado e esfregando o olho.

— Cadê minha mãe? — pergunta, sem entrar no cômodo. Ele nunca entra.

— Ela acabou de sair *pro* trabalho — explico, acariciando as costas da bebê já adormecida novamente. Com oito meses e passando dos oito quilos, Letícia não é mais um peso tão leve, então agradeço quando a coloco novamente no berço e ela não acorda novamente. — Café da manhã?

Arthur balança a cabeça em positivo, os olhos castanho-claros pousados no berço da irmã. Brinca com as mãos em um gesto de nervosismo, e cada detalhe do seu rosto tão transparente deixa claro a vontade que ele tem

de se aproximar, mas não o faz.

Ele não recebeu bem a chegada de Letícia. Estava animado com a gravidez de Helena, uma surpresa grata pouco mais de um ano depois de adotarmos nosso menino, mas, pouco depois de a irmã ter nascido, tudo mudou.

Os últimos meses foram complicados para a cabeça dele entender. Foram difíceis para minha cabeça adulta entender, quem dirá a de uma criança perdida e com saudade da única mãe que conheceu.

Helena teve depressão pós-parto, e não consigo me perdoar por ter demorado tanto a perceber. Ela ainda está se recuperando; hoje foi o primeiro dia de trabalho depois de uma licença-maternidade estendida, e as coisas ainda estão um pouco fora de órbita. Ela está se recuperando, um dia de cada vez, mas como explicar para uma criança que conheceu apenas abandono durante toda a infância que a mulher que o acolheu em um orfanato depois de tanto tempo não está em condições de ser a mãe infalível que ele sonha ter? Como fazê-lo entender que não tem nada de errado com ele, que Helena é apenas humana e suscetível a momentos ruins?

Expliquei. Conversei com ele, levei-o a um psicólogo infantil. Arthur continua a culpar a irmã pelo afastamento da mãe, e estou ficando sem ideias de como consertar a situação.

Às vezes, sinto-me como o capitão de um navio em pleno naufrágio, sem saber o que fazer para manter minha tripulação a salvo. Mas não importa, porque não há a menor chance de eu não fazer tudo que for preciso pela minha família.



HELENA

Toda vez que vejo Lucas sorrir para Letícia, um pedaço do meu coração se aperta. O amor tão incondicional que ele mostrou pela nossa menina desde o exato segundo em que ela chegou ao mundo é a coisa mais bonita que já vi. Era um amor que eu partilhava durante aquele primeiro mês de noites insones, olheiras e o efeito hipnótico que a pequena parecia exercer sobre mim, como se nada mais no mundo importasse além do seu rosto macio e cheiro de talco. Era um amor que Arthur compartilhava com nós dois, tão completamente apaixonado pela irmã. Os olhos brilhavam assim que via sua princesinha, sempre ávido por me ajudar com ela.

Nosso garotinho aprendeu a trocar fraldas. Sentava-se no chão do quarto dela para fazer seu dever de casa, porque queria ter certeza de que estaria por perto se ela acordasse. Desistimos de tentar tirá-lo de lá e mudamos sua mesinha de estudo de lugar. Arthur queria ficar perto da irmã e não havia nada que pudéssemos fazer para impedi-lo.

Então, ver Lucas sorrir para Letícia aperta meu coração, mas ver Arthur atravessar o cômodo sem sequer dirigir um segundo da sua atenção à

irmã é o que me destrói por completo.

— Ei — chamo, e ele para, já quase chegando ao corredor, segurando o copo de água que foi buscar na cozinha. É tarde de sábado e permito-me apenas me sentar e relaxar um pouco. Meu primeiro mês de volta ao trabalho não foi um completo desastre. Sinto-me tão aliviada por ver que posso fazer isso, posso fazer minha vida aos poucos voltar ao normal. Sinto o olhar de Lucas sobre mim e só isso, esse apoio silencioso, faz com que tudo fique tão mais fácil. — Por que a gente não assiste um filme? — sugiro.

Arthur sorri, mas dura apenas um segundo quando seu olhar sai de mim e vai ao pai, sentado no chão, sobre o tapete acolchoado onde Letícia brinca de empilhar as peças geométricas que formam a torre colorida. Ele balança a cabeça em negativa.

— Eu tenho trabalho de casa — diz, voltando a andar em direção ao quarto.

— Arthur — chamo novamente e espero que olhe para mim mais uma vez. — Amanhã nós vamos ao parque, tudo bem? Vai fazer um dia lindo e a gente vai te ensinar a andar de bicicleta.

Ele balança a cabeça que sim, mas não diz mais nada antes de sumir das minhas vistas. Suspiro e fecho os olhos por um segundo, sentindo os dedos de Lucas na minha panturrilha pouco depois.

— Dá um tempo para ele — meu marido diz.

Encaro seu semblante cansado e as olheiras destacadas no rosto que começa a dar sinais dos seus quarenta anos que se aproximam. A barba que sempre amei está cheia no seu rosto, os braços firmes à mostra na camiseta. Pela primeira vez em muito tempo, pego-me desejosa, com saudades dos seus

braços ao meu redor, segurando-me como a mulher que ele ama e deseja, e não como a versão em frangalhos que me habitou nos últimos meses.

Meus olhos, então, pousam na nossa menina, agitada espalhando os brinquedos. A pele escura como a nossa, os cachinhos rebeldes querendo escapar das presilhas coloridas que Lucas tentou colocar nela, mas ele realmente não é muito bom nisso. Esse pensamento me arranca uma risada baixa, satisfeita até. O sentimento de alívio por haver *alguma coisa* que posso fazer por ela que Lucas não seja capaz de fazer com absoluta perfeição é absurdo, mas real.

— Dá ela aqui — peço, estendendo os braços. Lucas se inclina para alcançar Letícia, mas vejo-o hesitar quando completo: — Nós duas vamos dar uma volta. Está um dia bonito lá fora.

Ele não diz nada, mas vejo com clareza a nuvem de preocupação que o corta por um momento.

— Quer que eu vá junto? — pergunta, tentando soar despretensioso, em vão.

Seguro-a em meus braços, estalando os lábios, arrancando uma risada gostosa das mãos agitadas que tentam a todo custo agarrar meus cabelos.

— Você pode ajudar Arthur com o dever? — pergunto ao invés, tentando não me ofender com a reticência que ele mostra. — A nota dele em matemática veio bem baixa semana passada. Ele está com dificuldade em frações, mas não me deixa ajudar.

Há alguns segundos de silêncio, de um olhar atento sobre Letícia, antes que ele se incline para deixar um beijo na cabeça dela.

— Tudo bem — concorda, vindo a mim para um beijo suave, que me refreio para não tentar fazer durar mais do que o meio segundo que ele me oferece. — Não demora, tudo bem? E qualquer coisa me liga.

Estalo a língua, trazendo Letícia até a altura dos meus olhos.

— Você acha que o papai vai ficar com saudades? — pergunto para ela naquela voz que a faz começar a acertar meu rosto em todos os lugares, tentando agarrar qualquer pedaço de pele à sua disposição. É o suficiente para arrancar uma risada de Lucas e para seus ombros relaxarem, menos retesados. — Nós vamos ficar bem — garanto, e ele confirma com a cabeça antes de sumir pelo corredor atrás de Arthur.

Arrumo o carrinho e pego a bolsa de sair com fraldas e lençinhos antes de seguir até o elevador. Parece que só consigo respirar de novo quando chego ao parque a alguns quarteirões de distância do prédio onde moramos. Sento-me em um banco perto do parquinho, absorvendo o burburinho do fim de semana, latidos de cachorro e famílias aproveitando o dia. Acaricio o rosto de Letícia, circundando a bochecha rechonchuda com o dorso do dedo, e finalmente deixo uma única lágrima solitária cair.

Eu não estava bem. Não estou perfeitamente de volta ao normal ainda, mas cada segundo que passo com a minha menina faz as coisas melhorarem. Faz com que me sinta mais próxima dela, com que eu sinta de novo aquele amor tão incondicional que pareceu perdido por algum tempo.

Não consigo pensar em nada pior para uma mãe sentir do que o completo vazio ao encarar um filho desejado e esperado por tanto tempo. Não me lembro de um dia ter experimentado uma sensação tão ruim quanto não conseguir reconhecer Letícia como minha.

O primeiro mês depois que ela nasceu foi difícil, tanto quanto é difícil para qualquer pessoa com um recém-nascido agitado. Nada fora do esperado, nada que me desestabilizasse. Difícil, sim, mas tão realizador que nada mais importava além do rostinho gorducho com tufo esparsos de cabelo escuro.

Então, as coisas começaram a mudar. Era como se ela chorasse o tempo inteiro. Amamentar era uma verdadeira tortura, como se minha escápula fosse ser arrancada de mim de tão forte que ela sugava meu peito. Eu sempre estava prestes a chorar e não conseguia entender o motivo. O mais despretensioso dos comentários era o suficiente para me lançar em um choro copioso por uma hora inteira.

Eu tinha medo de cuidar dela, porque genuinamente não acreditava ter qualquer capacidade de fazê-lo. Os pensamentos sobre o quão inadequada eu era como mãe alternavam com momentos de paz que nunca duravam muito. O que pareceu adentrar minha corrente sanguínea e invadir cada célula do meu corpo foi a certeza de que ela estaria muito melhor com outra mãe. Esse pensamento, inevitavelmente, estendeu-se a Arthur.

Não me sentia como eu mesma e não sabia o que fazer. Não podia admitir que algo estava tão errado assim, que eu estava a ponto de quase desejar que ela não tivesse nascido, porque nenhum bebê merecia uma mãe tão ruim assim. Menti para os médicos, para o meu marido, para mim mesma. Comecei a ficar cansada de ter que mentir e garantir a todos que eu estava bem, então simplesmente parei de atender ligações, de responder mensagens. Comecei a me sentir cada vez mais sozinha, isolada de amigos e da minha família, recusando visitas, recusando-me a conversar.

A gota d'água veio em um dia em eu estava pronta para ir embora. Lucas estava no trabalho, e Arthur na escola. Eu estava sozinha em casa com

Letícia e me sentia tão malditamente sobrecarregada que não conseguia enxergar um palmo à minha frente. Não conseguia dormir há quase uma semana. Não conseguia comer há vai saber quanto tempo. O choro dela estava causando dor física, como se meus ouvidos fossem explodir e minha pele descolar do meu corpo. Estava pronta para ir embora e a única coisa que me impediu foi um acaso do destino: o carro estava sem bateria.

Voltei para o apartamento, só então me dando conta que havia deixado minha bebê de pouco mais de dois meses sozinha no berço. Sentei-me no chão ao seu lado e chorei. Não me lembrei de buscar Arthur na escola. Não atendi o telefone que tocava sem parar. Quando Lucas chegou mais cedo em casa, algumas horas depois, com nosso filho a tiracolo e explodindo de preocupação, foi ali que me encontrou: no chão, soluçando.

O diagnóstico de depressão pós-parto não demorou a aparecer depois de eu ter sido praticamente arrastada para o médico. Tentei resistir a qualquer tratamento de início, mas não demorou muito para que ficasse mais fácil carregar a culpa tão excruciante quando entendi que não era, realmente, minha culpa. Hormônios fora de controle devido ao fim da gravidez eram os culpados. Eu não era uma pessoa horrível.

Não fez ser tão mais fácil assim, porque fui ensinada a ver a maternidade como um presente perfeito, onde não há espaço para reclamações, dificuldade ou exaustão. Depois de meses de terapia e antidepressivos escolhidos a dedo para que não prejudicassem a amamentação, começo a entender que não é bem assim.

Eu não estava bem, mas estou muito melhor agora. Sei que com Lucas ao meu lado, tudo que tenho pela frente é uma vida linda de superação e amor. E é cada gota desse amor que meus filhos vão receber de mim.



LUCAS

Com a toalha enrolada na cintura e o cabelo ainda molhado pelo banho recente, paro a caminho do meu quarto quando vejo a porta entreaberta do de Letícia. Entro, deparando-me com Helena sentada na poltrona no canto do cômodo, os joelhos ao peito, pés sobre o estofado macio, os olhos no berço onde nossa filha dorme pacificamente. Mesmo no cômodo escuro, iluminado apenas pela luz do corredor, consigo ver seus olhos marejados.

Aproximo-me, puxando suas canelas para baixo até que seus pés toquem o piso. Sento-me na sua frente, no chão, e apoio o queixo nos seus joelhos. Helena não desvia o olhar para mim, e deixo uma mordida leve na sua coxa.

— Arthur já foi dormir? — questiono, e ela acena em positivo. — Vamos para a cama? — ofereço, arrastando o nariz pela sua pele quente. Ela move a cabeça lentamente, em negativa.

— Nove meses. Ela está enorme — sussurra com a voz embargada. Viro o pescoço, mirando em Letícia por entre as grades do berço, dentro do

pijaminha amarelo. Sorrio.

— Ela está — concordo, voltando meu olhar para a minha mulher, que agora tem o lábio inferior preso entre os dentes. Assisto-a tentar segurar as lágrimas, e falhar, deixando um soluço escapar. Ergo-me o suficiente para puxá-la em meus braços, trazendo-a a mim. Helena envolve meu pescoço, agarrando-se a mim no chão do quarto. Acaricio suas costas enquanto o choro baixinho molha meu ombro. — Ei...

— O que tem de errado comigo? — pergunta. — Que espécie de mãe eu sou, Lucas? Perdi tanta coisa. Ela já está engatinhando, e eu nem vi.

A culpa e a dor são tão transparentes na sua voz que partem meu coração mais uma vez, como vêm fazendo nos últimos meses.

— Você está aqui agora — sussurro em seu ouvido, acariciando seu cabelo. — E eu estou aqui com você.

Helena afasta o rosto da curva do meu pescoço com um suspiro longo. Ela apoia as mãos nos meus ombros em um dedilhar delicado. Engole em seco antes de voltar a falar, desviando o olhar, encarando algum ponto irrelevante entre nós dois.

— Sabe que não é simples assim — declara em um dar de ombros curto. Então, atinge-me com os olhos escuros brilhantes demais. — Se nem você confia mais em mim com eles...

— Isso não é verdade — interrompo, a mão em concha encaixada em sua bochecha.

— Você não me deixa sozinha com ela por mais do que alguns minutos sem parecer a ponto de ter um treco — começa a elencar em não

mais que um fio de voz. — Largou o trabalho para cuidar deles porque eu não consigo. Sei que você acha que não sou uma boa mãe...

— Isso não é verdade, Helena — insisto, tentando puxá-la para mais perto, mas ela resiste.

— Mas eu juro que estou fazendo o melhor que posso. — Seus dedos sobem pelo meu pescoço, a voz chorosa terminando de me desarmar por completo. — Nunca faria nada para machucar nenhum dos dois.

Eu sei disso. Sei que ela jamais faria nada que colocasse em risco nossos filhos. Também sei que não é justa toda essa reticência que não consigo evitar, porque ela tem razão: não a deixo sozinha com eles por muito tempo, principalmente não com Letícia. Porque sei que ela está bem agora, mas é inevitável lembrar-me do quão potencialmente negligente ela foi, ainda que eu tenha plena ciência de que não foi sua culpa. No meio do caminho, em cima de tudo que os últimos meses foram, não consigo espantar a impressão devastadora de que nós dois nos perdemos também.

Nunca, em um milhão de anos, eu poderia imaginar que o momento mais feliz das nossas vidas seria o que daria início ao período mais turbulento. Preciso dizer que estou mais do que pronto para deixar isso tudo para trás se ela também estiver. Sinto falta de quem nós costumávamos ser, da família que planejamos ter.

— Por que eu não aproveito para visitar minha mãe amanhã? — sugiro, acariciando seu pescoço. — E você leva os dois para o parque com a Heloísa.

À menção da sua irmã, ela me encara com o cenho franzido. Continuo a carícia delicada, simplesmente porque sou incapaz de tirar minha mão dela.

Não digo nada e deixo que conclua sozinha o que estou insinuando: ela se afastou de todo mundo nos últimos meses, e sei que é por vergonha. Helena odeia ser vista vulnerável como estava e deixou claro vezes demais que sente que, mesmo que não digam nada, as pessoas ao redor a julgarão por ter falhado tanto com as crianças. Não posso dizer que ela está errada, tenho certeza de que algumas pessoas realmente vão pensar isso, mas não qualquer um que a ame. Definitivamente não Heloísa.

— Vou ligar para ela — concorda, abrindo um sorriso pequeno, ameaçando sair do meu colo. Não deixo que vá muito longe e puxo-a novamente para mim, trazendo sua boca na minha direção. Engulo em seco ao sentir a resistência do seu corpo, que costumava se derreter tão facilmente em meus braços, e acabo por apenas deixar um estalar curto de lábios ao invés de devorá-la como sinto tanta falta de fazer.

— Te espero na cama — murmuro, ajudando-a a se levantar. Deixo um beijo na testa de Letícia antes de sair do quarto.

Odeio a onda de frustração que ameaça se apossar do meu corpo. Não tem nada que faça eu me sentir um filho da puta maior do que isso. Mesmo tendo acabado de sair do banho, sinto como se precisasse de outro, para esfriar minha pele, acalmar as batidas aceleradas do meu coração e fazer alguma coisa a respeito da ereção que ameaça se formar. E é o que faço, seguindo para o chuveiro.

Quando volto para o nosso quarto, Helena já está na cama, sentada do lado esquerdo do colchão, folheando um livro. Ergue o olhar para mim, mas não sou capaz de manter o meu preso a ela, sentindo-me culpado demais pelos pensamentos profanos quando tudo que minha mulher precisa é que eu segure sua mão.

Depois de estar vestido o suficiente para dormir, finalmente olho na sua direção. Prendo a respiração, perguntando-me que pecado cometi para que minha punição seja essa.

Os cachos grossos estão presos em um coque disforme, mechas rebeldes escapando do penteado e caindo por seu rosto, servindo de moldura para a pintura perfeita que ela é. Os lábios cheios estão entreabertos enquanto ela me encara com as órbitas pretas atentas. Reconheço a camisola que usa, mesmo que esteja coberta da cintura para baixo. Reconheço-a porque fui eu que comprei a peça grená que contorna seus seios em uma renda de bordado complicado que deixa à mostra apenas o suficiente para que eu saiba onde estão seus mamilos, mas não possa vê-los. Não foi escolhida para ser uma peça sensual. É de um algodão fino e confortável, e sei ser sua favorita, mas, Deus...

Balanço a cabeça, sabendo que não importa. Helena poderia estar vestida em um saco de batatas e eu me sentiria tão atraído quanto.

Assim que me acomodo no colchão, sentado ao seu lado, alcanço meu celular que estava carregando na mesinha de cabeceira para conferir mensagens perdidas, mas logo tenho o aparelho arrancado da minha mão. Acompanho o movimento de Helena quando ela o larga de qualquer jeito no colchão e começa a se arrastar para o meu colo, sentando-se de lado sobre minhas pernas. É instintivo puxá-la pelas coxas para que se encaixe melhor.

— Arthur está animado com a apresentação semana que vem — diz, apoiando a testa na minha. Sorrio, concordando com a cabeça.

Foi recomendação da assistente social que acompanhou a adoção que encontrássemos alguma atividade que o deixasse mais à vontade. Arthur era um garotinho tímido, ainda é. Sofreu bastante logo no começo com

difficuldade de fazer amigos. Não se interessou por esporte nenhum que tentamos incentivá-lo a fazer, e foi só depois de muitos meses que Helena o pegou assistindo, interessado, à aula de balé na academia que frequentava. Desde então, as aulas duas vezes por semana são sua atividade favorita.

— A escolinha está organizando uma reunião depois da apresentação, recebi um e-mail pedindo para os pais levarem alguma coisa. Vou comprar algo mais para o fim da semana. — Arrasto o nariz pelo seu queixo, encarando-a por entre os cílios quando me afasto, notando a pontada de contrariedade em seus olhos. — Ou você pode fazer aquele seu *brownie* maravilhoso — sugiro, vendo seus traços relaxarem e um sorriso singelo cortar o seu rosto.

É ela quem me beija desta vez, doce e inocente, apenas um agradecimento em forma de carinho. É gostoso senti-la confortável com carícias de novo, suspirando baixinho com o percorrer reticente da minha mão para cima e para baixo na sua coxa. É com beijos delicados ao redor do meu rosto que ela volta a falar.

— A gente pode começar a procurar uma creche para a Letícia — sugere, e franzo o cenho, afastando-me alguns centímetros para olhá-la. — A partir do meio do ano. Ela vai ter quase um ano.

— Não tínhamos combinado que ela iria para a escola quando parasse de usar fralda? — questiono, confuso.

Tivemos essa conversa quando Helena ainda estava grávida, depois de pesquisarmos e perguntarmos para médicos, e obtermos respostas variadas. Por um lado, é bom que tenha contato com outras crianças desde cedo; por outro, nós dois nos sentimos mais confortável com a ideia de tê-la longe do nosso cuidado constante quando estiver grandinha o suficiente para

contar qualquer problema que tenha. A ideia era contratar alguém de confiança para cuidar dela enquanto estivéssemos os dois no trabalho após a licença-maternidade de Helena terminar, mas já que estou em casa, não entendo de onde vem essa conversa agora.

— Eu sei — ela concorda, pousando as mãos nos meus ombros. — Mas sei também que você não estava planejando sair do trabalho assim da noite para o dia. Você não precisa abrir mão da sua carreira para ficar em casa com os dois.

— Posso te contar um segredo? — pergunto, arqueando as sobrancelhas exageradamente. — Acho que eu prefiro ficar o dia inteiro com os dois do que ter que voltar a lidar com cliente mal-educado.

Helena ri, balançando a cabeça, e recosta a testa na minha novamente.

— Lucas...

— De verdade, Lena. Não pensei muito nisso quando pedi demissão, só estava preocupado com... tudo. Mas agora... Não consigo me imaginar voltando a trabalhar, pelo menos não por enquanto. — Acaricio seu pescoço, delicadamente erguendo seu rosto para que minha boca encontre o caminho macio da linha do seu queixo. — Eu sei que os gastos aumentaram agora que são dois, mas nós nos programamos para isso. Fora que você ganha muito mais do que eu ganhava de qualquer forma, e não acho que nós estaríamos tendo essa conversa se fosse o contrário.

Ela suspira, movendo-se no meu colo de modo a se acomodar melhor, agora sentando-se de frente para mim, as coxas separadas, uma de cada lado das minhas pernas.

— Só não quero que você se arrependa depois — explica.

— Juro que se eu sentir uma vontade incontrollável de resolver questões judiciais sem sentido, procuro clientes novos — zombo. Helena deixa uma mordida na minha bochecha, a sua forma preferida de protestar contra minhas implicâncias, e puxo-a para mais perto, minhas mãos encontrando o caminho das coxas. — Nunca vou me arrepender de fazer vocês três a prioridade da minha vida, Helena. Quero cuidar deles. Quero cuidar de você.

Sinto seus dedos se insinuarem pela barra da minha camiseta, puxando-a para cima, e é tão instintivo terminar de subir minhas mãos e apertar seu traseiro que só percebo que o faço quando ela suspira mais pesado.

— Você não costumava dormir vestido — diz enquanto trabalha em se livrar da peça. Não costumava, e não gosto do hábito recentemente adquirido quando percebi o quão culpada ela se sentia por não sentir qualquer vontade de um contato mais íntimo. Não protesto quando me despe. Solto-a por tempo o suficiente apenas para que a arranque de mim, e seus dedos longos descem meu tronco, brincando com os pelos do meu peito, escorregando-os pela minha barriga.

A vontade de jogá-la na cama e cobrir seu corpo com o meu é grande, e é o que eu faço, mas, ao invés de encaixar-me entre suas pernas e investir contra seu ponto sensível, limito-me a afundar o rosto na curva do seu pescoço e aspirar seu cheiro limpo e doce.

— Eu quero cuidar de vocês também — ela diz, mordiscando meu maxilar, beliscando a barba com os dentes. — De você — enfatiza, sugestiva ao descer a mão para a barra da *boxer*. Seguro seu pulso, parando-a.

— O que nós três precisamos é que você se cuide, meu amor —

sussurro em seu ouvido. — Eles precisam que a mãe esteja bem, e eu preciso que minha mulher esteja feliz.

Helena sobe as mãos, circundando meu rosto, fazendo-me encará-la.

— Eu amo tanto você — diz. Mesmo que ela não dissesse nada, o brilho tão cru em seus olhos denuncia o quanto seu coração transborda, exatamente da mesma forma que o meu, na mesma intensidade que o meu. — E vou te amar até o fim dos tempos.

— E até o fim do mundo — completo, repetindo os votos que declaramos no nosso casamento e tantas outras vezes mais ao longo desses anos.

Não deixou de ser verdade por um segundo sequer desde então.

Quatro

LUCAS

Minha mãe ri, os ombros chacoalhando enquanto balança a cabeça, genuinamente divertida. Assisto-a se acomodar no sofá, levando o café aos lábios enquanto me fita com uma expressão sabichona tão típica da dona Rosângela.

— Se ela está te causando rugas agora, imagina quando começar a andar — diz, bebericando a bebida amarga da qual nunca fui grande fã, mas que aprendi a idolatrar nos últimos meses. Nada como um bebê energético para fazer doses de cafeína diárias artigos indispensáveis, então a acompanho, dando um gole longo na minha própria caneca.

— Deus, não diga isso — brinco, bufando.

— Não reclama, Lucas. Pelo menos minha neta dorme na hora certa. Você resolveu trocar o dia pela noite e só voltou aos horários certos lá para os dez meses. Não tinha nada que te fizesse dormir a noite inteira antes disso.

Rio, recostando no sofá. No segundo em que apoio a cabeça no estofado confortável, sinto meus olhos pesados implorando para serem

fechados. Um bocejo escapa da minha boca e é como se o cansaço da semana inteira caísse nos meus ombros de uma vez só.

— Você parece exausto — ela diz, e eu confirmo.

— Estou. Honestamente, não achei que fosse dar tanto trabalho assim. Letícia é o bebê mais doce que já vi na vida, mas estou velho demais para isso — brinco, em partes. — Não tenho ideia de como nós dois daríamos conta dela se eu ainda estivesse trabalhando. Não sei como as pessoas dão conta de tudo sem surtar. — Inclino-me para frente para apoiar a caneca no chão antes de me recostar de novo. Esfrego o rosto, coçando a barba. — Eu e Helena entramos em algumas daquelas aulas para pais no último trimestre da gravidez dela, e eu me lembro de alguns casais que estavam indo para o segundo ou terceiro filho e que juravam de pé junto que ter um bebê em casa é a maior perfeição que uma pessoa pode atingir.

Balanço a cabeça, sentindo o cansaço escorrer da minha voz.

— Não me leve a mal, eu sou completamente apaixonada por aquela bolinha risonha, mas não consigo acreditar que sou o único pai a querer me trancar no banheiro só para ter cinco minutos de pausa.

— Normalmente são as mães que se trancam no banheiro — minha mãe declara. — Você foi no caminho oposto à maré, Lucas. Infelizmente, Helena tem sorte por te ter, e eu digo infelizmente porque não deveria ser um privilégio tão grande ter um parceiro dedicado. Deveria ser a regra, não a exceção. Mas a questão é que, no fim do dia, se trancar no banheiro é o tipo de coisa que as mulheres costumam fazer, não os homens.

Franzo o cenho ao encará-la, vendo o singelo repuxar de lábios no rosto que carrega com graça, rugas e sabedoria seus sessenta e dois anos. Ela

ri e apoia a caneca no braço do sofá antes de voltar sua atenção para mim.

— Eu te criei para ser um marido melhor do que o seu pai foi, mas nós dois sabemos que Helena foi criada para ser uma “mulher tradicional” — bufa, revirando os olhos. Torço o nariz, sabendo que é verdade. — Esse casal da aula de não sei o que de vocês é um ótimo exemplo do que todo mundo espera de mães. Deus, me lembro o quão desesperada eu me sentia por achar que não ia dar conta de você, da casa, de trabalhar e de deixar tudo em ordem, sozinha.

Estendo a mão, enroscando seus dedos macios nos meus.

— Sinto muito que o meu pai não estava por perto para te ajudar — digo, e ela dá um tapinha no dorso da minha mão.

— Eu também, querido — concorda, mas não diz mais nada a respeito.

Ela não costuma falar sobre isso, nunca. Dona Rosângela nunca tentou me fazer escolher um lado, mas não foi difícil entender, desde cedo, o que significava ele ter saído de casa tão logo eu nasci. Não deixou só a esposa, me deixou também. Não foi um pai presente, e foi só quando eu já era um homem feito que tentou se reaproximar. Nossa relação nunca foi nada além de meramente educada desde então.

— A questão é que eu sabia que todo mundo esperava que eu fosse infalível, porque é isso que mães fazem. A gente dá um jeito, tem que dar um jeito. Porque maternidade é um presente divino e mãe nenhuma tem o direito de dizer em voz alta que cuidar sozinha de um bebê é mais do que qualquer ser humano é capaz de fazer sem ter um colapso vez ou outra. Quarenta anos depois, não mudou muita coisa.

— Ter filhos foi a melhor coisa que poderia ter acontecido na minha vida — divago, pensando nos rostinhos sorridentes que fazem meus dias tão cheios de alegria. — Mas é também a coisa mais cansativa.

Nós partilhamos uma risada amorosa e um olhar consciente da maior verdade do universo.

— Eu tenho muito orgulho do homem que você se tornou, querido — diz, dando tapinhas na minha mão antes de soltá-la. — Você é um bom pai e um bom marido.

Fui ensinado sobre o poder de abraçar seus sentimentos e fraquezas, então não tento disfarçar o arranhar de garganta que vem acompanhado de olhos marejados enquanto engulo em seco.

— Às vezes eu acho que vou ferrar com tudo, que vou fazer alguma coisa muito errada e Arthur e Letícia vão se tornar pessoas horríveis porque não soube criá-los, ou que vão sofrer tanto na vida porque não posso os proteger de tudo. — Suspiro, esfregando o rosto. — E Helena... Eu daria o mundo para fazer aquela mulher feliz. Não sei mais o que fazer.

Sinto meu coração apertado e minha mente agitada. Não só hoje, mas ultimamente. Estou esquecendo de coisas bobas e sentindo meu humor parecer uma montanha-russa. Sinto sua mão apertar meu joelho e a encaro por entre os dedos.

— Vai dormir — diz, indicando com a cabeça para a almofada convidativa demais no canto do sofá. — Isso é privação de sono. Os problemas parecem muito maiores quando não se dorme uma noite inteira por meses.

Rio, precisando concordar. Letícia está dormindo muito melhor, mas

ainda acorda durante a noite. Sabendo disso, nunca realmente pego em um sono profundo, pronto para checá-la antes que Helena acorde.

— Está tão preocupado em tentar tomar conta de tudo para que Helena se recupere e não se sobrecarregue, mas não vai fazer bem nenhum se for você a cair doente. — Dona Rosângela se levanta, dando tapinhas convidativos na almofada. — Equilíbrio é tudo, Lucas. Vocês são um time. Vai descansar.

Não demora um minuto inteiro para que eu aceite a sugestão, prometendo a mim mesmo que será apenas um cochilo de meia hora. Sei que foi uma promessa furada quando abro os olhos e, pela janela aberta que deixa uma brisa gostosa invadir a sala, vejo que já está de noite. Confiro o relógio no meu pulso e constato que dormi por boas quatro horas. Sento-me devagar, bocejando e esfregando o rosto. Antes mesmo de me levantar do sofá, reconheço a gargalhada gostosa da minha mulher vindo de algum lugar dentro da casa.

Arrasto-me para a cozinha, que é de onde vem o som, o chão gelado contra a sola dos meus pés ajudando a me despertar. Assim que pouso os olhos na cena à minha frente, um sorriso babão corta meu rosto. Arthur está coberto de farinha e açúcar. O cabelo escuro apresenta pontos de pó branco, que se espalha pelo seu corpo e pela camiseta azul. Ele tem um sorriso enorme no rosto, enquanto ajuda a mãe, pendurado na bancada, a fazer o que parece ser um bolo. Assisto-os em silêncio, ouvindo-a explicar a receita, leite e chocolate indo dentro da batedeira. Uma risadinha me escapa quando Helena suja o nariz dele depois de enfiar o dedo dentro da massa, e os dois olham para mim.

— Pai! — Arthur praticamente grita, correndo na minha direção.

— Vai cair, garoto — Helena alerta, rindo. Abaixo-me para abraçá-lo, ciente de que vou ficar coberto de farinha também.

— A mãe disse que não era para te acordar — ele conta, os olhos arregalados como se confessasse uma travessura. Arrasto a mão pelo seu cabelo, sorrindo. — Aí ela disse *pra* gente fazer seu bolo preferido.

— É de chocolate? — pergunto, arqueando uma sobrancelha. Ele faz que sim com a cabeça. Arthur solta um grito, gargalhando quando me levanto de uma vez só, jogando-o por sobre meu ombro, arrependendo-me um segundo depois quando me dou conta do peso dele. Ando até onde minha mulher está, encarando nós dois com um sorriso no rosto.

Coloco Arthur em pé de novo e abraço Helena por trás, sentindo seu corpo se encaixar no meu. Ela vira o rosto para mim, em uma conversa silenciosa. O meu *está tudo bem?* é respondido na forma de lábios doces que dizem *eu te amo*. Helena ri contra minha boca quando um “eca” vindo de Arthur nos atinge e volta sua atenção para ele.

— Letícia? — pergunto no seu ouvido, sorrindo por dentro quando vejo as bolinhas em seu pescoço denunciarem o arrepio.

— Com a sua mãe — responde, jogando os ombros para trás. — A gente chegou agorinha.

Aproveito a meia hora seguinte com os dois, sabendo que Arthur sente falta de coisas que envolvam somente nós três. Ouço nosso menino contar sobre a tarde que teve com as três mulheres da família, já que Heloísa se juntou a eles. Respiro aliviado ao ver o sorriso no rosto dele ao falar da irmã pela primeira vez em tanto tempo e sinto Helena apertar meus dedos em uma comemoração silenciosa.

Pelo visto, eu não tinha ideia do que fazer para reaproximar os dois, mas ela sabe. Recosto minha cabeça na dela, vendo que minha mãe tem razão. Nós somos um time.



Não foi assim que imaginei começar a segunda após um fim de semana tão gostoso, então, quando cruzo as portas da escola de Arthur no meio da manhã depois de ter recebido uma ligação da escola, estou igualmente confuso e preocupado.

Após ir à secretaria, sou encaminhado até a sala do diretor. Estaco na porta quando vejo Arthur sentado em uma cadeira em frente ao homem que conheci no início do ano passado quando o matriculamos aqui. Noto seu uniforme um tanto amarrotado e vou até ele, acariciando sua cabeça. Quando meu filho se retrai um pouco, um alerta alto demais soa na minha cabeça. Com Letícia presa a mim, sento-me na cadeira ao seu lado e o encaro por alguns instantes mais antes de voltar minha atenção para o diretor quando ele não diz nada.

— Bom dia, senhor Castro.

Murmuro um bom dia de volta, ajeitando Letícia no meu ombro.

— O que aconteceu?

O homem suspira, tirando os óculos do rosto, em uma feição um tanto condescendente, cruzando as mãos em cima da mesa.

— Arthur, você pode esperar lá fora? — peço, tendo a sensação de que é melhor ele não estar presente. O homem à minha frente parece

contrariado, mas meu filho se levanta da cadeira sem falar nada. Quando fecha a porta atrás de si, volto minha atenção para o diretor.

— O Arthur se meteu em uma briga hoje, na hora do recreio, com outro aluno da sala dele. — A informação me choca, porque isso é tão fora da personalidade dele que demoro a conseguir compreender o que diz. — A professora disse que foi ele que começou. O garoto está com um machucado feio na bochecha. A mãe dele está chegando. — Diante da menção, o diretor parece lembrar-se de algo e aperta os olhos. — Sua esposa não pôde vir?

— Helena está no trabalho. Arthur disse o motivo da briga? — pergunto, e ele nega com a cabeça.

— Ele está calado desde então. Nós vamos precisar suspendê-lo, sinto muito. Esse tipo de comportamento não é aceitável nesta escola e precisa de uma punição à altura. E o Arthur precisa se desculpar com o colega.

Aceno com a cabeça, sem poder discordar de nada.

— Desculpe a pergunta, mas está tudo bem em casa? Esse tipo de comportamento não parece típico dele.

É minha vez de suspirar pesadamente. Por onde eu começo?



O caminho até em casa é feito em silêncio. Pelo espelho do carro, vejo Arthur com os braços cruzados, emburrado e olhando pela janela. Ele se desculpou com o colega, mas pareceu contrariado demais. A mãe do garoto, com razão, estava furiosa. O resultado de tudo foi uma suspensão de três dias e, quando perguntei o que aconteceu, meu filho simplesmente me olhou sem

dizer nada.

Decidi não avisar Helena por enquanto. Não tem nada que ela possa fazer e só vai servir para deixá-la preocupada pelo dia inteiro.

Assim que entramos em casa, ele começa a seguir direto para o quarto.

— Ei! — chamo, fechando a porta e colocando a cadeirinha de carregar Letícia no chão. Ainda bem que ela permaneceu quieta durante o percurso. Arthur para, segurando as alças da mochila pendurada nas costas. — Banho e dever de casa. Você está de castigo até me dizer o que aconteceu.

Vejo seu rosto ficar vermelho e sei que ele está a ponto de chorar. É muito difícil resistir ao impulso de ir até ele e abraçá-lo. Espero que seja o suficiente para finalmente falar comigo, mas estou enganado, porque Arthur simplesmente vira as costas e some pelo corredor.

Ele sai do quarto apenas para almoçar e não o vejo mais pelo restante da tarde. Ligo para a academia, avisando que ele não vai para a aula de balé amanhã, e, quando vejo que está quase na hora de Helena chegar em casa, paro o que estou fazendo, a meio caminho de dobrar as roupas recém-saídas da máquina, e bato na porta do seu quarto. Encontro-o sentado na escrivaninha, a boca movendo enquanto arrasta o dedo pela linha que lê, e apenas o assisto por um segundo. Olho por cima do ombro, pelo corredor, conferindo que Letícia ainda está brincando de espalhar os brinquedos dentro do cercadinho dela, e entro no quarto.

— Precisa de ajuda?

Ele nega com a cabeça.

— Eu sei fazer sozinho — diz, emburrado. Não deixo que veja meu sorriso motivado por essa determinação em forma de teimosia.

Quando o adotamos, Arthur tinha acabado de fazer sete anos. Foi deixado no orfanato com três, quando os pais perderam a guarda por negligência. Durante o tempo em que ficou na instituição, não foi apenas de amor e carinho que ele foi negado. Sua educação básica também não foi das melhores, então, mesmo que já tenha se passado quase dois anos e meio desde então, ele ainda está bem atrás do resto da turma, tendo dificuldade em coisas que as outras crianças da sua idade têm facilidade, mas ele não desiste, nem gosta de aceitar ajuda. Só continua tentando até conseguir.

Sento-me na cama ao seu lado e espio o livro, passando o olho pela parte de interpretação de texto que ele está lendo antes de voltar minha atenção para o seu rosto.

— Sua mãe vai chegar do trabalho daqui a pouco. Vai me dizer o que aconteceu agora? — pergunto. Ele balança a cabeça em um “não” apressado, e suspiro. — *Tá bom.* Então você vai continuar de castigo. E sem balé amanhã.

Como imaginei que seria, isso é o suficiente para que ele vire a cabeça para mim, com os olhos arregalados.

— Mas, pai...

— Não vai sair deste quarto até me dizer o que aconteceu, Arthur — insisto. — Você levou uma suspensão por bater em um garoto da sua sala. Até eu entender o que aconteceu, não tem conversa.

Ele desvia o olhar do meu, e assisto-o brincar com as mãos em cima da mesa em um gesto tão característico de quando está nervoso, puxando os

dedos. Qualquer tentativa de ficar bravo vai por água abaixo quando vejo uma lágrima escapar do seu rosto e ele se apressar para secá-la. Meu coração se aperta. Inclino-me para frente, esperando.

— Ele disse que vocês vão me devolver — sussurra em não mais do que um fio de voz. Demoro tempo demais para entender o que está falando, porque a frase é tão completamente sem sentido que meu cérebro parece se recusar a processá-la.

Quando finalmente consigo colocar sentido no que Arthur diz, é como se alguém tivesse me acertado na boca do estômago. Fica difícil respirar por um instante, e sinto meus dedos tremendo. Arrasto-me mais para a beira da cama, aproximando-me dele.

— O quê? — É tudo que consigo dizer, a minha própria voz me traindo e se recusando a sair com firmeza.

Arthur desaba. O que antes era apenas um filete de choro discreto vira uma cachoeira dolorosa de assistir quando um soluço alto escapa sua garganta.

— Ele disse... — Arthur funga, arrastando o braço pelo nariz. — Que vocês vão me devolver porque agora têm a Letícia e não precisam mais de mim *pra* nada.

No segundo seguinte, estou ajoelhado no chão ao seu lado, puxando-o para os meus braços. Aperto meu menino contra o meu corpo, esmagando-o em um abraço quase desesperado.

— Você sabe que não é verdade, não sabe? — pergunto, uma mão trêmula prendendo sua cabeça ao meu ombro, a outra subindo e descendo pelas suas costas. Ele não responde, e o meu desespero aumenta. — Você é

nosso filho, Arthur. Não tem isso de devolver, nunca.

Separo-o de mim, segurando-o pelos ombros.

— Olha *pra* mim, Arthur — peço, sentindo minhas próprias lágrimas começarem a rolar pelo rosto. Ele olha, o lábio inferior tremendo. — Você e sua irmã são as coisas mais importantes da minha vida.

Ele desvia o olhar, encarando o chão entre nós dois por segundos longos demais. Quando fala, parte meu coração em pedaços pequenos demais.

— Acho que a mamãe não gosta mais de mim.

— A sua mãe te ama — garanto, encaixando a mão na sua bochecha. — Lembra que eu te expliquei que ela estava doente? Que não era sua culpa, e que está melhorando agora? — Ele faz que sim com a cabeça, voltando a me olhar. — Helena te ama mais que tudo neste mundo. *Eu* te amo mais que tudo neste mundo. Você tem uma família agora. Uma mãe, um pai e uma irmã. Não importa o que ninguém falar. A gente te escolheu, Arthur.

Puxo-o de volta para dentro do meu abraço assim que vejo que volta a chorar. Prendo-o a mim, repetindo, de novo e de novo, o quanto nós o amamos e que ele não vai a lugar nenhum. Ainda estou agarrado a ele quando ouço o som da porta da frente sendo aberta. Helena me chama, mas não consigo responder, os dentes trincados para não me desfazer em um choro copioso. Ouço seus passos alguns minutos depois, e logo ela entra no meu campo de visão, parada na porta com Letícia no colo, os saltos já fora dos pés.

A pergunta está estampada em seus olhos enquanto se aproxima, e limito-me a balançar a cabeça em negativa. Ela se abaixa ao meu lado, com

alguma dificuldade enquanto Letícia se agita em seus braços, e solto Arthur somente por tempo o suficiente para trocarmos de filhos. Letícia vem para o meu colo, e nosso menino se acomoda no dela, escondendo o rosto choroso no seu pescoço.

Ela molda um “o que aconteceu?” com os lábios, mas logo seus olhos saem de mim quando ele aperta seu pescoço. Helena se concentra em acariciar-lhe as costas, e me aproximo dos dois, fazendo um sanduíche de crianças entre nós dois.

E é aqui que ficamos pelas horas seguintes.

Cinco

LUCAS

Foi difícil convencer Helena a me deixar resolver isso. Poucas vezes vi minha mulher tão furiosa como ontem à noite, depois de colocarmos as crianças para dormir, quando finalmente conseguimos conversar.

Concordamos que tirá-lo do balé não era uma punição adequada. Na verdade, foi difícil entender como poderíamos ao menos puni-lo quando, honestamente, eu teria reagido da mesma forma no lugar dele. Pelo estado de nervos de Helena, tenho certeza de que a reação dela não teria sido diferente. Mas Arthur precisa aprender que não é com violência que se resolve nada, então ainda está de castigo, depois de uma longa conversa onde explicamos isso a ele.

Ele havia se desculpado com o garoto, então, quando vim até a escola para conversar com o diretor, estava pronto para exigir que o garoto fizesse o mesmo. O homem pareceu surpreso com a minha presença, mas não tão disposto a estender a questão. Rapidamente percebi que, no que dizia respeito a ele, o assunto estava encerrado. Disse que instruiria a professora a conversar com a turma, mas não passou disso.

Talvez eu devesse ter aceitado essa resposta, mas pareceu errado. Injusto. Eu não gostaria que Arthur fosse o tipo de criança que diz coisas a ninguém de forma maldosa. Preciso acreditar que a mãe de Bruno também acredita nisso. É por isso que mandei uma mensagem para minha mãe, perguntando se poderia ficar com as crianças por mais algumas horas, e agora estou sentado em uma mesa do café localizado a poucas ruas de distância da escola, esperando pela mãe dele, que não mostrou resistência alguma quando pedi que me encontrasse aqui.

Poucos minutos depois, vejo-a se aproximar. Não me lembro de tê-la visto em alguma situação antes de ontem, talvez algum evento da escola, mas provavelmente não prestei atenção. Sorrio quando ela se senta de frente para mim, mas sua expressão parece reticente e incerta.

— Obrigado por concordar em me encontrar, Gisele — digo quando ela termina de se acomodar. — Posso te comprar um café?

Ela nega com a cabeça, os fios loiros e lisos movendo com o movimento da sua cabeça. A mulher deve ser seis ou sete anos mais nova do que eu e está vestida de forma bem parecida com o que Helena costuma se vestir para o trabalho, então entendo que era onde ela estava, ou para onde estava indo.

— Não quero tomar muito do seu tempo — começo, olhando de relance para o relógio no meu pulso. — Só queria conversar sobre o que aconteceu ontem.

Ela sorri, pequenino, e balança a cabeça.

— Agradeço a preocupação, Lucas, mas tenho certeza de que os meninos logo, logo esquecem tudo e voltam a brincar como se nada tivesse

acontecido. Sabe como são crianças.

Meneio a cabeça, cruzando as mãos em cima da mesa.

— O Bruno te disse o que aconteceu? — pergunto. Ela crispa as sobrancelhas por um instante, negando com a cabeça devagar.

— Ele disse que não foi nada. Coisa de garoto.

Assinto, tomando um segundo para formular o que preciso dizer.

— Você sabe que o Arthur foi adotado — começo, e ela confirma. Não é exatamente o que planejei, mas, quando vejo, a enxurrada de palavras emotivas demais já está saindo da minha boca: — Helena e eu tentamos ter filhos por muito tempo antes de decidirmos adotar. Quando nos ligaram para dizer que havíamos conseguido a guarda dele...

Nem tento disfarçar o sorriso que se espalha pelo meu rosto. Foi um processo doloroso de anos desde o dia em que formalizamos o interesse em adotar uma criança. A princípio, queríamos um bebê, mas, conforme pesquisamos e conversamos com pessoas, vimos que crianças mais velhas acabam nunca sendo adotadas exatamente por esse motivo. Refizemos a aplicação, mudando a preferência.

Ouvimos de muita gente que adotar crianças mais velhas era uma ideia ruim porque elas vêm com a personalidade formada e são difíceis de controlar; que, por virem de uma situação de abandono e negligência, as chances de serem arredias e violentas eram grandes. Mas se fosse esse o caso, não seriam exatamente essas crianças quem mais precisariam de amor? De uma família estável, cuidadosa, de uma vida feliz?

Então, conhecemos Arthur.

Nosso menino tinha quase sete anos no nosso primeiro contato. Como explicado pela assistente social, percebemos logo de cara o quão retraído ele era, e ainda é. Arthur não é somente calado, mas o psicólogo que o acompanha apontou que também é um tanto imaturo para a sua idade, talvez como forma de lidar com o começo de vida turbulento; mas nada com o que precisemos nos preocupar agora.

Conforme nos aproximamos dele, logo tivemos uma visão bem ampla da atenção que precisaria. Ele frequentava uma escola pública com pouca estrutura, sem professores o suficiente para o número grande de alunos, sem materiais didáticos apropriados, como é o caso de tantas escolas por aí.

Quando o matriculamos na que está agora, Arthur estava receoso, até que finalmente nos contou o motivo: alguns colegas de turma da escola antiga pegavam no pé deles por morarem em um orfanato. E eu prometi que ali ninguém o atormentaria com isso.

Ao terminar de contar tudo isso e explicar o que o filho dela fez, vejo Gisele com a boca entreaberta em surpresa, choque. Ela balança a cabeça e parece sem saber o que dizer por alguns instantes, e eu entendo. É provável que minha reação fosse a mesma. Entendo o instinto inicial de Gisele de achar que foi um mal-entendido, de dizer que seu filho jamais seria malicioso assim; ele é só uma criança afinal.

O que inocentemente pensei que levaria apenas dez minutos se transforma em horas inteiras que me levam a mandar outra mensagem para minha mãe pedindo que leve Arthur para o balé. Acabamos pedindo cafés, no fim das contas. Após um pedido de desculpas sincero, a promessa de conversar com Bruno e a garantia de que o fará se desculpas com Arthur, a conversa assumiu um tom ameno sobre a escola, professores e eventos dos

meninos.

É somente quando Gisele recebe uma ligação do trabalho que noto o relógio marcando duas e tantas da tarde.

— Preciso ir — declaro, começando a me levantar, sabendo que já explorei minha mãe demais como babá.

— Obrigada por ter me procurado, e desculpa mais uma vez pelo que aconteceu entre os meninos. Eu garanto que vou conversar com ele.

Nós nos despedimos com um abraço rápido, e dirijo para a casa da minha mãe, parando no caminho apenas para ir ao mercado, com o coração mais leve por ter certeza de que está tudo resolvido.



— Você acertou todas! — comemoro ao terminar de conferir o dever de Arthur. A tal suspensão não foi revogada, e não insisti para que fosse. Seja lá por qual motivo, ele bateu no garoto e precisa entender a seriedade da coisa. Decidi aproveitar esses dias para reforçar os estudos. Desde que chegou do balé, há algumas horas, ele está resolvendo problemas com frações que peguei na internet depois de checar o conteúdo no seu caderno.

Arthur sorri, batendo na palma que estendo para ele em uma *clap* estalado. Sentados à mesa, sacudo Letícia no meu colo quando ela solta um gritinho animado e sacode as mãos na direção dele. Abaixo o rosto para deixar um beijo no topo da sua cabeça e ergo os olhos para Arthur, vendo seu sorriso animado se transformar em um olhar atento e cauteloso sobre a irmã.

— Ela sente sua falta, sabe — digo, recostando de novo na cadeira.

Ele me encara com uma expressão suspeita.

— Ela nem fala, como você sabe?

Rio, indicando com a cabeça para ele se aproximar. Arthur arrasta a cadeira para mais perto e me olha com a expectativa tão clara nos seus olhos amendoados. Movo a mão, como se fosse contar um segredo, e ele praticamente se pendura na ponta da cadeira.

— Você não pode contar para ninguém — digo, e ele balança a cabeça freneticamente fazendo que sim. — É que todo pai tem esse superpoder. A gente sabe das coisas. É assim que eu sei que você sente falta dela também.

Ele arregala os olhos e se afasta um pouco, voltando a olhar para a pequena de relance.

— O que você acha de a gente ir ao cinema depois da sua apresentação no sábado? — sugiro.

Ainda com os olhos na irmã, ele faz que não com a cabeça. O desapontamento ameaça crescer em mim, mas dura só um segundo porque vejo-o segurar a mão da pequena.

— Lelê não gosta de filme, ela não fica quieta muito tempo — explica, e o sorriso que corta meu rosto vem recheado de alívio e felicidade.

Não tenho tempo de responder, porque o som da porta sendo aberta o distrai e a próxima coisa que sei é que Arthur agarra o caderno e vai praticamente correndo até a mãe que acabou de chegar. Helena se inclina para ver o que ele está mostrando com tanta afobação.

— Você acertou tudo — ela diz, abrindo um dos seus sorrisos capazes de aquecer o mais frio dos dias de inverno, e sei que tem o mesmo efeito acolhedor sobre ele.

Confiro a hora e sigo para a cozinha para começar a colocar o jantar das crianças. Deixo Letícia no cercadinho e ouço por alto a conversa animada. Sem nem deixar que a mãe passe da porta de casa, Arthur desembesta a falar sobre o seu dia. Alguns minutos depois, sinto os braços quentes da minha mulher me envolver a cintura por trás, e sorrio quando ela deposita um beijo suave no meu ombro.

— Quer que eu faça isso? — pergunta, apontando para os pratos à minha frente, o jantar de Arthur e a papinha de Letícia.

— Quero que você vá tomar banho e venha jantar — digo, virando o pescoço para tomar seus lábios. Ela sorri contra a minha boca, e engulo em seco quando mordisca o lábio inferior.

Surpreendo-me ao sentir seus dedos brincarem com a barra da minha camiseta, a ponta das unhas curtas raspando na pele da minha barriga. Estremeço com a carícia insinuativa e gemo baixinho quando ela deixa uma mordida demorada no meu pescoço. Meu corpo reage, fácil assim, com esse lembrete rápido do que essa mulher é capaz de me fazer sentir.

— Eu já volto — diz, sumindo do meu campo de visão.

Com um sorriso besta no rosto, balanço a cabeça e apoio as duas mãos no mármore da pia.

Não sei exatamente o que engatilha essa recordação, mas lembro-me do dia em que nos conhecemos. Apesar de ser alguns anos mais velho que Helena, custei a passar no vestibular. Não foi fácil para mim ser aprovado

para cursar direito, foram alguns anos de tentativa antes de finalmente ingressar no curso.

Então, quando nos encontramos naquela palestra na faculdade, eu ainda estava no meu primeiro ano, e ela estava para se formar. Completamente deslumbrante dentro de uma saia lápis, justa, modelando cada uma das suas curvas sempre tão enlouquecedoras. O traseiro redondo e arrebitado foi o que atraiu minha atenção primeiro, não posso negar. Escaneei-a de baixo para cima, as coxas firmes em cima dos saltos muito altos. Quando ela se virou de frente para mim, meus olhos se perderam no decote discreto oferecido pelo primeiro botão aberto da sua blusa, mas foi quando finalmente alcancei seu rosto que meu mundo pareceu parar de girar.

Os olhos escuros me tornaram reféns, e demorei alguns segundos para perceber que ela estava olhando diretamente para mim com uma sobrancelha arqueada. Contrariando tudo que poderia prever, Helena levou a mão à blusa e desfez o segundo botão. Ali, em público, cercada de colegas e professores, ela abriu mais um. É verdade que continuou sendo um decote comedido que não revelava absolutamente nada de inapropriado. A única coisa inapropriada naquela ocasião foi o quão longe minha mente viajou imaginando como seria ter aquela mulher para mim.

Não foi até algumas semanas depois, em um *workshop* oferecido na faculdade, que nos esbarramos de novo. Foi ela quem se aproximou, sentando-se ao meu lado no fundo da sala.

— Vai me comer com os olhos hoje também, calouro? — ela perguntou baixinho, os olhos presos à frente enquanto anotava, na sua caligrafia que até hoje sou incapaz de decifrar, o que quer que o professor falasse. Parei de prestar atenção naquele segundo. Até hoje não tenho a

menor ideia do que foi ensinado naquela tarde.

— Me desculpa, não sei o que me deu — murmurei de volta, preocupado de tê-la ofendido com minha análise nada discreta e muito maliciosa. — Não faço isso normalmente, juro.

Ela estalou a língua, balançou a cabeça e moveu o cabelo, deixando livre uma faixa de pele tentadora do seu pescoço.

— Uma pena — sussurrou para mim. De pernas cruzadas, tirou o pé de dentro do salto e usou os dedos dos pés para acariciar minha canela por baixo da mesa. Olhou-me de soslaio e fazendo um bico dengoso que me arrancou um sorriso deliciado. Então, com a voz alta e firme, falou: — O direito à propriedade intelectual dura setenta anos após o falecimento do autor. Depois disso, pode-se considerar domínio público.

Demorei alguns segundos para entender que ela estava respondendo à pergunta que havia sido feita à turma. Atrevida, piscou para mim, arrancando-me um sorriso que não saiu do meu rosto pelo resto do dia. Ao fim do *workshop*, saímos para beber. Conversamos por horas a fio, e a noite virou dia. A sexta-feira virou um final de semana inteiro juntos. Perdemos as aulas na segunda e na terça-feira. Ela ligou para o estágio dizendo que estava doente. Quando o sol raiou na quarta-feira, eu a tinha debaixo de mim, gemendo meu nome com uma entrega apaixonante. Sussurrei em seu ouvido que ela se casaria comigo. Helena riu, e calei sua graça com o orgasmo que não tardou a atingi-la. Fiz o mesmo pelos anos seguintes, até ela dizer “sim” no altar.

Eu a amei desde o primeiro segundo e continuo amando-a a cada instante, mais do que no anterior. Não consigo imaginar isso mudando algum dia.



Estou sentado à mesa com Letícia em meu colo quando Helena volta do banho. Ela estaca no meio da sala, e seus olhos marejados logo ficam visíveis. Sorrio, assentindo com a cabeça. Letícia está em meu colo, mas isso é tudo. Arthur decidiu alimentá-la. Assisto de perto enquanto ele enfia colheradas pequenas na boca da irmã, limpando suas bochechas ocasionalmente, tagarelando como se ela pudesse entender perfeitamente. E talvez realmente possa, porque ri e se agita no meu colo, querendo ir para o dele.

— E aí a tia disse que se eu continuar ensaiando, vou poder participar de todas as apresentações — conta, olhando de mim para ela. Ele faz uma careta. — Não, Lelê, não cospe — repreende quando ela empurra a papinha para fora da boca com a língua.

Limpo o rosto dela, que solta gritinhos animados demais, e começo a me perguntar se minha mãe deu café para essa menina, porque, a essa hora, ela já devia estar começando a ficar sonolenta.

Helena se aproxima e trocamos de lugar, ela acomodando-se na cadeira com Letícia e assumindo o entretenimento de Arthur. Deixo-a na sala com um sorriso tão grande nos lábios que tenho certeza de que é a sua alegria tão crua que está iluminando o apartamento inteiro.

É por isso que, horas depois, quando entro no nosso quarto após tomar banho, pronto para dormir, estranho ao vê-la na cama, com computador no colo e a expressão fechada.

— Deus, estou exausto — comento, indo ao armário. — Letícia

estava com uma energia danada hoje, custou a dormir.

Ela não responde nada, e ouço apenas um suspiro pesado. Acomodo-me ao seu lado no colchão e lentamente fecho a tela do computador, vendo-a salvar um documento antes de assentir para que eu me livre do aparelho.

— Que foi? — pergunto, porque realmente esperava uma recepção diferente, ainda mais depois daquele momento pouco inocente na cozinha.

Ela balança a cabeça em negativa e abaixa o olhar, remexendo-se para deitar-se na cama. Puxo-a para mim, enroscando nossas pernas, grudando seu corpo no meu. Acaricio sua coxa e arrasto meu nariz no seu.

— Arthur disse que foi sua mãe que o levou para a aula hoje — ela começa, e faço que sim com a cabeça.

— Fui na escola para falar com o diretor, mas não resolveu nada, então achei melhor falar direto com a mãe do Bruno. Ela disse que vai conversar com ele, acho que não vamos ter mais nenhum problema — conto, subindo a mão até seu pescoço, acariciando seu cabelo. — Como foi seu dia?

— Você se atrasou porque estava com ela? — pergunta, baixinho.

Demoro para processar o que insinua. Não há qualquer acusação na sua voz, apenas uma nota de tristeza que não consigo entender de onde vem. Um segundo depois, entendo. Entendo, mas não consigo realmente acreditar.

— Helena...

Ela fecha os olhos, apertados, e prende o lábio entre os dentes. Não sem antes eu vê-lo trêmulo, denunciando o choro que tenta esconder.

A stylized, cursive signature in black ink. The word 'Sei' is written in a fluid, elegant script. The 'S' is large and loops around, with the 'e' and 'i' following in a similar cursive style.

HELENA

Sei que é um sentimento completamente absurdo, mas não consigo realmente o evitar.

Nunca fui particularmente ciumenta. Lucas é um homem lindo, e a idade apenas o fez bem. Como um vinho refinado, os anos apenas acrescentaram camadas de complexidade a ele. Perdeu o rosto de menino e se tornou um homem que atrai olhares admirados. Sei que ele subestima o quão atraente é. Sempre foi assim. Ao longo dos anos, descobri que não é porque se faz de doido, mas simplesmente porque não está olhando para os lados por tempo o suficiente para notar qualquer coisa. Isso só fez com que eu o amasse ainda mais e confiasse tão incondicionalmente nele.

Essa confiança nunca foi abalada, nem mesmo uma vez. É por isso que sei que o que estou sentindo é tão completamente sem cabimento. Por que estou com tanto ciúme de saber que ele passou algumas horas com outra mulher? Horas que sei que foram completamente inocentes. Ele estava conversando sobre nosso filho! Não há, nem remotamente, qualquer motivo para justificar essa insanidade que faz meu coração estar tão apertado.

Mas ele está. Pequenino. Estrangulado. Porque não consigo evitar pensar que ela pode dar a ele o que não pude por muito tempo. Não estou falando apenas de sexo, embora tenha plena consciência que minha libido foi às favas por um tempo e, nos últimos meses, não dei qualquer atenção a ele nesse quesito. Mas não é isso. O que me deixa enciumada é saber que Gisele pôde proporcionar a Lucas algumas horas de conversa tranquila e despreocupada. Sem dor e desespero. Sem depressão pós-parto.

Faz um mês que voltei ao trabalho, e dois meses que parei de tomar os remédios. Continuo com a terapia e pretendo continuar enquanto for possível, porque sinto que me ajuda a ser uma pessoa melhor no geral. Eu estou bem. Sinto-me bem. Confiante, segura, no controle novamente.

Meu coração derreteu ao ver Arthur e Letícia hoje, e sei que está sendo um processo gradual. Ele tem se reaproximado da irmã, voltado a sorrir como sempre fez. Está tudo voltando aos eixos com a nossa família.

Ainda assim, Lucas continua se recusando a me tocar. Perdi a conta de quantas vezes me insinuei descaradamente nas últimas semanas. *Lingeries*, perfumes, indiretas, provocações. Ele me para sempre que tento aprofundar os beijos, e o medo de que Lucas tenha deixado de me desejar é real, mas o medo de que tenha deixado de me amar é simplesmente desesperador.

Ele se afasta de mim, sentando-se na cama. As luzes ainda estão acesas, então seu olhar sobre mim é esmagador e muito visível. Eu conheço cada um deles do avesso. Conheço o brilho divertido e malicioso, conheço o quente acolhedor, conheço o preocupado. E conheço o irritado. Suas pupilas estão maiores, e cada traço do seu rosto deixa clara a indignação, dos lábios tensionados um contra o outro às marcas de insatisfação em forma de uma linha reta na sua testa.

Lucas levanta-se da cama e arrasta a mão pelo cabelo, balançando a cabeça. Quando volta a falar, sua voz está dolorida e raivosa ao mesmo tempo.

— Como você pode sequer pensar uma coisa dessas, Helena? — pergunta em um tom mais alterado do que antecipei.

— Eu não disse que...

— Mas pensou! — interrompe, jogando as mãos para baixo. — O que eu fiz, em algum momento nos últimos quinze anos, que te deu qualquer impressão de que sequer olharia para outra mulher? — questiona, exasperado.

Ele esfrega o rosto, balançando a cabeça, incrédulo.

— Com meu filho com dificuldades na escola e achando que vai ser devolvido para o orfanato e uma bebê para cuidar que demanda cada segundo de atenção, onde exatamente eu encontraria sequer tempo ou disposição para me interessar por alguém? Com a minha mulher doente, Helena...

Ele não grita. Sua voz é baixa, cansada e arredia. E me machuca muito mais do que poderia imaginar. É somente quando tira as mãos do rosto e me encara que parece perceber o que disse. Sei que não estou disfarçando a dor no olhar, e o seu reflete o arrependimento imediato.

— Eu não quis dizer que...

— Sei exatamente o que você quis dizer, Lucas — garanto, abrindo um sorriso triste.

É verdade. Eu sei.

Sei que ele não se ressentir por tudo que faz pela nossa família, só está cansado. Sei que nos ama com cada pedaço do seu coração, mas é coisa demais para uma pessoa só carregar. Sei que ele nunca vai dizer em voz alta, que nunca vai admitir para si mesmo, mas se preocupar comigo virou uma tarefa complicada demais, extensa demais, que toma demais dele. Foi isso que virei: a esposa doente.

Não é culpa dele se sentir assim, mas também não é culpa minha que aqueles meses horríveis tenham existido.

— Estou melhor, você sabe — começo, desviando o olhar do dele porque é muito difícil manter o contato. Vejo-o, pelo canto do olho, aproximar-se da cama. — Sempre vou ser muito, muito grata por todo o seu apoio, Lucas, mas você não pode se comportar como se eu fosse um vaso de cristal que vai quebrar a qualquer momento para sempre.

Sinto o peso no colchão e seus dedos no meu queixo, erguendo-o para que eu encare.

— E você não pode me reduzir à “minha mulher doente” — completo. Ele balança a cabeça em negativo, usando as duas mãos para segurar minhas bochechas.

— Não foi o que quis dizer, eu... — suspira, deixando a frase incompleta, apoiando a testa na minha, tentando me puxar para mais perto.

— E eles são meus filhos também — interrompo, lutando com tudo que há em mim para manter a voz estável, firme. — Foi você que não me deixou resolver a questão da escola hoje, é você que não tem me deixado assumir responsabilidade nenhuma ultimamente. — Ele abre a boca, mas apresso-me em completar: — Eu sei que o médico disse que ter depressão

pós-parto aumenta o risco de desenvolver depressão ao longo da vida. Sei que você só está tentando garantir que eu não me sobrecarregue, mas precisa confiar em mim. Precisa confiar que vou te dizer se as coisas começarem a sair do controle, que vou procurar ajuda. O médico disse também que a melhor coisa para eu melhorar é me conectar de novo com as coisas importantes na minha vida, e duvido que ele estivesse falando só de voltar a trabalhar.

Perpasso minhas mãos por entre as suas, segurando seu rosto como ele segura o meu. Pesco uma lágrima que escapa do canto do seu olho com a ponta do polegar.

— As coisas mais importantes da minha vida são vocês três. Eu preciso de vocês de volta.

Lucas escorrega as mãos pelo meu pescoço, mantendo-me firme no lugar.

— Nunca deixei de ser seu — diz, aproximando a boca da minha. — Nunca vou deixar de ser. Me desculpa pelo que eu disse, só... — Suspira. — Estou *tão* cansado.

— Sei que está. E não quis insinuar que você fez nada, só... — sussurro, e ele concorda com a cabeça antes que eu precise realmente explicar. Suspiro. — Tem certeza de que não está pronto para voltar para os seus clientes mimados? — pergunto em um tom de brincadeira que funciona, porque ele ri.

— Absoluta — garante. Lucas me puxa, e vou para o seu colo, encaixando-me dentro do seu abraço. Beija minha testa, descendo pela lateral do meu rosto, acariciando a linha do meu queixo com os lábios. Então, solta

um riso baixinho. — Não acredito que você resolveu sentir ciúmes a essa altura da vida — implica, e cutuco sua costela com força, fazendo-o pular no lugar.

Lucas nos gira, prendendo-me de costas na cama, deitando-se por cima de mim com os cotovelos apoiados no colchão, um de cada lado da minha cabeça. Puxo-o pelos ombros, fazendo com que deixe o peso do seu corpo tombar sobre mim, suas mãos prendendo-se em minha cintura.

— Eu te amo tanto — diz contra a minha boca.

Desço as mãos pela lateral do seu corpo, insinuando os dedos pelo elástico da *boxer* que usa, escorregando a palma para a frente, enchendo minha mão. Ele geme baixinho.

— Até o fim dos tempos — respondo, jogando a cabeça para trás e arqueando o tronco. Ele entende rapidamente o que eu quero.

Lucas se ajeita sobre mim para conseguir alcançar as alças da camisola e as puxa para baixo, a boca acompanhando o caminho dos seus dedos, sugando meu pescoço e descendo pela minha clavícula.

— Até o fim do mundo — completa, os lábios alcançando a curva superior do meu seio. Suspiramos juntos, a saudade tomando conta do quarto. Ele termina de puxar o tecido para baixo, liberando meu seio por completo. Roça os lábios sobre meu mamilo, separando-os para sugá-lo com uma delicadeza torturante. Sua língua acerta o bico rijo, e eu ofego, afundando as unhas na sua pele. Quando seus dentes assumem, contudo, o som de três batidas fracas na porta chama nossa atenção.

Lucas para onde está e me encara de baixo. Prendo o lábio inferior entre os dentes para segurar a risada, mas não adianta.

— Mãe? — A voz de Arthur vem do outro lado da porta. — A *Lelê* acordou.

Lucas me acompanha na risada baixa, deixando um último beijo doce no meu seio antes de devolvê-lo à proteção da camisola. Ele ameaça se levantar para ir até a porta, mas seguro seu ombro.

— Estou indo, amor — digo para Arthur, e Lucas assente, entendendo o pedido. Eu cuido disso.

Deixo um beijo curto nos seus lábios e sigo em direção à porta, abrindo-a para revelar Arthur descabelado e com o rosto amassado.

— E o que você está fazendo acordado, mocinho? — pergunto.

— Eu fui fazer xixi — explica-se, mas não acredito. Ele costumava fazer isso logo que Letícia nasceu; checá-la durante a noite. Se tivesse que apostar, diria que está retomando velhos hábitos.

Estendo a mão para que ele a segure, e andamos até o quarto da sua irmã. Letícia não está chorando, apenas parece entretida em uma brincadeira animada com sua girafa de silicone que serve de mordedor desde que os dentinhos começaram a nascer. Ela não demora muito para voltar a dormir, e sigo com Arthur para o seu quarto. Cubro-o assim que se deita.

— Eu e o papai cuidamos dela durante a noite, está bem? — digo, acariciando seu rosto. — A *Lelê* precisa que você durma bem para poder brincar com ela durante o dia.

Ele faz que sim com a cabeça e boceja, acomodando a cabeça no travesseiro. Deixo um beijo na sua testa.

— Boa noite, Tuco — sussurro, levantando-me.

Quando chego à porta, ouço sua voz de novo.

— Mãe? — chama, e olho-o por sobre o ombro. — Eu *tô* feliz que você não *tá* mais doente.

A inocência na sua voz faz meus olhos marejarem.

— Eu também, meu amor. Eu também.

A large, elegant cursive word, likely 'Sete' (Seven), rendered in a dark, flowing script. The letter 'S' is particularly large and loops around the word.

LUCAS

Helena balança a cabeça em negativa e se senta ao meu lado no sofá, apoiando a cabeça no encosto.

— Nada? — pergunto, colocando a mão na sua coxa.

— Nada. Ele simplesmente decidiu que não quer mais. — Encara-me, com os olhos tão frustrados quanto os meus. — Até ontem de manhã, ele estava tão animado que era impossível fazer ficar quieto por cinco minutos. Toda vez que abria a boca era *pra* falar dessa tal apresentação, mas desde que chegou em casa depois da aula...

Puxo-a para o meu ombro, e Helena acomoda a cabeça em mim. Ela suspira, enroscando nossos dedos. Quando volta a falar, sua voz está comedida, mas conheço minha mulher o suficiente para reconhecer o tom de irritação.

— Eu sei o que é — declara após alguns segundos. — Você chegou a olhar a agenda dele ontem? — Nego com a cabeça, porque concordamos que ela quem faria isso, e Helena continua: — Veio um recado da professora

dizendo que sábado de manhã, antes da apresentação, vai ter um aulão de interação entre os alunos e os pais.

Franzo o cenho.

— E qual o problema?

Helena ergue um dedo, corrigindo-se.

— Entre as alunas e as mães.

Assusto-a com o movimento brusco que faço, praticamente pulando no lugar. Ela meio que dá de ombros e me olha com aquela cara de “é, eu sei”. E aí Helena para de tentar manter a pose, e a indignação escorre por suas palavras. Antes mesmo que possa perguntar, ela responde:

— Liguei para lá hoje para falar com a professora. Ela basicamente disse que é uma mensagem padrão que sempre manda para casa com os alunos e que como normalmente só meninas fazem a aula de balé, foi assim que foi padronizado, mas que não significa que o Arthur não pode participar. Agora me diz que sentido isso faz? A gente demorou *tanto* tempo para conseguir convencê-lo de que balé não é só coisa de menina, que tudo bem ele gostar, e agora ele gosta tanto... E a criança que não tiver mãe? Ou tiver dois pais? Que Arthur seja o único menino nessa turma, mas não é possível que tenha passado pela cabeça de ninguém em nenhum momento que uma mudança simples de palavras nos bilhetes poderia evitar um bando de problema. O quê?

Helena crispa as sobrancelhas, apontando com o queixo para mim, e sei que é porque tenho um sorriso grande demais no rosto. Não dá para evitar, não quando ela se mostra assim, com toda sua energia. Helena é feroz. Sempre foi. O que provavelmente faz dela uma advogada muito melhor do

que eu jamais seria. Ainda na época da faculdade, aprendi muito com ela por isso. É também por esse motivo que eu costumo tomar a frente para resolver quaisquer problemas com escola, médico ou o que for relacionado aos nossos filhos. Minha mulher pode mal ter um e sessenta e cinco de altura, mas coloca medo em qualquer marmanjo que apareça na sua frente. Não acho que tenha nada que a deixe mais incrivelmente deliciosa do que esse fogo nos olhos, ainda mais quando ele é destinado a proteger nossos filhos.

Senti tanta falta disso. Tanta falta dela. Da sua força que me inspira a sempre ser a minha melhor versão.

Tudo fica de lado por um instante quando a puxo para mim. Helena ofega, surpresa quando meus lábios atacam os seus, amorosos e passionais. Os seus não tardam a envolver os meus, macios e decididos. É ela quem interrompe o beijo, cedo demais.

— Você pode falar com ele? — pede, arrastando a boca suavemente na minha. — Arthur não vai querer ir comigo, mas talvez se você for... A gente não pode obrigar se ele realmente não mudar de ideia, mas não queria que desistisse de algo que gosta tanto.

Beijo-a novamente, mais comedido desta vez, valendo-me apenas de absorver o doce da sua boca por uns segundos antes de me afastar. Encontro Arthur sentado na sua escrivaninha, com uma careta fechada enquanto encara o caderno. Se nota que estou aqui, não demonstra.

— Já escovou os dentes? — pergunto, e ele faz que sim com a cabeça. — Vamos dormir, então?

— Mas é sexta-feira — protesta, finalmente olhando para mim. — Você disse que posso dormir tarde sexta-feira porque não tem aula.

— E pode — confirmo. — Mas amanhã você precisa acordar cedo também.

Ele fecha ainda mais a cara, cruzando os braços na frente do peito e olhando para o próprio colo.

— Eu não posso ir — diz, um tanto rabugento.

Aproximo-me, sentando-me na cama.

— Sua mãe ligou *pra* eles. Foi um mal-entendido. Ela te disse isso, não disse? — Espero pela resposta. Ele confirma com a cabeça, mas não diz mais nada. — Você não quer mais fazer balé?

Arthur hesita e, quando finalmente responde, move a cabeça em negativo tão devagar que fica claro que está mentindo. Suspiro teatralmente.

— Droga, eu queria tanto fazer aquela aula com você — digo. Seus olhos se arregalam tanto que parecem a ponto de saltar do rosto.

— Mas não pode, pai, é coisa de menina — explica, parecendo verdadeiramente chocado.

— Não é não senhor — rebato, movendo o indicador em negativa. — Não tem isso de coisa de menina e de menino. Você não brinca com a Letícia? Ela não brinca com seus carrinhos? — Ele faz que sim com a cabeça. — Quando ela crescer e quiser brincar de boneca, você vai negar?

— Eu gosto de brincar com a Lelê — explica depois de negar com a cabeça.

— Então pronto. Se você gosta de fazer balé, não tem problema. Tem um monte de homem que vira bailarino profissional, sabia? — instigo. Sorrio

ao ver o brilho tão genuíno dos seus olhos.

— É? — pergunta, parecendo duvidar. Faço que sim com a cabeça e puxo o celular do bolso traseiro do bolso.

— Vem, vou te mostrar.

Abro o site de vídeos e digito o que procuro no campo de busca enquanto ele vem até mim e se senta ao meu lado na cama pequena. Alguns instantes depois, um vídeo de ensaio do Thiago Soares, um dançarino brasileiro que se tornou Primeiro Bailarino do Royal Ballet, de Londres. Deixo a música inteira rolar, vendo seus olhos atentos à tela acompanharem cada movimento da coreografia complicada que dura pouco mais de quatro minutos. Quando o vídeo acaba, Arthur me olha com um sorriso que se espalha por todo o seu rosto.

— A gente pode assistir outro? — pergunta.

Sorrio e coloco outro vídeo para rolar. Sua atenção está inteira na tela, e ele esquece completamente que existo.

— Só mais um e você vai dormir. Já está tarde — instruo, e ele balança a cabeça confirmando, imerso na dança que se desenrola à sua frente, alheio a qualquer coisa externa, como deve ser.



— Ele está vindo — Helena diz, passando por mim para pegar a chave do carro que está pendurada na parede. Ela bufa, os cachos soltos e longos balançando quando balança a cabeça. — Estou vendo que não vai demorar mais do que alguns meses para crescer o suficiente para não caber

mais naquela roupa — choraminga, e eu a acompanho, soltando um gemido sofrido.

— Lembra a dor de cabeça que foi para encontrar essa?

Sentado à mesa, beberico um copo de suco enquanto confiro o calendário no celular, organizando a semana mentalmente para encaixar uma consulta médica de Letícia.

— Nem me fale — diz, lançando os olhos na minha direção, partilhando a centelha de desespero enquanto vem até mim e se senta ao meu lado, percorrendo os dedos pela barriga da nossa filha dentro do carrinho. — Não entra na minha cabeça o absurdo que aquilo foi.

Eu me lembro bem o suplício que foi tentar encontrar tudo que Arthur precisava para começar as aulas. Em todas as lojas que passamos procurando roupa de balé para meninos, a conversa foi exatamente a mesma: vendedores com olhos arregalados perguntando “para menino?”. Vi a frustração de Helena aumentar exponencialmente a cada minuto. Por sorte, havíamos o deixado com a minha mãe, porque se nós dois estávamos irritados e desanimados, nem imagino como Arthur se sentiria.

— Realmente não entendo esse preconceito estúpido — ela reclama, revirando os olhos. — A quantidade de gente que veio pagar de amigo preocupado dizendo que a gente devia insistir para ele fazer futebol ou luta... E ninguém, *ninguém* me deu um motivo minimamente razoável para isso.

Eu rio, e ela me fuzila com olhos ferinos. Apresso-me em me explicar.

— Estava lembrando do dia em que você quase saiu no tapa com a mãe de uma das meninas da aula.

— Vanessa — ela resmunga, dizendo o nome da mulher como se fosse veneno. — Criatura intragável. “Não é bom *pra* menino da idade dele esse tipo de coisa. Ele precisa ficar no meio de outros garotos *pra* aprender a ser homem de verdade” — repete o discurso malicioso com a voz debochada.

— Eu achei que ela fosse cair dura no chão quando você começou a discutir. — Rio, mas na hora precisei dividir meus esforços entre querer entrar na discussão e segurar Helena que parecia querer realmente voar no pescoço da mulher.

— Fiquei chocada por ela ter a coragem de dizer em voz alta que se eu o deixasse fazer essas coisas ele ia virar gay. Como se isso fizesse o menor sentido. E como se eu fosse ficar minimamente incomodada se esse fosse o caso. Pelo amor de Deus! Vou ficar *muito* satisfeita se Arthur crescer para ser bem diferente de seja lá o que essa mulher chama de homem de verdade.

Levanto-me, puxando Helena para que fique de pé também. Seus braços vão ao meu pescoço, os meus vão à sua cintura, e nossas bocas se encontram como em uma coreografia muito bem ensaiada. E é exatamente o que é, depois de tantos anos. Somos capazes de nos encontrarmos um no outro de olhos fechados, tateando no escuro em busca da outra metade de um coração pulsando que grita apenas um nome. O beijo é como uma valsa lenta e silenciosa. Com o mover preciso de lábios, digo tudo que preciso. Faço-a derreter em meus braços enquanto engole todo o amor que transborda do meu peito, todo o orgulho que sinto. Toda a saudade que ainda me assola. Contra seus lábios, derramo a verdade que sei que ela precisa ouvir:

— Ele tem muita sorte de ter você — sussurro, acariciando seu nariz com o meu.

Ainda com os olhos fechados, ela sorri pequenino, agarrando-se um

pouco mais a mim.

— Eu realmente espero que sim — confessa, temerosa. — Só quero que ele seja feliz.

— Pai! Mãe!

Ergo os olhos, vendo, por cima do ombro de Helena, Arthur parado no meio do cômodo, a mochila nas costas, o nariz franzido após o protesto esganiçado.

— Por que vocês têm que ficar se beijando o tempo inteiro? — questiona, contrariado.

Rio, atacando o rosto dela com beijos estalados e exageradamente altos que a faz rir e faz a careta dele aumentar.

— Está pronto? — pergunto, girando Helena nos meus braços e abraçando-a por trás. Ele confirma com a cabeça. — Então vamos.



O lugar está cheio e barulhento da melhor forma possível, com crianças animadas, ansiosas pelo dia. É inegável a importância desse tipo de interação, trazer os pais, que normalmente são apenas espectadores, para uma atividade corriqueira. Vejo Helena sentada em um canto com Letícia no colo e o celular a postos, porque sei que ela não vai perder a oportunidade de eternizar este momento. Arthur está conversando com duas amiguinhas e aproveito os minutos antes de a aula começar para procurar a professora.

Encontro-a ajustando o equipamento de som. A mulher alta, esguia e com um coque apertado no topo de cabeça, parecendo pelo menos bons dez

anos mais nova do que eu, logo nota minha aproximação e sorri, simpática.

— Bom dia — cumprimenta.

— Bom dia, Alana. Sou o pai do Arthur. Lucas. — Estendo a mão, que ela aceita para um aperto rápido. Noto o desconforto momentâneo que apresenta, pigarreando e jogando os ombros para trás.

— Quero me desculpar pelo mal-entendido. Conversei com sua esposa ao telefone e preciso dizer que não me passou pela cabeça que um recado tão simples pudesse causar problemas — apressa-se em explicar antes mesmo que eu diga qualquer coisa. — Posso garantir que não vai acontecer novamente.

— O Arthur está muito animado com a aula. Ouso dizer que é a melhor parte da semana dele. — Ela sorri, lançando o olhar para onde sei que meu filho está. O carinho é inegável na sua feição. — Então preciso saber se ele realmente é bem-vindo aqui. Não quero que meu filho se sinta excluído de alguma forma e...

— De forma alguma — ela interrompe, voltando a me encarar com os olhos arregalados. — Arthur é um menino doce e muito interessado. Está sempre ajudando as meninas com os exercícios, me ajudando a arrumar a sala antes da aula. Ele é muito bem-vindo aqui, e muito querido.

Externo um “tudo bem” e agradeço, e Alana se afasta para dar início à aula. Assisti algumas durante os últimos meses, e não dá para negar o carinho que ela parece sentir pelas crianças e o amor que demonstra ao que faz. Fica também visível que Arthur a adora quando vai correndo para onde a mulher está antes de correr de novo até mim.

— A dança une — Alana começa, abrindo os braços em um gesto

teatral. — E hoje nós vamos usar a dança para conectar vocês com suas crianças. Essa interação acontece uma vez por ano e é sempre uma ótima experiência. Mais tarde, nossos pequenos vão mostrar a coreografia que vêm ensaiando pelos últimos meses, mas agora eles querem ensinar vocês um pouco do que aprenderam. Vamos lá?

As crianças soltam gritinhos animados, e Arthur agarra minha mão. Alana dá *play* no aparelho de som, e música clássica começa a tocar. Um espelho cobre a parede à nossa frente de ponta a ponta, e Alana se vira de costas para todos nós; passamos a assistir seu reflexo enquanto canta termos completamente desconhecidos por mim, mas que parecem ser uma linguagem muito clara para Arthur. Tento copiar os movimentos, tropeço nos meus próprios pés algumas vezes e, depois de poucos minutos, eu, que nunca fui lá sedentário, pego-me cansado pelas repetições que trabalham mais músculos do que eu imaginava. Isso porque é uma aula para crianças, imagina o que adultos não precisam aguentar.

— Eu te ajudo, pai — Arthur diz, cutucando meu braço para corrigir o que estou fazendo de errado no que pelo visto de chama *Frappé*.

— Achei que frappê fosse aquele café gelado com *chantilly* em cima — murmuro para mim mesmo, confuso com o movimento que parece bem simples para o meu filho.

Bons vinte minutos depois, pareço ter conseguido me entender com a sequência simples e decorado os passos. Finalmente, consigo executá-la com precisão, acompanhando os comandos de Alana.

O sorriso no rosto de Arthur é grande demais para ser ignorado, e ele me agarra pelas pernas em um agradecimento não falado.

— Você mandou bem — digo, bagunçando seu cabelo. Antes que ele responda, uma garota com o coque já todo desfeito aparece e o puxa pela mão.

— Vem, Arthur, a gente tem que colocar a roupa da apresentação.

Meu filho é arrastado pela mão pela menina energética, tropeçando nos próprios pés enquanto reclama com um “pera aí, Triz!”. Ele some do meu campo de visão, indo para a salinha do lado junto com todas as outras meninas, e eu volto minha atenção para Helena, que tem os olhos firmes sobre mim.

Aproximo-me de onde ela está, sentando-me na cadeira ao seu lado. Ela passa Letícia para o meu colo antes de apoiar o queixo no meu ombro.

— Você não tem vergonha? — pergunta, e eu franzo o cenho. — Pois devia. Devia se envergonhar muito de ser gostoso assim bancando o pai do ano — completa com a voz mais baixa, o hálito quente brincando com minha pele que se arrepia pela proximidade com a minha orelha.

Olho-a, chocado com a insinuação em público. Mas a quem estou querendo enganar? Ela sempre foi assim. Provocativa e sem filtro, cintilante e atrevida. Quando se inclina um pouco mais e murmura “mal posso esperar para a gente voltar para casa”, a mão travessa discretamente acariciando minha coxa, constato que *finalmente* minha mulher está de volta.



LUCAS

— Você foi maravilhoso, meu amor — Helena diz, abraçando-o apertado.

Apertado demais.

— Você está me esmagando, mãe — Arthur reclama, soltando um grunhido. Grunhido que é logo substituído por uma gargalhada quando ela o solta somente para atacá-lo com os dedos que sabem fazer cócegas como ninguém.

Letícia o acompanha na risada com um *dá-dá* agitado.

A apresentação acabou há alguns minutos, e os pais começaram a se reunir ao redor da grande mesa coberta por comida demais. Helena o libera para que vá comer e conversar com as amigas, e Arthur sai correndo, apenas para voltar correndo até onde nós estamos um segundo depois.

— O Bruno pode dormir lá em casa hoje? — questiona. Nós dois o olhamos confusos com a abruptidão da pergunta.

— O Bruno? — confirmo.

— É. Eu disse *pra* ele que podia, mas aí esqueci de perguntar — explica.

— Quando isso? — Helena interroga.

— Ontem na escola. Ele pediu desculpas e a gente jogou bola no recreio. Aí eu disse que ele podia dormir lá em casa porque sábado é dia de pizza.

Abro a boca para repreendê-lo por fazer planos sem nos consultar, mas Helena enrosca os dedos no meus, apertando-os em um aviso claro para que eu fique quieto, como se fosse capaz de ler minha mente. Depois de dormir e acordar ao meu lado por quase dez anos, não duvido que seja exatamente esse o caso.

— Vou ligar para a mãe dele para combinar direitinho — ela declara e aponta com o queixo para a mesa. — Vai comer alguma coisa.

Ele vai e logo está com um pedaço de bolo na boca, rindo de alguma coisa que uma amiga diz.

— Deixa ele aproveitar enquanto os problemas são fáceis assim de resolver — declara. Olho para Helena, que pega Letícia do meu colo. Deixa um beijo nos meus lábios e começa a se afastar.

— Vai ligar para a mãe do menino? — pergunto. Ela me olha por sobre o ombro, uma sobrelanceira arqueada.

— Liga você — implica com uma expressão contrariada. — Já marca de tomar outro café.

Solto uma risada alta o suficiente para atrair a atenção de algumas pessoas. Aproximo-me dela, que vasculha a bolsa térmica em busca da papinha da Letícia.

— Quarenta anos na cara e com ciúme bobo, Helena? — zombo, sabendo que estou enfiando a mão em um vespeiro, ansioso para ser picado. Tirá-la do sério sempre foi uma das minhas atividades preferidas. Recebo um olhar assassino.

— Trinta e sete — corrige entredentes, e meu sorriso se amplia. Ela arruma Letícia no carrinho para que seja mais fácil alimentá-la, e aproveito seus braços livres para abraçá-la.

— Quando chegarmos em casa, eu te mostro que não tem motivo nenhum para isso — prometo em seu ouvido. Uma promessa que estou ansioso para cumprir, considerando que, depois de finalmente parecer que estamos nos reaproximando intimamente, tem sido impossível roubar mais do que um beijo um pouco mais quente antes de sermos interrompidos por Arthur precisando de alguma coisa ou Letícia desatando em um choro enjoado e febre baixa porque alguns dentinhos estão nascendo.

Minha mulher estremece em meus braços e logo se desvencilha de mim, olhando-me feio e apontando com a cabeça para a multidão que temos ao redor.

Senta-se em uma das cadeiras de plástico e abre o potinho com a comida. Ergue os olhos para mim, com uma sobrancelha arqueada.

— Boa sorte com isso tendo três crianças em casa — graceja, levando a colher de plástico à boca faminta da bebê.

Solto um grunhido baixo, sabendo que ela está certa.

Distraio-me da frustração momentânea quando algumas pessoas ocasionalmente se aproximam para trocar meia dúzia de amenidades com nós dois. Deixo que uma felicidade genuína invada meu peito ao ver Arthur entrosado em um grupo pequeno de crianças, rindo e correndo pelo salão.

Ele até continua com dificuldade de fazer amizades mais significativas na escola, mas pelo menos aqui parece estar em seu ambiente natural. Essa é uma mudança muito bem-vinda.



Aproveito que Helena está entretida em uma chamada de vídeo com os pais que moram em outra cidade, com Arthur e Letícia pendurados a ela, para sair de fininho da sala e me trancar no quarto para usar o celular.

Nosso aniversário de casamento é amanhã, sexta-feira, mas Helena vai precisar trabalhar até mais tarde, então vamos comemorar no sábado. Preciso ter certeza de que está tudo pronto. Depois de conferir meu e-mail para confirmar que a reserva no restaurante favorito dela está mesmo marcada, ligo para Heloísa. Ela atende depois de três toques.

— *Oi, cunhado* — cumprimenta. Ouço a movimentação ao fundo que parece indicar que está cozinhando.

— Oi, Helô. Só queria confirmar que vai poder ficar com as crianças no sábado — digo.

— *Claro que sim. Faz tempo que o Arthur não vem aqui, e ele adora o Bob* — declara, referindo-se ao seu vira-lata de estimação, que sempre faz com que Arthur volte para casa implorando por um cachorro também.

— Se a Letícia estranhar...

— *Ei, eu sei cuidar da minha sobrinha* — interrompe, repreendendo-me. — *Ela não costuma dar trabalho, mas juro que vou gritar se precisar de ajuda. Pode planejar seu aniversário de casamento em paz. Providenciem mais um sobrinho para mim* — implica.

— Por que ao invés de mimar meus filhos, você não arruma um para você? — pergunto, rindo, sabendo qual vai ser sua resposta.

— *Deus me livre!* — protesta, e posso visualizá-la fazendo sinal da cruz. — *Eu amo esses dois com todo meu coração, mas não nasci para ter um para chamar de meu.*

— Toda vez que você fala isso, meu coração se enche de alegria ao lembrar que você é madrinha dos dois — implico, aproximando-me da porta fechada para ouvir se ainda estão conversando com meus sogros. Constato que sim quando Helena solta uma risada alta.

— *É só vocês dois não morrerem e está tudo certo* — brinca, mas depois faz silêncio por alguns segundos. — *Como ela está? Helena parece melhor, mas ainda estou preocupada.*

Suspiro, coçando a barba.

— Ela está bem. Preocupado eu também estou, mas ela realmente parece bem. Voltou a trabalhar no horário normal, não parece estar se sobrecarregando, não desgruda das crianças para nada. Sua irmã parece estar feliz, Helô. Está agora mesmo em uma ligação com seus pais, não está mais afastando ninguém que se importa com ela, continua na terapia. Ela está se cuidando, e eu sempre vou cuidar dela.

O suspiro aliviado do outro lado da linha sequer é disfarçado. Sei que ela se preocupa, mas não quer sufocar a irmã. Faz bem, se quer saber minha opinião.

— *E você volta pro trabalho quando?*

Bufo.

— Não tão cedo no que depender de mim — declaro, e ela ri.

— *Dinâmica interessante essa de vocês, preciso dizer.*

Concordo apenas para encerrar o assunto, entendendo por que estranham tanto. Não é o arranjo tradicional. Se for para algum dos pais parar de trabalhar e cuidar dos filhos, normalmente cabe à mãe esse papel.

Financeiramente falando, faz sentido a ser eu a ficar com eles. Levando em conta toda a estrutura necessária para cuidar deles caso nós dois trabalhássemos fora, meu salário quase inteiro iria apenas para cobrir os gastos. Precisaríamos de alguém para levar e buscar Arthur do colégio e para o balé, ajudá-lo nas matérias que tem dificuldade, preparar sua comida. Seria praticamente impossível esperar que a mesma pessoa conseguisse cuidar de Letícia, das suas roupas e comida. Sairia bem caro. Faz sentido financeiro que eu fique com eles, mas, mais importante que isso, eu quero ficar com eles. Gosto desse trabalho de pai em tempo integral, de poder acompanhar de perto cada etapa do desenvolvimento dos dois.

Do que depender de mim, vou continuar fazendo isso por quanto tempo for possível.

Encerro a ligação com Heloísa, conferindo todo o resto no celular. Preparei uma noite romântica para nós dois. Vou deixar as crianças na casa

da tia logo após o almoço. Depois disso, Helena é minha, com direito a jantar e a primeira noite a sós em pelo menos dois anos.

Volto à sala, vendo seu olhar inquisidor sobre mim quando puxo uma cadeira e me sento ao seu lado para participar da chamada de vídeo que se desenrola no computador. Balanço a cabeça, indicando que não foi nada, e engato em uma conversa interessada com seus pais, prometendo que iremos visitá-los tão breve quando possível.



Não sei por que minha mãe apareceu no nosso apartamento no meio da tarde, mas aceitei o presente enviado dos céus e aproveitei para resolver pendências. Depois de ir ao banco para resolver coisas que por algum motivo não podem ser feitas pela internet, vim ao mercado. Havia combinado com Helena que faríamos compras no final de semana, então fico feliz, porque quero que amanhã seja somente sobre nós dois, sem tarefas domésticas, sem preocupações. Apenas algumas horas para celebrarmos nosso amor.

Como sempre é em começo de mês, o lugar está cheio e demoro muito tempo para conseguir pagar as compras. Estou dentro do carro, pronto para sair do estacionamento quando decido enviar uma mensagem para minha mãe, checando se está tudo bem. Ela garante que sim, e aviso que estou a caminho.

Quando paro o carro na garagem do prédio, preciso decidir entre fazer múltiplas viagens ou carregar todas as sacolas de uma vez, arriscando que meus braços caiam. Por algum motivo, a segunda opção parece mais atrativa e é com ela que vou. O arrependimento vem rápido. Quando finalmente o elevador chega ao andar certo, estou a ponto de pedir arrego e largar tudo no

chão. Luto com as sacolas para conseguir abrir a porta e, quando o faço, estranho ao me deparar com o apartamento às escuras.

— Mãe? — chamo, fechando a porta. Dou-me por vencido e largo as sacolas ali mesmo ao invés de levá-las para a cozinha.

Então, viro-me para dentro do cômodo, e meus olhos se deparam com a melhor surpresa que poderia esperar.

The word "Move" is written in a large, elegant, handwritten script. The 'M' is tall and has a long vertical stroke that extends down to the baseline. The 'ove' is written in a cursive style, with the 'o' and 'v' connected, and the 'e' ending in a small loop.

HELENA

— Por que a gente vai dormir na casa da vovó hoje? — Arthur pergunta enquanto termino de arrumar sua mochila.

— Você não gosta de dormir lá? — questiono, fechando o zíper depois de conferir tudo.

— Gosto, mas a gente já vai dormir na tia Helô amanhã — diz e, quando olho para ele, pego-o com os olhos arregalados e com as duas mãos sobre a boca. Inclino a cabeça, deixando o questionamento claro no meu rosto e, ainda tapando metade do rosto, ele diz: — Não era *pra* contar, era segredo.

Sorrio, tendo certeza de que Lucas está aprontando alguma coisa. Imaginei que fosse mesmo, por isso precisei mentir dizendo que trabalharia até tarde hoje; caso contrário, não conseguiria fazer o que planejava.

Quando minha sogra me ligou avisando que estava vindo para cá, saí do trabalho. Faz pouco mais de meia hora que Lucas saiu para ir ao mercado e sei que vai demorar a voltar, então tratei de arrumar os dois para irem com

ela, sabendo que ainda tenho muito o que fazer aqui.

— É nosso aniversário de casamento hoje — explico, entregando-o a mochila. — Preparei uma surpresa para o seu pai.

— Que nem ele preparou uma surpresa *pra* você amanhã? — questiona, passando as alças pelos ombros. Rio mais alto do que devia pela língua solta de Arthur e concordo com a cabeça.

— Que nem ele preparou uma surpresa para mim amanhã — confirmo. Olho ao redor, conferindo que peguei tudo que ele vai precisar. Acho que sim. — Pronto para ir? O que foi? — questiono, franzindo o cenho quando o vejo me olhar com preocupação demais no rosto infantil.

— Você vai ficar doente de novo? — pergunta, os olhos grandes piscando devagar, mastigando bem cada palavra.

Com um aperto no peito, sento-me na beirada da sua cama e dou dois tapinhas para que ele se sente ali também. Quando o faz, seguro suas mãos.

— Por que está perguntando isso? — interrogo, e ele dá de ombros, desviando o olhar e abaixando a cabeça. — Você se lembra do que eu te disse quando a Lelê nasceu? — pergunto, e ele volta a me olhar. — Que ter um bebê em casa ia fazer as coisas serem um pouco diferentes? Que eu e seu pai teríamos mais coisas para fazer, que ela precisaria de mais atenção por um tempo?

Arthur faz que sim com a cabeça e escuta com atenção o que tenho a dizer. Uma conversa que já deveria ter acontecido há muito, muito tempo. E aconteceu, mas na época eu ainda não estava na minha melhor forma e não acho que consegui me explicar muito bem. Ainda não sei como me explicar agora, porque minha mente transborda de informações que me preocupam.

Não é somente da minha saúde que estamos falando. A preocupação sobre como meu estado mental poderia impactar meus filhos aumentou minha ansiedade e o sentimento de impotência. Saber que Lucas largou tudo para cuidar deles dividiu-me entre me sentir extremamente grata por tê-lo e dolorosamente culpada por causar isso — ainda que não fosse minha culpa. Sei que ele fez o possível para proteger os dois e suprir a falta que causei. Sei também que Arthur percebeu que as coisas não estavam bem.

— A tia que o meu pai me levou para conversar disse que era como se fosse uma dor de barriga, só que na cabeça. Que você só tinha que tomar remédio e que ia demorar um pouco, mas que ia ficar bem. Só que não sou criança, sei que não era só que nem dor de barriga — ele diz antes que eu finalmente formule uma explicação coerente, estufando o peito.

Sorrio, perguntando-me como é possível uma criatura pequena alternar entre a inocência juvenil de uma criança, o retraimento e desconfiança vindos da primeira infância tão difícil que teve e esses lapsos de maturidade desmedida.

— Não, não foi igual a uma dor de barriga, você tem razão — concordo. — Eu realmente tomei os remédios que precisava e agora estou melhor, mas preciso continuar me cuidando, igual a você. — Toco a ponta do seu nariz com o indicador. — Do mesmo jeito que você conversa com a tia e ela te ajuda a entender as coisas que sente, e te ajuda a se sentir melhor com as coisas ruins que aconteceram quando você era pequeno, eu também preciso conversar com alguém.

Não ouvimos falar de nenhuma situação de abuso grave durante o tempo em que ele esteve no orfanato e não tenho certeza se ele se lembra da sua vida antes de ser levado para lá. A assistente social nos contou que seus

pais eram usuários de drogas — e o pai tem algumas passagens na polícia por tráfico também. Foi depois de uma denúncia de um vizinho que Arthur foi tirado de lá, e não tivemos notícias dos dois desde então. Não tentaram recuperar o filho.

Faz tempo que ele não fala dos dois, não sei se sequer se lembra deles, mas lembro-me de meu filho perguntar uma única vez, logo que veio morar conosco, o porquê de nós o querermos quando os pais de verdade dele não o quiseram. Desde então, tudo que Lucas e eu fazemos é para mostrar a Arthur que seus pais de verdade somos nós.

A primeira vez que ele me chamou de mãe foi quando viu Letícia pela primeira vez; tão imediatamente apaixonado pela bebê, parece ter feito a associação de forma imediata: aquela era a sua irmã, então nós éramos seus pais. Nunca mais ouvimos qualquer questionamento a esse respeito, mas sei o quão perdido ficou quando me afastei durante o período em que não estava tratando a depressão.

É por isso que sei que, ao menos em alguma medida, ele entende o que tento dizer. Consigo quase ouvir as engrenagens da sua cabeça funcionando. Não sei exatamente o que Arthur está tentando processar, porque Lucas já teve essa conversa com ele antes algumas vezes, mas deixo que tome seu tempo juntando as peças do que precisa.

— A tia que você vê também te faz desenhar? — pergunta por fim, franzindo o cenho. — E te pergunta uma coisa boa e uma coisa ruim que aconteceu na sua semana?

— Eu não tenho que desenhar — explico com uma risada baixa. — Mas conto as coisas boas e as coisas ruins da minha semana também. E sabe qual a melhor coisa que sempre tenho para contar? — Ele move a cabeça que

não. Inclino-me na sua direção, segurando seus ombros, prendendo seus olhos nos meus. — Você. Você, sua irmã e seu pai são as melhores partes da minha vida. E sinto muito não poder ser sua super-heroína infalível o tempo inteiro, mas prometo que sempre vou fazer o que puder para ser uma boa mãe.

Sinto minha voz falhar um pouco, a garganta arranhando pelo choro que ameaça vir. Não sei o que esperava que ele respondesse, mas o que diz me desarma por completo.

— Não gosto de super-herói de qualquer forma. — Dá de ombros, e eu rio, puxando-o para um abraço. Murmuro um “eu te amo” no seu ouvido, e ele me aperta um pouco mais antes de me soltar e se levantar da cama.

— Vamos, a vovó está esperando — digo, levantando-me também e segurando sua mão. Neste momento, é Arthur quem me sustenta em pé.



Duas horas depois, meu trabalho está concluído bem a tempo de ouvir o barulho da chave na fechadura. Apago a luz, satisfeita com o efeito das velas acesas espalhadas pelos móveis e pelo centro da mesa. À meia-luz, assisto-o colocar as sacolas de compras no chão e olhar ao redor, confuso. Então, seus olhos pousam em mim.

Lucas me olha como se me visse pela primeira vez, os lábios repartidos, o instintivo passo curto à frente. Escaneia meu corpo, tomando cada segundo que precisa para apreciar o que tem à sua frente, escrutinando cada centímetro meu. Pego-me superconsciente, mas não me atrevo a me sentir envergonhada. Sei que ele está vendo alguns quilos a mais dos quais

nunca me livrei após a gravidez, mas a luxúria tão descarada no seu olhar não me deixa duvidar de que gosta muito do que vê.

— Você está... *Uau*.

Ele termina de se aproximar, parando tão perto de mim quanto possível sem que me toque. Sinto seu corpo ao meu redor, arrepiando-me cada pelo com a proximidade tentadora. Com os olhos presos aos meus, a ponta dos seus dedos começa uma exploração minuciosa. Primeiro, dedilha minha nuca, da base da orelha até a curva do ombro. Lucas brinca com a alça fina do vestido branco, por um instante apenas antes de se render ao decote.

Sinto meu coração bater completamente descompassado enquanto ele percorre o longo trajeto até encontrar o fim do V profundo que deixa pouco à imaginação. O vestido inteiro deixa pouco à imaginação, como ele logo constata ao levar a outra mão às minhas costas e encontrá-las nuas. Lucas solta um gemido grave, baixo, puxando-me ao seu encontro, grudando nossos corpos. A mão em meu decote escorrega para baixo pela lateral do meu corpo até alcançar a fenda alta demais na minha coxa, por onde ele embrenha os dedos, circundando-me e enchendo-os com a minha bunda.

— Eu sabia que não existia a menor chance de você estar usando alguma coisa por baixo desse pedacinho de pano — queixa-se ao meu ouvido e me aperta mais, afundando os dedos na minha carne. — Você está deliciosa com esse vestido, mas vou precisar me livrar dele.

Estremeço nos seus braços, apoiando as mãos nos seus ombros. Afasto o rosto para encará-lo e sou atingida com o fogo dos seus olhos, que parecem ainda mais escuros que o normal.

— Você pode se livrar dele depois do jantar — digo, tentando me

afastar, em vão. A forma como Lucas me prende a ele, fazendo cada pedaço do meu corpo fundir ao seu, deixa claro que não vou a lugar algum. Quando ele ri no meu ouvido, uma risada grave que transborda promessas pecaminosas demais, sinto minha respiração ficar ainda mais pesada.

— Ah, Helena... Mas o jantar é você.

Ofego quando sua mão atrevida aperta minha bunda quase dolorosamente. Seu nariz percorre meu pescoço, e apenas sigo seu comando conforme me empurra para trás até que minhas costas estejam contra a parede. Ele segura meu rosto com as duas mãos, a ponta dos dedos raspando pelo meu cabelo, e pousa a boca sobre a minha.

— Senti tanto a sua falta — sussurra, pressionando o corpo no meu.
— Senti falta dessa sua capacidade de me seduzir o tempo inteiro. Do seu gosto, do seu cheiro.

Engulo o impulso por me desculpar, sabendo que fui eu a manter distância, com meu interesse sexual realmente prejudicado e minha insegurança alcançando níveis estratosféricos. Não. Hoje, a noite não é sobre pedidos de desculpas, é sobre me conectar novamente com o homem da minha vida, meu porto seguro, minha âncora, meu presente e futuro.

Alcanço a barra da sua camiseta, puxando-a para cima sem qualquer cerimônia. Dedilho seu tronco nu, brincando com os pelos grossos, subindo as mãos ao seu pescoço para puxar seus lábios aos meus. Lucas devora minha boca enquanto abaixa as alças do vestido, que cai à minha cintura, expondo meus seios para suas mãos ávidas.

Sua boca vai ao meu pescoço, sugando minha pele a caminho dos meus seios. Seguro-me nele, meus dedos buscando por qualquer pedaço de

pele que possa alcançar quando sua língua alcança meu mamilo, mas Lucas não se demora ali. Não. Os dedos apressados puxam o vestido o restante do caminho, deixando-me nua sob seu olhar minucioso, e ele se ajoelha à minha frente, puxando minha perna esquerda para cima, apoiando-a no seu ombro, deixando-me aberta para ele.

Lucas percorre dois dedos pela minha abertura, espalhando minha umidade antes de escorregá-los para dentro, preenchendo-me no mesmo instante em que sua língua atinge meu ponto sensível. Gemo seu nome, puxando seu rosto para mais perto, esfregando-me na sua boca, deliciando-me com a textura da barba contra minha pele. Sou recompensada por seus dentes puxando meus pelos, causando uma dor aguda e gostosa antes de voltar a assaltar-me com a língua competente que teve uma década e meia para aprender exatamente como me satisfazer.

Ele satisfaz.

Sinto minhas pernas bambearem quando a onda de prazer começa a crescer em meu ventre, espalhando-se para cada centímetro da minha pele quente rápido demais. Afundo as unhas no seu pescoço, e Lucas me morde, curvando os dedos dentro de mim para alcançar o ponto exato que envia o último estímulo necessário para que um *ah* gritado me escape.

— Deixa vir, meu amor. Goza *pra* mim — instrui, acelerando os dedos, impedindo-me de sequer tentar prolongar o momento, porque meu corpo traiçoeiro e saudoso se rende, desfazendo-se sob seu toque experiente. O hálito quente me atinge quando ele solta uma risada baixa em resposta à minha reação involuntária de sempre fechar as pernas quando gozo, esmagando sua cabeça entre minhas coxas.

Ainda estou ofegante e sentindo a metade de baixo do meu corpo

enfraquecida quando ele se levanta e me guia até a mesa. Sigo-o, obedecendo ao seu comando quando afasta as velas e me posiciona com a barriga virada para baixo sobre o tampo frio de vidro. Passa na minha cabeça, por um milésimo de segundo, que essa é uma péssima ideia e vamos acabar com uma mesa espatifada ao chão, mas o som do zíper da sua calça sendo aberto me distrai. Minha mente é completamente desligada um instante depois quando o sinto forçar minha entrada. O ardor delicioso de recebê-lo em uma estocada firme arranca um gemido profundo de nós dois.

Ele enrosca meu cabelo em sua mão, puxando-me para si, arqueando minhas costas, e a outra mão afunda em meu quadril. Estremeço quando sua boca pousa no meu ouvido.

— Esse é meu lugar favorito no mundo — declara, rouco, estocando uma vez, firme, rápido. Grito, segurando na beirada da mesa, com os olhos revirados e lábios incapazes de serem fechados. — Aqui, bem aqui. — Outra estocada. — Eu poderia morrer no meio das suas pernas e morreria feliz. Enterrado nessa boceta gostosa.

— Você beija seus filhos com essa boca suja? — implico, e sou calada imediatamente por um puxão de cabelo mais firme.

— Eu beijo você com essa boca suja, e você adora — alfineta, mordendo meu pescoço e, finalmente, estabelecendo um ritmo cadenciado que faz as pobres velas tremerem sobre a mesa, que faz minha garganta arranhar com os gemidos inevitáveis e meu corpo reconhecê-lo como seu.

Mordo meu lábio em um esforço vão de calar os gritos, e Lucas se esforça ainda mais para minar por completo qualquer intenção que eu tenha de não o presentear com a minha mais absoluta entrega. Ele me beija, me morde, me arranha, me brinda com gemidos roucos, palavrões e

obscenidades. Quando gozo, meu marido termina de perder o controle, acelerando as investidas precisas que prolongam meu prazer e trazem o seu ao ápice, porque não demora para que me acerte com uma última estocada firme antes de se derramar dentro de mim.

Lucas me puxa consigo, sentando-se no chão e trazendo-me para o seu colo, minhas costas contra seu peito, sua boca em meu pescoço, sua mão acariciando meu seio. Nossas respirações ofegantes não permitem que nada seja dito, e não precisamos proferir qualquer coisa. As batidas sincronizadas dos nossos corações são tudo que importa.



— Não acredito que você mentiu para mim, sua descarada — reclama, a mão subindo e descendo pelas minhas costas.

Montada no seu colo, abro a boca quando ele me oferece um camarão. Sugo o molho dos seus dedos, demoradamente lambendo-os sem desviar meu olhar do seu.

— Você é má, Helena — murmura, mas repete o gesto, alimentando-me novamente, soltando um gemido baixo quando repito a tortura.

Meu plano de jantar romântico e noite de amor lento e carinhoso foi por água abaixo. Depois de um ataque suado na mesa, o jantar foi transferido para a cama. Seu prato preferido, camarão na moranga, está frio a essa altura, mas Lucas não parece se importar. Pelo contrário, o sorriso tão leve no seu rosto me ilumina inteira por dentro.

— E que história é essa de que eles vão dormir na casa da minha irmã amanhã? — pergunto, usando um garfo para pescar um camarão e levar à sua

boca, tomando cuidado para não derrubar os pratos precariamente posicionados em uma bandeja ao nosso lado. — Arthur me contou que você está aprontando.

Rio da sua careta e espero-o terminar de mastigar antes de explicar. A delicadeza com que acaricia meu quadril e o amor tão descarado que escorre dos seus olhos me desarmam por completo.

— Dez anos — diz, aproximando nossas bocas. — Consegue acreditar? Parece que foi ontem que te pedi em casamento.

— Passou rápido — concordo, livrando-me do garfo para acariciar seu rosto e arranhar sua barba. — Nossa vida mudou tanto.

— E, de alguma forma, você continua sendo aquela mesma garotinha atrevida que conheci quinze anos atrás. Inteligente. Linda.

— Sortuda — completo, pendurando-me no seu pescoço. Enlaço-o com minhas pernas e me esfrego contra ele, que começa a crescer novamente sob mim. — Obrigada por ficar do meu lado quando tudo desabou.

Lucas balança a cabeça em negativa, abraçando-me forte, a testa apoiada na minha.

— Na saúde e na doença. Você faria o mesmo por mim. Não é sorte, é amor. Você me deu uma família linda, me amou tão incondicionalmente desde o primeiro segundo. — Lucas afunda os dedos na minha pele, puxando-me para ainda mais perto, tentando desafiar a física e nos tonar um só. Aceito o desafio e me encaixo nele, engolindo o gemido que escapa quando desço devagar, acomodando-o centímetro a centímetro dentro de mim. — Você me faz tão feliz.

— Até o fim dos tempos — sussurro contra sua boca, rebolando
devagar no seu colo.

— Até o fim do mundo.

Epílogo

ARTHUR

Sete anos depois

— Você vai acordar a casa toda desse jeito, melequenta — repreendo Letícia, que faz uma bagunça danada enquanto tenta me ajudar com o café da manhã.

Com os mesmos cachos cheios e incontrolláveis que nossa mãe, ela esfrega a mão coberta de farinha na testa para tirar uma mecha que cai na sua testa. Não dá para evitar a risada.

— Jesus, Lelê.

Seco as minhas mãos, desistindo de cuidar da louça por hora e seguindo para resgatar a criança mais destrambelhada que já conheci. Olho ao redor em busca da presilha de cabelo dela e não encontro, então vou até o seu quarto para buscar a sua tiara preferida: uma verde-limão com cristaizinhos cintilantes demais que fazem a cabeça dela parecer uma árvore de natal. A árvore de natal mais fofa, com bochechas enormes e olhos maiores ainda, é verdade.

Luto contra o cabelo dela por alguns segundos até conseguir posicionar a tiara do jeito certo para que não caia nos seus olhos. Deixo um beijo na testa dela e puxo a cadeira da mesinha da cozinha.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda? — pergunto, olhando a bagunça que ela está fazendo enquanto mistura a massa de bolo dentro da tigela.

— Eu consigo — diz, a boca em um bico teimoso. Apoio os cotovelos na mesa, pousando o queixo nas mãos, e espero. Vejo-a brigar com a colher de pau e a massa claramente pesada demais para os seus braços pequenos, até que ela me olha com as sobrancelhas franzidas. — Não consigo.

É minha vez de rir mais alto do que devia. Levanto-me e puxo a tigela para mim. Termino de misturar os ingredientes e despejo a massa na assadeira. Depois de colocar o bolo no forno e ajustar o *timer*, volto para a mesa para arrumar a bagunça que ela fez. Entrego-a um pano úmido para que me ajude, e ela começa a passá-lo na mesa meio desordenadamente.

Quando termino com as louças, começo a limpar a mesa direito, mas olho-a com atenção, a expressão ainda um pouco fechada e calada demais. Letícia não é exatamente conhecida por ser quieta. Desde que aprendeu a falar, não parou mais.

— O que você tem, pirralha? — pergunto, pegando o paninho da mão dela e jogando-o na pia para lavar depois. Ela se senta na cadeira e cruza os braços na frente do peito em uma reação exageradamente emburrada que me arranca outra risada. Ela normalmente não é assim, então é engraçado de assistir. Lelê nunca foi birrenta nem manhosa. É uma garotinha doce e energética demais que não dá um segundo de paz para ninguém. — Hein? Que que aconteceu?

— Você não tem mais tempo *pra* mim — choraminga.

Sinto minhas sobrancelhas enrugarem quando percebo seus olhos marejados. Começo a me preocupar de verdade.

— Do que você está falando? — pergunto, sentando-me no chão de frente para ela. — Sempre tenho tempo *pra* você.

— Você só quer saber da Beatriz agora — declara com a voz baixinha. Sinto o sorriso se espalhar no meu rosto, e ela fecha ainda mais a cara. — Para de rir de mim!

Tento, mas não consigo evitar. Puxo a pirralha para um abraço e acaricio seu cabelo, apertando-a em meus braços. Faz uns três meses que comecei a namorar com Beatriz, uma garota que conheço desde criança, da minha aula de balé. Gosto dela, mas não sei se é um gostar que nem meu pai gosta da minha mãe. Ele me disse que eu vou saber. O dia em que eu me apaixonar de verdade e amar alguém que nem ele ama dona Helena, vou saber. Seu Lucas diz que sou muito novo para me preocupar com isso agora. Se ele está certo, não sei, mas realmente não estou preocupado com isso. Minha prioridade é conseguir aquela bolsa de estudos da faculdade de dança dos meus sonhos.

Passei os últimos anos me preparando para isso, ensaiando igual a um condenado, fazendo aulas e cursos, qualquer coisa para me ajudar a me tornar o melhor bailarino possível. Foi muito difícil algumas vezes, e sei bem a sorte que tenho, porque tive meus pais apoiando-me em cada momento.

É um sentimento agri-doce, então. Desejar tanto, batalhar pelo que quero, sabendo que, caso tenha sucesso, isso significa ir para longe deles, em outro país, reduzindo essa convivência diária a chamadas de vídeo. Não

consigo imaginar minha vida sem os três. Não consigo me imaginar longe do meu porto seguro. Tenho medo de me ver sozinho, sem esse amor tão incondicional ao qual me acostumaram.

— Você não gosta dela? — pergunto, soltando minha irmã meio chorosa. Letícia balança a cabeça que não. Sei que não tem motivo nenhum para isso além do ciúme que ela resolveu sentir. Percebi que ela ficou de bico ontem quando saí para me encontrar com Triz, mas não juntei uma coisa com a outra. — E se a gente sair para passear, nós três? A gente pode ir ao cinema semana que vem assistir aquele desenho que você gosta.

Ela me olha desconfiada, meio de canto de olho, e pressiona um lábio no outro.

— Vou poder tomar sorvete? — barganha. Balanço a cabeça. Essa cara de pau. Dou um peteleco na sua testa, e ela empurra meu braço.

— Só não pode contar para a mãe, sabe que ela não gosta quando você come muito doce.

Letícia cruza os dedos das duas mãos em um sinal de “prometo” e se joga no meu pescoço, estrangulando-me um pouco com o abraço apertado.

— Tá me enforcando, garota — protesto, cutucando suas costelas, e ela solta um gritinho em resposta às cócegas. Vejo a travessura estampar seu rosto inteiro e começo a me levantar do chão, balançando os dedos na sua direção. — Vou te pegar — anuncio, e ela sai correndo.

Persigo-a pela cozinha e depois pela sala. Finjo não conseguir pegá-la alguma vezes, deixando que deboche de mim com a língua para fora. Por fim, prendo-a no sofá, atacando sua barriga com cócegas e o seu rosto com beijos estalados. A risada de alegria tão genuína que escapa dela é o suficiente para

aquecer meu peito inteiro.

Letícia é a coisa mais importante da minha vida.

Anos e mais anos de terapia conseguiram me ajudar a lidar melhor com a sensação de abandono constante por saber que as pessoas que me colocaram no mundo não quiseram saber de mim. Eu era pequeno quando fui para o orfanato, mas fiquei lá por tempo o suficiente para criar memórias ruins. Entendi muito cedo o que é se sentir rejeitado e inadequado. Quando fui acolhido pelos meus pais, comecei a finalmente entender o que é ser amado. Não consigo nem começar a explicar o quanto sou grato por terem me escolhido. Eu os amo com cada canto do meu coração.

Mesmo assim, Letícia é a coisa mais importante da minha vida.

Eu a amei desde o segundo em que a vi, ainda no hospital quando tinha acabado de nascer. Depois, odiei-a por um tempo, colocando nela a culpa por nossa mãe ter ficado doente, mas mesmo naquela época, meu coração era todo dela.

Nosso pai voltou a trabalhar faz pouco menos de um ano, de casa mesmo, atendendo poucos clientes, já que eu não preciso mais de ninguém tomando conta de mim depois da escola; pelo contrário, eu que cuido da Lelê. A caçula tem quase oito anos agora e adora me ver dançar. Passa suas tardes depois da escola no cantinho do estúdio fazendo seu trabalho de casa enquanto eu ensaio na maior parte do tempo. Até corrige meus passos de vez em quando, essa tampinha abusada.

— Chega, Tutu! — pede, rindo, e paro de fazer cócegas, jogando-me no sofá ao seu lado, fazendo com que ela fique esmagada nos meus braços de novo. — Você acha que o papai vai gostar do presente?

Tenho minhas dúvidas, mas não digo isso em voz alta. Letícia resolveu que queria fazer uma pintura para darmos a ele de dia dos pais, então, há alguns dias, nós pintamos um quadro. Quer dizer... Nós colocamos uma tela no chão, molhamos nossos pés em tinta e dançamos em cima. O resultado foi uma bagunça colorida e completamente disforme, e muito divertida. Para falar a verdade, não tenho dúvidas. Esse é exatamente o tipo de coisa que nosso pai ama.

— Ele vai adorar — respondo de coração.

O *timer* apita e me levanto para resgatar o bolo. Ela vem atrás de mim, agitada e animada, e preciso levantar a assadeira acima da cabeça para que a coisinha agitada não se queime. Enquanto o bolo esfria, ela me ajuda a arrumar a comida, com suco, café, sanduíches e algumas florzinhas que roubamos mais cedo do jardim do prédio.

Já estamos quase acabando de arrumar tudo quando ouço passos se aproximando. Ela me olha com os olhos arregalados e coloca as duas mãos na frente da boca. Levo o dedo indicador à minha, indicando que faça silêncio, mas é nossa mãe que aparece no batente da cozinha.

— Mas vocês são bagunceiros — implica, aproximando-se de nós dois. Dá um beijo na testa de Letícia e outro na minha, sorrindo ao olhar para o *cooler* sendo usado de cesta improvisada de piquenique.

— O pai já acordou? — pergunto, e ela faz que sim com a cabeça, reorganizando as coisas para que caiba tudo e não fique meio pendurado para fora do jeito que eu arrumei.

Ele aparece poucos minutos depois e, quando pousa os olhos na bagunça da cozinha, abre um sorriso enorme. Letícia solta um grito e sai

correndo na sua direção, agarrando nas suas pernas.

— Feliz dia dos pais! — grita, e ele se abaixa para abraçá-la, e para segurá-la pelos ombros para que pare de quicar no lugar. — A gente vai fazer *piquiniqui*!

— Vamos, é? — ele pergunta, tentando arrumar a tiara na cabeça dela que já começou a sair do lugar.

— Aham! — responde, balançando a cabeça, agitada.

Ele a abraça e se levanta, passando os olhos pela mesa e depois sorrindo para mim. Vou até ele com os braços abertos.

— Feliz dia dos pais, coroa — digo, apertando-o, e recebo um tapa na cabeça.

— Me respeita, moleque — devolve, o tom brincalhão de sempre enquanto me abraça de volta.

— Tão me esmagando! — Letícia reclama, a voz abafada, presa entre nós dois. Rindo, nos afastamos, e meu pai se abaixa para pegar a pirralha no colo. Ela gruda no seu pescoço, e vou até minha mãe para ajudá-la a carregar as coisas. Dona Helena pega a chave do carro e se engancha no meu braço, deixando um beijo estalado no meu rosto.



Todo mundo teve a mesma ideia que a gente e o parque Ibirapuera está absurdamente cheio, mas conseguimos encontrar um espaço vazio perto do lago por pura sorte do destino. Arrumamos as cangas e mal colocamos a cesta no chão antes de Letícia, afobada, começar a tirar as coisas do *cooler* e

arrumar do jeito dela.

— O Tutu disse que vai me levar no cinema semana que vem — Letícia conta, praticamente quicando no lugar. Faço que sim com a cabeça quando minha mãe me olha, e dona Helena puxa Lelê para o seu colo. Ela desembesta a tagarelar, e sinto dois tapinhas no meu ombro. Olho, e vejo meu pai levantando-se e indicando com a cabeça para que eu o siga. — Onde vocês vão? Quero ir também! — Letícia se agita, e recebe um beijo meu na testa.

— Eu deixo você comer dois sorvetes semana que vem se se comportar — barganho, rindo dos seus olhos arregalados. Vejo a cara feia da minha mãe, os olhos apertados em repreensão.

— Você vai pagar o dentista dela depois — declara, uma sobrancelha arqueada.

— Mas eu nem trabalho! — protesto, e ela dá de ombros, abrindo um sorriso bonito. Beirando seus quarenta e cinco anos, minha mãe é a mulher mais bonita que já vi na vida. A mais forte também. Ela teve alguns altos e baixos ao longo dos anos, mas isso só serviu para me mostrar ainda mais o quanto me ama, porque sempre cuidou de mim como se fosse a coisa mais importante da sua vida, e sei que sou mesmo. Não poderia ter pedido por uma mãe melhor.

Ela indica com a cabeça para que eu vá com meu pai, e eu vou. Nós nos afastamos um pouco, caminhando pelo parque, desviando de ciclistas na hora de atravessar a rua. Não acho que estamos indo a lugar nenhum em específico, e olho para ele, confuso, após alguns minutos.

— Sabe que a gente tem muito orgulho de você, não sabe? —

pergunta por fim, parando de andar. Vira-se de frente para mim, e vejo seus olhos cintilantes, escuros e amorosos. Faço que sim com a cabeça, sem entender. Ele estende as mãos, segurando meus ombros. — Preciso que me prometa que vai fazer o que puder para conseguir aquela bolsa de estudos. E que, se conseguir, vai sem olhar para trás.

Sinto um arranhar na garganta e desvio os olhos. Ele aperta de novo meus ombros, mas balanço a cabeça, sem conseguir encará-lo. Não imaginei que minha reticência estivesse assim, tão na cara.

— Ei — chama, e finalmente olho para ele, sentindo meus próprios olhos marejados. — Você vai conseguir e a gente vai te aplaudir de pé, ouviu bem? E vamos sempre estar aqui, te esperando em casa, mas você vai ganhar o mundo, Arthur. É o justo depois de tanto esforço, tanta dedicação.

— Vou sentir falta de vocês — confesso, dando de ombros. — De qualquer forma, nem sei se vou conseguir.

Ele sorri, oferecendo-me o sorriso orgulhoso que sempre tem pronto para mim.

— Você vai. É igualzinho a Helena, não tem nada que te impeça de conseguir o que quer — declara, confiante. Olha-me com atenção, mastigando bem cada palavra da frase seguinte: — Você puxou à sua mãe, sabe?

As lágrimas me vencem com esse simples comentário. Nós dois sabemos que não é verdade, mas nós dois sabemos também que, tendo sido criado por dona Helena, é bem capaz de tenhamos desafiado a genética e eu, de fato, tenha puxado a ela.

Ele me puxa para um abraço apertado, e reconheço os braços que me

amparam há tantos anos, que nunca me deixaram cair, que me resgataram sempre que ameacei desabar. Posso não ter o seu sangue, mas seu Lucas nunca me deixou faltar amor. Foi naquela casa, com ele e com minha mãe, que aprendi o verdadeiro significado de família, o verdadeiro significado de fazer o impossível para garantir a felicidade de quem se ama. E tudo que espero é que eu consiga me tornar metade do homem que ele é; que, um dia, eu saiba amar alguém da mesma forma como ele ama minha mãe, ser um pai tão bom quanto ele é para mim e para Lelê.

Choro no seu ombro como se fosse aquele mesmo garotinho assustado de tantos anos atrás. Desta vez, contudo, não tenho qualquer dúvida de que esse é meu lar, de que não importa o que aconteça, não importa para onde eu vá, sempre o terei aqui.

Sobre as autoras



ISABELA DELEZZOTT nasceu em 7 de janeiro de 1993, no interior da Bahia, onde atualmente reside com o marido e os dois filhinhos de quatro patas, Lola e Nick. Leitora ávida desde a infância, escreveu seu primeiro livro aos 12 anos, mas apenas em 2019 decidiu colocar seus escritos à venda. Fã de histórias de amor realistas, gosta de criar personagens cheias de qualidades e defeitos, erros e acertos. Apesar de estar cursando os últimos semestres de direito, não se vê fazendo outra coisa além de dar vida às ideias que permeiam sua cabeça.

Conheça outras obras da autora:
amazon.com/author/isabeladelezzott

REDES SOCIAIS:

Site: <https://www.isabeladelezzott.com.br/>

Instagram: [@bela.delezzott](https://www.instagram.com/bela.delezzott)

Página do Facebook: [Autora Isabela Delezzott](https://www.facebook.com/AutoraIsabelaDelezzott)

Grupo no Facebook: [Isabela Delezzott | Romances](https://www.facebook.com/IsabelaDelezzottRomances)

Wattpad: [@beladelezzott](https://www.wattpad.com/@beladelezzott)



NATÁLIA DIAS é uma brasileira de 25 anos que sempre foi apaixonada por livros desde os 5 anos de idade. É formada em Letras - Português do Brasil como Segunda Língua pela Universidade de Brasília, escritora, revisora, *potterhead* e amante de romances. Ela descobriu na escrita uma forma, ainda que pequena, de aquecer o coração dos leitores e buscar a representatividade e a leveza que tanto ama na leitura. Nas poucas horas vagas que tem, se diverte ouvindo música, vendo série e pensando em enredos para os próximos livros.

Conheça outras obras da autora: amazon.com/author/nataliadias

REDES SOCIAIS:

Instagram: [@autora.natyodias](https://www.instagram.com/autora.natyodias)

Facebook: [Natália Dias](https://www.facebook.com/Natália-Dias)

Grupo no WhatsApp: [Danatys](#) ♥

Wattpad: [@natyodias](#)



FERNANDA SANTANA nasceu em Timóteo, Minas Gerais, onde vive atualmente com seu esposo e três filhos felinos. Formada em Ciências Contábeis, atualmente é sócia de um escritório de contabilidade e, por mais que ame o que faz, sua paixão sempre foi a literatura. Leitora compulsiva desde a adolescência, sempre teve facilidade na escrita e capacidade de tirar lágrimas das pessoas com suas palavras. É fã de carteirinha de Nicholas Sparks e o tem como principal inspirador na sua escrita. Mesmo sendo amante de um romance fofo e clichê, também adora livros de terror e suspense. A adrenalina do medo é algo que a fascina. É autora de outras obras de romance, sempre cercada de drama e histórias que levam os leitores a muitas reflexões.

Conheça outras obras da autora:
amazon.com/author/fernandasantana

REDES SOCIAIS:

Instagram: [@autora.fernandasantana](#)

Facebook: [Autora Fernanda Santana](#)

E-mail: autora.fernandasantana@gmail.com

Wattpad: [@FernandaSantana](#)



VICTORIA GOMES, nascida e criada no Rio de Janeiro, tem vinte e cinco anos e atualmente mora na Austrália. Bióloga de formação, trabalha como revisora e dedica grande parte dos seus dias à escrita dos seus livros. Começou a escrever em junho de 2017, quando conheceu o Wattpad através de uma amiga, e, percorrendo os mais diversos gêneros, conta com um livro de fantasia infanto-juvenil e um drama, além de diversos contos, disponíveis na plataforma. Começou na Amazon em outubro de 2018 e atualmente conta com onze obras disponíveis.

Conheça outras obras da autora: [amazon.com/author/victoriagomes](https://www.amazon.com/author/victoriagomes)

REDES SOCIAIS:

Site: <https://www.victoriagomes.com.br/>

Instagram: [@victoria.gomesp](https://www.instagram.com/victoria.gomesp)

Página no Facebook: [Victoria Gomes – Escritora](#)

Grupo no Facebook: [Conectadas – Victoria Gomes](#)

Wattpad: [@VictoriaGomesP](#)

Skoob: [Victoria Gomes](#)